FILIPPE FRANCO DE SÁ

A LINGUA PORTUGUEZA

(DIFICULDADES E DUVIDAS)

COM UMA CRITICA

POR

CANDIDO DE FIGUEIREDO

MARANHÃO
IMP. OFFICIAL
1915

LÍNGUA PORTUGUESA
BIBLIOTHECA MUNICIPAL S. PAULO
DUPLICATA N.º

469
S111W

469.14
S111L
v.48.P
382

Ao Exc.mo Snr. Dr. Felisc Pacheco

offerece a

Viuva Franco de Saá.

Julho de 1915.

00009

OFERTA DA
BIBLIOTECA PUBLICA
MUNICIPAL
DE S. PAULO

Franco de Sá

Muita gente do Brasil deve têr conhecido o antigo senador e ministro do tempo do império Filipe Franco de Sá, falecido há poucos anos.

Mas o que muita gente de certo ignora é que o velho estadista e parlamentar era um doutissimo linguista, que, sendo do Maranhão, tem direito a que o agrupemos na brilhante plêiade daqueles maranhenses que se chamavam Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, João Lisbôa, Odorico Mendes...

E vou explicar o meu asserto.

Depois de retirado da vida pública, Franco de Sá voltou-se para os seus dilectos estudos da lingua portuguesa, e formou o plano de uma grande obra, em serviço dos estudiosos da lingua especialmente, como êle diz, — «da maior parte dos nossos escritores, em que não tem aumentado o zêlo da vernaculidade e correcção da lingua, embora a sciência glotológica se tenha vulgarizado, de anos a esta parte, introduzindo-se até com demasia nos compendios escolares...»

A doença porém não lhe permitiu completar essa obra; e Franco de Sá resolveu publicar, ao menos, a primeira parte, relativa á ortofonia ou recta pronúncia.

Mas essa resolução ficou, por então, sem efeito, porque a morte surprendeu Filipe Franco de Sá.

O govêrno do Maranhão, cônscio do valor daquele trabalho linguistico, e com aprovação do congresso esta-

dual, encarregou pessôa competente de copiar e rever o manuscrito, dirigindo a publicação.

Essa incumbencia coube a um publicista, já apreciado em Portugal e no Brasil, muito dedicado aos interesses da língua portuguesa,—Fran Paxeco.

Sei que êle tem lutado com dificuldades na interpretação e cópia do manuscrito, inçado de entrelinhas e acrescentamentos; mas o seu esfôrço e a sua ilustração já hoje nos permitem noticiar o adiantamento da publicação, que abrange, a esta hora, perto de 200 páginas.

Tenho presentes as páginas impressas, cuja doutrina se impõe á minha consideração, e da qual, com verdadeiro prazer, darei conta aos meus habituais leitores, a quem não será indiferente o conhecer um novo e respeitavel aráuto da pureza e correcção da linguagem.

***

A publicação póstuma dos trabalhos linguísticos do ilustre e finado maranhense Franco de Sá tem por título *A Lingua Portuguesa*, (*dificuldades e dúvidas*), e trata especialmente de *ortofonia*, que é o mesmo que *ortoépia* ou pronúncia rigorosa.

Divide-se a obra em *titulos* e subdivide-se em *capítulos*.

O primeiro *título* inscreve-se *Dos sons e ditongos*, e abrange seis capítulos, o primeiro dos quais é consagrado ao discutido tema—*quais sejam os ditongos portugueses*, e revelador da grande erudição e sisudo critério do autor.

O assunto tem-se prestado aos mais variados conceitos, desde João de Barros, que só admitia sete ditongos, até o dicionarista Constâncio, que enumera trinta e cinco.

Eu próprio,—se de mim posso falar,— inclinei-me em tempo para a opinião de Julio Ribeiro, que admitia deza-

nove ditongos puros. (Veja-se o meu *Falar e Escrever*, vol. III, pág. 150).

Mas depois, estudando mais detidamente o assunto, pareceu-me que devemos aceitar mais de oito ditongos puros. (Vejam-se os meus *Problemas da Linguagem*, vol. III, e *O que se não deve dizer*, vol. II).

Entretanto, o erudito mestre e meu respeitável amigo Gonçalves Viana é de parecer que os ditongos puros são dôze.

A diferença está apenas em que o grande foneticista vê ditongos distintos em *ái* e *âi*, *éi* e *êi*, *ói* e *ôi*, *éu* e *êu*.

Como os ditongos nada têm com a *fórma* e têm tudo com o *som*, não me repugna aceitar o aditamento do mestre, que, na essência da questão, está mais próximo de mim do que de João de Barros, Soares Barbosa, Constâncio, Ribeiro de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Epifânio, Júlio Ribeiro, etc., — o que muito me envaidaria, se eu fôsse susceptivel de vaidades.

Franco de Sá faz lucidamente a história e a crítica dos ditongos, e conclue por aceitar, como ditongos orais, todos os que eu aceitei, menos um, que é *ou*.

Entende êle que *ou*, pronunciando-se como a simples sílaba *ô*, deixou de sêr ditongo.

Creio, porém, que, em muitas palavras, na linguagem de muita gente, ainda sôam as duas letras: em *louvar*, por exemplo.

Sendo assim, lijeiríssimas modificações haveria a fazer, no cômputo ditongal do ilustrado maranhense.

* * *

E' incontestável a erudição e, geralmente, o critério do linguista maranhense; mas pede a justiça que se pon-

dere sêr, essa erudição, superior, algumas vezes, á clareza do que êle expõe.

Assim, não parecem suficientemente claros êstes períodos:

—«Só formam tritongos na nossa lingua os ditongos precedidos de *i* medial, como *ca-iaes*, *sa-iais*, ou da vogal *u*, articulada com uma consoante gutural e pronunciada juntamente com o ditongo, como na antiga interjeição *guai!* e em *Uruguai*, *Paraguai*, *aguai*, *adequais*, *delinquiu* . . . A's vezes, porém, o *u*, precedido da gutural, sôa separadamente do ditongo seguinte, e então não há tritongo: por exemplo, em *arguais, recuais*. . .»

Em primeiro lugar, não se explicam bem aquelas duas fórmas divergentes, *ca-iaes* e *sa iais*. Ou deveriamos têr *ca-iais*, como *sa iais*, ou *sa iaes*, como *ca iaes*.

E depois que palavras são estas? São tempos dos verbos *cair* e *sair*? Em tal caso, os subjuntivos *caiais* e *saiais* nunca encerram, nem podem encerrar tritongos, porque o *i* medial faz parte da primeira sílaba (*cai*, *sai*), sem nenhuma ligação fonética com o ditongo *ais*.

Demais, tanta razão há para se não vêr ditongo em *recuais* e *arguais*, como em *Paraguai*, *Uruguai*, etc.; e o suposto trítongo de *adequai*, *adequais* briga um pouco com a teoria, que o autor expõe na página 22, sôbre a conjugação dos verbos terminados em *quar* e *guar*.

Não são porém de estranhar estas hesitações do autor, num assunto sobre que talvez não haja três gramáticos acordes. Além de que, a fonética portugueza assenta em factos, que não são os mesmos em toda parte e em todo tempo, e a apreciação dos próprios factos incontestados diversifica, de gramático para gramático, de linguista para linguista. Bastará advertir-se que Jerónimo Soares Barbosa, com outros gramáticos notáveis, nem sequer admitia a existência de tritongos na lingua portuguesa, ao contrário exactamente do que afirmou o velho Duarte Nunes de Leão e o grande glotólogo Diez.

Em todo caso, o livro de Franco de Sá suscita interessantes problemas, relacionados com ditongos e tritongos, e nele podem os estudiosos colher, pelo menos, valiosos elementos para a definitiva resolução de tais problemas.

—

O autor, depois de se ocupar de ditongos e tritongos, ocupa-se do que êle chama *ditongo móvel*.

Ditongo móvel chamam os italianos ao que desaparece quando a sílaba deixa de sêr acentuada, como em *priégo* e *pregáre*, *ciêlo* e *céleste*, etc.

Para o linguísta maranhense, em português só há um ditongo que se póde dizer *móvel*: é o que se fórma pela inserção de um *i* eufónico onde se dá o encontro de *e* com *o* ou *a*.

Esclarecendo: nós tínhamos as fórmas clássicas *passéo recêo*, *fêo*, *cêa*, *cadêa*, etc.

Por eufonía, pospôs-se um *i* ao *e*, e todos hoje dizemos e escrevemos *passeio*, *receio*, *feio*, *ceia*, *cadeia*, etc.

Nos derivados destas palavras, desde que se desloca a acentuação tónica, desaparece o *i*, e diz-se e escreve-se *passear*, *recear*, *fealdade*, *cear*, *cadeado*, etc.

Estes são os factos, e deles se deduz que erram deploravelmente tantissimos plumitivos, que a toda a hora nos enjôam com fórmas dêste farelo: *passeiar*, *receiar*, *feialdade*, *ceiar*, *encadeiar*, etc. Tais vocábulos não podem têr *i*, que só se justificava, por eufonía, nos vocábulos primitivos *passeio*, *ceia*, *receio*...

A êste respeito, com razão estranha Franco de Sá que o Filinto, no último verso do livro VII dos *Mártires*, perpetrasse a fórma *passeiando*; e, procurando atenuar o disparate, faz estas ponderações:

—«Parece que o autor usou do ditongo, receando que, na língua, se fizesse sinérese das duas vogais, ficando o verso errado, com falta de uma sílaba; mas, para o evitar, bastava pôr o acento circunflexo no *e*,—*passêando*,—o que sería mais fluente...»

Creio que não tem razão o nosso linguísta.

Passeando foram sempre quatro sílabas métricas e gramaticais; e só por necessidade do metro se lhe toleraría que representasse três sílabas.

Não era preciso, nem conviría, o acento circunflexo. Por duas razões:

1.ª—Porque o acento circunflexo, como o acento agudo, só é permitido em sílabas tónicas: *espectáculo, rótulo, lêvedo, tépido, avô, câmara, corôa, labarêda*, etc.

2.ª— Porque nunca em Portugal se pronunciou *pâs-sê-an-do*, mas sim *pâs-si-an-do*.

Não sei se no Maranhão a pronúncia é outra. Em Portugal, o *e* átono, antes de *a, o* ou *u*, pronuncía-se sempre como *i*: *idear* (*idiar*), *passear* (*passiar*), *cear* (*ciar*), *Leote* (*liote*), *peâga* (*piuga*), *reunião* (*riunião*), etc.

O que não significa que eu condene a pronúncia maranhense, se é outra. Significa apenas que a escrita normal, em caso nenhum, necessita do *i* em *passear*, *cear*, etc.

Não há atenuantes para aquele êrro de Filinto,

Para aquele e para outros.

O capítulo V da primeira parte ou título da obra de Franco de Sá é preenchido por uma curiosa questão fonética e morfológica: o ditongo *ou* por *oi* e vice-versa.

Como se sabe, no Doiro e no Minho, e ainda no Brasil, prevalece *ou* e não *oi*: *tesouro, mouro, cousa, agouro, outo, couro*, etc.; ao passo que nas outras províncias portugue-

sas, e até em Lisbôa, prevalece *oi*: *coisa, tesoiro, moiro, oiro, toiro, oito, agoiro, coiro*...

Na colisão das duas pronúncias, e inclinando-se ao parecer do velho gramático Borges Carneiro, o linguísta maranhense propõe solução, que se póde justificar, mas que me parece inexequível.

Entende ele que se deve manter *ou*, quando corresponda a *au*, no étimo latino: *ouro, touro, mouro,* etc., (latim *aurum, taurum, maurum,* etc.); e que se deve manter *oi* nas palavras do étimo diferente: *oito, noite, biscoito, coiro, Doiro, cenoira, tesoira*..., pois que, neste caso, o *i* corresponde ao *c* do grupo latino *c t*, (*octo, noctem, coctum*, etc.), ou é determinado por simples metátese ou deslocação do *i* da fonte latina (*Durium, tonsoria, corium*, etc.).

Não há duvida de que estamos em frente de dois diferentes fundamentos etimológicos, que podem justificar dois diferentes processos de pronúncia e de escrita.

Mas o facto é que quem diz e escreve *ouro, touro, tesouro*, etc., também escreve e diz *Douro, couro, tesoura, noute, biscouto*, e até *outo*; ao passo que quem diz e escreve *oito, noite, tesoira*, etc., tambem escreve e diz *oiro, moiro, tesoiro*, etc.; e grande dificuldade estaria em levar um público a dizer e escrever ao mesmo tempo *touro* e *coiro*, com o fundamento em que o grupo *ou* corresponde ao *au* do latim *taurum*, e o *i* de *coiro* é o mesmo *i* do latim *corium*. Desde que a diferença do processo depende da diferença etimológica, sería necessario que, ao lado de cada cidadão, estivesse sempre um filólogo, para lhe corrigir *coisa* por *cousa*, e *couro* por *coiro*, afora dezenas de hipoteses análogas; e, ainda assim, creio escassamente na eficácia de tal correcção. Desde que uma pronúncia se tornou normal, não há sábio que a substitua por outra; e, ao invés do que opinava o Borges Carneiro, não é a pronúncia normal que se há de subordinar á escrita de um erudíto; antes a escrita é que se há de subordinar a essa pronúncia.

Sejam quais forem as predilecções e os hábitos, o fa-

cto é que temos na lingua portuguesa as fórmas divergentes *ouro* e *oiro*, *couro* e *coiro*, *cenoura* e *cenoira*, *cousa* e *coisa*.

Preferi sempre a segunda fórma, porque aprendi a falar com ela e porque é a mais vulgarizada na linguagem da minha terra e na escrita dos meus mestres; mas ninguém dirá que a primeira é errónea; e a divergência autorizada de uma fórma vocabular, longe de sêr nociva, póde até sêr abonação da riqueza de um idioma. (1)

Lisbôa, 15—VIII—914.

Candido de Figueiredo.

---

(1) Solicitámos a Candido de Figueiredo o obzéquio de consentir que reproduzissemos, como proémio desta obra, cujas fôlhas lhe remetêramos, á medida que se iam imprimindo, os comentários que publicára no «Jornal do Comércio», do Rio. Pedimos-lhe tambem a sua abalizadissima opinião. O eminente filólogo, com uma jentiléza deveras penhorante, mandou-nos aqueles sábios trechos, «copiados e revistos», por terem saído, segundo as suas próprias palavras, «com vários deslizes, e em ortografia que não é a minha». Cumpre-nos agradecer, aqui, ao incansavel restaurador dos estudos, e do verdadeiro ensino da escorreita linguajem luzónia, o seu alto preito á memória e ao livro de Franco de Sá.—F. P.

PREFACIO

Desde a nossa mocidade, seguindo o exemplo de homens illustres da terra em que viviamos, a então chamada *Athenas brasileira*, patria do Odorico Mendes, João Lisbôa, Sotéro dos Reis e Gonçalves Dias, nos applicamos acuradamente ao estudo da lingua portugueza. E não sómente por influencia da tradição local, porque sempre entendemos que todo o homem culto, sobretudo o que se destina a falar ao publico, pela imprensa ou na tribuna, tem obrigação de saber sufficientemente a sua lingua.

Inteiramente retirado da vida publica, reduzido, pelas circumstancias, a ocio forçado, e não podendo, pela idade e pouca saude, emprehender trabalho de maior monta, pareceu-nos que seria bom serviço aos estudiosos da lingua nacional aproveitar aquelles estudos e completal-os, dando-os a lume em um livro de utilidade pratica. Do annos a esta parte, a sciencia glottologica tem-se vulgarisado entre nós, introduzindo-se até com demasia nos compendios escolares; mas não tem augmentado, na mór parte dos nossos escriptores, o zelo da vernaculidade e

correcção da linguagem, do que ainda recentemente houve claro testemunho na redacção do projecto do nosso Codigo Civil o na discussão que occasionou. Foi, pois, nosso intuito, como o nosso titulo indica, não escrever um tratado scientifico, mas tão sómente estudar as partes em que pudesse encontrar incertezas quem quizesse aprender, como dizião os velhos grammaticos, a *falar e escrever correctamente*. Só recorremos á philosophia grammatical e á philologia historica e comparativa, para elucidação das duvidas ou difficuldades que os factos da lingua offerecem, para justificar o bom uso ou corrigir o máu.

Esperavamos poder publicar, dentro em pouco tempo, o nosso trabalho completo; mas uma grave enfermidade obrigou-nos a interrompel-o, e resolvemos fazer imprimir esta primeira parte, que já estava acabada, relativa á recta pronuncia; se fôr bem acolhida, e se Deus ainda nos conceder vida e sufficiente forças, publicaremos depois a segunda parte, a *Orthologia* (linguagem correcta).

Da *Orthographia* não fizemos cargo; é materia tratada por muitos e bons autores, desde os primeiros tempos da lingua, e cujas soluções não pódem ser geralmente acceitas, se não fôrem dadas por decisão de autorisada corporação literaria. Fôra conveniente que a nossa e a Academia portugueza se entendessem a este respeito, decretando, conjuntamente, a desejada reforma; esse accordo, porém, é difficil, pela diversidade da pronuncia, num e noutro paiz.

Aos que menosprézão taes estudos opporemos as seguintes ponderações do grande mestre antigo da arte de bem falar, o qual, depois de mostrar os varios conhecimentos que exige a disciplina grammatical, que então comprehendia o deve comprehender o estudo dos classicos, assim conclue: (1)—«Não têm, pois, razão os que desdenhão esta arte, como arida o mesquinha; se a não tiver por alicerce o orador futuro, tudo o que se lhe construir, desabará: necessaria aos moços, grata aos velhos, doce

(1) Quintiliano, Liv. II, caps. IV e VII.

companheira no retiro, é de todos os estudos o que tem mais trabalho do que ostentação.

Quem a penetra no íntimo, descobre muitas delicadezas, que não sómente pódem aguçar os engenhos pueris, mas ainda exercitar a mais alta erudição o sciencia... Não são nimiamente pequenas estas cousas, nem impedimento ás grandes, como julgão alguns. Decerto não se deve descer a um meticuloso extremo e ineptas cavillações, que fatigão e abatem o espirito. Mas, na grammatica, só é nocivo o que é vão ou superfluo (*supervacuum*).

Deixou Marco Tullio de ser grande orador, porque foi amantissimo desta arte, e, para com seu filho, como se vê das suas cartas, rigoroso censor da linguagem? Os livros *De analogia*, que publicou Julio Cesar, enfraquecêrão-lho o genio poderoso? Foi Messalla menos brilhante escriptor, porque escreveu tratados, não só acerca dos vocabulos, mas até das letras? Não faz damno esta disciplina aos que por ella passão, mas sómente aos que não passam della».

Demais, sendo a lingua o mais forte vinculo da união nacional, trabalhar a bem da pureza e boa conservação do idioma, que, dos nossos antepassados, tão formoso e nobre recebemos, é ainda uma acção politica, serviço não somenos, quando tantos elementos perturbadores e dissolventes ameação a homogeneidade e integridade da nossa patria.

Possão estas poucas palavras conciliar-nos a indulgencia dos censores e a sympathia dos nossos compatriotas.

ORTHOPHONIA (1)

TITULO I

Dos sons e ditongos (2)

CAPITULO I

Quaes sejão os ditongos portuguezes

A moderna sciencia linguistica ensina que não havia ditongos, na primitiva lingua aryana: os sons erão todos simples, modificados sómente por articulações ou consoantes, e raramente se dava algum encontro de vogaes, formando hiato. Só havia tres vogaes, por isso chamadas *fundamentaes: a, i, u.* (3). *A* é o som primario, o mais claro, que se fórma mais facilmente, com a boca bem aberta, pela simples impulsão do ar que sae da garganta, sem modificação proveniente de posição tomada pelas partes moveis da boca—a lingua, o véu palatino e os labios. E' por isso o que a criança primeiro ou mais frequentemente profere. *I* já não é simples som guttural; é palatal, formado pela elevação do dorso da lingua contra o véu do paladar, saindo com mais esforço por um canal mais estreito, e por isso é mais delgado e agudo que o *a*. *U* é *labial*. fórma-se approximando e arredondando os labios, e assim estreitando e alongando o canal por onde passa o sopro vocal: é por isso o som mais surdo e grave. *E* e *o*

são modificações do som primario *a*, combinado com os secundarios —*i* e *u*: *e*=*ai*, *o*=*au*. Não sendo sons simples e primitivos, mas complexos, resultantes dessas combinações, têm essas duas vogaes prolação mais aberta ou mais fechada, conforme mais se approximam de um ou de outro dos elementos de que se compõem: assim *é* e *ó* estão proximos de *a*, *ê* mais proximo de *i*, *ô* mais visinho de *u*. E em algumas linguas ha outros sons complexos, em que se dá a mistura dos dois elementos intermedios *e* e *o* e dos extremos *i* e *u*, como no francez *eu* e *œu* (*neuf*, *œuf*); no allemão *oe* ou *ö* (*könig*), e nas mesmas linguas o som de *u* e *ü*, no grego e no latim o de *u* ou *y*. (4).

Partindo do primeiro som fundamental, ha, pois, duas escalas, uma ascendente e outra descendente; naquella o som vae-se afinando, nesta vae engrossando.

O ditongo é tambem um som complexo, mas nelle os dois elementos ficam distinctos, ainda que proferidos conjuntamente, com um só esforço, uma só emissão do sopro vocal.

Ao primeiro elemento chamão os grammaticos vogal *prepositiva*, ao segundo *pospositiva* ou *subjuntiva*.

Nas linguas antigas da familia aryana, os ditongos erão sempre combinações da vogal primaria *a*, ou de uma das suas representantes *e* e *o*, com uma das vogaes de 2ª e 3ª classe *i* ou *u*; ou, raramente, destas duas. Em todos os ditongos, portanto, a pospositiva era *i* ou *u*. O latim, na idade classica, tinha os ditongos *ae* e *oe*, mas *e* provinha de *i* (*ai*, *oi*), e tinha provavelmente pronuncia identica ou muito semelhante, (*Cæsar*, como o allemão *Kaiser*), pois, ao menos na linguagem popular, essas duas vogaes muitas vezes soavão do mesmo modo. (5).

Os ditongos gregos erão *ai*, *ei*, *oi*, *au*, *eu*, *ou*, e mais rararamente *ui* (e os dois, que tinhão como pospositiva *i* e como prepositiva *eta* e *omega*, isto é, *e* e *o* longos).

A lingua latina era avêssa aos ditongos, tão frequentes no grego; preferia os sons puros e firmes, não temendo o

hiato ou encontro de duas vogaes, formando syllabas distinctas. (6). Foi progressivamente supprimindo alguns de que outrora usava (*ai, ei, oi*) (7) e, na época dos autores classicos, só tinha estes: *ae*, *oe*, provenientes de *ai* e *oi*, como já dissemos, *au*, o mais frequente, *eu*, em muito menor numero de palavras, quasi todas de origem grega. (*Eurus*, *Europa, neuter*, *neutiquam*, *neu*, *seu, heu* ou *cheu*) (8), *ui* em mui poucas (*hui*, *huic*, *cui*), *ei* só na interjeição *hei* (ou *hoi*). (9).

Os dois primeiros, naquella época e ainda muito tempo depois, ao menos no uso da gente culta, escrevião-se e proferião-se com as duas vogaes; (10) mas, afinal, unirão-se as letras, e pronunciarão-se como hoje se pronuncião, com o som unico de *e*. Em manuscriptos e inscripções da baixa latinidade, e até em antigos livros impressos, encontra-se um *e*, em logar desses ditongos: *hore*, *Muse*, *Rome; pena, fedus, celum*. Nas palavras gregas, *ae* não era ditongo: *aer, Phaeton*. (11).

Os grupos *ia, ie, io, ea, eo* eram dissyllabos, e só por synerese formavão ditongos, por liberdade poetica; e o *i* considerava-se então consoante, tomando um som que não era nem o *j* guttural dos espanhoes, nem o chiante do nosso, mas o que tem essa letra no portuguez, quando está entre duas vogaes, como em *meio* e *maio*, isto é, um som palatal e equivalente a um *i* duplo. (12).

Erão tambem dissylabos os grupos que começavão por *u: ua, ue, ui*, excepto nas poucas palavras em que era ditongo, *no, nu;* algumas vezes, mas raramente, os poetas união as duas letras em uma só syllaba, fazendo o *u* consoante: usando, por exemplo, de *genua, tenuis*, como dissyllabos, e fazendo ditongo em *fut, fuisse, tuus, suus*. *Eu*, por via de regra, não era ditongo; assim, *Deus*, e *meus*, erão dissyllabos, e só por synerese os poetas ás vezes os fazião monosyllabicos. «Ao passo que a lingua latina tanta repugnancia tinha aos ditongos, diz o sabio Frederico Diez, e os eliminava pela contracção ou pela resolução em vogaes distinctas, as suas filhas, cada uma a seu modo, desenvolvêrão-nos

copiosamente». (13). De vogaes simples fizerão ditongos: *e* converteu-se em *ie* no italiano, no espanhol e no francez: (It. *dieci, pied, tiene, viene;* esp. *bien, diez, pié, fiebre, fiero, viene, tiene;* fr. *bien, fier, fièvre, pied, tient, vient*); e *o* em *uo* no italiano, *ue* no espanhol, *eu* no francez (It. *buono, buoi, fuoco, muove, nuovo;* esp. *bueno, buey, fuego, mueve, nuevo;* fr. *beuf, feu, neuf, meut*). E formárão muitos ditongos: pela queda de consoantes (*meio, raio, pae, dae, amae, movcis,* de *medium, radium, patrem, date, amate, movetis*), pela inserção de uma vogal, em compensação da queda de uma consoante (*auto, reino, leite, feito, peito, sujeito,* (14) *oito, noite,* de *actum, regnum, lactem, factum, pectus, subjectum, octo, noctem*), e pela attração de uma vogal não accentuada (*e, i, u*) por outra accentuada (*feira, raiva,* de *feria, rabiem*).

Neste particular, como a outros respeitos, a lingua portugueza é, das filhas da latina, a que menos se aparta da indole materna. Nunca faz a ditongação de *e*, em *ie*, nem de *o* em *uo* ou *ue*. Sómente, por euphonia, quando, na terminação, uma vogal, de ordinario o *e*, fica junta de outra, as mais das vezes por syncope de consoante, em palavra de origem latina, interpõe o *i* palatal, como em *cheio, feio, freio* (de *plenum, fœdum, frenum*), á imitação das terminações latinas, em *Pompeius, Caius, eia, eias, cuius.* (ou *Pompejus, ejus, cujus,* etc.); e esse *i* provém muitas vezes da palavra latina de que a nossa deriva, como em *meio, raio, maio, moio, joio.*

«Além dos verdadeiros ditongos, adverte o citado sabio allemão, ha outros, formados por synerese, cuja existencia é sempre mal segura, porque são sujeitos, conforme os differentes estylos, a determinações variaveis: assim o estylo poetico frequentemente os separa, ao passo que a linguagem familiar acha mais commodo reunir as duas vogaes. São exemplos, no italiano - *subtaneo, Italia, arduo:* no francez—*diacre, essentiel, union.* Era facil de se dar essa reunião de duas vogaes, separadas syllabicamente, sobretudo quando a primeira é um *i* ou um *u;* assim os poetas la-

tinos, mormente os comicos, que de bom grado se servem da linguagem familiar, apresentão numerosos exemplos: *ea, eo, eu, ia, iu, ue* nelles facilmente se solvem numa só syllaba: por exemplo, em *beatus, deorsum, deus, via, quietus, prior, diu, puella*». (15).

Cada lingua, diz João Franco Barreto, tem os seus ditongos, e os fórma de differentes maneiras, e por diverso ajuntamento de vogaes.

«Os francezes têm oito: (16) os italianos, uns lhes dão sete, outros oito, alguns doze, muitos dezeseis. Manzoni affirma que a sua lingua italiana nenhum ditongo tem proprio, mas os dois estrangeiros, tirados da lingua latina, que já o uso, diz, tem recebido na escritura, (17). Em castelhano há doze (18). Entre os nossos ortografos, ha muita variedade, porque uns querem que sejão 15, outros 16, outros 24».

Essa variedade continuou até hoje, sendo os extremos — João de Barros, que diz serem 7, e Constancio, que enumera 35. (19).

Segundo João de Barros, o primeiro que escreveu uma grammatica regular da nossa lingua, os ditongos portuguezes são exactamente as sete combinações que os gregos consideravão ditongos: *ai, au, ei, eu, oi, ui*. Segundo Moraes, são esses e mais um, *iu*.

As outras combinações, como observa o mesmo autor, ou são alguns desses mesmos ditongos, com uma das vogaes nasalisada, alguns, antigamente, com vogal dobrada que hoje não usamos, ou são sómente ditongos na pronuncia vulgar ou no verso, por necessidade ou conveniencia da metrificação.

A nosso ver, essa doutrina de dois mestres da lingua é a verdadeira. Cumpre sómente accrescentar que, actualmente, o ditongo *ou* tem o som de uma vogal simples *ô*, excepto em algumas provincias de Portugal; e alguns dos hiatos latinos, que têm *i* ou *u* por prepositiva, sôam, em certos casos, na pronuncia geral, quer no verso, quer na prosa, como uma só syllaba, pelo que os podemos consi-

derar ditongos, ainda que os denominemos *improprios,* para os distinguir dos ditongos propriamente ditos, isto é, recebidos da lingua mãe ou formados de conformidade com as primitivas leis phoneticas das linguas aryanas.

No portuguez, o ditongo *ai* escreve-se tambem com e, *ae*, e o ditongo *au* e *eu* com *o, ao, eo,* mas sómente em syllaba final, porque então *e* sôa como *i*, e *o* como *u* (20); e, por isso, como ainda não está, a esse e a outros respeitos, fixada a nossa orthographia, escreve-se: *pai, mãi, amai, sai, vai; pau, mau, sarau; meu, teu, 'yceu, europeu, Deus, Pompeu;* e *pae, mãe, pao, mao, meo, Deos,* etc. O que faz o ditongo são os sons, e não as letras com que se escrevem; duas letras differentes podem, como neste caso, dar um som igual, e duas vogaes diversas e juntas podem dar um som simples, como em *sou, estou.*

A lingua portugueza, já o dissemos, é das filhas da latina a menos propensa aos ditongos (21), a que mais se conforma, em geral, com a prosodia da lingua materna. E', pois, rasoavel considerar como seus ditongos propriamente ditos os que ella recebeu do latim ou formou á semelhança dos que tem ou teve a lingua latina, assim como a grega, que da mesma origem procede.

Além disso, o estudo physiologico dos sons mostra que, para serem duas vogaes proferidas com um só impulso, é preciso que a segunda não exija maior *abertura da boca* (é o que significa *hiato*) do que a que foi necessaria para a prolação da primeira: ou, o que é o mesmo, que a posposítiva seja mais surda que a prepositiva. E' o que se dá, quando o primeiro elemento é *a* ou uma das suas representantes *e* e *o,* e o segundo *i* ou *u;* é só nesse caso, portanto, que propriamente ha ditongo. No caso inverso, ha *hiato,* mais ou menos sensivel, conforme a natureza das duas vogaes e a maior ou menor firmeza da pronuncia (22).

Dois sons iguaes não constituem ditongo; este é sempre mixto ou composto de dois sons differentes, que se

fundem, porque são emittidos conjuntamente, por um só impulso do sopro, mas com mudança rapida, na posição das partes moveis da boca, de modo que o canal phonetico, no principio mais aberto, se estreita, ao proferir o ultimo elemento do ditongo. No hiato, essa mudança de posição da lingua ou dos labios faz-se com mais esforço, e a larguia do tubo vocal é maior na segunda parte, ou quasi igual á da primeira, do que resultão dois sons separados ou duas syllabas. Na prolação de dois sons iguaes, a posição do apparelho vocal é sempre a mesma, não ha propriamente dois sons, mas sómente *prolongação* do mesmo som; e essa prolongação póde sustentar-se indefinidamente, o que é impossivel no ditongo. Se as duas vogaes identicas são proferidas separadamente, ha hiato; se o são conjuntamente, ha simples *alongamento* do mesmo som. No ditongo, ha sempre *ineremento* de um som, por adjuncção de outro.

Do que temos exposto, podemos deduzir estes corollarios:

1.º—Não erão ditongos as vogaes dobradas, de que usavão os antigos escriptores portuguezes, *aa, ee, oo,* e a que chamavão *grandes: aa, maa, paa, paadar, fee, see, pee, barriis, seitiis, moo, noo, soo, poo.* (23). Tambem não são ditongos, mas hiatos, as vogaes duplas, em nomes ou verbos, como—*aleool, zoologia, voo, enjoo, moo, roo,* etc., e no principio de palavras compostas: *reedificar, reeleger, preeminente, preexistir, cooperar, coordenar,* etc. (24).

2.º—São dissyllabicas as combinações da vogal primaria *a* com uma das suas representantes *e* e *o,* quando têm, mais ou menos sensivel, o som que lhes é proprio— *é, ê, ó, ô,* ou destas uma com outra: *aé, aê, aó, aô; ea, oa; eo, oé, oê.* Exemplos: *Aéreo, baêla, Israel; aorta, aoristo, Aonio, Pharaó; idéa, arêa, theatro, becto, ideal, areal, empóa, empoada, coar, voa, boa; colico; poeta, oboé, caeoete, joelho, coelho.*

Ae, oe, ao são ditongos nas terminações em que a prepositiva é accentuada, e a pospositiva tem o som surdo de

i e *u* átonos. São, porém, dissyllabos, quando ambas as vogaes são átonas, por estar o accento na syllaba antecedente, como em *áloe* ou *áloes*, e em alguns nomes gregos pronunciados com accento latino: *Dânae*, *Passiphae*, *Arsinoe*, *Callírrhoe*, *Leucóthoe* (25), *Dânaos*. Em *cháos*, *ao* não é ditongo, e o *o* não soa bem como *u*; os poetas, porém, ás vezes o fazem ditongo, no meio do verso ou rimando com *maos*, *naos*, etc.

3.°—São tambem dissyllabas as combinações que têm por prepositiva *i* ou *u*, e por pospositiva *a*, *e* ou *o*, quer uma dellas seja accentuada, quer ambas átonas: (26) *ia*, *ie*, *io*; *ua*, *ue*, *uo*. Exemplos: *Dia*, *ria*, *seria*, *feria*, *Arcádia*, *gloria*, *séria*, *féria*; *apreeie*, *aeariele*; *especie*, *serie*, *effigie*; *rio*, *desvario*, *tio*, *doentio*, *arredio*, *aprecio*, *beneficio*; *lirio*, *imperio*, *ocio*, *vicio*, *beneficio*; *rua*, *lua*, *institua*, *destrua*, *argúa*; *estatua*, *agua*, *fragua*, *legua*, *lingua*; *institue*, *continúe attenúe*, *súcto*, *mansuéto*; *tenue*, *exangue*; (27) *continúo*, *instrúo*; *continuo*, *innócuo*.

Todavia, as vogaes *i* e *u*, quando átonas, têm som tão surdo, uma por muito tenue, outra por muito grave, que essa pouca sonoridade lhes dá grande fluidez e facilmente se solvem numa só syllaba com a vogal seguinte, mais sonora, sobretudo quando é accentuada ou nasal. Por isso os poetas, para ficar o verso mais cheio e harmonioso, fazem monosyllabicas essas combinações, assim como as que têm por prepositiva *e* ou *o* com som quasi identico ao de *i* e *u* (*area*, *etherea*, *eeruleo*, *hereuleo*, *nodoa*, *Pascoa*). O mesmo, como já vimos, fazião os poetas latinos, sobretudo os comicos.

Esses ditongos, que só o são por *synerese*, que se formão por negligencia da pronunciação vulgal ou por liberdade poetica, podem ser denominados *incertos* ou *arbitrarios*. (28).

Em alguns casos, porém, os grupos que têm *i* ou *u*, como prepositiva, soão sempre conjuntamente, fazendo uma syllaba unica, tanto no verso, como na prosa; e, muitas vezes, a vogal *i* consonantisa-se em *j*, e o som do *u* desapparece de todo. Isto acontece, quando o *i* está entre

duas vogaes, a segunda das quaes é accentuada, como em *raiar, arraial, paiol* (29), e, quando é inicial, precedido muitas vezes de um *h* etymologico, representante da aspiração que a palavra tinha na lingua latina ou na grega, e que na nossa se perdeu, como em *lago, iota, ionio, hyacintho, hierarchia, hieroglyphico, Hierusalem, Hierosalyma* (30); e quando o *u* (ou *o=u*) é precedido de consoante guttural *c, q* ou *g: coalhar, coaxar, coati, cuécas, qual, qualidade, quadro, quadril, equestre, equoreo; igual, guarda, guela, antigualha,* etc. O som de *u* perdeu-se totalmente em muitas palavras, como: *quaderno* (*caderno*), *quatorze, que, queda, querer, quilha, quota* (ou cota), quotidiano (31); *guerra, guia,* etc. Os antigos diziam *calidade, camanho,* (*quam, magnum*). *contia,* etc. (32).

A estes ditongos chamamos *improprios*. Ao contrario dos ditongos propriamente ditos, nos quaes o primeiro elemento é sempre preponderante, nos *improprios* predomina o segundo. Assim, quando o *u* precedido de guttural e seguido de outra vogal é accentuado, ha dissyllabo, não ditongo, como em—*recúo, recúa, argúo, averigúa*, etc.; ou se ambas as vogaes são surdas e brevissimas, por estar o accento na syllaba anterior, tambem não ha ditongo ou só o ha por *synerese*, como em *récua, vácuo, iníquo, imócuo, mágua, frágua, régua, exígua, exangue,* etc.

4.°—Da combinação dos dois sons primitivos secundarios *i* e *u* se formarão os ditongos: *ui*, que, como ficou dito, era tambem ditongo no grego e em algumas palavras latinas; e *iu*, que é ditongo peculiar do portuguez, e do gallego, idioma de que proveiu a lingua portugueza. (33). Este ditongo occorre sómente na 3.ª pessoa do singular do perfeito do modo indicativo, na 3.ª conjugação, *vestiu, abriu, feriu,* etc., e na interjeição *siu* ou *psiu*. (34).

Os ditongos podem ser formados de vozes puras ou que soão sómente no canal da boca (*ore*) ou ter um dos seus elementos nasalidade, resoando nas fossas nasaes, pelo abaixamento do véu palatino. (35). Por isso os grammati-

cos os dividem em *oraes* e *nasaes*. Nos ditongos *proprios* o som nasal é sempre o primeiro, nos improprios o segundo.

O som do *e* e do *o* póde ser aberto ou fechado, nos ditongos *ei*, *eu* ou *eo*, *oi* ou *oe*. Isto, porém, não faz que sejão distinctos esses ditongos, compostos dos mesmos sons, ainda que proferidos com *timbre* differente, de que depois trataremos. (36).

Os ditongos portuguezes são, portanto, os que vão mencionados e exemplificados na taboa seguinte: sete *propriamente ditos*, dos quaes podem ser nasaes quatro; e oito *improprios*, dos quaes seis podem ser nasaes.

Ditongos propriamente ditos

ORAES

ai, ae		Dai, mais, pae, animaes
au, ao		Paulo, causa, pao, mao
ei	aberto	Réis, fiéis, papéis
	fechado	Rei, lei, haveis
	surdo	Moveis, amáveis, fôreis
eu, eo	aberto	Céo, chapéo, trophéo
	fechado	Meu, morreu, europeu
iu		Vestiu, siu, psiu
oi, oe	aberto	Combóio, jóia, heróe, dóe, sóe
	fechado	Boi, foi, sois, môio, jóio
ui		Fui, fortúito, gratuito, druida

NASAES

ãe	Mãe, ou mãi, pães, irmãs
ão	Mão, pão, irmãos
õe	Põe, sermões
ũi	Muito

Ditongos improprios

i ou *hi*, inicial ou medial, seguido de outra vogal	*iá*	Iago, hiate, ou yacht, yatagan, Aiace (38), raiar
	iè	hierarchia, hieroglyphico, Yeso
	ió	Iota, ionio, York, maior, pa-iol
	iú	Yuca, Yucatan, yurará (jurará)
u precedido de *c*, *q* ou *g*, e seguido de outra vogal	*uá*	Quadro, qual, sequaz; igual, guarida, guarda
	ué	Sequela, equestre, guela
	uí	Acuidade, equidade, equino; sagui, sanguineo, sanguinario (39)
	uó	Aquoso, equoreo

NASAES

ian	Iambo, ra-iando, yang, yankee
ien	Are-iento, Cayena
ion	Bayonna, bayonneta
uan	Quando, quanto, guante, guando, aguando
uen	Eloquente, consequente, delinquente, aguentar
uin	Quinquagesimo, quindennio, quindecemviros. (40).

As combinações que fazem ditongo deixão de fazel-o muitas vezes, pronunciando-se cada uma das vogaes separadamente, o que sempre acontece, quando é accentuada a segunda, nas que formão os ditongos proprios, e estas, quando são ambas surdas, nas terminações átonas, como já dissemos, só formão ditongo por synerese. Podem, todavía, ser pronunciadas separadamente, ainda que a segunda seja a predominante, as duas vogaes que, depois de gutturaes, ordinariamente formão ditongo improprio, como em *argüente, argüí.*

Assim, não são ditongos: *ai* em *paiz, maiz, cair, caí* ou *cahí* (41), *caraíba.*

au em *alaúde, ataúde, saúde, graúdo, paúl, apaúlado.*

ei em *deifico, deípara, deismo, deísta, atheista.*

eu em *teúdo, manteúdo, conteúdo.*

iu em *miúdo, ciúme, diurno, diuturno.*

oi em *heroína, heroismo, doído, roído.*

ui em *jesuíta, petuíta, estatuir, instituir, instituição, constituição, destruição.* (42).

ua em *argúa, averigúa, vácua, exígua, contígua.*

ue em *argúe, averigúe, argüente, exangüe.*

ui em *argüir, argüe, argüindo, argüinte*

Se a segunda vogal de um ditongo proprio se torna nasal, desfaz-se o ditongo, separando-se as duas syllabas. Em *cae, sae, dóe, róe, sóe, põe,* ha ditongo; mas são dissyllabos: *cáem, sáem, dóem, róem, sóem, pôem.* (43)

NOTAS DO CAP. I

(1)—Os gregos chamavão a esta parte da grammatica *Orthoépeia (épos.* palavra). *Orthophonia* parece-nos termo preferivel, para significar pronuncia correcta. «Se estamos atrazados nas questões orthographicas, disse José Feliciano de Castilho, muito mais nas orthoépicas; aquellas teem ainda chamado a attenção de muitos competentes, não estas, como se o *bem falar* tivesse menor valia do que o *bem escrever!* Ora, sendo certo que, na pronuncia, grassa anarchia maior do que na escripta, é para desejar que os amantes desta formosa lingua estudem tão grave ponto... Ha, portanto, um estudo novo, para tentar, em lingua portugueza, cheio de espinhos, mas tambem de delicadezas - o da Orthoepia». *(Orthographia Portugueza,* quarta parte, nota ao art. XII).

Ha hoje uma *Memoria*, ou pequeno tratado, do douto philologo portuguez A. R. Gonçalves Viana, com o titulo *Exposição da pronuncia normal portugueza, para uso de nacionaes e estrangeiros.* E' obra muito valiosa, para o conhecimento da actual pronuncia, em Lisboa, Coimbra e suas circumvisinhanças; mas, escripta para ser apresentada a um congresso internacional de

sabios, não é adequada ao commum dos leitores, por ser a fórma para elles demasiado erudita.

(2)—Como a orthographia usual não é rigorosamente etymologica, preferimos a graphia *ditongo*, já usada por alguns autores, e que, sobre ser mais simples, não induz em erro de pronuncia, sem obscurecer a etymologia. Ha quem diga *diftongo*, como Borges Carneiro, (*Orthog.*). Os espanhoes dizem e escrevem *diptongo*, os italianos *dittongo*.

(3)—Schleicher, *Compendium der vergleichenden Grammatik* (Compendio de grammatica comparativa, §§ 1, 2 e 3).

(4) *Sylla* ou *Sulla optimus, maximus*, antigamente *optumus, maxumus. Medius est quidam u et i littere sonus, non enim sic optimus dicimus, ut opimum... Optimus, maximus ut mediam i litteram, quæ voteribus u fuerat, acciperent, Cauprimum Cæsaris, inscriptione traditur factum.* Quint., L. I, caps. IV e VII.

(5)—*Here, nunc e littera terminamus: at veterum comicorum a dhuc libris invenio, Heri ad me venit: quod idem in epistolis Augusti, quas sua manuscripsit, aut emendavit, desprehenditur... Sibe et quase, scriptum in multorum libris est; T. Livium ita his usum*, ex. *Pediano comperi, qui et ipse eum sequebatur: hæc nos i littera finimus.* Quint., L. I, cap. VII. Um commentador de um grammatico latino do 2º seculo (*Appendix ad Probum*) adverte que se deve dizer *Cavea*, non *cavia; brattea*, non *brattia; cochlea*, non *cochlia, laneea*, non *lancia; solea*, non *solia; balteus*, non *baltius;* e esse autor, accrescenta Diez (*Gram.*, pags. 167, da traducção franceza), podia dizer ao de uma carta do anno 726: *antea*, non *antia; habeat*, non *habiat; valeat*, non *valiat, moveant*, non *moviant; debeant*, non *debiant.*

(6)—Todavia, elliminavão, por contracção, alguns hiatos: *sim, sis, sit*, por *siem*, etc., *amarunt* por *amauerunt*, etc. «Isocrates de tal maneira fugia ao concurso das vogaes que deu, com muita razão, a Plutarco, lugar de o escarnecor; quando, no livro onde propõe se os Athenienses tinhão adquirido maior gloria com as armas ou com as letras, discorrendo pela vida de Isocrates, e, mostrando como elle fôra sempre pouco sufficiente para as cousas da guerra, diz:—*Como soffreria o som das armas, e o rompimento dos esquadrões, quem tanto o concurso das vogaes temia, e pavorosamente, fugia a que um membro de clausula não fosse menor do que outro nem uma syltaba ?*». (João Franco Barreto, *Orthographia*, cap. XXII).

Outros grandes escriptores gregos, como Thucydides e Platão, não curavão dos hiatos, ao passo que Demosthenes os evitava com cuidado, conforme adverte Cicero; este considera-os viciosos e contrarios ao uso da lingua latina, sendo sómente

desculpaveis algumas vezes no verso, por necessidade do metro. (*Orator*, XLIV o XLV). Mas o hiato, ou concurso de vogaes, a que se referem Plutarco e Cicero, é o que se dá entre o final de uma palavra e o principio do outra, o que a arte do escriptor ou do orador póde evitar, não o dos sons elementares dos vocabulos, o que depende do organismo da lingua, e do uso universal do povo que a fala. E' para supprimir esse hiato que os antigos diziam, e ainda diz o vulgo,—*um hora*, o que so deve dizer, elidindo na pronuncia a primeira vogal, ainda quando escripta, ou proferindo-a mui surdamente, sobretudo no verso: *minh'alma, dest'arte, est'outro, ess'outro, aquell'outro,* como se diz—*desle, daquelle, delle, della, d'Evora.*

Alguns modernos poetas portuguezes não fazem essa elisão, dizendo em syllabas separadas: *minha alma, a arte, a aguia;* mas é fóra de duvida que esse concurso de dois sons iguaes e fortes é desagradavel, ainda aos ouvidos mais rusticos. Por isso, na pronuncia popular de algumas provincias de Portugal, interpõe-se-lhe o *i* euphonico da lingua gallega—*aiagua, aialma.*

(7)—Os antigos escriptores latinos (Ennio, Lucilio, Lucrecio, etc.) usavão de *ai* no genitivo e dativo do singular; no plural, alguns punhão *ae, animai, Europai, hi Galbae, Syllae;* de *ei* por *i* e *e* longos: *puerei, purei, amiceis, sueis, omneis, treis, tibei, sibei,* etc., de *oi* por *u* ou *ui, loidus (ludus), quoi (cui).* Virgilio, que Quintiliano diz ter sido «amantissimo da linguagem antiga», ainda usou algumas vezes do ditongo *ai-pictai, vestis, aquai: Aulai in medio libabant pocula Bacchi.* (Aen., L. I., Quint., L. I., cap. VII).

(8)—*Neuter, neutiquam, neu* por *neve, seu* por *sive* (seve) são palavras justapostas: *neuter-neu-ter, neutiquam=ne-utiquam.* (tambem *nutiquam,* como *nullus=ne-ullus), neu=ne-ve* ou *—vel, seu=si-ve* (seve).

(9)—Citão-se tambem, como exemplos do ditongo *ei,* alguns versos de Virgilio:—*Caucasiasque refert volucres furtumque Promethei.* (Ecloga VI, v. 42). *Unius ob noxam* et *furias Aiacis Oilei.* (Aen., L. I., v. 41). Mas nesses casos, assim como em *Orphei, Achillei, Ulyssei,* etc., occorre esso ditongo em nomes gregos. Em *rei, spei, fidei,* etc., não ha ditongo; as duas vogaes formão duas syllabas.

(10)—Até ao 3.º e 4.º seculo, segundo Diez (*Gram.,* L. I., secção I, *Ditongos latinos*). O nome allemão *kaiser* mostra que as duas vogaes soavão em *Caesar.* Em dois epigrammas de Marcial, vê-se que *Naevia* se escrevia com seis letras e *praedium* com tantas como *prandium* (Mart., L. I, ep. LXXII, *ad somnum,*

L. XI, ep. XVIII, *in Lupum*). E ha testemunhos positivos de antigos grammaticos latinos, como, por exemplo, o de Diomedes: (*detractio fit*) *litterae, ut si detracta a littera pretor dicamos, ut Lucilius... cum debeat ae pronunciari, praetor.*

(11)—Quintiliano (L. I c. V.) cita, como exemplo de synerese, este verso de Varrão: *Cum te flagranti dejectum fulmine Phaeton.*

(12)—Fernão de Oliveira, *Gram*, cap. 23:—«Duas syllabas de vogaes puras, sem mistura ou anteposição de consoante, bem se podem continuar: como *fazia, ia, comia*. Ainda que pella mayor parte lho metemos no meio hum y *consoante*, como *Mayo, seyo, ayo*». Quintiliano (L. I., cap. IV) diz que Cicero escrevia *i* duplo em *Aiio, Maiia*, e que esse *i* era consoanto: *Sciat etiam, Ciceroni, placuisse, Aiio, Maiiam que geminata i scribere: quod si est, etiam jungetur est consonans*». Diez chama palatal a esse *i*, e diz que tem um som entre *i* e *j*. O provençal e o antigo francez representavão-no por *ii*, o francez moderno e o espanhol por *y*.

(13)—*Gram. das linguas romanicas*, L. I, ps. 184.

(14)—Os antigos poetas dizião—*aspeito, objeito, teito* (teeto), de que hoje se não usa, nem ainda por necessidade de rima.

(15 —F. Diez *Gram.*, log. cit., ps. 187.

(16)—Duelos (*Remarques sur la Grammaire Générale, de Port Royal*) menciona 16, Girault Duvivier, *Grammaire des grammaires*, 25.

(17)—«Não é facil, adverte Diez, em italiano, como nas outras linguas romanicas, determinar claramente os ditongos entre as combinações de vogaes; é o que explica que não haja accordo sobre o numero delles. Giambullari, por exemplo, admitte sómente cinco ditongos, L. Dolce sete, e Salviati não menos de quarenta e nove. Ha alguns grammaticos que não reconhecem como ditongos as combinações que têm *i* ou *u* inicial, porque estas letras, a seu ver, são consoantes e não vogaes: *branco* é= *bjanco, guarda=gvarda*. Outros grammaticos não reconhecem tambem ditongo em *lei, sei* (*sex*), *poi, cui, lui*, que provêm de ditongos ou de vogaes simples latinas, porque, no fim do verso, os poetas os empregão como dissyllabos. Muitas combinações não são consideradas monosyllabicas senão por synerese: *ai* em *rai, amai, ea* em *beato, ei* em *direi, tardarei; eo* em *idoneo, ia* em *riaggio, cristiano, gloria, ie* em *grazie, io* em *viola, passione, nazione, glorioso, premio, uo* em *virtuoso, continuo*. Convém notar, particularmente, que não ha ditongos em *soave* e *mansueto:* nos poetas, o primeiro tem sempre tres, o segundo quatro syllabas». Em seguida transcreve a taboa de Bnommattei, que contém 19 ditongos. Diez, *Grammatica*, p. 315 e segs. (Ditongos italianos).

(18)—Diez enumora 22, segundo a *Academia espanhola*, na sua *Ortografia*. Na *Grammatica*, a Academia menciona 14 ditongos e 4 tritongos.

(19)—Fernão de Oliveira, 15; Duarte Nunes de Leão, 16; Roboredo, 17; João Franco Barreto, 19; Fr. Luiz do Monte Carmello, 10; Soares Barbosa, 16, conformo Nunes de Leão, Diez e Julio Ribeiro, 49.

(20)—Tambem, na pronuncia latina, *o* muitas vezes se confundia com *u;* e os escriptores antigos frequentemente as trocavão, como attesta Quintiliano (L. I, cap. IV):—«*Quid o atque u permutatæ invicem? ut Hecoba et notrix, Culchides et Pulixena, scriberentur: ac, no, in Græcis id tantum notetur, dederant, ac probaverunt*». O mesmo diz Festo: *sacerdus* por *sacerdos, epistula* por *epistola,* etc.

(21)—Segundo Diez (I, ps. 397), «do todas as linguas romanicas é a franceza a mais pobre em ditongos». Assim é, quanto aos ditongos propriamente ditos; pois quasi todos se tornárão, nesso idioma, segundo a pronuncia actual, sons simples, ainda que representados por duas vogaes, a que os grammaticos francezes chamão *vogaes* compostas ou digrammas: *ai*=*é* ou *è, au*=*o, ei*=*è: eu*=*ö* allomão, *ou*=*u* latino. Exceptuam-se *ai* em *aï, aïe* e *haïe* (em *aïeul, païen,* o *i* pertence á segunda syllaba; na terminação *ail, bail, travail, bataille,* uns reconhecem esse ditongo, outros não, considerando o *i* como simples signal de *l mouillé*). Mas, quanto aos ditongos *improprios,* formados por synereso ou por ditongação de vogaes simples latinas, o francez tem grande numero o em grande numero de palavras: e, por isso, parece-nos incontestavel que é uma lingua mais ditongada que a portugueza.

(22)—E' esta mesma doutrina que expende Saco Arce, no seguinte trecho da sua *Grammatica Gallega:*—«As vogaes, quanto mais perto da garganta se fórma o som, exigem maior abertura da boca, o que dá origem á classificação das mesmas em abertas e fechadas. São abertas *a, e, o:* fechadas *i, u*. Combinando uma vogal aberta com uma fechada, resultão os ditongos, sons duplos, formados com um só alento. O gallego tem os seguintes, que, excepto o ultimo (*iu*), são os mesmos da lingua grega, á qual o unem outras affinidades:

ai	ex.	*mazaira*		*au*	*mau*
ei		pereira		*eu*	*morreu*
oi		*loita*		*ou*	matou
ui		*muiñeira*		*iu*	*fritiu*

Além destes ditongos verdadeiramente taes, ha, como no

castelhano, combinações de duas vogaes abertas, ou de fechada e aberta, que, com menos propriodade, têm o nome de ditongos, porquanto nelles não se percebe tão claramente, como nos anteriores, a indispensavel unidade syllabica. Taes são: *ea*, como em *códea, oa, (vágoas), ia (chúria), io (vimbio), ua (récua).*

(23)—Os latinos até cêrca da idade classica, escrevião as vogaes longas com letras dobradas: *Usque ad Accium et ultra, porrectas syllabas geminis vocalibus scripserunt.* Quint., L. I, c. VII.

(24)—«Duas vogaes semelhantes, como em *veemente*, nunca fazem um verdadeiro ditongo». Diez, *Gram.*, ps. 316 (Vogaes italianas). «Duas vogaes de hũa mesma natureza não se ajuntão ö hũa syllaba: e as que fazẽ ditongo serão sempre diversas». Fernão d'Oliveira, *Grammatica da linguagem portugueza*, c. XXII.

(25)—Camões usou deste nome, com o accento na penultima syllaba:

Nunca por Daphne, Clicie ou Leucothóe, Te negue o amor devido, como sóe. *Lus.*, c. III, est. I.

(26)—Constancio é contradictorio, considerando ditongos essas terminações, quando são átonas, e dizendo serem predominante a *antepenultima* syllaba, como realmente têm, as palavras assim terminadas: *vário, vária,-annuncio, sitio, mágoa, continuo, contínua, alívio.* Constancio, *Gram. port.*, 1.ª parte (ditongos) e 4.ª parte (vogaes predominantes). Julio Ribeiro, que tambem as dá como terminadas em ditongo, é coherente, dizendo-as *paróxytonas*, ou accentuadas na *penultima:* mas sem razão, pelo que acima fica exposto, e pelo uso dos poetas, que sempre as empregam como *properóxytonas*, ou accentuadas na *antepenultima*, no final dos versos *dactylicos* ou *esdrúxulos*, e sómente por synerese contão essas terminações como uma só syllaba, no meio do verso. Antonio Feliciano de Castilho, no seu *Tratado de Metrificação*, conta em *gloria* tres syllabas, ps. 7, e dá outros exemplos de palavras *esdrúxulas: delicias, cerúleo, murmúrio, funéreo.* Madureira adverte que *Antonio* tem quatro syllabas, e que muitas vezes as terminações *eo, io* não são ditongos, como *Cesareo, igneo, aureo, aqueo, terreo, aereo, eburneo, regio, egregio*, etc. (*Orthog.*, 3.ª parte, n.ºs 6 e 15).

(27)—A terminação de *exangue* é dissyllabica: os poetas, porém, fazem-a muitas vezes *monosyllabica*, rimando com sangue.

(28)—Jeronymo Soares Barbosa chama-lhes *facticios.* Tambem se lhes pode chamar *dubios, facultativos, accidentaes, espurios* ou *bastardos*, em contraposição aos *verdadeiros, necessarios, naturaes, legitimos. Bergmann*, philologo francez,—no *Sur la quan-*

tité prosodique, denomina concretivas essas reuniões de vogaes (*iá, iú, uá, ui*) e distingue-as dos verdadeiros ditongos (*ái, áu* e seus derivados). Tambem os ditongos propriamente ditos são chamados—*decrescentes*, em intensidade, e os outros *crescentes*.

(29)—Se a primeira vogal é a accentuada, é com ella que o *i* se liga e faz ditongo, como em *rai-o, mai-o, mei-o, sei-o, joi-a, moi-o*, etc. Como já vimos, o *i* entre vogaes sôa e vale como dois *ii*, um dos quaes se une á primeira e o outro á segunda vogal; mas a força da accentuada faz que mais se ouça o *i* que com ella se une. Como não escrevemos dobrado esse *i*, devemos consideral-o pertencente á syllaba predominante; se esta é a da 1.ª vogal, ha um ditongo propriamente dito; se, é a da 1.ª vogal, ha um ditongo *improprio*. Os latinos, que, em tal caso, escrevêrão o *i* como consoante, e antigamente o escrovião dobrado, sempre o ligavão com a segunda vogal, e, quando dobrado —*peiius, eiius, maiius*, dizia Prisciano que um pertencia á primeira, outro á segunda syllaba, como se separão outras consoantes duplices,—*nam quamvïs sit consonans, in eaden syllaba geminata jungi non posset: ergo non aliter quam «tellus, mannus» proferri debuit*. (Prisc., *Gram.*, I, 18). Mas a linguistica moderna prova que o *i* consoante dos latinos, quer inicial, quer medial, provém de um *i* vogal, que passou a *ii* ou *ij*, e depois a *j* ou *i*, consoante palatal. (Schleicher, *Comp.*, §§ 3, 4, 154). Será, portanto, mais exacto dizer que o *i* inicial, que não sôa dobrado, é consoante, e o medial, de natureza mista, *semivogal* e *semiconsoante*. O *i* tambem tem esse som duplo nas terminações dissyllabicas—*io* e *ia* de alguns substantivos e adjectivos—*rio, tio, desvario, doentio, arredio, bahia, abbadia*, vadia, *sadia*, etc., e de algumas flexões verbaes—*rio, fio, desvio; via, feria, fazia, faria*, assim como quando, á 1.ª pessôa do pret. perf. do ind., na 2.ª e na 3.ª conj., se segue o pronomo *o, a: vi-o, vi-a, adverti-o, applaudi-a*.

(30)—Vêm-se as letras nas flôres Hyacinthinas. (*Lus.*, c 9.º, est. 62).

> Ja tinha vindo Henrique da conquista
> Da cidade Hierosolyma sagrada.
> *Lus.*, c. III, est. 27.
> A cidade Hierosolyma terrestre.
> c. VII, est. 6.

No latim, o *i* aspirado não era consoante e não fazia syllaba com a vogal seguinte, porque, diz Prisciano, nenhuma consoante admitte antes de si a aspiração: *Nunquam autem potest ante eam loco positam consonantis aspiratio inveniri, unde «hiul-*

cus» trissyllabum est, nulla enim consonans ante se aspirationem recipit. (Prisc., I, 18).

No portuguez, porém, tendo esse *i* perdido a aspiração, une-se, numa só syllaba, com a vogal seguinte o pode-se escrever por *hi* ou *j*: *Jonio, Jacintho, Jerusalem, Jeronymo, jerarchia, jeroglyphico,* etc. Todavia, não faz ditongo em algumas palavras, em que não se pode mudar o *hi* em *j*. Taes são os seguintes vocabulos onomatopicos: *hiato, hiante, hiuleo.* Tambem fórma syllaba separada em *hyoide,* onde o *o* faz ditongo com o segundo *i;* e em *hyena,* onde o *e* provem de ditongo no latim e no grego (Lat. *hyœna,* gr. *hyaina*).

(31)—Alguns classicos escrevião *cotidiano:*—«No mesmo cotidiano momento, que vivemos, sem cessar passamos da vida». (Frei Hector Pinto, *Imagem da vida christã,* Dialogo 1.º, cap. 2.º). «Os jejuns prolongados, os vigias cotidianos». (Frei Luiz de Sousa, *Vida do Arcebispo,* L. 1.º, c. 2.º). No tempo do Quintiliano, escrevia-se *cotidie,* se bem que alguns dizião que se devia escrever *quotidia «ut sit quot diabus».* (*Inst.,* II, 7).

(32)—O *u,* como o *i,* sempre que fazia syllaba com a vogal seguinte, era tido como consoante pelos latinos, os quaes escrevião essas letras do mesmo modo, quer fossem vogaes, quer consoantes; só modernamente forão adoptados, para este ultimo caso, o *j* e o *v. Qu* e *gu,* seguindo-se outra vogal=*qo, go.* (Schleicher, *Comp.,* §§ 151-154).

Os grammaticos portuguezes chamão liquido a esse *u;* o grammatico moderno Epiphanio Dias diz que elle se pode representar pelo *w* dos inglezes, os quaes considerão essa letra *consoante semivogal.*

(33)—«As lingoas de Galliza e Portugal, as quaes ambas erão antigamente quasi hua mesma, nas palavras e nos diphtongos, e pronunciação, que as outras partes da Espanha não têm. Da qual lingoa Gallega a Portugueza se avantajou tanto, quanto na copia e na elegancia della vemos. O que se causou por em Portugal haver Reis, o Côrte, que he a officina ondo os vocabulos se forjão e pulem, e donde manão para os outros homes, o que nunqua houve em Galliza». (Duarte Nunes de Leão, *Origem da Lingoa Portugueza,* cap. VI).

«A lingua vulgar Portugueza se principiou a distinguir da Galoga neste periodo (do conde D. Henrique a D. Affonso 3.º): 1.º por ser estrangeiro o condo D. Henrique, o ter trazido consigo alguns seus naturaes. 2.º pelas colonias de muitos estrangeiros, que vierão estabelecer-se no nosso terreno, Francezes, Inglezes, Flamengos. 3.º pelas Rainhas do diversas Nações, com quem casarão os nossos primeiros Reis. 4.º pelos bispos

estrangeiros que houve nas nossas sés, por estes tempos, e ordens religiosas, introduzidas por individuos tambem de outras Nações. Passando por todos estes motivos a alterar-se, e distinguir-so a nossa Lingua da Gallega, que permaneceeu, sem alteração, nem melhoramento, encantonada em hum Paiz sem Côrto e sem Universidade. Neste 2.º periodo (de D. Diniz até ao fim do reinado de D. Affonso 5.º) se faz visivel a gradual polidez que foi tomando a lingua vulgar, a que deo occasião a residoneia, que tinha feito em França, o senhor D. Affonso 3.º: os mestres, que buscou a seu filho: as traducções que se fizerão, qual a das *Leis das Partidas*, e a da *Obra do Mouro Rasis*, por Gil Pires, ambas por mandado do senhor D. Diniz: a instituição de huma Universidade no reinado do senhor D. Diniz: os muitos Portuguezes que hião estudar fóra do reino: a intermissão das eleições canonicas, passando a proverem-se na curia muitos estrangeiros em bispados, prebendas e mais beneficios deste reino: e, mais que tudo, o uso que da mesma lingua se principiou a frequentar nos documentos publicos, desterrado o barbaro Latim, que até ahi vogara». (João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e Criticas*, tomo 1.º, Dissert. 5.ª, *Sobre o Idioma, o Estilo e Orthografia dos nossos Documentos e Monumentos*).

«O dominio da lingua comprehendia a Galliza, cujo dialecto offoreeia então poucas partieularidades que o afastassem da linguagem de Portugal, e ainda hojo diverge muito pouco do portuguez». (F. Adolpho Coelho, *A lingua portugueza*, seeção 4.ª, § 148).

(34)—Para distineção, convém usar da graphia *iu* para o ditongo, e *io*, para o dissyllabo: *rio, tio, frio, doentio, sadio*, etc. (Alexandre Passos, *Dicc. Gram.*, v. *Ditongos* e *Iu*) dá tambem, como exemplo deste ditongo, o nome proprio *Diu* ou *Dio;* mas este nome é sempre usado pelos poetas como dissyllabo, o rimando com palavras em *io* dissyllabico—*senhorio, gentio (Lus.*, c. X, 64).

Vereis a inexpugnabil Dio forte.
Lus., c. II, 50.
Dio, que o feito e bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem sustenta.
Lus., c. X, 62.
O successo de Diu quasi pende,
Que pois a Diu vai encaminhado.
Daquella forte Diu tão provida
De nobre gente e grossa artilharia.
Sobre Diu colhesse a inchada vela.

(Francisco de Andrade, *O 1.º cerco de Diu, c. I, II* o *passim*).

(35)—Max Müller, *Science of language*, trad. fr., 1867, tomo 1.º, ps. 154:—«Se, em vez do emittir livremente, atravéz da boca, o som vogal, deixamos abaixar-se o véu do paladar e assim forçamos o ar a vibrar atravéz das cavidades que unem o nariz ao pharynge, ouvimos as vogaes nasaes. Não é preciso que o ar passe, realmente, pelo nariz; ao contrario, podemos fechar o nariz, e não fazemos senão tornar o som nasal mais pronunciado. A unica condição necessaria é a deslocação do véu, que nas vogaes ordinarias cobre, mais ou menos, o orificio posterior das fossas nasaes». E accrescenta, em nota:—«Os differentes graos dessa occlusão forão determinados pela experiencia, feita pelo professor Germak, por meio de um espelho metallico, applicado ás narinas, emquanto erão pronunciadas successivamente as vogaes puras e as nasaes».

(36)—Os poetas fazem-os rimar, como sons iguaes ou consoantes, apezar dessa prolação differente:

Avante passa, e lá no sexto céo,
Para onde estava o Padre, se moveo.
Lus., c. II, est. 33.

Não menos é trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno e céo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.
Lus., c. II, est. 112.

Aos infiéis, senhor, aos infiéis,
E vão a mim, que creio o que podeis.
Lus., c. III, est. 45.

(37)—Alguns pronuncião erradamente, com accento no i: *gratúito, fortuíto, druída;* outros, pelo contrario, dizem *pitúita*, em vez de *petúita* (lat. *petuita*).

(38)—Dão os premios de Aiace merecidos.

A lingua vã de Ulysses frandulenta.
Lus., c. X, est. 24.

(39)—Soares Barbosa, diz, L. 2.º, cap. 3.º, que se ouvo o som do *u* em *Guilherme:* mas, ao menos no Brazil, geralmente se pronuncia a primeira syllaba desse nome sem soar o *u*, como em *Guido, Guimarães.*

(40)—*Ruim*, que Soares Barbosa, Constancio e outros dão como exemplo deste ditongo nasal, é dissyllabo; sempre assim o empregão os poetas, que tambem não fazem ditongo em *ruina, ruinado, arruinar*, salvo algumas vezes, por synerese. Os antigos tambem escrevião *roim.* No norte de Portugal, geralmente, fazem ditongo nessa palavra, nasalisando a prepositiva *rûi;* e o.

povo tambem diz *rõi*. Gonçalves Viana, *Pronuncia normal portugueza*, § 50; Barbosa Leão, *Estudos a favor da reforma da ortografia*, pag. 32 e nota a pags. 11.

(41)—O *h*, não etymologico, só tem por fim, em taes casos, separar as vogaes, para que não fação ditongo; quando o devem fazer, o uso delle é sem razão e pode induzir em erro, fazendo crer que ha duas syllabas onde ha sómente uma, como no seguinte verso:

Joanna forte sahe da fresca Abrantes
Lus., c. IV, est. 23.

O *h* só tem cabimento quando o poeta divide o ditongo por diérese, como fez Camões, na est. 50 do canto 8.°:

Porque, quando o sol sahe, facilmente
Se póde nelle pôr a aguda vista.

(42)—Francisco Freire de Carvalho, na sua edição dos *Lusiadas*, diz que a palavra *destruição* tem syllabas, por diérese, nos seguintes versos:

Destruição de gente e de valia.
Destruição da gente pretendião.
Lus., c. VIII, ests. 46 e 52.

Ahi, porém, não ha diérese, porque tal é o numero de syllabas dessa palavra, tanto no verso como na prosa.

(43)—Não tem, pois, razão o padre Antonio da Costa Duarte, no seu *Compendio de grammatica philosophica da lingua portugueza*, quando diz, nota 4, p. 15: —«Nenhuma differença percebemos no som de *põe*, quando é 3.ª pessôa do singular do verbo pôr e quando é 3.ª do plural. Para se fazer essa differença é necessaria uma pronuncia forçada e affectada. Portanto, não admittimos esse ditongo duplicado, que não existe, pois é sómente um ditongo nasal e nada mais. Até nos parece escusado escrever *põem*, para na escriptura o distinguirmos do singular, porque o sentido do discurso o dará a conhecer, assim como o dá, quando alguem o fala». Allude, sem duvida, o autor a Constancio, que diz haver em *põem* um ditongo nasal duplicado. Ahi não ha ditongo duplicado, nem ditongo algum; ha duas syllabas nasaes.

Nos verbos em *quar* e *guar*, como *appropinquar*, *obliquar*, *aguar*, *desaguar*, *enxaguar*, ha duvida se o *u* fórma ou não ditongo com a vogal seguinte, do que depende a conjugação desses verbos. Deve-se dizer: *appropínquo*, *appropínqua*, *obliquo*, *obliqua*, ou *appropinqúo*, *appropinqúa*, *obliqúo*, *obliqúa*; *águo*, *águas*, *água*, *ague*,

deságua, deságue, enxáguo, enxáguas, enxágue, ou *agúo, agúas, agúa, desagúa, enxagúo, enxagúa,* ou ainda, segundo a graphia antiga, *agoa,* ou *agôo, agôas, agôa, desagôa, enxagôa?* (Vid. Eugenio de Castilho, *Dicc. de rimas,* Prolegomenos, o qual prefere a segunda maneira).

A primeira fórma é que é certa. O accento tonico põe-se na penultima syllaba, que é a anterior ao *q* ou *g,* porque o *u* fórma syllaba com a vogal seguinte. No latim, o *u,* depois de *q,* fazia parte desta consoante; *q* era sempre igual a *q* e *u;* os antigos, por isso, escrevião *qi, qo, equs, coqere,* etc. Assim *u,* depois de *q,* unia-se numa syllaba só com a vogal seguinte, e muitas vezes não se pronunciava. Diz o grammatico latino Velius Longus: —«Multi illam (*q*) exclusernnt, quoniam nihil aliud sit quom *c* et *u*... Nonnulli *quis* et *quæ* et *quia* per *q* et *i* et *s* scripserunt et per *qæ* et per *qia,* quoniam scilicet in *q* esset *c* et *u*». (*Grammatici veteres,* ps. 2218 e 2219, ed. Putsch; Charles Joret, *Du c. dans les langues romanes,* Int., *Des gutturales latines,* Q). Tambem no portuguez, *u* depois de *q* ou de *g,* proveniente do *q* latino, faz syllaba com a vogal seguinte, formando ditongo, quando não é mudo: ditongo improprio, quando a vogal seguinte é accentuada, e, tanto essa vogal como o *u,* são átonas, ditongo por synérese.

Devemos, pois, dizer *appropínquo, appropínquas, appropín, qua, appropínquam,* como disse, por exemplo, Odorico Mendes na *Eneida,* LXI, v. 577:

—*Mas já Teucros e Etruscos se appropinquam.*

No verso latino correspondente—*At manus interea muris Trojana propinquat,* esta ultima palavra tem tres syllabas.

Assim tambem se conjuga *obliquar:* ou *oblíquo, oblíquas, oblíqua, oblíque,* etc., o *deliquar.* (Vid. Dicc. de Moraes e o de frei Domingos Vieira). *Antiquar* e *adequar* são defectivos, não teem as tres pessoas do singular e a 3.ª do plural, no presente do indicativo, no do subjuntivo e no imperativo: não sendo para imitar algum exemplo em contrario, como o seguinte, de Antonio Francisco Barata, grammatico aliás estimavel (*Estudos da lingua portugueza,* Lisboa, 1872, p. 69):—«A' moda tem sujeição a linguagem: uma esqueço e so *antiquúa,* para se dar vida a outra, que já foi usada». Como se vê, para dividir a syllaba interpoz-se um *u* entre *qu* e *a.* Cremos que não ha outros verbos dessa terminação. Os terminados em *guar,* em que o *g* provém de *q* latino, conjugam-se do mesmo modo: *aguar, desaguar, enxaguar* (de *aqua*). *Eu águo, tu águas o vinho,* isto me *água o prazer.* Diz-se, geralmente, *deságua, deságuam,* falando dos rios; e tambem sempre temos ouvido: *enxáguo, enxágua, enxágue a roupa, a lou-*

ça. E é assim que os classicos e bons autores modernos conjugão esses verbos. Jorge Ferreira, *Ulyssippo,* acto 3.º, sc. 6.ª:—*Sou mui adorado de secura, e a agoa enxuguame o estamago.* Vieira, *Sermões,* t. 13, *(Palavra do prègador),* p. 212:—*Ali se desagua o Tejo.* Costa e Silva, *Os Argonautas.* L. IV, p. 196: *E no Caucaso mar juntos desaguam.* No mesmo livro, lê-se depois, p. 201, por duas vezes, *desagôa,* mas o autor escreveu *deságua,* como anteriormente, pois só assim fica certa a medida dos versos: *Que se desagua num profundo golfo – Do Jonio mar, que onde desagua o Istro.* Lima Leitão, *Paraiso Perdido.* c. II, p. 65:—*No mar de fogo lugubres desaguam* – c c. XII, p. 469:—*Lá desagua no mar por bocas sete.* Blutcau, Moraes, Domingos Vieira, A. Coelho: *desagua.* Frei Luiz do Monte Carmelo, *Compendio de Orthog.,* 1767, p. 530:—*Aguar* ou *agoar. Eu águo, tu águas,* ou eu ágoo, *tu ágoas,* etc., e p. 308: —*Enxaguar, eu enxáguo, tu enxáguas, elle enxágua.*

Do mesmo modo se conjuga *minguar.* se bem que o *g* não provém do latim (de *minuare* se formou, no espanhol, *minguar,* guturalisando-se o ditongo *ua* em *gua,* como em *mangual,* de *manualis.* (Diez, Dicc., II, *menorare:* e Gram., I, letras allemãs, W). Nas trovas dos cancioneiros, muitas vezes *míngoa, míngoam, míngoem* (Julio Cornu, n.º 322, nota 1). Gil Vicente, *Auto da Feira,* sc. 1.ª:—*Mingua-lhes as santidades, e cresce-lhes o proveito.* Sá de Miranda, Elegia I, v. 122: *O caminho não mingua, antes mais cresce.* Antonio Ferreira, v. 2.º, *Cartas,* L. II, carta X: *Deo-nos o céo spritos, não nos mingua. Mais que mestre e uso:* Ferrara, *ou Florença, quam rica teve em seu começo a lingua?* Diogo Bernardes, *Rimas Varias, Flores do Lima,* soneto 143: *Gostos minguam em mim, tristezas crescem.* Camões, soneto 66: Logo o engenho me falta, o esprito mingoa. Elegia XI, v. 6: *Este curso do sol tão bem medido, Que hu ponto só não mingua nem se augmenta.* J. Franco Barreto, *Eneida,* Liv. 12, v. 195: *mingua,* rimando com *gram mingua* e *lingua.* Castilho, *Metamorphoses,* p. 79: *Mingua o mar, jaz* arêa o que era oceano: e p. 157: *Lybis, acóde ás mãos, as mãos lhe* minguão. Filinto Elysio, tomo 2.º, p. 140: *Médra o mal, e o repouso em ambos mingua:* e assim a ps. 88, 162, 219, etc. No tomo 3.º, ps. 57, está *mingüão,* mas a medida do verso pede *mínguão.* Odorico Mendes, *Eneida.* Liv. IX, v.os 600 e segs.: *Picamos nossos bois; nem torpe as forças. A velhice nos mingua e o vigor d'alma.*

Depois de *c*, o *u* não fórma ditongo com a vogal seguinte, no latim, como em *vacuar* e *evacuare.* (No latim *evácuo, evácuas, evácuat,* por ser breve o *u;* no portuguez *evacúo, evacúas, evacúa,* porque o *u* não faz ditongo com a vogal seguinte). Assim, tambem, na terminação *guar,* quando o *g* provém de *c*—*averiguar,*

apaziguar, apaniguar, santiguar (de *verificare, pacificare, panificare, sanctificare;* mudado o *t* em *v, verivigar,* depois *verigvar, averigvar, averiguar,* e assim os outros. (V. Diez, *Dicc.*, v. *santiguar*). Todos esses verbos se conjugão com o accento no *u,* por não fazerem ditongo essas duas vogaes:—*Averigùo. averigùas, averigùa. averigùe; apazigùo, apazigùas, apazigùe,* etc. Encontrão-se exemplos em contrario. Assim, em Mousinho de Quebedo, *Affonso Africano,* c. 12, 60: —*Estão de parte as armas offensivas Que a braços se averigua esta contenda;* em Filinto Elysio, tomo 2.°, ps. 22 e 197, *apazigua, apaziguão:—Da tempestade as vagas se apaziguão. Lhe toca o seio e os sonhos lhe apazigua.* Na edição de Paris, 1817, lê-se *apazigùão, apazigùa;* mas, como se vê, a medida dos versos pede o accento no *i;* em Manoel Bernardes, *Luz e calor,* n. 365: *facilmente me apaziguo;* em Amador Arrais, Dialogo 1.°, cap. 15: *tarde se indigna e tarde se apazigua.* No espanhol se diz *Amortiguo, apaciguo, averiguo. santiguo, testiguo.* (Gottfried Baist, *Philologie, Die spanische sprache,* na collecção de *Gröber-Grundwig der romanischen*). Magoar, de *maculare,* conjuga-se, como sempre se conjugou. Eu *magoo, magoas, magoa, magoão,* pelo que se deve conservar a graphia, *mágoa, magoa.* Camões, c. 4.°, 93:—*Que, posto que é de amor usança boa, a quem se aparta ou fica, mais magoa;* e c. 3.°, 130:—*Movido das palavras que o magoam...*

Tambem faz ditongo com a vogal seguinte o *u,* depois de *q.* nos verbos terminados em quir: *delinquir, extorquir, retorquir,* (*delinquere, extorquere, retorquere*), os quaes são defectivos, pois não têm as terminações átonas em *o* e *a* (1.ª pes. do pres. do subj.). Não se diz *delinquo, delinqua* (ou, como se diz no espanhol, *delinco, delinca,* Gram. da Academia, parte 1.ª, c. VI), nem *extorquo, extorqua, retorquo, retorqua;* diz-se, porém, *delinques, delinque, extorques, extorque, retorques, retorque,* soando o *u,* como disse, por exemplo, Lima Leitão, *Paraiso Perdido,* c. V, v. 1233:—*E com desprezo andaz retorque insultos,* e Odorico Mendes, *Eneida,* IV, v. 111:—*Retorque assim: Quem ha que a tal se furta?*

Quando o *g* provém do *q* latino, o *u* faz syllaba com a vogal seguinte, nos verbos em *guir;* como em seguir e seus compostos (de *sequor*).—*Eu sigo,* (hoje sigo, como antigo de antiquo), *sègues, sègue;* tendo, porém, desapparecido o ditongo na pronuncia, por se ter tornado mudo o *u.* Se o *g* provém do *g* latino, o *u* faz ou não faz syllaba com a vogal seguinte, como no latim. Faz syllaba em *distinguir* e *extinguir. Distinguo,* hoje distingo, distingues, distingue, etc., com *u* geralmente mudo, mas que alguns pronuncião. *Languir,* verbo usado por alguns poetas, como

Filinto Elysio, Alfeno Cynthio, Elpino Duriense, (vid. obras de Filinto, tomo 3.º, ps. 470 o 539, e citação no Dicc. de Moraes), faz *langue*, *languem*, com *u* sonoro. (E' defectivo; não tem terminações átonas em *o* e *a*). Em *arguir* e *redarguir*, o *u* não faz ditongo, como no latim. Odorico Mendes, *Eneida*, L. XI, v. 160: *vossa alliança e hospicio eu não argùo*. No verso latino correspondente *argŭerim* tem 4 syllabas, *arguet* tem 3, no verso 3 do93 mesmo livro, e, no verso 688, *redargu ĕret* tem 5.

CAPITULO II

Se ha tritongos na lingua portugueza

Quintiliano não admittia que pudesse haver syllaba composta de tres vogaes, sem que uma dellas fizesse officio de consoante. (1). Esta opinião foi seguida por Jeronymo Soares Barbosa, que diz ser «absurdo admittir, nas linguas verdadeiras, tritongos, isto é, tres vogaes unidas em um só som, o que é contra todo o mecanismo da linguagem». (2). São de parecer contrario graves autoridades, como Duarte Nunes de Leão e Frederico Diez. Mas o primeiro, dizendo que «algumas linguas têm tritongos, que quer dizer ajuntamento de tres vogaes em uma só syllaba», e dando como exemplos as palavras francezas *veau* e *beau*, nas quaes, segundo hoje se pronuncião, não ha tritongo, nem ditongo, mas um digramma, com o som simples *ô*, e estas castelhanas—*bueis*, *bueitre*, *vaiais*—deixa entender que não ha tritongo na nossa lingua. (3). Diez, porém, affirma que ha, na lingua portugueza, alguns verdadeiros tritongos, como *uae*, *uei*: *iguaes*, *averiguais*, *averigueis*. (4). Reinhardstoettner (5) accrescenta: *meia*, *eia*, *vivieis*. Mas nestas palavras, assim como em *averiguais*, *averigueis*, não ha tritongos; ha duas syllabas distinctas, uma das quaes é ditongo *(mei a*, *ei-a*, *vivi-eis*, *averigu-ais*, *averigu-eis)*. O mesmo diremos dos exemplos que adduz Constancio, como de verdadeiros tritongos—*veia*, *areia*, *ideia*, *leia*, *leião* ou *lêão*, *lião*, *premeiem*, etc. Até em *dêem* esse autor achava um tritongo por considerar ê=ee, e dêem=deee. Só formão tritongos, na nossa lingua, os ditongos precedidos de *i* medial, como *ca-iaes*, *sa-iais*, ou da vogal *u*, articulada com uma consoante guttural, e pronunciada juntamente com o ditongo; como na antiga interjeição *guai!* e em *Uruguay*, *Paraguay*, *aguai*, *enxaguei*, *adequai*, *adequais*, *ade-*

qucis, *delinquiu*. A's vezes, porém, o *u* precedido da guttural sôa separadamente do ditongo seguinte, e então não ha tritongo: por exemplo, em *argüaes*, *recüae*, *recüais*, *recüeis*. Não temos *quadritongos*. (6).

No verso podem-se reunir em uma só syllaba metrica, entre duas palavras, quatro e até cinco vogaes, ainda que os poetas raramente usão desta licença, que torna o verso pouco harmonioso. (7). Nos seguintes exemplos ha absorpção de quatro vogaes, aggravada por outras durezas:

Que lagrimas são a ag*ua e o* nome amores
Lus., c. III, est. 135.
Será ali arrebatad*o e ao* céo subido
C. X, est. 70.

NOTAS DO CAP. II

(1) —*At, quæ ut vocales junguntur, aut unam longam faciunt, ut veteres scripsere, qui geminationc earum velut apice utebantur.* aut duas: *nisi quis pu tat etiam ex tribus vocalibus syllabam fieri: quod nequit, si non aliquæ officio consonantium fungantur.* Quint., L. I, c. IV.

(2)—*Gram. Phil.*, L. I, c. III.

(3)—D. Nunes de Leão, *Orthog.*, *Dos ditongos da ling. port.*

(4)—F. Diez, *Gram.*, I, p. 354.

(5)—*Grammatik der portugiesischen sprache*, p. 101.

(6)—Alguns entendem que os ha no italiano. *Corticelli, Regole della lingua toscana*, L. I, c. II:—«E' controverso se a nossa lingua tem quadritongos, isto é, quatro vogaes numa só syllaba. Salviati, lib. 3, partic. 7, diz que sim, e dá estes exemplos: *lacciuoi* e *figliuoi*. Buommattoi, Trat. 3, cap. 5, considera-os sómente tritongos, porque o primeiro *i*, no primeiro exemplo, serve unicamente como signal de que o *c* se ha de pronunciar claro; e, no segundo exemplo, serve para mostrar que o *gl* se deve proferir *schiacciato*, com o som do nosso *lh*. Parece-me que diz qem».

(7) — «Não só duas vogaes concorrentes se elidem, no caso da primeira não ser longa, mas poderão elidir-se mais, se mais ahi concorrerem com o mesmo requisito: em *piedade e amor* (1 2 3 4 5 6 7) não só absorvemos a primeira na segunda, mas tambem a quarta e quinta na sexta, pronunciando desto modo pie(1)—da(2)—dea(3)—mor(4). A absorpção de quatro vogaes numa só syllaba (1 2 3 4 5 6 7) seria ainda possivel, rigorosamente falando, mas dove sempre evitar-se. Por exemplo: quem fizesse de *gloria e amor* (1 2 3 4 5 6) — *gloramor* (1 2 3), commetteria um barbarismo, ainda que não um erro». Castilho, *Metrificação*, p. 7. Salvá, *Gram.*, p. 47, cita esto verso, em que um poeta, que elle diz ser dos melhores da sua lingua, Jáuregui, reuniu numa syllaba cinco vogaes:

Muerta la leng*ua á Eu*ridice respira.

CAPITULO III

Synerese e dierese

A' reunião de duas ou mais vogaes, entre duas palavras, chamão os grammaticos *synalepha*, e á que se faz dentro duma só palavra—*synerese*.

Por esta liberdade, ou figura, fazem os poetas os ditongos que denominámos incertos ou arbitrarios; e, pelo contrario, por outra figura, a que chamão *dierese*, desfazem os verdadeiros ditongos em duas syllabas.

Para achar innumeraveis exemplos de synerese, basta abrir ao acaso qualquer livro de versos; os de dierese são pouco frequentes, sobretudo nos poetas modernos, pois hoje de bôa mente se não relevão taes licenças, as quaes, como bem diz Castilho, são muitas vezes «aleijões, enfeitados com o titulo de figuras».

As duas syllabas finaes das palavras, que têm o accento na antepenultima, são sempre havidas por uma só syllaba, no meio do verso; no fim, não formão ditongo, fazem o verso *esdruxulo*, como chamão os italianos ao que tem duas syllabas depois do ultimo accento. Não ha, pois, razão para dizer, como Moraes (*Gram.*, Introd., n.° 17), que ha synerese na ultima palavra destes versos de Camões:

Tambem movem da terra as negras furias
A terra de Guipúscoa e das Asturias.

Em igual equivoco incorreu João Franco Barreto, quando, mencionando *ia* como ditongo, escreveu:—«Os latinos nunca destas duas vogaes fazem ditongo, mas sempre dellas fazem syllabas separadas; e nós ordinariamente as ditongamos, como Camões, nos seguintes versos:

Se eu nunca vi tua essencia
Senão na reminicencia.
Que cantasse em Babilonia, etc.

Quando os grupos de vogaes, que têm *i* ou *u* por prepositiva, precedem a syllaba accentuada, ou têm o accento em uma das duas vogaes, os nossos poetas ordinariamente os considerão dissyllabicos, conforme a prosodia latina, como nas palavras: *diante, radiante, confiança, fiel, piedade, piedoso, oriente, paciente, sciencia, sapiencia, obediencia, experiencia, glorioso, vicioso, furioso, religioso, região, triumpho, triumphante, persuade, possúe, cruel, suor, impetuoso, sumptuoso*, etc.

Algumas vezes, porém, ditongão-nos. Assim, na estancia 124, do canto 3.º dos *Lusiadas*, *piedade* tem quatro syllabas no segundo verso, como no 3.º da est 129. *Ante o rei, já movido á piedade*—e no 5.º *piedosas* é trissyllabo—*Ella com tristes e piedosas vozes*. Nas duas estancias seguintes, esse mesmo adjectivo tem quatro syllabas: *Com lagrimas os olhos piedosos—Terem tão piedoso sentimento*.

No canto 9.º, est. 139, *triumpha*, no canto 10.º, est. 55, *Os triumphos, a fronte coroada—Da cubiça triumpha* e *incontinencia*; mas no canto 4.º, est. 43, triumphar tem duas syllabas: *De ver outrem triumphar de seu desejo*.

Por synerese: *violento* é trissyllabo, na estancia 70 do canto 10: *Onde o violento fogo com ruido*; *tua*, monosyllabo na estancia 42 do canto 9.º: *Que contra tua potencia se rebella*; *sua*, tambem monosyllabo, na estancia 102 do canto 2.º. *Com gente de sua lei tivesse guerra*; na estancia 104 do canto 3.º:—*Por defender sua terra amedrontada*; na estancia 6.ª do canto. 4.º:—*Dizendo ser sua filha herdeira della*. (Dissyllabo na est. 7.ª do canto 7.º.—*Suas forças ajunta pava a guerra*, e em outros lugares, c. 11, ests. 123 e 144). *Huã* tem igualmente só uma syllaba, na est. 14 do canto 3.º. *Despois que huã moça na Apulia viste;* na est. 20 do canto 5.º.—*Em cima della huã nuvem se espessava;* na est. 44 do canto 7.º:—*E num portatil leito huã rica cama;* e na est. 87, c. 9.º.—*No qual huã rica fabrica se erguia*.

O poeta faz tambem synerese em grupos de vogaes que não têm *i* ou *u* por prepositiva, e que são dissyllabicos, segundo a pronuncia geral e o uso do mesmo poeta.

Nos seguintes, por exemplo: *ee*, em *preeminencia*, *preeminente* (c. 7.º ests. 40 e 58, c. 9, est. 89, c. 10 ests. 84 e 151), *oa* em *povoador*, c. 6, est. 81:—*Povoador de alagado e vasto mundo* (cp. no c. 10, est. 97.—*Povoações que a parte Africa tem*); *a'o* em *ma'ometano*, por *mahometano*, varias vezes, c. 8.º, ests. 81, 84, 88.

Ha synerese em *desleal*, na est. 49 do canto 4.º:—*Da Juliana, má* e *desleal manha* (cp. *leal*, *lealdade*, c. 6.º, 91, c. 8.º, 13, c. 10.º, 140); em *leonezes*, na est. 9.ª do c. 8.º: *Gallegos e leonezes cavalleiros* (cp. *Leão, Leonezes, Leonor, Leonardo* —c. 3.º, 18, 70; c. 6.º, 56; c. 4.º, 8; c. 3.º, 139; c. 6.º, 40; c. 9.º, 75); em *Phaeton* na est. 49 do c. 1.º: *Os de Phaeton queimados nada engeitão* (cp. c. 1.º, 46) e em *Georgianos*, na est. 13 do cap. 7.º: *Gregos, thraces, armenios, georgianos;* em *Beadála*, c. 10.º, ests. 65 e 66: *Em si verá Beadála o marcio jogo* (cp. c. 4.º, est. 7: *Beatriz, era a filha que casada*, e c. 6.º, est. 60,: Já num sublime e publico *theatro*).

Usa de *suave*, sempre como trissyllabo (1).

Que tudo emfim, tu puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita
c. 3.º, est. 122.

Alma suave e angelica excellencia
c. 3.º, 143.

O Tejo em torno vae suave e ledo
c. 4.º, 10.

Cheiro suave, ardente especiaria
c. 7.º, 31.

Suave a letra, angelica a soada
c. 9.º, 30.

Tão suave, domestica e benina
c. 9.º, 66.

Que affagos tão suaves! que ira honesta!
c. 9.º, 83.

Saudade, saudoso encontrão-se, ás vezes, como trissyllabos, mas quasi sempre em Camões, e em todos os poetas do seu tempo, tem quatro syllabas:

Os altos promontorios o chorárão
E dos rios as aguas saudosas
c. 3.º, 84.
Nos saudosos campos do Mondego
c. 3.º, 120.
Ella com tristes e piedosas vozes
Sahidas só da magua e saudade
Do seu principe e filhos, que deixava
c. 3.º, 124

Os poetas modernos usão de *saudade*, *saudoso* como trissyllabos, e esta é hoje a pronuncia geral.

Não roce os labios meus nem mais um riso,
Meu triste coração rolai, saudade.
Bocage, *Saudade materna.*
Saudade, gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho...
Garrett, poema *Camões*, cant. 1.º.
Oh! Cintra, oh! saudossimo retiro!
Ibid., c. 5.º.
De Bernardim saudoso e namorado.
Ib., c. 9.º.

Todavia, algumas vezes fazem dierese:

Tudo, tudo acabou, menos a magoa,
Menos a saudade que o consume.
Garrett, *ib.*, c, 10.º.
De Fez a escreve. Saudoso e triste
Ibid

De dierese ha nos *Lusiadas* varios exemplos. Taes são: *Hebreo* e *nemeo*, como trissyllabos (em algumas edições —*hebreio nemeio*), c IV, 12, e c. V, 2:

Joanne a quem do peito o esforço crece
Como o Samsão hebreo da guedelha
Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento.

Vaidade, c. IV, 99:

Já que nesta gostosa vaidade

Tanto enlevas a leve phantasia.

Traïções, c. VIII, 52 (cp. traidores, c. VIII, 98):

Astutas traições, enganos varios (2).

Threïcio, c. VIII, 97:

A Polydoro mata o rei Threicio

Cahe, c. IX, 47 (3).

Cahe qualquer sem ver o vulto que ama.

Primeira, c. IX, 21:

Que muitas (ilhas) tem no reino que confina
Da primeira co' o terreno seio (4).

NOTAS DO CAP. III

(1)—J. Franco Barreto, *Orth.*, p. 107:—*Suave* pode sor de duas syllabas e pode sor de tres, porque as duas vogaos *ua*, uns as contraem, como Virgilio, 4.ª Georg. e Ecloga 2.ª.

Verum ipsæ e folüs natos e suavibus herbis.
Sic positæ quaniam suaves miscetïs odores

Outros as separão, como Camões:

O gosto de hũ suave pensamento.

(2)—Que eu fui aquelle traïdor ingrato.

O Affonso Africano, canto 12.

Citando este verso de Mousinho de Quebedo, diz José Maria da Costa e Silva (*Ensaio Biographico e Critico*, L. XIX, cap. II):—«O vocabulo *traïdor*, dissyllabo, usado como trissyllabo, *traïdor*, tem alguns oxemplos nos escriptores antigos, mas tenho para mim que este uso não deve ser adoptado por aquelles que aspirão á gloria de escrover a lingua correctamente. O mesmo digo de *traïção* por *traição*, de que tambem se oncontrão alguns exemplos».

(3)—V. a nota 1.ª do c. I.

(4)—E' duvidosa a lição deste verso. Nas duas primeiras edições, impressas no anno de 1572, saiu o verso como está escripto. Na primeira versão, que do poema foi feita, ainda em vida do poeta, na lingua espanhola, pelo portuguez Bento Caldeira,

publicada em 1580, apparceu assim traduzido:—*Dela primera madre con el seno*; e, na edição do original portuguez, impressa por Pedro Craesbeck, em 1609, foi emendado, pela primeira vez, segundo Innocencio da Silva, *Dicc. Biblig.*, tom. 5, p. 268, dêste modo: —*Da mãe primeira co' o terreno seio.* Esta lição foi adoptada por outros editores, entre os quaes Barreto Feio, ed. de Hamburgo, 1834, que diz se deve entender por *mãe primeira* a Asia. Mas, em nota da sua edição dos *Lusiadas*, de 1613, o licenceado Manoel Corrêa, que diz ter sido amigo de Camões o que foi o seu primeiro commentador, declara que perguntára como se havia de ler esse verso, pois lhe parecia errado, e que Camões lhe respondera que assim mesmo como fôra impresso, pela figura dierese. Muitos editores e alguns de esclarecida critica, como Francisco Freire de Carvalho (nota 5. do canto 9.º), o visconde de Juromenha e Reinhardstoettner (Introd., p. XXXVI) não ousárão emendar a lição das primeiras edições, ainda que noutros pontos incorrectas, á vista desse testemunho do um commentador coevo e amigo de Camões, apezar de lhes parecer plausivel a interpretação de Barreto Feio.

João Franco Barreto, na edição de 1631, por elle dirigida (Innocencio da Silva, *Dicc.*, p. 255), emendou este verso dest'-outro modo: *Com a primeira do terreno seio.* E, na sua obra *Orthographia da ling. port.*, assim explica essa emenda:—«Considerando eu que ainda que assi fosse, como diz Manoel Corrêa, para o numero de syllabas, não corria comtudo o sentido, emendei. O que o poeta quiz dizer é que Venus tinha muitas ilhas em o mar Oceano, que confina com a primeira do mar Mediterraneo (que entende por terreno seio), a qual é a ilha de Cadix, que assi lhe chamavão, e aos que do Occano navegavão para o Mediterraneo, não ha duvida que ella é a primeira que se offerece».

CAPITULO IV

Ditongo movel

Chamão os italianos *ditongo movel* ao que desapparece, desde que a syllaba deixa de ser accentuada, como em *priêgo* e *pregáre*, *pregáva*, *cielo* e *ccleste*, *piede* e *pedata*, *pedone*, *suono*, *souava*, *sonó*, *tuono* e *tonava*, *tonerá*, *muoro*, *muoio* e *morirá*, *buono* e *bonissimo*, *nuovo* e *novissimo*; o que acontece, como se vê, nas variações dos verbos e nos derivados dos nomes. No espanhol dá-se a mesma cousa: *acierto*, *aciertas*, *acertamos*, *acertaremos*, *acertar*, *quiero*, *quícres*, *quiera*, *queremos*, *querer*; *duerno*, *ducrma*, *durmió*, *dormirá*, *dormir*; *muera*, *muerto*, *murió*, *morir*; *cielo*, *celeste*, *pié*, *pedestal*, *puerta*, *portero*, *fuerte*, *fortaleza*.

Em portuguez só ha um ditongo que se póde dizer *movel:* é o que se fórma pela inserção de um *i* euphonico, nas terminações em que se dá o encontro de *c* com *o* ou *a*, como em *passeio*, *receio*, *leio*, *creio*, *feio*, *meio*, *eadeia*, etc. Esse *i* supprime-se, desde que se desloca o accento, nos derivados e nas variações verbaes. Assim: *passeata*, *passeava*, *passeando*, *receoso*, *receamos*, *recearam*, *lêamos*, *lêais*, *crêamos*, *crêais*, *fêaldade*, *meada*, *meão*, *meação*, *meeiro*, *cadeado*, *encadeamento*, etc.

Esta regra não é por todos observada, mas deve-o ser. O *i*, nesse caso, perde a sua razão de ser e torna-se-lhe contrario: a euphonia, que o exigira, tambem exige que então se omitta, pois o ditongo, precedendo a syllaba accentuada, faz a pronuncia mais difficil e pesada.

Neste verso de Filinto Elizio--(*Os Martyres*, livro 7.º, verso ultimo:

Passeiando nas margens Tiberiades

parece que o autor usou do ditongo, receando que, na lingua, se fizesse synerese das duas vogaes, ficando o verso

errado, com falta de uma syllaba; mas, para o evitar, bastava pôr o acento circumflexo no *e—passêando,* o que sería mais fluente.

Tal receio não teve Camões, quando escreveu, nos *Lusiadas,* c. 9.°, est. 67:

> Outros nas sombras, que das altas sestas
> Defendem a verdura, *passeavão*
> Ao longo da agua, que suave e queda
> Por alvas pedras corre á praia leda.

Bem se sente quanto o verso ficaria menos harmonioso, se o poeta tivesse escripto—*passeiavam.*

CAPITULO V

Ditongo *oi* por *ou*, e vice-versa

Já dissemos que *ou* não se pronuncía como ditongo: tem o som de uma vogal simples — ô. (1). Vem, as mais das vezes, do ditongo latino *au*, que soava como *o*, na pronuncia dos rusticos, e ás vezes até na linguagem dos homens doutos: (2) *orum, oricula, coda, colis, clodere, Clodius, clostra*, por *aurum, auricula, cauda, caulis, claudere, Claudius, claustra*, e, pelo contrario, *ausculum, ausculari, austium, austrum*, por *osculum, oscular, ostium, ostrum*. Algumas vezes é simples alongamento de um *o* latino: *Sou, estou, dou*. (*So*, (3), *som, de sum; sto, do*). *Vou* de *vado, vao=vau, amavit*, como *amau, amou*.

Em Portugal, *ou* converte-se em *oi*, principalmente na Beira, onde tambem se costuma juntar um *i* ás outras vogaes: *ai agua, hai alama; éi justo, éi certo; fruito, fruita* (4). No latim antigo, dava-se phenomeno igual; palavras, que no latim classico têm *u* longo, tinhão primitivamente *ou*, que muitos mudavão em *oi: commounis, courare, plourumus, ploirumus, oiti, oitilis*, (*communis, curare, plurimus, uti, utilis*). Mera coincidencia, que se não deve suppôr effeito natural da juncção das duas vogaes *o* e *u*, em virtude de causa physiologica: no latim primitivo, explica-se o facto, por ter naquella epoca a vogal *u* um som medio, entre *u* e *i*, como o *u* francez, e algumas vezes o allemão e o inglez (5); na pronuncia dos beirões, por aquelle vicio de accrescentar um *i* a todas as vogaes. Na provincia da Extremadura, onde está situada Lisboa, ha a mesma pronuncia: mas, com menos coherencia, fazem essa mudança numas palavras, e noutras não a fazem (6).

Foi por muito tempo um uso local, que uns reprovavão e outros julgavão preferivel, por mais suave ou por ser o da capital, mas que não alterava a orthographia. Des-

de a 2.ª metade do seculo 18, porém, começárão a escrever *oi* nas palavras em que os lisbonenses assim pronuncião, o que hoje fazem muitos em Portugal, e alguns no Brazil.

Jeronymo Contador de Argote diz, na sua grammatica, publicada em 1725:—«O dialecto da Beyra differe do da Extremadura, porque ao ditongo *ou* sempre pronuncião *oy*, dizem *oyvir*, *coyves*. Esta pronuncia reteve-se no dialecto da Extremadura em muitas palavras, porque dizemos *coyro*, *moyro*, *toyro*, etc.».

Luiz Antonio Verney, numa das suas celebres cartas sobre a reforma do ensino em Portugal, escreveu, em 1746, (7):—«Merecem rizo alguns, que, nas suas orthografias impressas, ensinam que na lingua Portugueza se devem pronunciar algumas letras, ainda que nãc estejam escritas: e que umas letras devem pronunciar-se por outras: v. g., achando-se *outo*, *dous*, etc., se deve pronunciar o *u* como *i*. Deveriam, pelo contrario, dizer que, pronunciando-se o *i* em *cea*, se deva escrever tambem com *i*, para se conformar com a pronuncia. Da mesma sorte, achando-se escrito *outo* com *u*, deveriam ensinar aos rapazes a conformar-se com a escritura, se intendem que é arrezoada: se, porém, intendem, como na verdade é, que parece aspera e dura, deviam dizer que se escrevesse com *i*. E, na verdade, nam posso intender por que razam, pronunciando os omens doutos *dois*, *oito*, *oitenta*, *toiros*, *coizas*, se deva na escritura mudar o *i* em *u*». Diz na mesma carta: —«Em materia de pronuncia sempre se devem preferir os que sam mais cultos e falam bem, na Extremadura, a todos os das outras Provincias juntas». (8).

Frei Luiz do Monte Carmelo, no seu *Compendio de orthografia*, impresso em 1767, ensina que *ou* umas vezes sôa quasi como *õ*, outras tem o som de *oi*, e dá regras para um e outro caso. «Quem profere igualmente ambas as letras do dithongo *ou*, diz elle, faz hum som, que parece a voz, que faz ladrando um cam de gado. Para evitar tam aspera

voz, usam os bons Orthòlogos, e Cortezãos, das regras que agora direi». «Regra 1.ª—Quando este dithongo he o *caso* ou *termo* da dicçam, se pronuncía a letra *o* com accento circumflexo, e só levissimamente se toca na letra *u*, de sorte que estas dicções, v. g., *excitou, mandou,* parecem ter este som *excitô, mandô*. —«Regra 2.ª.—Quando este dithongo antecede as letras *b, c,* com som aspero, *g, p, q, tr, v,* se pronuncia pelo referido modo, tocando levissimamente a letra *u,* como em *roubo, coube,* do verbo *caber, touca, rouco, loucura, açougue, azougue, roupa, rouquice, outro, couve, ouve, ouvinte, ouvida,* etc.—«Regra 3.ª.—Quando o mesmo dithongo antecede a letra *c,* com som brando, como, v. g., *louça, toucinho, ouço,* e a todas as mais letras, que nam declarei na Regra antecedente, se pronuncia como *oi,* se assim escrevem já bons Orthòlogos, aos quaes segui neste Compendio. Dizem, e escrevem, v. g., *açoite, afoito, agoiro, ajoijar, biscoito, caçoila, cenoira, choiriço, choito, coice, Coina* (villa), *coiro, coiraça, coirella, coisa, coitada, coiteiro, doidice, doido, Doiro, dois, estoirar, estoiro, foice, juntoira, lavoira, loira, loireiro, loisa, moirama, moiro, Moita,* (villa), *noite,* (este nome sempre se escreveu assim), *oiça, oiças, oiçam, oiço, oiredo, Oirem, oiriço, oiro, oiteiro. oitono, peloirinho, peloiro, poisar, poiso, reloiça, roçadoiro, roixinol, salmoira, sorvedoiro. Soire* (villa), *Soisa, soito, suadoiro, tisoira, toicinho, toiro, toitiço, troixa, vassoira, vividoiro,* etc.—«Desta Regra excetuam-se *douto* e seus derivados, como *Doutrina,* os quaes pronunciam os Eruditos e Cortezãos como disse na Regra 2.ª.

«Ainda que estas, e semelhantes dicções se escrêvam com *ou*, sempre se devem pronunciar com *oi*, porque os dithongos, e todas as letras sam arbitrarios no som, e tenôres, ou dependentes do livre uso dos Principes, Curiaes, e Orthòlogos eruditos». E accrescenta, segundo parece, para responder ao reparo de Verney (9): —«Aos que escreverem *ou*, e pronunciarem *oi,* se póde objectar o ridículo argumento de nam escrever como pronunciam; porquanto aquellas letras *ou,* antes das consoantes nesta Regra refe-

ridas, significam a voz *oi*, e nam a voz *ou*, porque assim querem os Orthólogos. Sería muito ignorante quem arguisse, v. g., os francezes, porque escrevem, v. g., *maison*, *eau*, e pronunciam *méson*, *ó*. E a razam he a mesma, isto he, porque aquellas letras sam signaes das vozes, que elles querem. Finalmente, os riscos, ou figuras impressas no papel, podem significar as vozes, que livremente quizer cada hua das Naçoes».

Em Portugal, vae prevalecendo o uso de escrever *oi*, quando assim se pronuncia na capital. Consultado a este respeito, respondeu o sr. Candido de Figueiredo, membro da Academia Real das Sciencias, e autor de interessantes artigos, que colleccionou, em tres volumes, com o titulo de *Lições praticas da lingua portugueza* (10): —«Eu prefiro dizer *oiro, coisa, tesoiro, coiro*, porque, além de autorisada (11), acho esta pronuncia mais natural, mais popular, e... diga-se tudo, mais democratica. *Couto* e *coito* representam ideias distintas, e será de razão conservar a diferença na escrita. Dizer *oivir* e *oitro*, a isso não me atrevo. Nas aludidas hipóteses, como em muitas outras, os nossos escritôres mantêm uma anarquia extraordinaria. Basta dizer que os mestres, em geral, escrevem *oito* e *outubro*, quando é certo que a raiz dêstes vocabulos é a mesma. A rigorosa escrita seria *oito* e *oitubro*: mas é tal a força da *opinião que se publica*, como diz um espirituoso jornalista, que até eu escrevo *outubro*. Dizia bem San-Vicente de Lellis:—«*quod semper, quod ubique, quod ab omnibus*».

No seu *Diecionario de rimas*, o sr. Eugenio de Castilho escreveu, nos prolegomenos. (12):—«No que nada cedemos ás ambições do Norte de Portugal, foi no modo de pronunciar *coisa, Soisa, rasoira, Loires*. Lá diz-se e escreve-se *couza, Souza, razoura, Loures;* cá em Lisbôa quasi toda a gente escreve assim, mas lê *coisa, Soisa, rasoira, Loires*. Nós não só *dizemos* como se diz na capital, mas escrevemos *oi*, onde o Porto põe *ou*. Não é mais logico ler o que se escreve e escrever como se pronuncia em Lisboa?».

Em todo o Brazil, pronunciamos como no norte de Portugal; e, para justificar esse uso, ha muito boas razões, que do modo seguinte forão expendidas pelo douto portuguez e lisbonense Manoel Borges Carneiro, na sua *Orthographia*, publicada em 1820: —«*Ou* e *oi* são difthongos diversos, e não devem confundir-se as palavras em que ha *ou*, como *grou, ouço, ousado, couve, azougue, outro, ou* (conjunção), com aquellas que têm *oi*, como *oito, coitado, coima, coifa*. Pelo que não merece approvação o havermos os lisbonenses introduzido o uso de escrever *oi* em algumas palavras, que já d'antes assim se pronunciavão, mas se escrevião por *ou*, como *coisa, açoitar, coito, coiro, coice*, etc.: pois, alem de não dever a escritura seguir a pronuncia, porém esta conformar-se á escritura, nem nisto guardamos o costume antigo e o das outras provincias do reino, onde se pronuncia e escreve por *ou*: nem nos conformamos com a regra da derivação; pois do difthongo latino *au*, como em *aut, aurum, audio, laurus, taurus, maurus, audeo, autum, nus*, etc., mais espontaneamente se fórma, como sempre se fez, *ou, ouro, ouço, ouvir, louro, touro, mouro, ouso, outono* do que *oiro, oiço, toiro, moiro*, etc. (e assim mesmo em *grou, couro, dous*, etc., de *grus, corium, duo*, etc., em que não ha *i*); nem, finalmente, somos nisto coherentes a nós mesmos: pois não ousamos pronunciar e escrever assim muitas das ditas palavras, como *oitro, azoigue, coive, groi*, nem, o que ainda é mais incoherente, nomes derivados de uma mesma raiz, e diversos tempos de um mesmo verbo; porquanto escrevemos *oito* e não queremos escrever *oitubro*: dizemos *oiço, oiças*; mas não ousamos dizer *oivia, oivido*, etc.».

Assim é que, em favor deste modo de pronunciar e escrever, ha todas estas ponderosas razões: a etymologia; a coherencia ou analogia de outras palavras da mesma derivação, que todos, excepto os beirões, pronuncião com *ou*; o uso antigo da lingua, e o da grande maioria dos que falam o idioma portuguez. Pode-se ainda allegar a analogia das linguas similares: no gallego, ao ditongo latino *au*,

corresponde tambem *ou*: *ouro, mouro, tezouro;* e, no italiano e no espanhol, o som simples de *o: tesoro, moro, oro.* (13)

Não se deve, porém, escrever, nem pronunciar *ou*, em algumas palavras em que a etymologia exige um *i*, ou porque já o tinha a palavra originaria, como *coito* (de *coitus*), ou porque na formação da lingua resultou de compensação da queda de um *c*, no grupo *ct: noite* (*noctem*), *oita* (*octo*), sons derivados *oitante, oitava*, etc., *biscoito* (*biscoctum*, ant. *pão coito*). A compensação fez-se com *u* em *outubro* e em *douto* e nos seus derivados—*doutor, doutrina*, etc. (14)

Em *agouro, cenoura, couro, Douro, salmoura, tesoura,* é mais conforme á etymologia dizer e escrever *agoiro, cenoira, coiro, Doiro,* (15) *salmoira, tesoira* (16), pois que provém da attracção ou transposição do *i* de *augurium, zanahorio* ou *cenoria* (esp., de origem arabe), *corium, Durius, muria, tousoria;* mas a primeira fórma é a mais usada. O mesmo se dá com a terminação *ouro,* do suffixo latino *orius: bebedouro, lavadoiro, logradouro, segadouro, sorvedouro, varadouro, duradouro, vividouro, vindouro, casadoura*, etc. (17)

Mouro, moura, fórmas antigas do verbo *morrer* (de *morior, moriar*), sempre assim as escrevião os quinhentistas. Nas trovas dos cancioneiros, e em documentos mais antigos, encontra-se *moiro, moira* (18).

NOTAS DO CAP. V

(1)—Desde o 18.º seculo já assim se pronunciava em Lisbôa. Vid. Monte Carmelo, p. 141. Jeronymo Soares Barbosa, *Grammatica philosophica*, liv. 1.º, cap. 3.º:—«Reparão alguns em não ver na taboa dos nossos *diphtongos orae* o chamado diphtongo *ou*. Porém, o som destas duas vogaes é simples, e não é composto das duas vozes que se offerecem aos olhos para se dever pôr no numero dos diphtongos. O som delle nenhuma

differença tem do nosso *ô* grande, fechado, como se póde ver, escutando, sem prevenção, as primeiras syllabas do nome *ôsso*, e do verbo *ouço* . O padre Antonio da Costa Duarte (*Grammatica philosophica*, cap. 1.º, 2.ª nota) diz, pelo contrario:—«E' erro confundir a voz *ô* com o ditongo *ou*, porque a pronunciação é muito differente, como se vê em *ôsso*, de animal, e *ouço*, do verbo *ouvir*». E. Cunha Portugal, que declara ser a sua *Orthographia* «onsinada pelo systema Madureira rectificado pelos principios da *Grammatica* de J. Soares Barbosa», da opinião deste diverge neste ponto, achando-a «mais subtil que verdadeira». Domasiada subtileza nos pareco haver nos que percebem ou querem fazer essa differença, que na pronuncia geral hojo não ha, e podemos suppôr nunca houvesse, a julgar pela mudança do ditongo latino *au* em som simples de *o*, quer no latim, quer nas linguas romanicas, o até em algumas palavras portuguezas: *orelha, goso, faz, polre, (auricula, gaudium, faux, pauper*). Só no norte de Portugal se faz sentir, o *u* em *ou*.

(2)—Diez, tomo 1.º, l. I (Ditongos latinos) Scelmann, *Die Aussprache des Latein, Vocalismus. Torus*, por *taurus*, em Varrão, *plodere*, por *plaudere*, em Cicero. Varios grammaticos antigos—Diome des, Probo, Prisciano, Festo, attestão essa troca de *au* por *o*, o vice-versa. *Frequentissime hoc faciebant antiqui*, diz Prisciano. Suetonio, na *Vida de Vespasiano* (VIII, 22), refere esta anedota: *Mestium Florum consularem, admonitus ab eo plaustra potius quam plostra, dicenda, die postero Flaurum salutavit.*

(3)—Scelmann cita uma inscripção, em que se lê duas vezes: *So* por *sum*. (*Die Aussprache des Latein, Vocalismus, u*).

(4)—Soares Barbosa, *Gram.*, liv. 1.º, cap. 8.º. Vide o nosso capitulo sobre os dialectos portuguezes.

(5)—Scelmann, *Aussprache des Latein* (Vocalismus).

(6)—Soaros Barbosa (log. cit. e l. 1.º, cap. 3.º) não reconhece esse vicio como tambem da Extremadura, pois só o dá como dos beirões, e diz:—«*Cousa*, que assim se pronuncia na Extremadura, na Beira pronuncia-se coisa». Mas, desde o principio do seculo passado, ha os testemunhos que citamos. Froi Luiz do Monte Carmelo attesta que tambem nessa provincia dizem: *péi, séi, séite*, etc., por *pè, sé, sete;* e *Antoino, Theotoino, oratoiro, purgatoiro*, etc. Já ouvi, diz elle, a um sacerdote, dizer na missa: *Per omnia secula seculoirum. Comp. de orthog.*, § LI.

(7)—Publicadas, sem nomo do autor, com o titulo—*Verdadeiro Methodo de Estudar*, derão logar a viva polemica. A 1.ª carta tem por objecto o ensino da grammatica. Frei Fortunato de S. Boaventura disse quo Vernoy foi «por ventura o maior sa-

bio portuguez do seculo 18.º». (*Memoria sobre a literatura hebraica*, no tomo 19 das Memorias da Academia Real da Sciencias).

(8)—*Verdadeiro Methodo de Estudar*, carta 1.ª, ps. 3) e 43. Conservamos a orthographia de todos os autores que citamos. A. de Verney, como se vê, era muito especial.

(9)—De cuja orthographia diz elle, no prologo do *Compendio*:—«Poucos homens doutos abraçarain a orthographia que inventou o sapientissimo auctor do *Verdadeiro Methodo de Estudar*».

(10)—Obra citada, n. XXV. Publicou tambem um novo Diccionario da lingua portugueza, e uma collecção de artigos, no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, intitulados:—*O que se não deve dizer*.

(11)—Cita uma phrase de Latino Coelho, em que se lê:—«o livro de *oiro* dos juizes contemporaneos».

(12)—3.ª edição, 1894.

(13)—Mas algumas terminações verbaes, que têm *ou* no portuguez e no gallego, no espanhol têm *oy*: *Soi*, *estoy*, *doy*, *voy*.

(14)—Diz-se geralmente *moita*, e é o que pede a etymologia, se vem do gothico *maitan*, como suppõz Diez (*Dicc. etym.*, II, 6.º, v.º *mata*). Varias palavras, em que o *i* é etymologico, ninguem deixa de as pronunciar e escrever com *oi*: *coifa* (do lat. *cofea*, esp. *cofia*, it. *cuffia*), *coima* (do arabe *quima*, Moraes e frei João de Souza), *coitado* (*coitar*, *coita*, de *coctare*, frequentativo de *coquere*, significando *apertar*, *opprimir*, (Diez, Dicc., I, v.º *coitar*). *goiva* (*gubia*, palavra iberica, Diez, I. *goivo* (do grego *leukoion*, segundo D. Nunes do Leão, *Orig. da ling. port.*

Tambem commummente se pronuncia *oi* em *oitão*, *moirão*, *moitão*, cuja origem é desconhecida, e nas seguintes, em que a etymologia requer *ou*: *coice*, *foice* (de *calx*, *falx*; *al* dá *au*, em francez, *faux*, ou, em portuguez, *poupou*, de *palpare*, *outeiro*, de *altarium*, *auterium*, *otorum*); *acoite* (do arabe *assaut*), *afoito* (do lat. *fotus*).

(15)—Em documentos antigos, *Durio*, *Dorio*, *Doiro*. Vid. João Pedro Ribeiro, *Dissert. chron.*, append., does. 19, 29, 30, 35.

(16)—Não assim *thesouro*, de *thesaurus*.

(17)—*Lavoura* não é vocabulo formado com esse suffixo; vem de *labor*. Não ha razão para se dizer *lavoira*.

(18)—D. Diniz, *Cancioneiro*, ps. 136-138.

Ay! madre, moyro d'amor.
Do que morredes, filha, a do corpo velido?
Madre moyre d'amores que me deu meu amigo.

Velido, do espanhol antigo *belido*, significa lindo, gracioso. Diez, *Uber die erste portugiesische kunst und hoppoesie*, *Glossar*.

CAPITULO VI

Ditongos nasaes

São peculiares da lingua portugueza os ditongos nasaes: *ão, ãe, õe, ũi*. Nos idiomas congeneres, ha muitos tons nasaes; mas som nasal, junto com uma vogal pura, formando ditongo, é facto que só se verifica na nossa lingua.

Excepto *ũi*, o qual só se encontra em *mũi, muîto*, que todos assim pronuncião, ainda que geralmente se escreva sem til, e ãe, ou *ãi*, na palavra mãi (1), todos provêm de uma consoante nasal, que foi supprimida, ficando nasalisada a vogal antecedente, o que se indica por meio do til (2). Deu logar á formação desses ditongos a queda de um *n* medial, em terminaçoes de palavras latinas, subsistindo, porém, a resonancia nasal (3), como em *romão*, (4), *são, irmão, pães, cães, sermões*, tu *põres*, elle *põe*, de *roma*(n)*um, sa*(n)*um, germa*(n)*os, pa*n)*es, ca*(n)*es, serm*(n)*es, po*(n)*is, po*(n)*it* 5).

Nas outras linguas romanicas não se dá esse phenomeno: o *n* medial mantém-se sempre, como tal ou como letra final, conforme persiste ou não a vogal com que formava syllaba. Assim: no francez, *romain, sain, germain, pain, chien, sermon;* no italiano, *romano, sano, germano, pane, cane, sermone, ponipone;* no espanhol, *romano, sano, hermano, pan, can, panes, sermon, sermones, pones, pone.*

No gallego, ou cae a vogal ultima, permanecendo o *n*, e, portanto, ha sómente um som nasal, sem ditongo, ou, pelo contrario, forma se o ditongo pela queda do *n* medial, mas sem pronuncia nasal: *Xoan* (João) *Adriao, man* ou *mau* (mão), *bran* ou *brau* (verão) (6).

No portuguez-antigo, essas terminações erão mais variadas e mais conformes á etymologia. Terminavão em *om* os substantivos derivados de nomes latinos em *o*, *onis, onem: razom, sermom, divisom*, etc. (*rationem, sermonem, divisionem*,

etc.); e em *am* os nascidos de nomes em *anis, anem: pam, cam* (de *panem, canem*). Só os substantivos e adjectivos provindos de latinos, em *anus, onem*, tinhão a terminação em *ao* ou *aom*, pois nesse tempo ainda não era usado o til: *mao* ou *maon, irmão* ou *irmaon, vaom, saom*, etc. (*manum, germanum, vanum, sanum*, etc.). Os pluraes correspondião aos latinos em *ones, anes, anos*, e *anus* (*manus*), como ainda hoje correspondem, e escrevião-se, a principio, *razoes, sermoes, divisoes*, e depois *razoens, sermoens, divisoens; paens, caens; maos, irmaos*, etc., depois *maons, irmaons, vaons, saons*, etc. Nos verbos correspondia *am* a *ant*, e *um*, depois *om*, a *unt*, nas 3.ª pessoas do plural: *som, prom, ouverom, amam, amavam, amárom, digam, diziam, dixerom, façam, faziam, fezerom, dam, deram, vendam, venderam* (7).

No verbo haver a 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo *habent*, converteu-se em *ham*, como no provençal e no espanhol (*an, han*), sem duvida proveniente de *haem;* e, como do presente e do imperfeito do indicativo desse verbo se formarão as terminações do futuro e do condicional das linguas romanicas, esses tempos tambem terminavão em *am: serám, terám, amavám, seriam, teriam, amariam*, etc.

Mudança analoga á de *habentem haem* fez que tomassem a terminação em *om* nomes latinos, em *tudo, tudinis, tudinem*, como *fortidão, soidão* ou *solidão* (*fortitudinem, solitudinem*, etc). Nos documentos n.os 62 e 63. publicados por João Pedro Ribeiro, no appendice do tomo 1.º das suas *Dissertações chronologicas* (cartas de venda do reinado de D. Affonso 3.º: uma da era 1293, anno 1255; outra da era 1298, anno 1260), lê-se *firmidoem*, como tradução de *firmitudinem*, palavras de que se usava nas cartas escriptas em latim, como, por exemplo, nas que se achão no mesmo appendice, sob os n.os 45 e 52 (8). De *firmitudinem* nascerão *firmituem, firmiduem, firmidoem*, e, finalmente, *firmidom, firmidão*. Do mesmo modo se formarão *fortidoem, fortidom, fortidão, solidoem, soidoem, soidom, solidão;* depois, por analogia dessas

formações populares, muitas palavras de origem semelhante, *amplidão, certidão, gratidão, multidão, rectidão, servidão* e outras de nova formação, não derivadas do latim, *amarellidão, escuridão, frouxidão,* etc. Muitos outros nomes se formavão com terminação nasal. propriamente portuguezes, como *bordão, carão, ganharão, gibão, quinhão, roupão, viração;* alguns, que nos vierão do arabe, como *açafrão, algodão, almeirão,* muitos que nos são communs com outras linguas romanicas, ou dellas tomados, como *aguilhão, balcão, barão, botão, calção, caldeirão, fustão, galardão, pavilhão,* e os numerosissimos augmentativos. Todos esses tinhão a terminação *om,* depois *am.*

Para indicar o som nasal, antes de adoptado o til, usava-se, nessas terminações, como fica dito, de *m,* como nos pluraes dos nomes, deixando de ser final, se mudava em *n: —maom, maons, voam, voans, sermom, sermoens, cam, pam, caens, paens.* Nisto seguiu o portuguez o uso do latim, que tambem, para o mesmo effeito, usava do *m,* no fim da palavra, e de *n,* quando se lhe seguia outra consoante, excepto as bilabiaes *b, m, p,* (9): *amabam, amabant, amans,* etc., *jam, nam, clam, quam, tam,* e *clandestinus, quantus, tantus; idem, identidem, eorum, varum, eorundem, carundem,* etc. (10).

Pouco a pouco se forão confundindo essas terminações, tanto nos nomes, como nos verbos, generalisando-se a desinencia *am,* até na particula negativa, que de *nom* passou a *nam.*

Admittido o til, para supprir a consoante nasal, escreveu-se: *razõ* ou *razã, sermõ* ou *sermã, cã, pã, mão, irmão, chão, grão, são, vão, christão pagão, razões, sermões, cães, pães, mãos, sãos,* etc. Nas terminações ditongadas, punhão o til na ultima vogal, representando o *m,* que na orthographia anterior a nasalisava; alguns, porém, o collocavão sobre a primeira, por saberem que o *n* medial originario nasalisava a precedente, não a vogal seguinte.

Quando Fernão de Oliveira publicou o primeiro ensaio de grammatica portugueza (1536), ainda o uso do til não

era geral; e elle recommendava-o com insistencia (11). João de Barros, na sua grammatica, impressa quatro annos depois, dá como geralmente usado o ditongo nasal, escripto com til, nos que se escrevião com a terminação *am*, e reprova esse uso, preferindo esta ultima desinencia, que elle considera como mais conforme á boa pronuncia. Eis como fundamenta a sua opinião:—«Os mais dos nomes que se haviam acabar *ã. am,* se escrevem a este modo —*razão, razões.* E, se o uso não fosse ẽ contrario, que tã grã força acerca das cousas, não me pareceria mal desterrarmos de nós esta prolaçam e orthografia galega. Porque, a meu ver, quando quiserem guardar a verdadeira orthografia destas dições, se deve dizer *razam*, e no plurar *razões.* Ca este *m* final nosso tem aly o oficio do mem cerrado dos hebreus, que é hũa das letras que elles chamam dos beiços: a qual lhos faz fechar quando acabã nella, de maneira que se vay fazendo aquella variação ocando-se a voz. E este é hũ modo de apautar como se pautam os instrumentos de musica. E entã os que pouco sentem querem remediar o seu desfalecimento, escrevẽdo agalegadamente: poendo sempre o final ẽ todas as dições que acabam ẽ am. E, se a regra delles fosse verdadeira, em todolos verbos que na terceira pessoa do numero plurar acabã nesta syllaba *am* o deviam usar: e assi em outras muitas dições, como pam, cam Isto nã guardam elles, pois vemos que na formaçam do plurar dizem cães, pães: porque aqui vem elles muito ao olho seu erro: que nã podẽ dizer *põem, cões*». E conclúe, repetindo que a verdadeira formação do plural dos nomes terminados em *am* é «convertendo o *am* final em *õ*, escrito a este modo, e acrecentando-lhe *es*».

Censurando como erroneo e incongruente o uso vulgar, tambem não foi coherente e exacto o illustre grammatico e historiador. Não advertiu que, para se guardar a verdadeira orthographia, ao plural em *ões*, devia corresponder *om* no singular, como anteriormente; e que esse

plural não convinha a todos os nomes acabados por *am* ou *ão*, pois nunca ninguem disse nem *cões*, *põe*s, nem *mões*, *irmões*, *christões*, etc. E não tinha razão em attribuir o abuso da maneira em *ão* á influencia ou imitação do gallego, o qual, como já dissemos, não tem ditongos nasaes, e só nos nomes a que damos o plural em *ãos* usão do ditongo *au*, e a esses mesmos tambem dão a terminação em simples vogal nasalisada: *mau* ou *man*, *gráu* ou *gran*, etc.

Das palavras de Barros vê-se que, no seu tempo, ainda não se usava do ditongo *ão*, nos nomes que têm o plural em *ães*, nem nas flexões verbaes; mas, a despeito de tão autorisada opinião em contrario, prevaleceu essa desinencia em todos os nomes, nos verbos e nos adverbios *não*, *quão*, *tão*, *então*. Como uns acabavão em *ão*, outros em *am* ou *ã*, a estes accrescentou-se, por amor da uniformidade, aquelle *o* final, perdida como se achava, pela geral ignorancia, a consciencia das diversidades etymologicas. No plural, manteve-se a discriminação, porque era mais clara a differença entre os sons *ãos*, *ões* e *ães*, que entre *õ*, *ã* e *ão*; mas, ainda nas terminações do plural, houve e até hoje ha, em alguns nomes, confusão ou incerteza, e prevalecerão algumas contrarias ao que pedia a etymologia (12).

A essas incertezas e variações, na orthographia, correspondião iguaes da pronuncia, como causa ou effeito. Vimos que João de Barros diz que a verdadeira pronuncia das terminações em *am*, que geralmente já escrevião com o ditongo ão, *nos mais dos nomes*, era um som terminado por consoante labial mui surda, que elle compara ao *mem cerrado dos hebreus*, e melhor diria igual ao *m* final dos latinos, o qual tinha um som tão obscuro, que sempre, no verso, a vogal precedente se embebia na palavra seguinte, o que os grammaticos denominavão écthlípse (13).

Sá de Miranda, contemporaneo de João de Barros, rimou *vamse* e *dámse* (vão-se, dão-se) com *descanse* (14).

No mesmo seculo, menos de quarenta annos depois, escreveu Duarte Nunes de Leão, na sua *Orthographia* (1576):

—«O diphthongo *ão* he o mais frequentado na nossa lingua, e sobre que ha mais opiniões, e duvida, em que lugares se ha de usar. Porque huns indistinctamente o usão, e o confundem com esta terminação *am*, não fazendo de hum a outro differença algũa. O que he erro manifesto. Porque, no fim das palavras, que acabamos com esta pronunciação, achamos hum sabor de *o*, que não achamos no fim da primeira syllaba desta palavra *campo*. E he manifesto, como diz Prisciano, referindo-se a Plinio, que o *m*, no principio da dição, dá hum som claro, e no meo mediocre, e no fim mui obscuro, e apagado. De maneira que se nossas dicções acabassemos em *am* soarião mui mais apagadamente do que soa a primeira syllaba de *cam-po*. E nós, pelo contrario, nas dictas dições, sentimos hum som muito descuberto, e mui desviado de *m*, que não podemos exprimir, e representar senão com o nosso diphthongo *ão*. De maneira que com este diphthongo hemos de escrever necessariamente as terceiras pessoas do plural do indicativo modo da primeira conjugação dos Portuguezes, como *amão, accusão*. Item as terceiras pessoas do plural de todos os verbos, de qualquer conjugação: do preterito imperfecto, como *amavão, tinhão, ouvião*. Item as terceiras pessoas do plural do preterito perfecto, de todos os verbos indistinctamente, como *amárão, lêrão, ouvírão*. Item todas as terceiras pessoas do futuro de todas as conjugações, como *amarão, screverão, ouvirão*, com o accento na ultima. Item todas as terceiras pessoas do imperativo modo do plural, dos verbos da segunda, e terceira conjugação dos Portuguezes, como *leão, oução*. Item as terceiras pessoas do futuro do optativo modo da segunda, e terceira conjugação, como *oxalá, leão, oução*. Item as mesmas pessoas do presente do conjunctivo, como *leão, oução*. Finalmente, com o dicto diphthongo se hão de screver, na final terminação, todos os nomes que vulgarmente se screvem por *am*, dizendo *capitão, alemão, galeão, tabellião*, se queremos screver como pronunciamos. De maneira que nenhum nome,

nome, nem verbo se screva no fim por *am*, que he pronunciação alhea da que nós damos aos dictos vocabulos. E quem quizer veer a pronunciação propria de *am*, e quam differente he da que damos aos dictos vocabulos assi acabados, coteje a primeira syllaba desta palavra *cam*-po com a final desta palavra *falcam*. A qual pronunciação de nenhuã outra maneira podemos representarse não assi—*falcão*. Polo que per *am* me não atreveria screver outras palavras, senão aquellas *tam*, e *quam*, que dos Latinos nos ficarão inteiras, e aquellas syncopadas, *gram*, por *grande*, quando se segue consoante, e *sam*, por *sancto:* por as quaes alguns screvem, *grand*, e *sanct*».

Todavia, muitos homens doutos não se conformarão com esta opinião, e continuárão a usar da desinencia, em *am*. Varios orthógraphos a preferem. Assim, o padre Bento Pereira, nas suas *Regras de ortografia* (1666), e na sua *Ars Grammatica* (1672), sem condemnar o uso de *ão*, julga melhor o de *am*, porque «nos assemelharemos aos Latinos, os quaes, assim nos nomes como nos verbos, põem *am musam, logebam*, etc» e porque «os que escrevem com *ão* estam expostos a grande confusam; ou seja, v. g., *entráram*, do preterito, ou *entrarám*, do futuro, tudo escrevem com *ão*, mas os que usam de *am*, no preterito, põem accento na penultima *entráram*, e no futuro põem o accento na ultima, *entrarám*» (15).

Verney, no *Verdadeiro methodo de estudar* (1746), (16) tambem dá preferencia á terminação *am*, que diz ser syncope de *aom*, e o til «uin vigoroso *m* final». «*Falaom*, pronunciando se depressa, faz *falão*. Daqui naceo aquella particular terminação em *ão* dos Portuguezes, porque, com a pressa de pronunciarem, tocam tam de passagem o *o*, que nam se ouve mais que o *m:* o qual, em vez de o pronunciarem com os beiços fechados, que é a sua propria pronuncia, pronunciamos com um soido fanhoso do nariz: que é o estylo presente de pronunciar todo o *m* final, em Portugal». Affirma, porém, que «dizer que a terminação

am é differente na pronuncia, de *ão*, é engano, pois em qualquer dição Portugueza, que se ache a terminação *am*, todos a pronunciam como ão: e Portuguezes mui doutos servem-se indiferentemente de ambas».

Frei Luiz de Monte Carmelo (1767) dá como geral a orthographia com o ditongo *ão*, mas della não usa (17). «Eu nam usei desta orthografia, diz elle, porque já pronunciamos muito expeditamente o *ão*, sem tocar, nem levemente, na letra *o*. Alem disto, a orthografia, de que usam muitos homens eruditissimos, que eu sigo, he mais genuîna e facil para escrever os accentos necessarios». Por isto escrevo, v. g., *Irmam. irmãos, pam, pães, sermam, sermões, aggráram, aggravaram, aggravarâm*. Mas nesta materia problematica póde cada hum escrever como quizer».

Amaro de Roboredo (1619) escrevia *om* no preterito perfeitc, *am* no mais que perfeito, e *ão* no futuro e em todos os outros tempos dessa terminação: *amárom, amáram, amarão, amão, amavão, amarião* (18).

João Franco Barreto (*Orthog.*, 1671) só usava do ditongo *ão* no futuro, para o distinguir do preterito: *amarão, amáram* Madureira (1734), pelo contrario, propoz que só o futuro se escrevesse com *am*, accentuado, *partirám* para o differençar do preterito, *partirão* (19).

A divergencia, n modo de distinguir o preterito e o futuro do indicativo, perdura até hoje. Alguns accentuão no futuro o *a* do ditongo, pondo o til sobre o *o*; isto, porém, faz parecer nasal a segunda vogal, devendo ser a primeira. A graphia mais geral é o ditongo *ão* sómente nessa flexão verbal, e na do presente, quando monosyllabica, *são, dão, vão*; e *am* em todas as pessoas que têm o accento na penultima syllaba: *amam, amavam, amaram, amariam, sejam, digam, façam*, etc Alguns tambem estendem essa regra aos nomes, escrevendo: *bençam, orfam, orgam*, etc. Todavia, escrevão essas terminações por *am* ou *ão*, todos fazem sentir, ao menos no Brazil, o som de um *o* final, ainda que surdo. Parece-nos, pois, mais logica e mais conveniente a ortho-

graphia dos que, pondo de accordo a escripta com a pronuncia, usão sempre de *ão*, distinguindo o preterito e o futuro, por meio do accento na penultima syllaba daquelle, assim como se distingue o futuro *amareis* e o preterito mais que perfeito *amáreis*, o presente *amamos* e o preterito *amámos;* e nos nomes indicando do mesmo modo a accentuação da penultima: *bênçãò, órfão, órgão,* etc.

Osgrammaticos do principio deste seculo—Soares Barbosa, Borges Carneiro (20), Moraes, Constancio,—fizerão prevalecer essa orthographia: mas, posteriormente, generalisou-se o uso de *am*, nas terminações verbaes átonas, provavelmente porque o adoptárão alguns dos mais autorisados escriptores, como Alexandre Herculano e Garrett (22), ou os seus editores (22).

Os ditongos nasaes e a continuada sibilação dos plurаes são os maiores defeitos, contrarios á harmonia e suavidade da pronuncia, que têm sido exprobrados á lingua portugueza. Mas a sibilação do plural vem-nos da lingua mãe e é-nos commum, com alguns dos mais cultos idiomas, como o espanhol e o inglez. As terminações nasaes ditongadas, por só as haver na nossa lingua, são, para os estranhos, difficeis de pronunciar e desagradaveis; mórmente o ditongo *ão*, que é o mais duro e muito frequente, correspondendo a varias terminações nas outras linguas.

Luiz Antonio Verney, que passou quasi toda a sua longa vida fóra da patria, acostumado á doçura das desinencias italianas, diz serem essas nossas «na verdade feias e asperas terrivelmente» e que «muito importava á lingua portugueza que se deitasse fóra o til e a terminação *ão*» (23). Já houve quem tal empreza tentasse, «com erudição, ainda que grande, pouco feliz», como disse o douto Rafael Bluteau (24). José de Macedo, com o pseudonymo de Antonio de Mello da Fonseca, publicou, em 1710, um livro, intitulado *Antídoto da lingua portugueza*, «cujo escopo, como o autor declara no prologo, era o exterminio do ditongo *ão*, e de outros, de que usamos frequentemente, e

que, na opinião de muitos, fazem a nossa lingua mui tosca e grosseira, e, segundo affirmão temerariamente, muito peor que a castelhana». Propunha que, em vez de *ão*, se adoptassem as terminações *on*, *one*, *ono*, *ano*, *ana*, *an*, *ade* *ude*, dizendo-se: *corazon*, *non*, *senon*, *sermone*, *passione*, *perdono*, *irmano*, *mano* (mão), *irmana*, *manhana*, *lana*, *can*, *pan*, *capitan*, *gratitude*, *muttitude*, *escravitude*, *aptitude*, *solitude*, *exactitude*, *vastitude*, *frouxidade*, *escuridade*, etc., e *putredine* (podridão), *caligine*, (cerração), *prurito* ou *prurigine* (comichão), *siccidade* (sequidão), *preconio* (pregão), *gleba* (torrão), etc.

Mudava tambem as flexões dos verbos, substituindo *ão* por *o*, no preterito perfeito e por *ano*, com ou sem accento, nos outros tempos,—*amaro*, *âmano*, *amávano*, *amárano*, *amarâno*, *amariano*. *Lhano*, *sano*, *vano*, *dano*, *fáçano*, *digano*, *té*, *nhano*, *fizero*, *dissero*, *fôro*, *tivero*, etc. (25). E entendia que essas e outras reformas, que aventou, se poderião levar a effeito facilmente, por um decreto regio. O autor, como muitos outros, ignorava, diz com razão o sr. Adolpho Coelho, que as linguas são phenomenos collectivos, sobre os quaes a influencia individual isolada é insignificante. (26). Convem accrescentar: —Esquecia que Claudio Cesar, apezar da sua competencia de philologo e de todo o seu poder de imperador, não conseguiu que fossem augmentados, no alphabeto romano, tres letras, que os eruditos julgávão necessarias, e que só forão usadas durante o seu curto reinado (27).

Outros autores portuguezes contentão se, mais sensatamente, com responder aos estrangeiros que todas as linguas têm os seus senões; nenhuma é perfeita: e que em outras ha maiores asperezas ou repetições monotonas.

«Esta pronunciação, diz Duarte Nunes de Leão, de nenhũa maneira é aspera nem confragosa, como as que dixemos dos hebreus ou syros (28), mas mui suave, pois de hũa letra tam branda como a de *m*, que todas as linguas teim: cuja pronunciação por assi ser pautada de alhea de outras nações. Mas em o mais não ha porque se negue a

facilidade e suavidade da lingua Portugueza, que para tudo tem graça e energia e é capaz de nella se escreverem todalas materias dignissimamente, assi em prosa como em verso». (29).

«A' ordinaria objecçam, escreveu Bento Pereira, que oppõem os castelhanos á nossa lingua, tachando-a de grosseyra, dando-nos em rosto cada dia com os nossos *ão, ão,* que elles adelgaçam, pondo *n*, em lugar de *m,* para acabarem assim mays suave, e agudamente em *an;* respondemos que nisso nos ficamos parecendo mays aos latinos do que elles se parecem... Já antigamente ouve esta objecçam que punham os gregos aos latinos, tachando-os de grosseyros, por na forma sobredita acabarem seus vocabulos (*Musam, famam, amabam, legobam, coram, nam* etc.). Aos quays respondeo acertada, e elegantemente Quintiliano, lib. 12, cap. 11. *Non possumos* diz elle, *esse tam graciles: simus fortiores: subtilitate vincimur: valeamus pondere.* Isto mesmo podemos responder a nossos emulos. Confessamos que os castelhanos nesta parte sam mays delgados e sotiys no seu falar: mas nós assim no obrar, como no falar somos mays fortes, e graves do que elles». (30)

Com menos philaucia, mas não sem azedume, escreve o padre Rafael Bluteau, na sua *Prosa grammatonomica*: — «Que diremos nós do nosso *ão*, dos estranhos tão estranhado? A cada passo, com grandes hiatos o arremedão, e, para o fazerem ainda mais medonho e monstruoso, malignamente o desmembrão, e em duas partes o dividem, dizendo: *Tradiça—on, murmuraça—on*, etc. Estes e outros ridiculos escarnecedores de linguas, rião-se embora e contrafação o falar alheyo; das suas zombarias rim-se os sabios: prova authentica de se não saber huma lingua, he rir-se dellas; e, o que ainda he mais para estranhar, e condemnar he que, do idioma de que zombão, só sabem algumas expressões que não têm a fortuna de ser do seu agrado; de todas as riquezas, elegancias, propriedades do mesmo idioma não têm noticia alguma. Deixemos a estes

necios nas trevas de sua ignorancia». E na *Prosa apologetica*: «Contra estes libellos diffamatorios outros acodem ao pobre *ão*, e dizem que, se da nossa lingua se tirar o *ão*, será necessario que em primeiro lugar se tire o *ao*, porque este diphtongo consta das duas vogaes que pedem mayor hiato, e abertura da boca, e, na pronuncia do nosso *ão*, não ha grossaria, nem aspereza, senão a que procede das duas ditas vogaes *a* e *o*. No *ão* o til, supprindo a letra *n*, não causa dureza, mas antes suaviza o diphtongo *ao*. Logo, se do idioma Portuguez tirarmos todo o *ão*, por esta mesma razão será preciso tirar do fim de muitas palavras todo o *ao*; e não será esta reforma tão facil, nem sahirá tão airosa, como se persuadem... Isto, que na articulação das palavras de algumas linguagens muitos chamão rudezas ou durezas, chega talvez a ajudar a consonancia. Todas as linguas têm sua harmonia; e assim como na musica ha *bmol*, e seu contrario *bquadro;* assim como ha *maximas, minimas,* e *seminimas; longas, breves,* e *semibreves:* e finalmente *tons aprasiveis,* e *tons asperos; tons pacificos,* e *tons altivos;* assim em todas as linguas soão as letras com harmonica differença, humas com suavidade, outras com aspereza, e desta multiforme sociedade resulta hum som, se aos estranhos asperos, aos nacionaes não estranho. Não ha no mundo linguagem tão perfeita, em que, ou com razão, ou sem razão, os de outra nação não possão descobrir alguma aspera, ou insipida toada. Até nas palavras mais brandamente pronunciadas póde haver semsaboria: que, assim como a aspereza da locução escandaliza o sentido auditorio, assim a nimia suavidade lhe póde desagradar, que tambem o muito doce enfastia. Na linguagem franceza, que sem contradicção he huma das mais cultas da Europa, têm os estranhos em que reparar. Se elles muito estranhão os nossos *ãos*, não nos matamos muito pelos seus *ils*, nem pelos seus *eux;* e muito menos pelos seus *yeux, vieux, pieux, lieux, cieux, dieux*».

Assim que, este nosso ditongo, por muitos vituperado e escarnecido, é por graves autores defendido, com calor

nasal» (31) e o douto viajante allemão Linck, falando das doces e queixosas cantigas dos camponios portuguezes, diz o seguinte:—«A syllaba final *ão*, pronunciada com um tom masculo, recebe, sobretudo na palavra *coração*, um accento agradavel e terno». (32).

Uma virtude não se lhe póde negar:—a de bem exprimir a idéa de grandeza, força, estrondo, como acontece nos augmentativos, em algumas palavras, como *bulcão, furacão, trovão, tufão, vulcão*, e em phrases em que o ditongo se repete para produzir esse effeito. Esta qualidade lhe reconhece o seu maior inimigo—José A. de Macedo. «Não sou tão inimigo do ão, diz elle, como da grande frequencia com que o usamos; em algumas occasiões faz tão boa consonancia como fazem na musica algumas vozes naturalmente pouco agradaveis, quando as ouvimos em seu proprio lugar». E cita este trecho do padre Antonio Vieira:—«Abalar-se-hão os montes, retumbarão os valles, afundar-se-hão até aos abismos os mares, descobrir-se-ha o centro da terra, e apparecerão revoltos os fundamentos do mundo». Depois de transcrever alguns versos de Camões, accrescenta:—«He certo que nenhum estrangeiro póde dizer, com tão altíloqua valentia e tão pomposa majestade, estas cousas na sua lingua; e não he pequena a parte que tem o *ão* na sonora elegancia destes exemplos».

NOTAS DO CAP. VI

1.—Em *mãi*, que geralmente assim se escrevia, e em *mãi* fez-se a nasalisação do *i* final, com em *mĩ*, *sĩ*, assi (de *sic*). carmi, etc. Depois, o som nasal transferiu-se para a prepositiva, como alguns, entre elles Soares Barbosa, dizem e escrevem *rũi*, em vez de *ruim*, contrahindo em ditongo as duas syllabas

desta palavra e passando a nasalisação para a prepositiva. Gil Vicente rimou *mãe* com *sãe* (saem). (*Auto pastoril portuguez*, sc. 3.ª). Em *mãe*, a nasalisação, poderia tambem explicar-se polo hypocoristico *mamma*, *maman* (os brasileiros dizem – *mamãe*). Não provém do *ma* (tr) *em*, porque primeiro se formou *madre*. Sá do Miranda ainda usou do *mac*, sem nasalisar o ditongo, rimando com *sae* e *cae*. (*Egloga do Encantamento*, OBRAS, 1.ª ed., p. 132).

Muito, primitivamente, e por muito tempo, não teve som nasal. Camões rimou-o com *fruito* e *enxuito*, na estancia 120 do canto 3.º dos *Lusiadas*, e assim o rimárão os outros poetas quinhentistas. Mas, ainda sem a apocope, comprehende-se que nesta palavra se nasalisasse o *i*, como em *pintura*, *pintor*, de *pictura*, *pictor*, ou o *n*, como *munco*, de *mucus*, *mungir* do *mulgere*. Já no latim se davão factos iguaes, como *reliquus*, *reliqua* e *reliquere*, *jugum* e *jungere*, *mucus*, *mungere*. Alguns poetas escrevêrão *munto* (vid. Moraes, *Diccion.*). Francisco Dias Gomes assim o fez, rimando com *defunto*, *assumpto*, *transumpto*. (*Obras poeticas*, Elegs. VIII e X).

O distincto glottologo portuguez Leite de Vasconcellos attribue a nasalisação em *mãe*, *mũito* á influencia do *m* inicial (*Glottologie portugaise*, n. 40 a); mas, como se acaba de vêr, a nasalisação dá se, no portuguez e no latim, precedendo outras consoantes: o *m* ou *n* só nasalisão a vogal precedente; com as que se lhe seguem, unem-se como simples articulações, e então, não tendo som nasal, não o pódem dar ás vogaes seguintes. Em outros termos, o som nasal não é uma articulação, pertence á vogal, o indica-se com a posposição do *m* ou *n*, e tambem, no portuguez, com o til; *m* ou *n*, antepostos ás vogaes, são articulações; não indicão som nasal.

Entre duas vogaes, pódem essas consoantes ter as duas funcções; e tambem no fim de palavra (em portuguez só o *n*), como se houvesse um *e* final surdo.

2.—*Til*, no espanhol *tilde*, vem de *titulos*. Os francezes, quando traduzem o nome desso signal, dizem *titre*. Vid. Beauzée, *Gram. générale*, liv. I, cap. 3.º, *in fine*.

Os italianos tambem lhe chamão *titolo*: «*La Thoscana favella fugge i titoli, ed i punti, che le voci fanbrevi*». Rinaldo Corso, *Gram.*

Era a principio uma linha como a do que se usa para indicar a quantidade da vogal longa, no latim. Fernão de Oliveira diz: «O til é *hũa* linha direita, lançada sobre as outras letras». A fórma actual é a do accento circumflexo grego. Não foi inventado como signal de som nasal, mas como indicação de letra ou letras

supprimidas; empregava-se em todas as abreviaturas: *q̃*, *Glz̃*, *Ferz̃*, *Mrz̃*, *aplõ*, *sñça*, etc. (*que*, *Gonçalves*, *Fernandes*, *Martins*, *appellação*, *sentença*).

«Til não é letra, diz Duarte Nunes de Leão, mas huã linha que se põe sobre as dicções, com que supprimos muitas letras. D'onde veo chamar-se til, quo quer dizer titulo; como se vê nesta palavra *misericordia*, que, abreviando-a com o til, escusamos todas estas letras, *isericord*, escrevendo *mĩa* e assim outras muitas letras em outras palavras, como: *Bispo*, *Apostolo*, *tempo*, *Bp̃*, *Ap̃lo*, *tp̃o*. Mas o mais frequente uso, desta abreviatura, he servir de *m*, *n*. A qual, sendo a todas as nações que della usão voluntaria, a nós he necessaria, quando com ella supprimos o *m* com que formamos alguns diphthongos. E a causa desta necessidade ho que a razão da orthographia, em todas as linguas, requere, quando entre duas vogaes vem huã consoante, que sempre essa consoante vá com a vogal seguinte, como: *amo*, *Roma*. Mas acerca de nós ha huã peculiar e propria pronunciação, e estranha das outras nações, em alguãs dições, onde o *m* vem entre duas vogaes, pronunciamolo de maneira, que fica com a vogal precedente, e não com a seguinte».

Os espanhoes empregão-o, tambem originariamente, como abreviatura, sobre o *n*, com a pronuncia do nosso *nh*. em palavras que antigamente se escrevião com *nn* ou *nya*: *España*, *señor*, *ñina* etc., por *Espanna* ou *Espanya*, *sennor* ou *senyor*, *ninna* ou *ninya*. (Vid. Beauzée, log cit., e Fred. Diez, *Gram.*, t. 1.º, Letras espanholas).

Alguns modernos philologos allemães adoptárão este signal para figurar a nasalidade da vogal. Schleicher, *Gram.* § 4.º; Schuchardt, *Vocalismus des vulgär latein*, 1, 110. 112; Seelmann *Aussprache des l tein*, p X V, *consonantismus*, IV, 4).

3. - Pode-se dizer que, em realidade, persiste o *n*, representado pelo til; não so escrevendo, para que se não articulo com a vogal seguinte, como se fosse escripto deste modo *roman-o*, *san o*, *irman o*, etc.

4. – Os antigos e ainda os primeiros quinhentistas (Sá de Miranda, Ferreira, etc.) dizião *povo romão*, *os romãos*, segundo o principio organico e a formação popular da lingua; mas os doutos forão adoptando, em muitas palavras a fórma latina, e assim: *romano*, em vez de *romão*, *insano*, a par de *são*, *germano* e *irmão*, etc

5.—Antigamente, escrevião alguns, como Heitor Pinto, de accordo com a etymologia, no singular *põi* e no plural *põe* ou *põem*.

6.—Foi por mera inadvertencia que Duarte Nunes de Leão disse, na *Origem da lingua portugueza*, cap. XXIII, que os ditongos nasaes nos são eommuns com os gallegos. Estes formão as terminações correspondentes a esses nossos ditongos, em *au* ou *an*, e *on*: *Grau* (*grão*), *hirmau*, *chau* (*chão*), *vau* (*vão*); *razon*, *oracion*, *corazon*, *sermon*, *ladron*, *pan*, *can*, etc. No plural, *Graus*, *hirmaus*, *chaus*, *maus* ou *maüs*, *braus* ou *braüs*, *razons*, *oracions*, *pans*, *cans*, etc.; e tambem *mões* (mãos), *razõs*, *corazós*, *ladrós*, *pãs*, *cãs*, supprimindo o *n*, o aeeentuando a vogal, eom aeeento agudo ou circumflexo. Nos verbos: *Son*, *están*, *foron*, *aman*, *amaban*, *amáron*, *amarán*, *bátan*, *batian*, *batéron*, *baterán*, *pidian*, *pidíron*, *pidirán*. A negativa è *non*; *mũito* é *moito*; *mái* (mãe), não tem som nasal. Vide Saco Areo, *Grammatica gallega*; e o que diz o mesmo Nunes de Leão, na sua *Orthographia*, quando trata dos ditongos:—«Sempre ondo a lingua castelhana diz *an* ou *on*, que he a sua particular terminação, responde a portugueza com aquella pronuncia de *ão*, que succedo em lugar da antiga terminação dos portuguezes de *om*, que punhão em lugar do *an* ou *on* dos eastelhanos. A qual ainda agora guardão alguns homens d'entre Douro o Minho, o os gallegos, que dizem *fizerom*, *amarom*, *capitom*, *cidadom*, *tabelhom*, *appellaciom*».

7. —Vide, por exemplo, os doeumentos publicados por João Pedro Ribeiro, no appendice do tomo I das *Dissertações Chronologicas e criticas*, do n. 60 em diante. O de n. 59 é apocrypho, como doelara o mesmo João Pedro Ribeiro (Dissertação 5.ª), o os anteriores são em latim barbaro. Os ns. 60 e 61 são os doeumentos authentieos mais antigos da lingua portugueza; unieos, dos que se têm descoberto e publicado, antoriores ao reinado de D. Affonso 3.º. Um não tem data. Mas, por outros doeumentos do mesmo eartorio (do mosteiro de Vairão), se vê ser do reinado do D. Saneho 1.º; o outro, eneontrado no mesmo cartorio, tambem do mesmo reinado, tem a data de março de 1230 da Era Hispanica ou do Augusto Cesar, que eorresponde ao anno de 1192 do nascimento de Christo. O eitado autor eonsidera tambem apocryphos os doeumentos particulares, em vulgar publicados, como antiquissimos, por autores pouco fidedignos Taes são: uns versos sobre a perda da Espanha (ou poema da Cava), as trovas dos Figueiredos (ou eanção do Figueiral), duas cartas a uma dama, do Egas Moniz Coelho, primo do aio do D. Affonso Henriques, os versos de Gonçalo Hermiguez a Ouroana. «Não duvidando, diz olle, do uso de huma lingua na Espanha naquelles tempos, o em tudo diversa da latina, não posso reconheeer a genuidade destes doeumontos:--1.º. Por falta do provas da sua antiguidado, sendo huns produzidos por Loi-

tão (de Andrada, *Miscellanea*), no meio do huma novella, em que até põe na boca das suas fabulozas personagens hum soneto do Camões: outros são referidos por Brito, cuja fé he nenhuma (Frei Bernardo de Brito, na *Monarchia Lusitana*, e na *Chronica de Cistér*). 2.º Porque as palavras, que nelles se empregão, todas do diversas idades da nossa lingua, formando hum todo affectado, parece ser mais obra de hum artificio estudado. 3.º. As cartas do Egas Moniz Coelho, e a do Gonçalo Ermiguez, tão visinhas em tempo a outros documentos vulgares, verdadeiros, comtudo se distinguem tanto em barbaridades que até nisso mostrão a sua affectação».

O sr. Theophilo Braga acredita na authonticidade desses documentos, mas confirma que a esto respeito Bernardo de Brito e Loitão referem «circumstancias romanescas, ficticias», qual a de ser autor das duas cartas ou canções Egas Moniz Coelho, que não consta ter sido trovador, e admite que nellas póde haver «anachronismo na linguagem», por terem andado essas trovas em versões oraes, escriptas em épocas muito posteriores ao tempo em que forão c mpostas. Pódem, pois, ter valor, como documentos para a historia literaria, mas não o têm como documentos linguisticos ou reliquias da linguagem portugueza, nos tempos primitivos (Vid. Theophilo Braga. *Epopéas da raça mosarabe*, cap. 4.º, *in fine*, *Trovadores galecio-portuguezes*, caps. 2.º e 7.º, e *Notas* do *Cancioneiro Popular*; Josè Maria de Andrade Ferreira, *Curso de literatura portugueza*, cap. 5.º).

8.—Doc. n. 45: «...qui hanc cartam donationis, et *firmitudinis* irrumpere temptaverit sit maledictus, et confusus».

Doc. n. 52: «... facio cartam donationis, et perpetue *firmitudinis*...».

Docs. ns. 62 e 63: «*Aquesta est carta* de vendiciom, et de perduravil *firmidoem*».

9.—Alguns, como Marius Victorinus, exceptuávão tambem *f* o *u* consoante (v), por tambem serem labiaes, o escrovião: *comfert*, *comfundit*, *imfert*, *imficit*, etc. A mudança de *m* em *n* fazia-se principalmente antes de *d*, *t*, *c* e *q*. Prisciano, I, 38.

10.—Os espanhoes usão sempre de *n*, ainda quando corresponde a um *m* latino, *con*, *quien*, *cuan*, *tan*, *cum*, *quem*, *tam*, *quam*, e nos nomes biblicos *Adan*, *Abrahan*, *Belen*, *Jerusalen*. «Tam caroavcis são os castelhanos do seu *n*, diz Duarte Nunes de Leão, que as dições latinas que so acabão om *m* pronuncião com *n*, e dizem *musan*, *templun*, *dominun*». (*Orig da ling. port.*, cap. 22).

11.—No cap. 14: —«Eu digo que é necessario (o til) todas as vezes que, despois do vogal em huã mesma syllaba, escrevemos *m* ou *n*, e muito mais sobre os *ditõgos*». No cap. 19: «Que-

remos aqui repetir quãto he necessaria esta letra ou sinal til para os ditõgos, porque se em cidadão e escrivão e outros desta voz e outras escrevemos m ou n no meyo dirá vilano ou vilano: e se no cabo fica sobro a letra o somêto, quo é a derradeira: e so fosse m.morderia a voz o apertalaia antr'os beyços, e o n não é nosso, porque a nossa lingua é muito ehea, o n eorta muito: somos contrarios a esta letra n, como diz Quintiliano dos latinos: e é propria aos castelhanos, como ello diz dos gregos». E usa do til, não só na syllaba final, mas em qualquer syllaba nasal. «Vemos e sentimos cõ as orelhas q̃ soa ali hú til sobro ambas as letras vogaes do ditongo: o qual eõ a boca o beyços mui soltos tãbê soa na mesma forma em todas as syllabas em cujos cabos nós escrevemos m ou n enviando cõ o costume: porq̃ as letras mudas do cujo numero são m e n âtre nós nũca dão fim a dição algũa nê syllaba: o isto a esperieneia o proprie dade das nossas vogaes no-lo ẽsinão: e por tãto não escrovemos ensinar eõ n na primoira syllaba nom embargar cõ m á imitação dos latinos, poys nos taes lugares âtre nós não sentimos essas letras: mas nessas e outras muitas partes escrevamos til».

Este modo do escrever as syllabas nasaos, no principio e no meio das palavras, foi por muito tempo usado, ainda que irregularmento, escrevendo-se, ora com til, ora com *m* ou *n*.

12.—Duarto Nunes do Leão, *Ortog.*, cap. dos Ditongos: «... alguns, quo se não prezavão do maos portuguezes, vi errar, e embaraçar-so no formar dos pluraes destes nomes, cujos singulares se acabão em *ão*, e hũs dizem *villões*, e outros *villãos*, *cidadões*, *allemões*, etc.».

13.—Priseiano, I, 38: *m obscurum in extremitate dictionum sonat, ut templum: apertum in principio, ut magnus: mediocre in mediis, ut umbra*».

Quintiliano, IX, 4 39: *Eadem illa litera* (m), *quotiens ultima est et vocalem verbi sequentis itos contingit, ut in eam transire, possit etiamsi scribitur, tamen parum exprimitur, ut multum ille*» et «*quantum erat adeo ut pœne cujusdam novæ literæ sonum reddat*».

Pode-se dizer que o nosso til faz o officio dessa *nova letra*, que Quintiliano entrevia no som do *m*, posto no meio de duas vogaes, nasalisando a precedento, sem ferir a seguinte, e assim permittindo a junceão das duas em uma só syllaba.

14.—*Ecloga do Encantamento*, *Obras*, 1.ª ed, p. 135.

15.—*Ortog.*, 3.ª parte, regra 10, *Gram*, n. 171:—«Nem pareça a alguns singular esta minha opiniam, pois ho do padro Antonio Velez, no seu Commento (da *Arte*, do padre Manoel Alvares), e se guarda nas impressões da Arte mays correctas; e varões peritissimos na lingua materna, assistindo a

suas impressões, a praticáram, quays sam os padres Joam de Lucena, Balthazar Tellos o Manoel Montoyro, o tambem de varios outros insignes nas lotras humanas que consultoi».

16.—Carta 1.ª, ps. 25 e seguinte. Nesta, o nas mais citações que fizomos de Verney, prescindimos do que ha de mais singular e desusado na sua orthographia.

17.—*Compendio de orthographia*, § XXXIV.

18.—*Methodo Grammatical*, prologo: —«Isto os gregos e os latinos o fizerom a quem, so nesta traça imitarmos, não nos admiraromos tanto de suas copiosas linguas, quanto louvaromos seus artificiosos ingenhos; assi na invenção de palavras para a immensidado de causas, como no desvio da confusão de muitas; o qual tambem ordenei, nestas vozes portuguezas, amarão, amárom, amaram: porque responder a tres tempos tam distinctos cõ amarão he tam notavel confusão como a dos casos serem todos semelhantos em cada numero, a quo não sinto bom remedio».

19. - *Orthographia*, ns. 159, 162 e 240.

20.—Borges Carneiro preferia esta orthographia e della usava; mas tolerava a outra. «Escrevem alguns, diz elle, por *am* nos tempos dos verbos em que é brevo, como em *amam*, *amáram*; distinguindo-a assim do todos os mais casos, nos quaes é longa. Portanto, e por ser isso conforme á antiguidade, pareco não dever-se reprovar esta escritura». *Orthog.*, § 17.

21.—Vê-se, ora uma, ora outra, dossas duas graphias, nas obras de Antonio Feliciano de Castilho, que, como é sabido, não escrevia por sua mão, pois foi cego desde a puericia. O seu irmão José Feliciano era propugnador do *am*. (*Orthog. port.*, 4.ª parte, art. XI, § 8.º). A' justa observação do Constancio, que se não devem figurar por vogal e consoante dois sons vogaos, responde que «o chamado diphthongo *ão* muito se approxima do som *an*, que, embora, pela pobreza dos sons elementares, se escreva com duas letras, representa um soar tão unico que é possivel prolongar a voz, ouvindo-se distinctamente os chamados dois elementos de que se compõe». *An* ou *ã* é o primeiro elemento de *ão*, vogal simples, que se pronuncía com resonancia nas fossas nasaes, pelo abaixamento do véo palatino; não tem dois elementos, o *m* ou *til* só indica essa modificação no som unico da vogal; por isso, póde esse som ser prolongado. O de *ão* não o póde ser, porque nenhum ditongo se póde proferir prolongadamente, «ouvindo-se os dois elementos de que se compõe». Pareceria, pelo trecho transcripto, que o autor dá a taes terminações o som simples do *ã*; mas, logo depois, respondendo á objecção de que essa graphia «não deixará meio do distinguir as

desinencias que soarem *ão* daquellas que soarem *am*», diz que, «na orthographia rigorosamente etymologica, uma só palavra não existe, em lingua portugueza, que soo *am* e deva escrever-se com *am* (escreve-as com *an*); e, conseguintemente, não ha possibilidade dessa confusão, pois onde so achar o final *am* fica sabido ser *ão* breve».

Reprova a accentuação na desinencia do futuro, porque «se daria a mostruosidade do collocar sobre a mesma letra dois signaes, til o accento». Se não fôra superfluidade tal accentuação, podia-se, nessa desinencia, cortar o til com um accento agudo, com que houvesse nisso *monstruosidade*. No grego, põem-se dois signaes sobre a mesma vogal, o do accento tonito o o da aspiração; e a que leva o accento circumflexo, igual ao nosso til, e o da aspiração, que é uma pequena virgula, fica mais sobrecarregada do que ficaria o *a* com o til o um traço que o cortasse. E, nesso caso, ao menos nos typos do imprensa, podia o til tomar a sua fórma primitiva, uma linha direita, sobre a qual poria o accento.

22.—«A deficiencia dos antigos caracteres, diz Moraes, foi tambem causa da errada desinencia *am*, porquanto, sendo estrangeiros os primeiros typographos que trabalhárão em Portugal o igualmente estrangeiros os typos de impressão do que se servião, e não havendo nestes o *a* com til, foi preciso converter o diphthongo *ão* em *am*».

«Forão os editores, assim de escriptos antigos como de contemporaneos, que assoalhárão esse mau vezo; forão, sim, elles que publicárão, nestes ultimos tempos, os escriptos dos melhores modêlos do purissimo portuguez, ageitados á sua graphia . . . Os assoalhadores do *am* têm por si as folhas diarias, que todas proscrovêrão completamente o diphthongo *ão* com valor grave. No côro da imprensa, assim brasileira, como portugueza, a unica voz dissonante é a do velho *Jornal do Commercio*. Todas as mais se afinárão pelo diapasão moderno... A inexoravel *orthographia da casa* metto em uma só fórma todos os escriptos, venhão de onde vierem. Tudo é orthographado do mesmo modo nas folhas diarias, e esso modo é o dos revisores, não o dos redactores». (*Questiunculas da lingua portugueza*, pelo dr. Augusto do Castro, 1889).

Diz o dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, no seu *Dicionario brazileiro da lingua portugueza*:—«O autor deste diccionario, engodado pelo genio de Garrett, que não escrevia de outra maneira, já usou desta esturdice; mas confessa que errou, pois o *am* não representa o som do *ão*, nem está de acôrdo com a etymologia».

23.—*Verdadeiro methodo de estudar*, pags. 25 e 27.

24.—*Vocabulario de nomes proprios*, p. 16.

25.—*Antídoto*, caps. XIII e XIV, concluiu o prologo com as seguintes palavras motejadoras, em que accumulou vocabulos em *ão*:—«Julgando tu, leitor amigo, que o *ão* é joia digna de grande estimação e de perpetua conservação, ganharei eu bem grande satisfação, em que o logros, perpetua o mui tranquillamento, não só com grando, mas com universal approvação e deleitação».

26.—*A lingua portugueza*, n. 164.

27.—Suetonio, Claud., XLI, Quint., I, 7. Essas novas letras representavão a vogal *y* ou o som mixto de *i* e *u* o as articulações *v* e *ps*.

28.—Tinha escripto pouco antes: «Do bemaventurado Sam Jeronymo lemos que, ardendo em desejos de saber as linguas Hebrea e Syra, tantas difficuldades achava na pronuncia ção de alguãs vozes e letras dellas, como natural de Dalmacia, que era, que, com desesperação de as tomar, determinou tornar-se do caminho, e deixar o que começava, e lhe conveo cerrar os dentes para pronunciar alguãs letras».

29.—*Origem da ling. port.*, cap. XXIII.

30.—*Ortog.*, 3.ª parte, regra 10.ª, *Gram.*, n. 171.

31.—*Ortographia port.*, 4.ª parte, art. XI, § 1.º.

32.—*Viagem em Portugal*, t. 2, 46.

TITULO II

INTRODUCÇÃO

Dos accentos

Accento, de *canĕre*, *quasi adcantus*, traducção latina do termo grego *prosōdia* (1),consoante a significação que lhe davão os grammaticos antigos, no sentido mais lato, comprehende todas as modalidades da voz na pronuncia das palavras, de que resultão a clareza e a harmonia do discurso. Essas modalidades são: a *energia expiratoria*, a *duração*, a *intensidade* e a *qualidade* do som; em outros termos, o *espirito* ou *aspiração*, a *quantidade*, o *tom* e o *timbre* (2).

O mesmo nome se dá ás *notações prosodicas* ou *signaes orthographicos* que indicão esses varios modos da prolação do som (3).

Notas á introducção do titulo II

1.—Como este livro não foi escripto para os doutos, as palavras gregas vão impressas com letras latinas, *e* e *o* longos (éta e omega), com typo mais grosso, indicada a aspiração com *h*, como se faz no latim.

2.—*Falar com accento* significava, como hoje se diz, *falar correctamente*. Um grammatico (Sergio) dava esta defini-

ção:—*Accentus proprie qualitas syllabarum est, hoc est indicium temporis syllabarum, naturam positionemque significans.* Outro (Cassiodoro) a seguinte: *Accentus est vitio carens artificiosa pronuntiatio.* Assim, falavão do *accentus acutus, gravis, circumflexus* (tom, accento tonico), de *accentus productus, correptus*, ou *longus, brevis* (quantidade), do *accentus lenis* e *aspiratus* (espirito). Vido Seelmann, *Aussprache*: Accent., II, 1.º.

3.—No latim, não usavão os antigos do accentos orthographicos, a não ser talvez em algumas edições de luxo, das quaes nenhum exemplar existe: o accento grave e o circumflexo, usados modernamente, só têm por fim distinguir palavras ou casos, como *optimē*, adverbio, o *optime*, vocativo de *optimus*, *terra* e *terrâ* (ablativo, em que é longo o *a*). No grego, desde a antiguidade, notão-se com signaes o accento tonico e a aspiração, indicada a quantidado nas vogaes *e* e *o*, em que mais varía, por letras differentes.

Nas novas linguas, de origem latina, esses accentos servem para notar a intensidado e a qualidade do som, *o accento tonico* e o *timbre* das vogaes, mas não são usados em todas do mesmo modo. O francez indica o som fechado com o accento agudo, e o som aberto com o accento grave e o circumflexo; assim tambem o italiano, excepto no *e* final, em que o accento grave tem o valor do agudo; o espanhol só emprega o accento agudo, sempre indicando o som fechado. No portuguez, houve incertezas; presentemente, usa-se do agudo para o som aberto e do circumfloxo para o fechado. Caíu em desuso o grave, não obstante preferil-o Moraes para o som fechado, reprovando o circumflexo, por não haver no portuguez o accento prosodico assim chamado, podendo esse nome e signal fazer suppôr que o temos, equívoco este em que effectivamente incorrêrão alguns grammaticos nossos, como veremos. O grammatico brasileiro José Alexandre Passos (*Dicc. gram.*) propôz o emprego do accento gravo para o som nasal, que no Brasil sempre se pronuncia fechado (*fàmulo, ephèmero, autòmato*); varios autores portuguezes o empregão para indicar o accento prosodico secundario e as vogaes átonas sonoras, que em Portugal se pronuncião com som aberto (*rèpública, vèdor, frèguezia, córado*, etc.).

Para a accentuação graphica, assim como em geral para a orthographia, não ha no portuguez um systema assentado e soguido por todos: o mais commum é sómente pôr accento em vogal tonica final; em tonica penultima das terminações *ea, eo, oa, oo, oe* (*boléa, bolêa, lebréo, hebrêo,*

leôa, enjôo, herôe), para distinguir palavras homonymas (*sêde, sêde, bésta, bêsta, césto, pôde, póde, sòe, sôe*), na syllaba tonica secundaria de algumas palavras compostas (*mórdomo, mórmente, sómente*, etc.) e, ás vezes, para evitar erro ou duvida sobre a posição do accento tonico, especialmente em palavras de origem grega, não vulgarisadas. Tem-se entendido que não convem multiplicar os accentos, como disse Duarte Nunes de Leão, «—por não trazermos á nossa lingua o trabalho da lingua grega» e «porque não servirão de mais que de causar confusão á gente vulgar, e fazer cair em erro os que os quizerem imitar, não o sabendo per arte». (*Ortog.*, letra *o*, o *Dos accentos*). Actualmente, em Portugal, procura-se ampliar o uso dos accentos, a bem da pronuncia; e o douto philologo Aniceto Gonçalves Viana publicou, em 1894, uma *Proposta para a fixação da acentuação gráfica portugueza*, que está sendo acceita. Mas, quanto á qualidade do som, a pronuncia, em Portugal, é differente da nossa, como adiante diremos. Compete á Academia Brasileira de Letras, quando se julgar para isso com autoridade bastante, decidir se convem acceitar a accentuação graphica dos portuguezes, procurando a gente culta conformar com ella a pronuncia; ou continuarmos a não pôr accento senão nos casos em que hoje commummente se põe; ou, finalmente, adoptarmos differente accentuação, conforme á nossa pronuncia. O melhor fôra, a ser possivel, que a nossa Academia chegasse a um accordo com a de Lisboa sobre a orthographia, para que se não escreva a lingua diversamente, na Europa e na America.

CAPITULO I

Aspiração e quantidade

Na pronuncia portugueza, não ha *espirito* ou *aspiração*, a não ser em algumas interjeições, méros gritos de affecto vivo ou subita impressão, que, em todas as linguas, naturalmente se emittem com mais ou menos energia expiratoria.

A *quantidade* foi completamente supplantada pelo *tom* ou *accento*, em sentido restricto, o *icto*, que os grammaticos modernos denominão geralmente, com propriedade, *accento tonico*.

O que escreverão em contrario Jeronymo Soares Barbosa e outros procede da confusão de *quantidade*, isto é, valor ou duração das vogaes, pronunciadas em um ou dois tempos (*mora tempus*):—1.º com o *accento tonico* ou a *intensidade* do som; 2.º com o *timbre* ou a *qualidade* do *som aberto*, *fechado*, *surdo*, *nasal*; 3.º com a extensão da syllaba por articulações, sem effeito sobre a vogal, ou por juncção de duas vogaes na mesma syllaba, formando ditongo.

Temos *syllabas*, umas mais extensas ou longas do que outras, mas não *vogaes* breves e longas. E era á duração breve ou longa da vogal que os antigos chamavão *quantidade*. Duas ou mais articulações, antes da vogal, não fazião longa a syllaba (*imprŏbus*, *strĕpitus*), e a regra da vogal breve, considerada longa pela *posição*, isto é, por estar antes de duas consoantes, era um artificio ou convenção dos poetas, por conveniencia da metrificação (1).

A quantidade das vogaes, no grego e no latim, não sómente regulava a metrificação, mas ainda era muito importante para a recta pronuncia, quer na declamação oratoria, quer no falar commum: e bastava a errada

quantidade de uma vogal para denunciar o estrangeiro. Assim, os africanos pronunciávão *Rŏma*, *ŏrātor*, em vez de *Rōma*, *ōrātor*; e era igual barbarismo pronunciar, por exemplo, *rōsa*, em vez de *rŏsa*. E mais offendia os ouvidos o erro de quantidade, porque á duração da vogal andava ligada a qualidade do som: a breve tinha som *aberto*; a longa, *fechado* (2). Pronunciava-se, pois, *rósa* e *ôoráttor*, *Rôoma*.

Na nossa lingua, as vogaes são pronunciadas sempre do mesmo modo, em um só tempo. Salvo o caso accidental de emphase ou alongamento artificial, (a que tambem chamão *accento emphatico* ou *oratorio*), só têm a differença da accentuação e do timbre. Este não é effeito da quantidade, nem corresponde sempre ao das palavras latinas. Dizemos, por exemplo, *povo*, *globo*, *fogo*, *jogo*, *novo*, *Deus*, *meu*, *medo*, *preço*, *Pedro*, de *pŏpulos*, *glŏbus*, *jŏcus*, *jŏgus*, *nōvus*, *Dĕus mĕus*, *mĕtus*, *prĕtium*, *Pĕtrus*, que tinhão breves o *o* e o *e*, com som aberto,

A extensão da syllaba, por articulações ou por ditongo, não tem, no portuguez, importancia alguma, pois não altera o valor dos sons na pronuncia, nem influe na medida, dos versos, que se regem sómente pelo numero, pela accentuação das syllabas e por determinadas cesuras ou cadencias: tanto vale, na versificação, uma syllaba de uma só vogal, como a de um ditongo, e a articulada com uma, duas ou tres consoantes.

As vozes contractas tambem não se pronuncião em dois tempos; a contracção é indicada simplesmente pelo accento. Os antigos as escrevião com vogal dobrada, e é possivel que as pronunciassem longas, com duplo som; mas, antes do meado do seculo XVI, quando se escreveu a primeira tentativa de grammatica portugueza, já duas vogaes representavão uma só voz. Assim o attesta o autor dessa grammatica:—«Muitos, em lugar destas vogaes grandes, escrevem duas, *como quer que a voz não seja mais que hũa*» (3).

Ha, todavia, uma vogal que, em certos casos, é pronunciada em portuguez com som duplo, e então póde ser considerada longa: é o *i*, entre vogaes ou nas terminações nominaes e verbaes em *io*, *ia*, accentuadas.

NOTAS DO CAP. I

1- Seelmann, *Aussprache des latein, Vocalquantität*, in fine
2.—Seelmann, *Vocalquantität*, n. 4.
3.—Fernão de Oliveira, cap. VIII.

CAPITULO I I

Accento tonico

Nas palavras de duas, ou mais syllabas, ha sempre uma que predomina, que attrae e liga as outras, dando unidade e harmonia ao vocabulo. Esta syllaba pronuncia-se com mais força e clareza; e esse tom mais intenso e claro é que se denomina *accento tonico* (*tony, tenor*). Um grammatico chamou-lhe *centro de gravidade* (1), e outro—*alma da palavra - anima vocis* (2).

No grego, o accento (*tónos* ou *prosōdia*) punha-se na ultima, na penultima ou na antepenultima syllaba. No latim, punha-se na penultima ou na antepenultima.

Na língua portugueza, e em outras tambem filhas da latina, o accento tem as tres posições do grego. Isto explica-se facilmente. Na transformação das palavras latinas, a syllaba accentuada foi a que sempre resistiu, por ser mais firme e forte, e a que se lhe seguia, por ser fraca e surda, em muitos vocabulos, caíu, ficando como final e accentuada: *amor, calor*, etc., de *amorem, calorem*, etc.; *animal, tribunal*, de *animalem, tribunalem*; *amar, mover, vestir*, de *amare, movēre, vestire*. A' semelhança desses, forão outros formados ou recebidos de outras linguas.

Os grammaticos gregos denominávão *oxytonos* (*oxýs*, agudo) os vocabulos que tinhão o accento agudo na ultima syllaba, *paroxytonos* os que o tinhão na penultima, e *proparoxytonos* os que o tinhão na antepenultima. Chamavão-se *barytonos* todos os que não tinhão accento na ultima syllaba, nos quaes, por isso, a terminação ficava *grave—barys* (3).

Os nossos modernos grammaticos têm adoptado estas denominações. Os antigos usavão dos termos latinos—palavras *agudas, graves* e *dactylicas*; e a estas chamavão tam-

bem *esdruxulas*, do italiano *sdrúcciolo*, escorregadio, verso que termina por palavra accentuada, na antepenultima syllaba.

Todas as palavras portuguezas terminão por vogal ou por uma destas consoantes—*m, n, r, s*, e *x, z*, com valor de *s*, excepto em algumas palavras, que conservão a pronuncia latina, como *borax, thorax, silex*. As que acabão noutras consoantes são vocabulos estranhos, adoptados moderadamente:—*almanack, club, talud, azimuth, zenith*, etc.

A grande maioria dellas têm o accento na penultima syllaba. Muitas, porém, acabadas em vogal forte, de som aberto ou fechado (*á, é, ê, ó, ô, ou, i, y, u*), em som nasal, em ditongo ou em consoante, têm o accento na ultima syllaba; e não poucas o têm na antepenultima, com as duas ultimas syllabas tão obscuras que, no verso, equivalem á syllaba surda, em que terminão as palavras graves; obscuridade que sobretudo se produz na immediata ao accento, pelo que na pronuncia popular muitas vezes desapparece, ou se supprime, no meio do verso (4).

A regra geral é, pois, o accento na penultima syllaba, como no latim; mas ha numerosas excepções.

A pronuncia dos oxytonos terminados em *o, a, e* nunca é duvidosa, porque são sempre notados na ultima syllaba com signal orthographico. Os terminados por *i* ou *u* nem sempre o são, por suppôr-se entendido que essas terminações são naturalmente accentuadas. Ha, porém, excepções.

Dos nomes acabados por *i*, têm o accento na penultima os que se usão com terminação latina ou italiana—*quasi, espermaceti, gemini, lacrimachristi, palmachristi, mappa-mundi, lapislazuli*; os *ciceroni, dilettanti, tazzaroni, virtuosi*; os gregos em *poli*—*metropoli, Andrinopoli*, que tambem se terminão por *e*; alguns asiaticos ou africanos—*mahamidi, álcali, assucar-candi, Cádi, képi, matúvi, nadacànni, nasàrani, rabloni, spáhi*, ou *sipáhi*, e os inglezes em *y*—*jury peuny, pony, tilbury*.

Dos acabados em *u*, *somente* se exceptúa *tribu* (6).

Dos terminados em *ã* ou *an*, *orfã*. Em *imán*, a terminação não é de *a* nasal: soa o *n*; e alguns, como Madureira e Francisco José Freire, dizem *imân* (7). Em *dolman*, veste militar, o *n* tambem soa.

Em—os provenientes de nomes latinos da 3.ª declinação: *ádem* (8), *homem*, *ordem*, *nuvem*, *virgem*, e os que têm a desinencia *agem*, *igem*, *ugem* – *imagem*, *fuligem*, *ferrugem*, etc. (de *áretem*, *hominem*, *ordinem*, *nubem*, *virginem*, *imaginem*, *fuliginem*, *ferrugimen*, etc.); alguns de origem arabica —*Adem*, *Gácem*, villa de Portugal, *girátacachem*, o pronome *outrem* [*de alterum*], o adverbio, *hontem*, de *antedium*, Diez, *Dic.*); e *fartem*, ou *farte*, lat. *fartum*, de *farcire* (10).

En—*joven*, que assim se escreve geralmente, mas devêra escrever-se *jovem*, como pedem a pronuncia, na qual não soa o *n* (jovê) e a etymologia, de *juv* (en) *em* (11).

A desinencia de *abdómen*, *alúmen*, *certâmen*, *cerúmen*, *dictámen*, *gérmen*, *gluten*, *lichen*, *tentâmen*, *velamen*, *dólmen*, *póllen*, *regímen* não é equivalente a simples *e* nasal, pois o *n* se pronuncía com o som que lhe é proprio. Os antigos dizião *certame*, *dictame*, *germe*, *regime* (12), etc., e ainda hoje assim se póde escrever, sobretudo no verso; mas alguns delles, como *abdómen*, *alúmen*, *gluten*, *lichen*, *póllen*, devem ter o *n*, por serem termos scientificos, tomados ao latim, sem alteração da fórma. *Dolmen* não é latino: tem origem celtica. *Escovens*, vocabulo maritimo, (de origem desconhecida: esp. *escobén*, fr. *écubier*; analogo ao termo inglez *scupper*, que tem significação approximada), é pronunciado por uns com a ultima syllaba átona (ou *escouves*), por outros como oxytono (*escouvêns*).

No nome hebraico *Eden*, jardim, soa o *n* final, e pronuncia-se com o accento latino, na primeira syllaba (13). *Amen*, tambem palavra hebraica, por alguns é pronunciada com accentuação latina, soando o *n*, *ámen*; mas geralmente *amêm* (*ẽi*), *amêns*.

Ão—tem o accento na penultima: *cóvão*, de pescar *fúngão*, *lódão*, *órfão*, *órgão*, *orégão*, *médão*, *rábão*, (latinos, *cephinus*, *fungum*, *loton*, *orphanum*, *organum*, *origanum*, *metamorphonum*), *accordão*, do verbo accordar, *golfão*, do grego *kolpos*, acc. *kolpon*, *sarampão*, (esp. *sarampion*, do hebr. *saraph*, fogo ardente, segundo Bluteau), *sótão*, esp. *sotano*, do arabe *sotaho*, segundo frei João de Souza, *zângão* (esp. *zângano*. ital. *zúngano*, do arabe *zangui*, fr. João de Souza, verbo *siga*, *no*), *Christovão*, *Estêvão*, *Pedrogão*, *Sátão* villas de Portugal. Tambem *frângão*, do arabe *faruje*, conforme João de Souza, e *morângão*, lat. *morum*, sem que se explique a desinencia (14). *Benção*, antigamente, tinha o accento na ultima syllaba, de conformidade com a etymologia - *benedictionem*, e ainda querem alguns que assim se pronuncíe; mas a pronuncia geral, acceita por quasi todos os grammaticos e lexicógraphos, accentúa a primeira syllaba. Ha quem opine que, falando de benção da igreja, se deve dizer, com accento na ultima syllaba - *bencão*, *bencões*. Não vemos razão para isso; e fóra difficil, senão impossivel, fazer que a mesma palavra, com a mesma significação, seja pronunciada de modo differente, num caso especial (15).

On—nenhum; em *cânon*, *cólon*, *cróton*, etc., soa o *n*, assim como nos nomes saxonicos—*Addison*, *Milton*, *Newton*, etc. (16). *Olhôn* ou *Olhão*, de *Olho*, *Olhônem*, não *O'thon*.

Um—nomes latinos—*Album*, *desideratum*, *ultimatum*.

Os que terminão por consoante, precedida de qualquer das vogaes, são oxytonos, excepto os acabados em *s* ou *x*, com valor de *s*, que são todos barytonos; e os seguintes, de origem latina, que de proparoxytonos passárão para o portuguez, por queda de syllaba da terminação, como paroxytonos, ou que forão tomados do nominativo, com a mesma fórma e accentuação; e alguns recebidos do arabe ou das modernas linguas saxonias.

Dos terminados em *al*, alguns nomes proprios: *Setúbal*, *Tentúgal*, villa de Portugal, *Annibal*, (17), *Ardrúbal*, *Adhérbal*, *Hiémpsal*, *Manastábal*, *Tübal* (18).

El – *arrátel, bétel*, (19), (*căsel, catre*, (mais usado, *condestável, môvel, Sável, Cosével*, (nome de duas aldeias de Portugal); os adjectivos acabados em *vel* (*ável, ével, ível, óvel, úvel*), *amavel, indelevel, sensivel, immovel, soluvel*, etc., excepto *novêl* (20) e *revêl*. *Nivel*, hoje, pronuncia-se geralmente com accento na primeira syllaba, provavelmente por influencia dos adjectivos dessa terminação; mas a verdadeira pronuncia, indicada por Madureira, Moraes e outros, é *nivél*, como *livél, olivél*, do lat. *libella*, fr. *niveau*, it. *livello*, esp. *nivèl* (21). *Hôtêl*, não *hótel*, comodizem alguns, é vocabulo francez, e até os inglezes, tão propensos a recuar o accento, pronuncião *hotêl*.

Nikel, palavra de origem sueca, e *tunel*, ingleza, são usadas com esta accentuação. No fôro, prevaleceu a pronuncia erronea—*cível*, em vez de *civil*.

Il—muitos adjectivos: *ágil, hábil, aquátil, contráctil, portátil, vibratil, fácil, débil, flébil, difficil, docil, fossil, mobil, dúctil, inconsútil, núbil*, etc. São oxytonos os que têm *i* longo no latim: *gentil, hostil, sublil, sextil*. Muitos dizem: *erectil, flexível, pugil, pensil, tactil, textil*; mas devemos dizer, conforme a prosodia latina: *erétil, fléxil, púgil, pénsil, táctil, téxtil*; e, pelo contrario—*imbecil. (lat. imbecillis* ou *imbecillus)*, não *imbécil*, como dizem até lexicographos, talvez porque assim pronuncião os espanhóes (ital. *imbecille*). Esquecidos do *gracili, modulatus avena*, muitos dos novos escriptores dizem *gracil*, por imitação do francez, onde esse adjectivo, em vez de *grêle*, é tambem novissimo; devemos dizer *grácil* (ant. esp., *grácil*, ital., *grácile*).

Reptil, de *reptilis*, pronuncia-se com accento na ultima syllaba, ou por o termos recebido do francez, ou por se usar substantivado e seguir a analogia dos substantivos dessa terminação, que todos são oxytonos. No esp. *réptil*, ital. *réttile*, (22). É assim tambem *projectil*, palavra nova—no esp. *proyetil*. *Femuil, mulheril, senhoril, varonil*, tambem de nova formação, seguirão a analogia de *viril*; e *infantil*, (lat. *infantilis*), a de *pueril, juvenil*, e *senil*. Mercan

til, como *fabril*, lat. *fabrītis*, *pastoril*, como *senhoril*, ou *servil*, de *servīlis*.

Ol e *ul* - *álcool* e *cônsul*. *Exul* deve ter o accento na primeira syllaba, como em latim; não na ultima, como temos visto em alguns dos nossos poetas contemporaneos, rimando com *azul*.

Ar—latinos:—*ímpar*, *nectar*, *Cesar*, *Hamílcar*; arabicos:—*alcáçar*, *aljofar*, ou *aljofre*, *almísear*, *almocávar*, cemiterio dos mouros, *almocouvar*, pastor (23), *âmbar*, *assúcar*, *nácar*; inglezes:—*dòllar*, *lúgar*, de *lugger*; *nenûphar*, ou *nenúfar*, do persico *noûfar*, *linoûfer*, Littré, Dic. (24); *Gibraltár*, como pronuncião os espanhoes. (*Gibráltar*, como dizem alguns, e accentuação ingleza (25). Tambem *Trafalgár*, mas *San Lùcar*, e alguns nomes geographicos espanhoes:—*Almodóvar*, *Almudébar*, *Béjar*, *Híjar*, *Menjíbar*, *Monóvar*, e apellidos de familia, como *Bolívar*. Dizem alguns *E'dgar*, *O'scar*; mas é mais usada a pronuncia *Edegár*, *Oseár*, como nos outros nomes desta terminação—*Balthazár*, *Gaspár*, etc.

Er—latino:—*cadáver*, *carácter*, *cathéter*, *dura-máter*, *pia-máter*, *éther*, *procer*, *rângifer*, *síler*, *sphíneter*, *vómer*, mas *haltér urethér*, *haltéres*, *urethéres*, como *elystér*, do grego, por intermedio do francez; *Júpiter*, *Múleiber*, ou *Mulcíber*, *Deméter*, *Câncer*, *Vésper*, *Antípater*, *Nìger*, etc. Alguns nomes saxonios:—*cùter*, *repórter*, *revolver*, *quaker*, *stathonder*, *tênder*. Este ultimo—carro de carvão, emmastrado de ferro—já se pronuncía em Portugal como oxytono—*tendér*, pois assim o dá um diccionario, recentemente impresso em Lisboa. *Alcácer*, *Tânger*, ou *Alcacere*, *Tangere*, *Férrer* (S. Vicente); mas *Gualtér*, ou *Gualterio*, *Altér*, *Saltér*, *Santandér*, *Cistér*, (29). Tambem *Belvedér*, do italiano *Belvedêre*, (27). Os nomes proprios e geographicos das nações do norte—*Schìller*, *Wágner*, *Chéster*, *Lancáster*, *Hanóver* (28).

Ir, *or* e *ur* - *martyr*, *crêmor*, *júnior*, *sênior*, *sóror*, *fêmur*, sulfor. *Victor* temos ouvido pronunciar geralmente *Vítor*, como tambem pronuncião os espanhóes (29), e o nosso autorisado grammatico João Ribeiro manda accentuar as-

sim. Outros, porém, como Madureira e frei Luiz do Monte Carmello, querem que se diga *Victôr*; e é certo que os nomes latinos em *or*, *ōrio*, quer communs, quer proprios, têm no portuguez o accento na ultima syllaba, e até os nomes gregos que tinhão no latim o incremento breve, como *castôr*, *Heitôr*, *Nestôr*, etc. (*Castôr*, *castŏn*, *Hector*, *Hectŏrio* *Nestor*, *Nestŏris*, etc. (30).

«Victór, com accento agudo no *o*, diz Madureira, é termo de que se usa nas acclamações de algum bom successo, ou vencimento. *Victôr*, carregando no *o*, com accento circumflexo, é nome proprio de homem, e de *S. Victôr*, que alguns erradamente pronuncião, e escrevem *S. Victor*, com o accento agudo no *i*, e grave no *o*».

Os vocabulos terminados em vogal surda são accentuados na penultima ou na antepenultima syllaba. Se houvesse, no portuguez, como ha no espanhol, o uso de sempre notar com signal orthographico os que têm accento na antepenultima, evitar-se-ião erros ou incertesa, em que muitos incorrem. A gente do povo, obedecendo á tendencia da lingua, supprime ou accentúa a penultima syllaba desses vocabulos, dizendo: *córgo*, *cosca*, (cocega), *aspro*, *esprito*, *gratuíto*, *ricino*, *varióla*, etc. São os de classe menos inculta, e até ás vezes pessoas aliás doutas, os que errão pelo contrario, accentuando na antepenultima syllaba algumas palavras, que devem ter o accento na penultima. Assim, pronuncião:—*árdito* e *árdido*, em vez de *ardíto* e *ardído* (prov. *ardit*, de *ardir*, it. *ardíto*, esp. *ardido*, fr. *hardi*).

Á vito	por	*avíto* (*avītus*, derivado de *avus*, *ī*, pl. *avī*), que vem de avó ou dos avós.
Cádimo	«	*cadímo* (Arabe, *cadim*, velho).
Cálabre	«	*calábre*, *cabre* ou cabo, corda grossa. *Cálabre* é *calabrio*, natural da Calabria (31).
Cônclave	«	*concláve* (*conclāvis*, esp. e it. *concláve* (32).

Cyclone	por	*cyclône*, palavra moderna, tomada do francez.
Décano	«	*decâno* (*decānus*, no espanhol e no italiano, *decâno*).
Escápula	«	*escapúla* (33) de *escapar*, evasão escapatoria (escápula ou escápola (que Madureira prefere) é prego com cabeça recurvada (de *scápula*, dorso).
Homízio	«	*homízio*, de *homicī* (*di*) *um*, estado do que se esconde, por ter commettido homicidio ou outro crime grave (34).
Íbero e *celtíbero*	«	*ibéro*, *celtibéro*, *íber*, *ēris*, ou *ibērus*; *celtíber*, *ēris*, ou *celtibērus*; *ibēri*, *celtiberi*. (35).
Incude	«	*incúde*, *incus*, *ūdis* (36).
Jeremiada (37).	«	*jeremiáda*, derivação semelhante a *risada*, rapasiada, espanholada, etc.
Lúmbago (38).	«	*Lumbágo L. lumbāgo*, *inis*.
Opopónaco	«	*opoponáco* (*oponax*, *ācis*, succo da planta *panax*, *ācis*).
Ópimo	«	*opímo* (*opīmus*, *opīma spolia*, despojos opímos.
Pegada	«	*pégàda*, (39). Dolatius hypothetico *pedicata*, segundo Adolpho Coelho, ou méra derivação portugueza, como *pégão*, *peúga*, *peúgada*, *narigada*, *espernegar*, em que *g* é simples letra de ligação.
Préscito	«	*prescito* (*præcitus*), que se pronuncía *prêcito*.
Púdico, *impúdico*	«	*pudíco*, impudíco, (*pudíco*,) (40)
Rúbrica	«	*rubica* lat. *rubrīca*, titulo ou assignatura com tinta rubra (41).

Os espanhoes dizem *rúbrica*, e talvez d'ahi nos veio essa pronuncia. Os italianos, *rubrica*; mas, sem duvida para differençar, chamão *rúbrica* a um certo barro vermelho.

Sótea ou *açótea*, por *sotéa* (palavra espanhola, do arabe *assoteiha*).

Vênera « *venéra*, insignia de condecorado; do latim *veneria*, certa concha, porque os romeiros de Santiago usávão de uma concha como insignia, donde se derivou tambem *Vieira* (*Vêera*).

Pronuncia-se, geralmente, *pântano*; mas, no espanhol e no italiano, *pantâno*, accentuação que se conservou em *pantâna*. A homens rusticos temos ouvido *pantâno* (42). Pelo contrario, pronunciamos *tutâno*, (de origem desconhecida) e os espanhoes dizem *tuétano*. Commumente se diz *savâna*; mas Roquette accentúa *sávana*, e esta accentuação é conforme a etymologia b. lat. *sabĭna*, lat. ant. *sabānum*, gr. *sábanon*, toalha lençol. Neste sentido, os espanhoes dizem *sábana*, la *sábana santa*, mas no sentido translato, de planicie inculta, dizem tambem *sabâna*,

Dizemos, conforme a etymologia, *pelicâno*, *tavão* (*pelicānus*, *tabānus*, ital. *pellicíno*, *tafáno*; os espanhoes transpõem o accento, *pelícano*, *tábano*. Ha quem diga *erúdito*, *périto*, *quésito*, *simúlacro*, *carácteres*, (43), etc.; na 1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo—*sêjamos*, *hájamos*, *tênhamos*, *dígamos*, *fáçamos*, *pónhamos*, etc., em vez de *sejâmos*, *hajâmos*, *tenhâmos*, etc., e *áfiô*, em vez de *a fio*. Mas são somente os mais indoutos que assim errão.

Em sentido contrario tambem muitos deslocão o accento, dizendo por exemplo:

Amîdo por *ámido* (*amylum*, ital. *ámido*.) Tam-

bem amidão, do francez *amidon*, esp. *almidón*, grego *ámylon*.

Arîête por *aríete, aries, ĭĕtis.* (44).

Asphodêlo « *Asphódelo*, (l. *Asphódelus*, g. *asphodelos*).

Batèga « *bátega*, (do arabe).

Bigâmo « *bígamo*, (*bigămus*).

Canhâmo (45) « *cânhamo*, (*cannăbis*).

Chicoréa, orchidéa (46) « *chicorea* ou *chicoria*, l. *chicorium*, g. *kichōrion, orchídea* ou *orchidácea*.

Comître « *cómitre*, do baixo latim *comĭtus*, de *comes, ĭtis*, esp. (47) *comitre*, ital. comito.

Compúto « *cômputo*, l. *compŭtus*.

Drnîda « *Drúida* l *drŭída*.

Estadio « *estádĭo, stadĭum*.

Impáres (48) « *ímpares, impăres*.

Imprôbo « *ímprobo, imprŏbus*.

Indígo « *índĭgo*, do latim *indĭcus*, esp. *indigo*, ant. *éndico*, ital. éndaco.

Levêdo « *lêvedo*, do latim *levĭtus* por *levātus*, ital. *liêvito*.

Lidimo « *lídimo*, de *legitimus*.

Pristino, crastino « *prístino, crástino* (*pristĭnus, crastĭnus*).

Reverbêro « *revérbero, reverbĕro*, ou *reverbéro*, mas o substantivo derivado desse verbo deve conservar o accento latino, (como no italiano *rivérbero*), mas no espanhol *reverbero*, (49).

Ripio (50) « *rípio*, como no espanhol.

Sesâmo « *sésamo*, (51) *sesămum*.

Sibîlo « *sibilo, sibĭlum*, ital. *síbilo*, (52).

Synédrio « *Synédrio* ou *Synédrim*, gr. *Synédrion*.

Tulípa por *túlipa*, do persico *dulbend, turbante*, Diez. Dicc., I, ou do turco *tolipend*, Bluteau e Adolpho Coelho.

Vegéto « *végeto, vegĕtus*, (53).

Geralmente se escreve e pronuncía *sanscrito* ou *sanskrito* (Adolpho Coelho, Dicc.); mas o douto glottologo portuguez Gonçalves Vianna escreve e accentúa *sánscrito*, (54).

Antigamente, dizia-se *erysípêla* ou *erysípula* (55), e os do povo ainda dizem *erzípla* (*erysipĕlas, ătis*); prevaleceu depois o accento dos casos obliquos, *erysipéla*, de *erysipélătem*, como acontece geralmente na formação das palavras portuguezas oriundas do latim, (56).

Francisco José Freire quer que se pronuncía *cábala*; (do hebraico *cabbalah*, ital. *cábala*, esp. *cabála*); hoje todos dizem *cábala*. O mesmo autor, que cegamente se submette á autoridade de alguns classicos, opína que se deve pronunciar *epithéto*, porque Jacintho Freire assim accentuou em uma das suas poesias. Não advertiu que era liberdade poetica, da qual já déra exemplo Camões, canto 10.º, est. 124:

«*Aurea por epithéto lhe ajuntárão*».

(á Chersonéso), (57).

Os poetas, em outras palavras, quando o exige a rima ou a medida do vêrso, usão dessa liberdade, a qual não deve ser licita senão nos casos que já estão autorisados pelos mais competentes. Assim dizem *ímpio, murmúrio, murmúro*, (58), *rócio*, (59) etc. Camões disse: *Idalíos montes*, por *Idálios* (60) c. 4.º, est. 25; *Quíloa*, por *Quilôa*, se não é que no seu tempo assim se pronunciava, pois sempre accentuou desse modo, por quatro vezes: c. 1.º, est.ˢ 54, 99; 5.º, 45; 10.º, 26 (61). *Semirâmis*, (c. 3.º, 100) e *Antiôcho*, (na comedia *El-Rei Seleuco*), não obstante ser o accento na antepenultima syllaba, tanto na pronuncia portugueza, como na latina e na grega. Gil Vicente:—*Priâmo, Lucifér, Jupitér, spirito, retrogádo, domínio, Alleluía* (62). Diogo Bernardes:—

Calliŏpe, Arábes (63). Côrte Real:—*Apostáta, Vistúla, Rhodâno, Secâna, Enceládo*, etc. (64).

E' no verso que melhor se conhece a accentuação das palavras; mas essa liberdade poetica póde induzir em erro, do que é notavel exemplo aquella inadvertencia do autor das *Reflexões sobre a lingua portugueza.*

Como a mór parte das palavras da nossa lingua provêm do latim, regularmente a nossa pronuncia se conforma com a pr sodia latina, á qual devemos recorrer nos casos duvidosos. Ha, comtudo, palavras de origem latina, em que prevaleceu accentuação differente da que tinhão no latim (65).

A regra geral da pronunciação latina era o accento na penultima syllaba, se esta era longa; e, se era breve, na antepenultima. A ultima era sempre átona; só no tempo do imperio, depois que se vulgarisou o conhecimento da lingua grega, se admittiu em alguns casos o accento na syllaba final, em palavras gregas e em alguns vocabulos homonymos, para differença da significação: novidade que os mais severos reprovavão, como contraria á indole da lingua (66).

Erão, pois, *proparoxytonos* em latim, e, pela persistencia do accento, tambem o são no portuguez, quando para elle ella passávão, inteiros, os vocabulos que tinhão a penultima syllaba breve. Ora, vogal antes de vogal era sempre breve; e antes de duas consoantes sempre longa, excepto quando uma consoante era muda e a outra liquida (*l* ou *r*), caso em que a vogal era breve na prosa, e commum no verso. São, portanto, accentuadas na antepenultima syllaba as palavras latinas, e as portuguezas dellas provindas:

1.°—que têm a vogal penultima seguida de outra vogal, taes como as terminadas em *ea, ia, ies, io, ius, ium, uus*, excepto em alguns poucos casos e em palavras gregas, em que as duas vogaes fazem ditongo.

2.°—que têm a vogal penultima seguida de *muda* e *liquida*, como *cérĕbrum, pálpĕbra, vértĕbra, involŭcrum*, (67), *â-*

lăcris (68), *cĕlĕbris*, *funĕbris*, *mediŏcris*, *lugŭbris*, etc., excepto quando a vogal era *longa*, *por natureza*, como em *candelābrum*, *ambulācrum*, *simulācrum*, *volutābrum*, *delūbrum*, *salūbris*.

3.º—Nos casos obliquos, os nomes da 3.ª declinação imparissyllabos, em que é breve a vogal ultima do nominativo singular; porque essa vogal, pelo incremento da flexão, se torna penultima:—*arbŏr*, *arbŏris*; *artifex*, *ĭcis*, *carcer*, *ĕris*; *interprĕs*, *interprĕtis*; *hospes*, *hospĭtis*, *marmor*, *ŏris*, *satellos*, *ĭtis*, *obex*, *ĭcis*, *passor*, *eris*, etc., donde as palavras portuguezas: *arvore*, *artifice*, *carcere*, *interprete*, *hospede*, *marmore*, *satellite*, *obice*, *passaro*, etc., (69). *Opera*, de *opus*, *eris*, pl. *opera*, ou de *opĕra*, *æ*; *pólvora*, de *pulvis*, *eris*, pl. *pulvera*; *tempera*, de *temperies*; *têmporas*, de *tempus*, *ŏris*, pl. *tempora*; *tubera*, ou *túbara*, de *tuber*, *ĕris*, pl. *tubera*; *ulcera*, de *ulcus*, *ĕris*, pl. *ulcera*; *vespera*, de *vesper*, pl. *vespera*; *viscera*, de *viscus*, pl. *viscera*; *opiparo*, do lat. *opĭpărus*, parece que vem de *opos*, *um*, riqueza, e *paro*, *paratus*.

A's vezes, por ser tomada do nominativo, a palavra portugueza é paroxytona no singular, mas no plural *proparoxytona*, como no latim: *consul*, *consules*, *martyr*, *martyres*, *Cesar*, *Cèsares*, *cadáver*, *cadáveres*, *prócer*, *próceres*. Os outros vocabulos portuguezes, terminados em consoante, com accento na penultima syllaba, não derivados do latim, tambem no plural se torna *proparoxytonos*, porque o incremento do plural não desloca o accento: *alcáçares*, *aljôfares*, etc.. A unica palavra portugueza, em que, no plural, se transpõe o accento, é *carácter*, *caractéres*; e a razão é que essa palavra, provinda do nominativo latino, conserva no singular a accentuação desse caso e no plural segue a do plural da declinação latina, que era na penultima (*charáctĕr*, *charactĕres*), por ser longo esse *e*, correspondente ao *eta* ou *e* longo da palavra grega *charaktĕr*.

4.º—Os adjectivos terminados em *er*, no nominativo singular masculino, quando tomão o incremento de flexão: *adúlter*, *ásper*, *míser*, *prósper*, etc., *adúltĕre*, *adúltĕrum*, etc..

5.°—Os derivados, cujos suffixos têm a penultima breve (70). Taes são:

Acus — Substantivos:—*ábaco, zodiaco, ammoniaco, mónaca, sandáraca.*
Adjectivos:—*cardiaco, elegiaco, egypciaco, iliaco, syriaco*, etc. Excepto *opáco.*

Icus — Substantivos:—*fabrica, grammatica, medico, musica, portico, tunica*, etc..
Adjectivos:—*aulico, bellico, civico, comico, heroico, modico, lubrico, publico, unico*, etc.. Excepto *rubrica, aprico, pudico.*

Idus — *Arido, avido, calido, esqualido, paltido, rapido, valido, tepido, tepido, trepido, frigido, timpido, nitido, rigido, rispido*, (*hispĭdus*), *timido, estolido, próvido, torpído, torrido, cupido, estupido, humido, futgido, tucido, lurido, turpido, tumido*, etc..

Itus — Breve, em muitos supinos e nos seus derivados.
Substantivos:—*habito, hatito*, (*hatĭtus*, por *hatātus*), *espirito* (*spirĭtus*, por *spirātus*), *credito, redito, fremito, merito, préstito*, de *praestare*, estar adiante, (71), *transito, obito, subdito, pútpiço, vomito*, etc. *Inquerito, scquito* são palavras novas.
Adjectivos:—*preterito, imperterrito, implicito, explicito*, (*implicĭtus, explicātus*, por *impticātus, explicātus, ticito, sollicito, indomito*, (*indomĭtus*, por *iddœtus*), *recondito*, (*attonito*, de *attonare*), *subitu*, etc. *Ambito, ambĭ-*

tus) tem o accento na antepenultima syllaba, apezar de provir de um supino, que tem a penultima longa: *ambītum*. *Gemĭtus*, em portuguez, é *gemído*, por influencia do participio de *gemer*. *Divida*, de *debita*, plural de *debitum*; *duvida* de *dubitare* (provençal *dubte*, fr. *doute*, esp. *duda*). *Orbita* do nome *orbis*.

Ilis — Na linguagem antiga: *estérile*, *fértile*, etc. *Rútilo* tem o mesmo suffixo, com terminação differente.

Imus, imo — *Legitimo, maritimo, animo, lagrima, victima*, etc; superlativos em *imo, issimo, errimo*: *maximo, minimo, infimo, optimo, proximo, intimo, ultimo, facilimo, humilimo, altissimo, santissimo, asperrimo, pauperrimo*; e os numeraes ordinaes: — *decimo, vigesimo* (de *decimo, dizimo, dizima*), etc. Excepto *opimo*. (*Racimo* vem de *racēmus*, *vindima*, de *vindimia*. *Pantomimo*, *pantomima* são palavras gregas compostas).

Inus — Este suffixo é longo, nos derivados de nomes de pessoa ou cousa, sobretudo de animaes, significando pertencer ou provir dellas. *Divinus, libertinus, marinus, equinus, ferinus, serpentinus, matutinus*, da deusa Matuta, ou Aurora, *collatinus, alpinus, plautinus, perusinus, venusinus*. Nos

derivados de adverbios, é longo em uns, como *clandestīnus* (de *clam*), *intestīnus* (de *intus*), *peregrīnus* (de *peregrē*), *repentīnus* (de *repente*); mas em outros breve: *dintĭnus*, *crastĭnus*, *pristĭnus*. E', porem, breve, quando significa a materia de que é feita alguma cousa (neste caso o suffixo é *nus=neus*, precedido de *i*, vogal de ligação, que é sempre breve): *acanthĭnus*, *adamantĭnus*, *cedrĭnus*, *crystallĭnus*, *elephantĭnus* (de marfim), etc.. Todos estes passárão para o portuguez com o accento transposto para a penultima syllaba, por analogia dos que a têm longa no latim, e seguindo a regra geral da accentuação da nossa lingua. Somente *crástino* e *prístino* são usados, pelos doutos, com o accento latino, como ficou dito. De *pátĭna* se formou *pátêna*, depois *patêna*. *Machina* e *lamina* passárão para o portuguez sem alteração de fórma (prov. e ital. *lama*, fr. *lame*).

Olus *Foliolo*, *gladiolo*, *vitriolo*, *gloriola*, *variola*.

Ulus *Capitulo*, *titulo*, *cumulo*, *famulo*, *rabula*, *modulo*, *pendulo*, *regulo*, *seculo*, *tumulo*; *cellula*, *cupula*, *fécula*, *férula*, *flammula*, *fistula*, *formula*, *pilula*, *pustula*, *virgula*, *crédulo*, *gárrulo*, *tremulo*, etc.

Bulum	*Estabulo, pabulo, turibulo, vocabulo.*
Culus	*Animalculo, baculo, cenaculo, espectaculo, obstaculo, oraculo, tabernaculo, folliculo, paniculo, vehiculo, rediculo, musculo, oculo, carbunculo, ranunculo, cauicula, clavicula,* etc.

Os vocabulos compostos seguem, no latim, a regra geral da accentuação, conforme a quantidade da penultima syllaba. (Com algumas, poucas, excepções, que não têm effeito no portuguez). Assim *homicida* (de *homo* e *cædo*), porque é longo o ultimo *i*, e por ser breve a penultima syllaba do elemento verbal, de que é formado, é accentuado na antepenultima.

6.º—Os compostos, que têm terminações:

Ambulus	(do verbo *ambulare*) *Ambulo, funambulo,* (*in funo ambulo*), *preambulo, somnambulo,* (moderno).
Cola (de *colo*)	*Agricola, celicola, incola, selvicola,* (silvicola).
Cubus (de *cubo*)	*Incubo, súccubo.*
Dicus (*dico*)	Dos derivados do verbo *dīco*, uns tinhão a desinencia longa, como *maledīcus*, outros breve, como *causidĭcus, juridĭcus, veridĭcus*. No portuguez todos a têm átona: *malédico, causídico, verídico.*
I-fer (fero)	*Lúcifer, lucífero, fructífero, odorífero, palmífero, pestífero, aurífero, estellífero,* etc. Deve-se, pois, dizer *râgifer* (ou *rangífero*, como dizem os espanhoes), não *rangífer*, como dizem alguns.
I-ger (*gero*)	*Alligero, armigero, belligero, cornigero, lanigero,* etc..
Igus (*ago*)	Em *pródigo*, do verbo *pródigo*,

	prodigĕre=prod, por *pro*, e *ago*, *agĕre*.
Ficus (*facio*)	*Benéfico*, *malĕfico*, *magnífico*.
Fragus (*frango*)	*Náufrago*, *saxífrago*, *fedífrago*.
Fugus, *fuga* (*fugio*)	*Lucífugo*, *prófugo*, *larífuga*, *trânsfuga*; modernos: *centrífugo*, *febrífugo*, *vermífugo*.
Genus, *gena* (*geno=gigno*)	*Ambígeno*, *indígena*, *nubígena*, *terrígena*, ou *terrígeno*, *trojúgena*, *grajúgena*.
Gradus (*gradior*, *gradi*), *grado*	*Retrógrado*.
Lego (*lego*, *ĕre*, *tomar*, *roubar*)	*Sacrílego*.
Loquus (*loquor*)	*Grandíloquo*, ventríloquo. (*Equívoco*, unívoco são compostos de *æquus*, *unus*, e VOX. (72).
Nubus (*nubo*)	*Bénubo*, *prónubo*.
Oles (*olesco*)	*Indole* (*indŏles*, *is* de *indu=in* e *oleseo*, crescer, desenvolvimento intimo).
Parus, a (*pario*)	*Ovíparo*, *deípara*, *vivípara*. *Vibora*, de *vipera=vivipara*.
Pera (*idem*)	*Puérpera*.
Peto, a (*peto*)	*Impeto*, *heredípeta*; *centrípeta*, mod.
Plex ou *plus* (*plico*)	*Multiplice*, *múltiplo*, *dúplice*, *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nónuplo*, *décuplo*, *céntuplo*.
Vagus (vagor) *vago*	*Omnívago*, *noctívago*, *undívago*.
Volus (*volo*, *vello*)	*Benévolo*, *malévolo*, *omnívolo*.
Volus (*volo*, *āre*)	*Altívolo*, *velívolo*. *Frivolo* é derivado de *frio* (*friare*), com o suffixo *olus*, *frivŏlus*, *friavel*, *fragil*.
Vomus (*vomo*)	*Ignívomo*, *flammívomo*, *omnívomo*.
Vorus (*voro*)	*Carnívoro*, *herbívoro*, *omnívoro*.

7.º—Todos os compostos, em que o segundo elemento é um nome substantivo ou adjectivo dissyllabo, que tem breve a primeira syllaba, porque na palavra assim formada cae o accento, pela quantidade da penultima, sobre o final do primeiro elemento: *triúmviro, decimviro, bípede, pulmípede, quadrúpede, quadrijugo, centimano, quadrúmano* ou *quadrímăno* (não *quadrumâno*, como dizem muitos; no latim *quadrímănus*. a mesma accentuação no espanhol e no italiano; mas *quadrirême*, porque vem de *rēmus*, que tem o *e* longo (73), *altisono, côncavo, pérfido, (de fides*, mas *infido*. de *fīdus*), *improbo, réprobo, omnimodo, cômmodo*, etc. Moderno:—*centigrado*.

8.º—Ha no latim, alem desses, outros proparoxytonos, principalmente derivados do grego. Alguns tão antigos que só mesmo nesta lingua se encontra a communidade de origem, como *numĕrus*, que deriva, com o verbo grego *nêmō*, dividir, da raiz *nem* (idéa de distribuição); outros modernos, que no latim classico não forão usados, como *época*, (*tempus*), de *epochē*, parada, ponto fixo, certo tempo na historia. De ordinario conservão as mesmas letras, mas ás vezes ha mudança, como *ancŏra*, de *ankyra*. Podem ter a penultima breve em desinencias que nas palavras latinas a têm longa, como *ārius, singulāris, popularis*, etc., mas *hilăris*, do grego *hilarós*; *ūra, -pr.ctura, usūra*, etc., mas *purpŭra*, do grego *porphýra*, que tinha a penultima breve, ainda que accentuada, pois o principio da accentuação grega era differente da que regía a latina.

No grego a accentuação depende principalmente da quantidade. Para que o accento possa estar na antepenultima é preciso que a ultima seja breve. A penultima póde ser longa ou breve, seja ou não seja accentuada: e, por via de regra, quando longa, em vez de attrahir, afasta o accento. (74).

A regra geral para as palavras derivadas e compostas, e para as flexões é a seguinte:—O accento afasta-se quanto possivel da terminação, isto é, quanto o permittem a quan-

tidade da syllaba final e a etymologia. O accento do radical ou thema, chamado accento primario, não é determinado por principios geraes; só a pratica ou o diccionario o póde ensinar.

O latim, adoptando palavras gregas, sujeitava-as ao systema da prosodia latina. Só depois que o estudo do grego se generalisou, entre os doutos, foi que alguns vocabulos, sobretudo nomes proprios, forão usados com a pronuncia grega, e neste caso devião ter tambem a declinação da lingua originaria.

No portuguez as palavras gregas, ou formadas com elementos gregos, são geralmente e pronunciadas de conformidade com o systema da lingua latina, por intermedio da qual a mór parte dellas nos viérão. Ha, todavia, algumas em que, não obstante nos virem do latim, prevaleceu o accento grego. Como adverte Frederico Diez, deve-se attribuir esse desvio á influencia do grego da idade media, pois é demasiado o numero de exemplos, para serem considerados aberrações fortuitas. Eis aqui algumas:

	Grego	Latim
Acôniton	*akóniton*	*aconĭtum*
Anáthema (75)	*anáthēma*	*anathēma*
Antíphona	*antíphonos*	*antiphōna*
Elogio (76)	*eulogía*	*elógium*
Eschára (77)	*eschára*	*eschăra*
Idéa	*idéa*	*idĕa*
Ídolo	*eídolon*	*idōlum*
Myope	*myōps, myopos*	*myops, myōpis*
Polypo (78)	*polípons*	*polўpus*
Tisâna	*ptisánē*	*ptisăna*
Bolíde ou *bolído* (79)	*bolís, ídos*	*bolis, ĭdis*

Prudencio, poeta do 4.º seculo (80), já accentuava *blasphēmus* (gr. *blásphēmos*, lat. *blasphēmus*); e ha quem assim accentúe em portuguez: deve-se, porem, dizer, e geralmente se diz, blasphêmo. Tambem pronuncião deste modo os espanhoes e os italianos.

Foi, sobretudo, nos nomes gregos terminados em *ia* da 1.ª declinação, na idade media, e na formação das linguas nascidas do latim, que o accento grego muitas vezes supplantou o latino, como adiante veremos. Em alguns nomes proprios, igual facto se deu: *Amazôna*, *Amazônas*, (gr. *Amazŏn, ónos*, pl. *Amazónes*, lat. *Amázon, ŏnis*, pl. *Amazŏnes*); *Basílio* (gr. *Basíleios*, lat. *Basilūs*); *Isidro=Isídoro* (gr. *Isidōros*, lat. *Isidōrus*); *Jácomo, Jaime, Sant'Iago, Tiago*, (gr. *Iákóbus*; lat. *Jacōbus*); *Dorothéa* (gr. *Dōrothéa*, lat. *Doróthĕa*); *Eufrosína*, (gr. *Euphrosynē*, lat. Euphrósyna); *Helêna*, (gr. *Helénē*, lat. Helĕna); *Polyxêna* (81) (gr. *Polyxénē*, lat. *Polyxĕna*).

Outros nomes proprios, de origem grega, são pronunciados com accentuação differente da latina, ou por influencia da grega, ou por analogia de desinencias latinas. Assim: *Andrônico*, (gr. *Andrónikos*, lat. *Andronīcus*); *Heráclito*, (gr. *Herakleitos*, lat. *Heraclītus*); *Thrasíbulo, Aristólulo, Cleóbulo, Thcódulo*, (gr. *Thrasíboulos, Aristóboulos, Kleóboulos, Theódoulos*; lat. *Thrasíbūlus, Aristobūlus, Cleobulus, Theodūlus* (82).

Nos poetas encontrão-se os nomes gregos quasi sempre com accentuação latina, mas algumas vezes com a grega, e outros com accento que nem é grego, nem latino (83). Assim Camões disse, conforme o accento grego, mas talvez sem o proposito de o preferir, seguindo somente a ordinaria accentuação portugueza: *Taprobâna* (1.º, 1), *Cinyra*, (9.º, 60; 10.º, 135), *Demodóco* (10.º 8), *Ephyre* (84) (9.º, 76), *Candáce* (10.º, 52), *Glaphyra* (5.º, 95), *Semêle* (7.º 52), (85), e com accento differente do latim e do grego, um e outro na antepenultima: *Cappadôces* (3.º 72), *Eólo* (86), *Zopyro* (3.º, 41), *Heliogabálo* (3.º 92), *Heliogábălus* ou *Elagábălus*, gr. *Elaiagábalos*, para rimar com *Sardanapálo*, gr. *Sardanapállos*, lat. *Sardanapālus*. Disse com o accento grego, conforme o uso commum, *Dario*, no canto 3.º, est. 41, (87), mas no canto 10.º, est. 21, Dário (88). Já vimos que Camões disse, por liberdade poetica, *epithéto* (o *ē* penultimo é breve, porque no grego é um *epsilon*, e não *eta*). Disse tambem *Archetypo* (c 10.º 79), talvez por assim accentuarem os espanhoes. Alguns di-

zem *prololypo*, e geralmente se pronuncía *daguerreotypo*, *estereotypo*. O principio latino e o grego exigem, em todos esses vocabulos compostos, por ser breve no grego a ultima e o latim na penultima, o accento na antepenultima syllaba (*archétypum*, *archétypon*).

Prevaleceu accento diffe ente do latino e do grego, em *occâno* (lat. *océănus*, gr. *ōkeanós* (89) e em *orgía* (plural neutro no latim e no grego, *órgia*, *ōrum*; *órgia*, *ōn*). No plural, com a significação primitiva, de festas de Baccho, mantém-se o accento latino, sobretudo no verso, *órgias* (90).

Nas palavras compostas, o grego, ás vezes, apartava-se do principio prosodico, por motivo ideologico, para a clareza do discurso. A vocabulos formados do mesmo suffixo, com a mesma desinencia, dava accentuação differente, para lhes discriminar a natureza (substantivo ou adjectivo), ou a significação (activa ou passiva, pessoa ou cousa). Assim: *aristotókos*, que engendra filhos bravos ou heroes, *aristótokios*, bem nascido ou o melhor filho, *neotókos*, mulher puérpera, *neótokos*, criança recem-nascida; *paidoktónos*, infanticida ou que mata os proprios filhos, *paidóktonos*, morto pelos filhos; *lithobólos*, o que atira pedras, *lithòbolos*, apedrejado; *tēlebólos*, que atira de longe, *tēlébolos*, atirado de longe, projec il; *geográphos*, *historiográphos*, *kalligráphos*, *polygráphos*, *tachygraphos*, o que escreve depressa, secretario escrivão, etc., e *autógraphos*, escripto pelo autor, *ológraphos*, escripto por extenso ou todo escripto pelo autor; *astrológos*, *philológos*, e *diálogos*, *epilogos*, *prólogos*, etc. Em todos os compostos, cuja segunda parte é um elemento verbal, quando significão o agente da acção expressa pelo verbo, o accento é posto nesse elemento, ainda que, pela regra prosodica, devêsse recuar: *astrológos*, *astronómos*, *antropophágos*, etc. No latim a posição do accento regulava-se unicamente pelo principio prosodico, e as palavras recebidas do grego erão sujeitas á mesma lei, accentuadas conforme a quantidade da penultima syllaba. Assim, por terem a penultima breve, são proparoxytonos no latim, e como taes

passárão, para o portuguez, os vocabulos gregos, derivados ou compostos, que têm as seguintes terminações, não obstante muitos delles não o serem no grego:

Ada ou *ade* (suffixo nominal, *as*, *ádos*)

Década, lat. *decas*, *ădis*, gr. *decás*, *ádos*. Dezena, grupo de dez. *Décadas*, de Tito Livio e de João de Barros, historia dividida em partes de dez livros cada uma. *Décadas* dos mezes gregos e do calendario da 1.ª republica franceza, espaço de dez dias.

Dríadas, lat. *dryas*, *ădis*, gr. *dryás*, *ádos*, de *drys*, arvore, nymphas dos bosques. *Hamadríadas*, adv. *háma*, ao mesmo tempo: nymphas que nascião e morrião com as arvores em que habitavão.

Naiadas (90.A), lat. *naïas*, *ădis*, ou *naïs*, *ĭdis*, gr. *naiás*, *ádos*, da raiz *na*, que exprime a idéa de liquido, donde *nαûs*, *naútēs*, lat. *navis*, *nauta*: nymphas das aguas, de rios e fontes.

Oréadas, de *oros*, montanha: lat. *oreádes*, gr. *oreiádes*.

Iliada, lat. *Ilïas*, *ădis*, gr. *Iliás*, *ádos*, adj. de *Ilion*, subentendido o substantivo *ōdē*, poema (91).

Lampada, lat. *lampas*, *ădis*, gr. *lampas*, *ádos*, da raiz *lamp*, idéa de luz, donde tambem Olympo, limpido, e relampado, portuguez antigo, hoje relampago.

Ménades, gr. *mainádes*, bacchantes, de *mainomai*, delirar.

Mônadas, de *monás*, *ádos*, unidade, termo philosophico.

Myriade, lat. *myrias*, *ádis*, gr. *myriás*, *ádos*, dez mil, grande numero.

Nómades, lat. *nomádes*, gr. *nomás*, *ádos*, pl. *nomádes*, de *nomeúō*, apascentar.

Olympiada, lat. *olympias*, *ádis*, gr. *olympiás*, *ádos*: periodo de quatro annos, intervallo dos jogos olympicos ou da cidade de Olympia.

Pleíades, *Ilyades*, constellações. *Cyclades*; *Spórades*, *Strophades*, *Orcades*, ilhas, etc. Gr. *Pleiádes*, *Ilyádes*, *Kykládes*, etc.

Alo (*alos*)

Anomalo, *an* priv., e *omalós*, de, *omós*, igual, semelhante.

Astrágalo, da raiz *stragg*, torcer, apertar.

Crótalo, lat. *crotălum*, gr. *krotalon*.

Cýmbalo, lat. *cymbălum*, gr. *kýmbalon*, de *kymbē*, cousa òca.

Escandalo, *scandalon*, tropeço, armadilha, de *scazō*, tropeçar.

Pétala, ou *pétalo*, da raiz *pet*, idéa de cair; com a terminação deste, formou-se, modernamente, o termo *sepala* ou *sepalo*, do latim *separ*, *ăris*, separado.

Ha palavras desta terminação, que são compostas, não simples derivações, como *chrysócalo*, do *chrysós*, e *kalós*, bello; *polygala*,

BIBLIOTHECA MUNICIPAL S. PAULO

poly, muito, e *gala*, leite, e os compostos: de *kephalé*, cabeça; *acephalo*, (*a* priv.) *encephalo*, (*en*, prep. em), *macrocéphalo*, *microcéphalo*, (*makrós*, grande, *mikrós*, pequeno). *Bucéphalo* (*boũs*, boi), e de *omphalós*, umbigo, *aerômphalo*, *enterômphalo*, *exômphalo*, *hepatômphalo*, *sarcômphalo*.

Amo (*amos*) *Cálamo*, da raiz *kal*, idéa de caniço.

Thálamo, r. *the*, collocar.

Hippopótamo, *hippos*, cavallo, e *pótamos*, rio, de *potós*, potavel.

Myopótamo, *mys*. gen. *myós*, rato; mod., roedor da America do sul.

Bálsamo, lat *bálsamum*, gr. *bálsamon*, é composto hebraico, de *baal*, principe, e *schaman*, oleo.

Ano (*anos*) *Bálano*, *bálanos*, glande, da raiz *bal*, lançar.

Plátano, *plátanos*, de *platús*, largo.

Tétano, *tétanos*, de *tetanós*, distendido.

Trépano, instrumento cirurgico, *trýpanon*, de *trypa*, furo, *trypáõ*, furar.

Tympano, *tympanon*, de *typtõ*, bater.

Líbano, *líbanos*.

Aro, *ara* ou *era*, suffixos *ar* e *os* ou *a* *Cântaro*, *kántharos*, da raiz *cand*, idéa de alvura ou brilho donde *cãs* (adj. lat. *canus*, *a*, *um*, branco, candido, incandescente).

Camara, *kamára*, da raiz *kam*,

idéa de abobada; lat. *camara* ou *camĕra*.

Cholĕra e *cólera*, gr. *cholĕra* (de *chólos* ou *cholé*, fel, bilis).

Cithara, gr. *kithára*, da raiz *ki*, idéa de mover, commover, donde *citar*, *excitar*, etc. Lat. *cithăra*.

Bárbaro e *tártaro* são reduplicações das raizes *bar*, idéa de balbuciar, e *tar*, de terror.

Aso (*atos*, *a*, letra de ligação, e o suffixo *sos*, composto da consoante de ligação *s* e do suffixo *os*).

Pégaso, de *pēgé*, fonte.

Pĕtaso, chapéo alado de Mercurio, da raiz *pet*, que dá vôo.

Kárpaso, gr. *kárpasos*, da raiz *karp*, idéa de fructo, utilidade.

Ese ou *esis*, *e*, letra de ligação ou final do radical, e *sis*, suffixo que indica acção.

Gênese, *diérese*, *synérese*, etc. (Quando a vogal penultima, no grego, é *epsilón*, ou *e* breve, a palavra é proparoxytona).

Catechése, *catachrése*, *diaphorése*, etc. (Quando, no grego, a vogal penultima é *éta* ou *e* longo, o accento é paroxytono).

Ide, *eidés*

Suffixo composto do substantivo *eídos*, forma, aspecto, e do suffixo *ēs*. Os vocabulos formados com este suffixo erão oxytonos no grego, paroxytonos no latim, por ser longo o *i*, como proveniente do ditongo grego *ei*. No portuguez, tornárão-se proparoxytonos, accentuados na ultima vogal do radical, sem duvida por analogia dos formados com o suffixo que em se-

guida mencionamos:—Gr.,*rhomboiedés, sphairoeidés, ichthyoeidés*, etc.; lat. *rhomboïdes, sphæroïdes*, etc.; port. *rhomboide, spheroide, ichthyóide*, etc. E, como estes, os modernos:- *alcaloide, asteroides, metalloide*, etc.

Ide e *yde* (*is, édos*, e *ys, ydos*, suffixo de nomes femininos).

A'bside ou *ápside* (92), *áspide, chrysallide* ou *chrysallida, égide, pyramide, ephemérides, eumênides, heróides, thebáide, chlámyde*. Gr. *Apsís, ídos; aspís, ídos: chrysallís, ídos; aigís, ídos*: *pyramis, ídos*, pl. *pyramides*, (de *pyramis*, bolo conico, que se offerecia aos mortos; segundo outros, de pyra, fogueira, que tem a mesma forma); *ephemeris, ídos, ephémeros*, de um dia ou de cada dia); *eumenís, ídos, ídis*, (*eumenês*, benevola); *hēroís, ídos, ídes; thebais, ídos; chlamys, ýdos*. Lat. *Absis, ĭdis*; *aspis, ĭdis; chrysallis, ĭdis; ægis, ĭdis; pyrămis, ĭdis*, pl. *ĭdes; eumĕnis, ĭdis, ĭdes; herōis, ĭdis*, (*herōĭdes*, heroínas, mulheres ou amantes de heróes, titulo de Epistolas de Ovidio); *chlamys, ĭdis*, veste grega.

Ide e *iade* (*idēs* e *iádēs*, suffixos de nomes patronymicos, masculinos, da 1.ª ou 3.ª declinação).

No latim, pronunciavão-se estes nomes com o accento grego, não obstante ser breve a vogal penultima, e ainda os latinos, formados por analogia, como *Scipiádes, Memmiádes*, segundo Prisciano, e outros grammaticos antigos; mas tambem era licito

pronuncia-los á latina, com o accento na antepenultima, e foi esta pronuncia que passou para o portuguez:—*Arsácide, Dardánide, Eácide, Priâmide, Asclepíade, Pelêade, Memmíade, Scipíade*, etc. Alguns tinhão o *i* longo no latim, e portanto accentuado, proveniente de *ei* grego:—*Alcīdes, Atrīdes, Heraclīdæ, Pelīdes, Tydīdes* (gr. *Alkeí, des, Atreídēs*, etc). Estes, no portuguez, são tambem assim pronunciados:—*Alcídeou Alcídes, Atríde, Heraclídas, Pelíade, Tydíades.*

Os patronymicos femininos formão-se com os suffixos *ás, ádos*, pl. *ádes*, ou *ís, idos*, pl. *ides*, e no latim são accentuados na antepenultima syllaba, como os outros derivados femininos, formados com os mesmos suffixos:—Gr. *Nēreís, ídos, Nereídes*, filhas de Nerêo, nymphas do mar Mediterraneo; *ōkeanídes*, ou *ōkenēiádes*, filhas do oceano; *Lētōís, ídos*, ou *Lētōiás, ádos*, filha de Leto ou Lætona; lat. *Nereis, ĭdis, Nerĕĭdes; Oceanĭdes* ou *Oceanitŭdes; Latōis, ĭdis* (*Diana*); port., *Nerêides, Oceânides, Latóide.*

Tambem com os mesmos suffixos se formão nomes derivados do logar do nascimento ou habitação: *mæonĭdes*, natural da *Mæonia*, Homero; *Mæonĭdes, Musæ*, (Hor.), Musas Meonias, *menalĭdes*, do monte Mênalo, Pan; *Sicelĭdes Musæ* (Virg.), Musas da Sicilia. Camões formou *Tágides*, nymphas do Tejo.

Allage (*allássō* ou *allátō*, mudar, trocar, de *allos*, outro, differente, e *gē=kē*, suffixo de nomes femininos):—*Enallage, hypallage*, figuras de grammatica. Gr., *enallagé, hypallagé*; lat., *enallăge, hypallăge.*

Báto, bata, (*batéos*, de *baíno*, andar):— *Hyperbato* (*hyper*,

sobre, *hyperbaínō*, passar sobre, *hyperbatós*, derribado, invertido). Gr., *hypérbaton*, inversão, fig. de gram.

Acróbata, gr. *acrôbatos* (de *acron*, a extremidade, que anda na ponta dos pés). Muitos dizem acrobáta, por influencia do francez; assim como *nephelibáta*, palavra modernamente formada em França, de *nephéte*, nuvem, para significar o que usa de estylo nebuloso, obscuro, e que devemos pronunciar *nephelibata*. Assim havia no latim: *nervubáta* (gr. *neurobátes*, de *neurón*, corda), que dansa em corda; *andabáta* (gr. *anabátēs*, cavalleiro, *aná*, sobre, *anabaínō*, subir, montar), athleta que combatia a cavallo; *epibátæ* (*epí*, acima), soldados de marinha, que subião nos mastros ou nas abordagens; *steriobáta* e *stylobáta*, termos de architectura, bases de columnata.

Bolo, *bola*, *bole* (raiz *bal*, verbo *bállō*, lançar, atirar, *bolé*, acção de atirar, *bolos*, cousa que se atira:—(*discóbolo*, athleta que atirava o disco; *óbolo* (*ó* pref. e *bolos*); *êmbolo* (*en*, prep. em); *symbolo* (*syn*, com, ajuntamento de uma cousa com outra, approximação, comparação, imagem que a representa); *parábola* (*pará*, de, junto de, comparação, allegoria); *hypérbole* (*hypér*, acima, por cima, exageração); *metábole* (*metá* indica mudança), figura de rhetorica, repetição de uma idéa por palavras differentes. Gr. *diskobólos*, *obólos*, *émbolos*, ou *êmbolon*, *sýmbolon*, *parabolé*, *hyperbolé*, *metabolé*. Lat. *dissobŏlus*, *obŏlus*, *symbŏlum*, *parabŏla*, *hyperbŏle*, *metabŏle*.

Ceros (*keras*, *atos*, chifre):—*Monócero*, que tem um só chifre, *dicero*, de dois chifres, *rhinoceros*, *rhinocerote* e *rhinoceronte*, *rin* ou *ris*, *inos*, nariz, que tem chifre no nariz. Gr. *rhinókerōs*, gen. *rhinokérōtos*. Lat. *rhinóceros*, gen. *rhinocerōtis*. Modernos: *leióceros* ou *lióceros* (*leîos*, liso), *strepsiceros* (*strepsis*, acção de torcer, *streptós*, torcido, de *strephō*), *ramiceros*, hyb. do latim *ramus*, melhor *ramicornes*, termos de zoologia.

Crase (*krásis*, temperamento).—Epícrase, t. de medicina.

Crata (*krátos*, força, poder). Os espanhoes dizem *autócrata*, *aristócrata*, *demócrata*, *theócrata*, e assim deviamos dizer, porque, na prosodia latina, a penultima vogal seria

breve; mas, como no latim não houvesse taes palavras, prevaleceu a accentuação do francez, do qual nos viérão. Todavia, muitos pronuncião *aulócrata*. Gr. *autocrātēs*, *aristokratikós*, *democratikós*.

Clito (*klinō*, inclinar):—*Heteróclito* (*hèteros*, outro, diffebente), irregular.

Colyto:—*Inclyto*, hybridismo, lat. *in*, e gr. *klytós*, famoso.

Colyto:—*Acólyto*, lat. *acolўthus* ou *acolŭthus*, gr. *akólouthos*, *a* prefixo, que significa união.

Crise (*krisis*):—*Epicrise*, t. de med.

Crita:—*Hypócrita*, gr. *hypokritḗs*, comediante, de *hypokrínomai*, *hypo* em baixo, e *krino* julgar, adj. verbal *kríteos*: responder ou replicar, representar personagem theatral.

Crypho (*krўphos*, segredo, occultação:—*Apocrypho*, clandestino, duvidoso (*apò*, em composição, indica ponto de que se parte ou meio de que se usa).

Chrono (*chronos*, tempo):—*Isòchrono* (*isos*, igual), que dura o mesmo tempo. Movimentos *isòchronos*, como são os do pendulo. Pelo contrario, *isocòlon*, por ser longo o *o* penultimo, não *isòcolon*, como se lê em alguns diccionarios. Gr. *isókōlon*, lat. *isocōlon*, periodo de membros iguaes. *Sýnchrono*, que se faz ou occorre no mesmo tempo, contemporaneo.

Doto (*dotòs*, dado):—*Antidoto* (*anti*, contra, *antìdotos*, subentendido *posis*, bebida, ou *antìdoton*, subst. n.; lat. *antidōtus*, fem. ou *antidŏtum*, n.).

Dramo (*drómos*, carreira, corro):—*Hippòdromo*, gr. *hippódromos* ou *hippodrómion* (*hippódromos* é quem corre a cavallo), lat. *hippodrómus*. Recentemente, formárão o vocabulo hybrido *velòdromo*, do latim *velox* e do grego *dròmos*, para designar o logar onde correm velocipedes. *Pródromos* e *sýndromos*, concurso de factos anteriores ou concomitantes.

Elyto:—*Prosclyto*, *prosélytos*, *pros*, de, significando adjuncção, e *élython*, de *erkhomxi*, vir, chegar: recenvindo, converso.

Emero (*hēméra*, dia):—*Ephémero*, *ephḗmeros*; *epí*, *em*: que

dura um dia. *Decâmeron*, dez dias, titulo dos contos de Boccacio. *Hexâmeron*, 6 dias, de S. Basilio e de Santo Ambrosio (93). *Heptâmeron*, 7 dias, novellas de Margarida, rainha de Navarra.

Gamo (*gámos*), casamento, verb. *gaméō*:—*Bigamo*, hybridismo, lat. *bis*; a palavra grega é *dígamo*; *trígamo*, *monógamo*, *polýgamo*. *Cryptógamo*, *phanerógamo* (*kryptós*, occulto, *phanerós*, visivel), termos de botanica.

Amálgama, segundo alguns, é composto de *amá*, juntamente, e *gaméō*; mas, segundo Diez, é derivado de *malágma*, amolecimento, que, por transposição das letras da segunda syllaba, deu *málgama*.

Geno (*genês*):—*Electrógeno*, *nitrógeno* e outros termos scientificos modernos, em que, por erro, esse sufixo significa *o que gera*; *genês* pelo contrario, significa gerado (vid. Littré, *Dicc*). Deviamos dizer *hydrógeno*, *oxìgeno*, como dizem os espanhoes e os italianos; mas prevaleceu—*hydrogenio*, *oxigenio*, não *hydrogenes*, *oxigenes*, como escrevem outros.

Gono (94), de *gonos*, raça, prole:—*Epigonos*, gr. *epigonoi*; lat. *epigŏni*. Os descendentes dos 7 chefes que sitiárão Thebas. *Prógono*, o mais antigo avô.

Graphe e *graphō* (*grípho*, escrever):—*Epigraphe*, *autographo*, *geographo*, *polygrapho*, etc.

Gyno:—*Andrógino*, que participa de dois sexos (*anér*, genit. *andrós*, homem, e *gynḗ*, mulher, femea). *Octogína*, flor que tem oito pistillos, orgãos femininos; *monógyna*, de um só pistillo.

Laba, *labo* (*labé*, *lambánō*, tomar, apprehender):—*Sýllaba*, *syllabo* (*syn*, com, o que reúne, comprehende).

Litho (*líthos*, pedra):—*Chrysólitho*, *chrysós*, ouro, *monolitho*, gr. *chrysólithos*, *monolithós*, lat. *chrysolithus*, *monolithus*. Modernos: *aerólitho*, *ichtyólitho*, *zoólitho*.

Litro (gr. *litra*, libra; e no latim da idade media *litra*, medida de capacidade, donde o francez *litron*, medida antiga):—*Decálitro*, *kilólitro*, *decílitro*, *centílitro*. Esta é a pronuncia conforme á regra da prosodia latina e da grega. Essa

composição daria no grego *decálitros*, *kilólitros*, etc.; no latim, *decalitrus*, *kilolitrus*, etc Mas o vulgo prefere dizer, conforme a accentuação franceza, seguindo a tendencia geral da nossa lingua e a lei do menor esforço: *decalitro*, *kilolitro*, etc. Grammaticos italianos mandão pronunciar, com o accento na antepenultima syllaba, esses compostos de *litro*: *miriálitro*, *millilitro*, etc. [Guiseppe Maggioni, Grammatica, parte III, n. 185). A grammatica da Academia Espanhola diz ser erro de pronuncia o accentual-os desse modo: *decálitro*, etc. (Gram. citada, parte IV, cap. IV, *in fine*). (95).

Lyse (*lysis*, diluição, de *lúō*, diluir, dissolver):—*Anályse*, *diályse*; mod., *electrólyse*

Logo (*logos*, palavra, *légō*, falar):—*Apólogo* (*apó*, por meio de), *diálogo* (*diá*, com), *philólogo* (*philos*, amigo), *análogo* (*aná*, conforme), etc.

Macho (*máchē*, luta, combate):—*Iconòmacho* (*eikón*, *onos*, imagem), *polýmacho*, *pyrimacha* ou *pyrómacha*, pedra.

Matho (*máthos*, *mathesis*, *mathēma*, sciencia):—*Polýmato*, que sabe ou estuda muitas sciencias.

Mato (de *máomai*, mover-se):—*Automato* (autos, elle mesmo), *estómato*, t. de bot., vem de *stoma*, *stomatos*, boca.

Meno (suffixo de participio passivo):—*Catechúmeno* (*catēchéō*, ensinar, de *katá*, sobre, e *ēchéō*, falar alto), o que recebe o ensino do catecismo, *energúmeno*, (*energéō*, trabalhar, atormentar, de *enérgeia*, força, energia), possesso, atormentado pelo demonio. Gr. *kateehoúmenos*, *energoúmenos*, lat. ecclesiastico *catechúmenus*, *enérgumēnus*. *Phenomeno*, de *phainō*, apparecer, que apparece, gr. *phainómenon*, lat. *phenomēnum*: *paralipomenos*, gr. *paraleipomena* (omissões, de *paraleípō*, omittir), livro da Biblia, additamento ao dos Reis; prolegómenos, gr. *prolegomena* (*pro*, antes, *legō*, dizer).

Mero (*meros*, parte):—*Trimero*, *tetrámero*, *pentámero*, etc, de tres, quatro, cinco partes; *isómero*, de partes iguaes, *polýmero*, *epimero*, etc.

Metro (*métron*, medida):—*Hexâmetro*, *pentâmetro*, *diâmetro*,

perímetro, etc , grande numero de termos modernos: *kilometro*, *barometro*, *thermometro*, *chronometro*.

Nomo (*nomos*, lei, regra): —*Agronomo*, *astronomo*, *gastronomo*, *autonomo*, *economo* (*oîkos*, casa), etc.

Odo (*hodós*, caminho): *Erôdo*, *méthodo*, *periodo*, *synodo* (*ex.*, fóra; *metá*, com, para com; *peri*, em torno; *syn*, com; *Electrodo*, mod., t. de physica.

Ono (suffixo *nos*, *o*, letra de ligação): —*Diacono* (da raiz, *dik*, lançar, enviar); mensageiro, servo.

Onymo (onyma —*ónoma*, nome: —*Homonymo* (*homós*, igual), *synonimo* (*syn*, conformidade), *pseudonymo* (*pseudés*, falso), etc.

Pago: —*Areópago*, tribunal de Athenas, lat. *Areopágus*, gr. *Areopagos*, ou *Areios pagos*, collina de *Arés* ou Marte. (Ultimamente, vulgarisou-se entre nós, por motivo de uma operação notavel, o termo de teratologia *xiphópagos*, gemeos unidos pelo *xiphoide*, appendice cartilaginoso do osso sterno, que se chama assim por terminar em ponta, de *xiphos*, espada; *pagos*, de *pageis*, part. passivo de *pégnymi*, unir, juntar: —*pygópagos*, unidos pelas nadegas, de *pygê*, nadega.

Phago (*phagêm*, comer): *Antropóphago* (*ánthrôpos*, homem), *ichthyophago*, (*ichtûs* peixe), *zoophago* (*zôon*, animal carnivoro, *esôphago* (*oisô*, do verbo desusado *oiô*, que serve de futuro a *phérô*, levar), canal que leva os alimentos ao estomago; *sarcóphago* (*sarks*, gen. *sarkós* carne), tumulo. Gr. *anthropophágos*, *oisophâgos*, *sarcophágos*, lat. *antropophágus*, *œsophágus*, *sarcophágus*. Oî *Lôtophágoi*, lat. *Lotophagê*, os *Lotóphagos*, povo que comia o lótos, fructa deliciosa, que, segundo Homero, na *Odysséa*, fazia esquecer a patria aos estrangeiros.

Phano (*phanós*, visivel, claro, *phamô*, fazer ver, apparecer, brilhar): —*Diáphano* (*diá*, através), *aeróphano*; *diaphanés*, *aerophanés*.

Phase (*phasis*, affirmação, de *phêmì*, dizer, affirmar, ou demonstração, de *phaínô*:) —*Apóphase* (*apó*, com significação negativa, refutação). *emphase* (*en*, prep., e *phasis*, de *phaínô*, apparecer, mostrar).

Philo (*philos*, amigo):—*Bibliophilo* (biblíon, livro), *hydróphilo* (*hýdōr*, agua), *enóphilo* (*oinos*, vinho), *Theóphilo* (*Theós*, Deus), etc.

Phobo (*phóbos*, temor, fugida):—*Hydróphobo, enóphobo*, etc.; *xenóphobos* (*xénos*, estrangeiro), nome que, ultimamente, se tem dado aos chinezes, chamados *boxers* pelos inglezes; e ainda, com maior propriedade, se lhes poderia dar o de *xenóphonos* (*xenophónoi*, de *phónos*, morte, mortandade), que mátão estrangeiros ou hospedes. Dos compostos de *phōnḗ*, voz, falaremos depois.

Phora, phoro (*phorós*, de *phérō*, levar ou trazer):—*Amphora*) *amphí*, dos dois lados, *ámphō*, ambos), vaso de duas asas, gr. *amphoreús*, lat. *amphŏra*; *anáphora, epanáphora, metáphora* (*ana* exprime repetição, *epi*, sobre, *meta*, mudança), figs. de rhetorica, gr. *anaphorá, metaphorá*, etc.; *phosphoro* (*phōs*, luz), gr. *phōsphóros*; *zoóphoro* (*zōon*, animal), *zoophóros*, o zodiaco, friso ornado de figuras de animaes; *electróphoro*, mod., termo de physica; *semáphoro*, mod. (*sēma, atos*, signal), apparelho de communicação por signaes: *Bosphoro*, que se devia escrever e pronunciar *Bosporo*, vem de *bous*, gen. *boós*, boi, e *póros*, passagem. Dizia a mythologia que o estreito de Constantinopla tivera esse nome, por tel-o passado a nado a princeza Io, que Jupiter transformara em vacca. Gr. *Bósporos*, lat. *Bospŏrus* ou *Bósphŏrus*.

Phrase (*phrasis*, de *phrázō*, dizer, falar):—*Antiphrase, periphrase, paráphrase*, (*pará*, junto de, ao lado ou ao longe de), etc.

Physe (*physis*, natureza, producção natural):—*Apóphyse* (*apó*=ex), excrescencia; *prósphyse* (*pros*=ad), adherencia; *symphyse* (*syn*=com), cohesão.

Phyto:—*Neóphyto* (*néos*, novo, *phytos*, de *phytenō*, plantado), recêm-converso; *zoóphyto* (*zōon*, animal, *phytón*, planta) animal que tem forma de planta, como o coral, a esponja, etc.; *epíphyto; protóphyto*, t. de botanica.

Poda ou *pode* (*poûs, podós*, pé):—*Antípodas* ou *antípodes, ápode, dípode, tripode*, etc. *Antípous*, gen. *odos*, pl. *odes, apous*,

odos, *dipous*, *odes* *dipódēs*, ou *tripous*, *odos*. Lat. *antipŏdes*, *bipes*, *ĕdis*, *tripus*, *ŏdis*. Muitos termos modernos, de zoologia:—*Myriápodes*, *chilópodes*, *cirrhópodes* *cephalópodes*, *pterópodes*, *gasterópodes*, *decápodes*, etc.

Pole (*polis*, cidade):—*Acrópole* (*ákros*, ó mais alto), *metrópole* (*mĕtēr*, mãe), *necrópole* (*nekrós*, morto), *Decápole*, *Pentápole* (*deka*, dez, *pènte*, cinco), etc.

Poro (*póros*, passagem):—*Mieróporo*, que tem poros pequenos.

Pota: - *Déspota*, antigo déspote (*des*, pref. augmentativo, e *posis*, por *potis*, senhor). Gr. *despótēs*, vocativo *déspota*, b. lat., *despŏtes* ou *despŏtus*, esp. *déspota*, ital. *déspota* e *déspoto*.

Ptero (*pterón*, aza):—*A'ptero*, *diptero*. *periptero*, ou peripterio, gr. *perîpteron*, edificio que tem alas de columnas em torno. Muitos termos de zoologia:—*Coleópteros*, *orthòpteros*, *hemípteros*, *nevrópteros*, *hymenópteros*, *lepidópteros*, *rhipípteros*, *chirópteros*, *phenicópteros*.

Pylo (*pýte* e *pýlos*, porta):—*Eolípylo* (*A'eolos*, *E'olo*, vento certo instrumento de physica; *myerópylo*, termo de botanica; *Thermopylas*, desfiladeiro em que havia aguas thermaes.

Seeles [*skélos*, perna]: —*Isóseeles*, triangulo, que tem dois lados iguaes. Gr. *isoskelĕs*, lat. *isoscelĕs*.

Seopo [*seopéō*, olhar, observar]: —*Horóseopo*, astrologo que observa os astros na hora do nascimento, astro que preside á hora natal, supposta influencia desse astro. G. *horoskópos*, lat. *horoscŏpus*.

Sophos [*sophós*, sabio, *sophia*, sciencia, sabedoria]:—*Philósopho*, *theosópho*, sabio nas cousas divinas.

Sporo (*sporá*, semente):—*Zoósporo*, *mierósporo*, termos de botanica.

Stase (*stâsis*, repouso, estado):—*Apóstase* (*apó*, idéa de saída ou apartamento), termo de med., formação de um abcesso; *extase* (*ek* indica afastamento), *diástase* (*diá* indica separação), *metástase* (*metá* indica mudança), *perîstase*, circumstancia, conjunctura, assumpto ou conjuncto de um

discurso; *hemóstase* (*haima*, sangue), estagnação do sangue (96).

Stata, de *histao* ou *histēmi*, pôr, levantar, médio e passivo, *histamai*:—*Apostata*, gr. *apostátās*, voc. *apostata*, como *apóstase*, *apostasia* (*aphistēmi*, separar, de *apó* e *histēmi*), *próstata* (*prostátēs*, protector) termo de anatomia, nome de uma glandula. Moderno:—*Aeróstato*, o balão ou apparelho que se levanta no ar. Tambem applicão o vocabulo ao homem que dirige esse apparelho ou *aeronauta*, e então dizem *aerostata*. E geralmente accentúão á franceza *aerostáto*, *aerostáta*. Esp. *aeróstata*, ital. *aeróstato*.

Sticho (*stichos*, linha, verso):—*Acrostícho* (*ákros*, que está na extremidade), composição em que cada letra de um nome está no começo de um verso. *Distícho* (*dis*, dois).

Stolo, *stola*, *stole* (de *stéllō*, enviar). —*Apostolo* [*apó*, longe], *epistola* (*epi*, a), *diastole*, *systole* (*diá* entre, *syn*, com: *diastéllō*, abrir, *systellō*, contrahir), dilatação e contração do coração e das arterias.

Stoma (*stoma*, boca):—*Endóstoma*, *exostóma*, termos de botanica; *peristoma*, t. de bot. e de zoologia.

Strophe (*strophé*, reviramento, inversão do côro tragico, —: *Antístrophe*, inversão, o que cantava o côro depois da estróphe, andando em direcção inversa, *apóstrophe*, apóstrophe (*apó* indica afastamento, acção de virar-se para falar a alguem), fig. de rhetorica; *apóstropho*, signal que indica afastamento ou supressão de uma vogal; *anástropho*, inversão, t. de grammatica; *epístrophe*, volta, repetição de palavra, t. de rhetorica; *catastrophe* (*katá*, contra). *Limítrophe* (lat. *limitrŏphus*) é composto hybrido, de *limes*, *itis*, e do grego *trophós*, adjectivo verbal, de *tréphō*, alimentar. *Limitrophi agri* ou *fundi*, terras das fronteiras, dadas aos soldados para a sua subsistencia. Tornou-se depois synonymo de *limitaneus*.

Stylo (*stýlos*, columna)—: *Diástylo* (*diá*, separação) intercolumnio, *próstylo*, que só tem columnas na frente, *tetrástylo*, *octóstylo*, grupo de 4 ou de 8 columnas, etc. Geralmente accentuão, e tambem no espanhol e no italiano, *pe-*

ristýlo, mas sem razão, provavelmente por influencia do francez, pois o vocabulo grego é *peristylon* e o latino *peristylum*, ou *peristylium*. Evitaremos essa infundada pronuncia, dizendo *peristylio*.

Thero (*théros*, estio):—*Isothero*, t. de meteorolcgia, creado por Alexandre de Humboldt, linha isóthera, a que passa por todos os pontos da terra e tem a mesma temperatura média no estio.

These (*thésis*, posição, de *títhēmi*, pôr):—*Antíthese*, opposição; *epênthese*, (*epí*, no meio, e *én-thesis*, inserção], intercalação de letra ou syllaba; *próthese* (*pró*, antes no principio); *metáthese* (*metá*, ind. mudança, transposição]; *diáthese* (*diá*= ao pref. lat. *dis*], disposição, que predispõe para varias molestias da mesma natureza.

Tomo, tome (*tomé*, córte *temnō*, cortar):—*Átomo* (*átomos*, *a* priv., subentende-se *meris*, parte), molecula indivisivel; *epítome* (*epitomé*), cerceamento ou resumo de uma historia ou doutrina; *dichotómo* (*dicha*, ad., em duas partes), ramo bifurcado, lua em quarto; *cystótomo* (*kýstis*, bexiga), *lithótomo* (*líthos* pedra), instrumentos de cirurgia.

Tono (*tónos*, tom):—*Átono*, *monótono*.

Typo (*týpos*, modelo):—*Archétypo* [*archē*, principio, origem). Gr. *archétypon*, lat. *archetypum*. *Protótypo*, (*prótos*, primeiro). Gr. *protótypon*, lat. *prototypum*. Ital. *archétypo*, *protótipo*, mas no esp. *arquetipo*, *prototipo*. *Homótypo*, termo de anatomia.

Por terem a penultima longa, são, no latim, *paroxytonas*, e o são tambem no portuguez, as palavras seguintes, ainda que tenhão no grego accentuação diversa:

1.º—As que têm a penultima vogal seguida de duas consoantes ou de consoante dupla (*x* ou *z*), por exemplo: *apophthégma* (gr. *apóphthegma*). Alguns dizem *apoftègona*; mais geralmente, porem, pronuncia-se—*apotégma*, e assim no espanhol e no italiano; *epigrâmma*, *monogrâmma*, etc., do gr. *epígramma*, *monógrammos*, etc. (97): *aorísto* (gr. *aóristos*), *anthropomórpho*, *polymórpho* (gr. *anthrōpomorphos*, *polymorphos*);

microcósmo (gr. *microcosmos*), *monophýllo*, Olimpo, tyranno (98), *orthodóxo* [gr. *orthodóxos*], *parallaxe* (gr. *parállaxis*], *coryza*, (gr. *córiza*], etc.

Quando as duas consoantes são *muda* e *liquida* (*l* ou *r*), a regra, como já ficou dito, é ser a vogal precedente breve na prosa e commum no verso, á vontade do poeta, salvo quando a vogal é longa por natureza, porque a posição podia fazer longa uma vogal breve, mas não breve uma longa. Na pronuncia latina, a accentuação de palavras gregas obedece a essa regra de *quantidade*, que era commum ao latim e ao grego. Assim, *barăthrum* (99), *pharĕtrum*, *pharĕtra* (100), mas *theātrum*, *urēthra* (gr. *bárathron*, *phérĕtron*, *pharĕtra*, *théatron*, *urēthra*]. Nos termos de geometria, compostos de *hĕdra* (assento, base), prevaleceu no portuguez, e tambem no espanhol e no italiano, a accentuação franceza: *diêdro*, *decaédro*, *polyédro*, etc. (gr. *díedros*, *dekáedros*, *polýedros*), que deviamos pronunciar com accento proparoxytono, como pronunciamos *cáthedra*, composto do mesmo elemento. Tambem por influencia do francez dizem: *anhýdro*, *epicýclo*, *hemicýclo*, *periplo*, etc. (Gr. *ánydros*, *epíkyklos*, *hemíkyklos* ou *hemikýklion*; *períplous*, por ser a ultima longa. Lat. *anȳdrus*, *epicȳclus*, *hemicȳclus* ou *hemicyclium*, *perȳplus*; só no verso *perīplus*).

Prevaleceu o accento na penultima, em *clepsýdra*, tambem no espanhol e no italiano. Gr. *klepsýdra*, lat., na prosa, *clepsȳdra*.

Geralmente dizem *assécla*; outros, como Moraes, *ássecla*. No latim, *assĕcla* ou *assecula*, na prosa; só no verso, tambem, *assēcla* (101).

Diz-se *onágra*, planta; *ónagre*, machina, e commumente *onágro*. Assim tambem no espanhol e no italiano. Alguns, porem, accentúão *ónagro*, conforme o latim *onăger* e *onăgrus*, *gri*; gr. *ónagros* (102).

Podágra e *chirágra*, no portuguez, assim como no italiano e no espanhol, com a accentuação grega, que era a que tinhão mais frequentemente no verso latino, e tambem

pellágra, composição hybrida, do latim *pellis* e do grego *agra*, acção de tomar, prender; outros termos medicos, como *vachiságra*, etc., e *biságra*, palavra espanhola, de origem incerta. *Macábra* (dansa) vem, segundo Du Cange, de *chorea. Machabæorum*, nome de uma ceremonia ou pintura, imaginada, na idade média, para representar a igualdade na morte.

Camões accentuou, por varias vezes, *idololátra, idolátra* por liberdade poetica (103). (Gr. *eidolatres*).

Em alguns nomes proprios, os nossos poetas usão dessa liberdade, que tinhão os latinos. Camões accentuou *Artábro*, *Cleopátra* (104); Odorico Mendes, na traducção da *Iliada*, accentua sempre *Patróclo*. Na prosa, porém, como dizemos *Themístocles*, *Sóphoeles*, *Empédoeles*, devemos tambem dizer, conforme a regra latina, *Cleópatra, Pátroclo, Péricles, Dâmocles, Agátocles, Eléocles*, etc. (Gr. *Kleopâtra*, por ser longa a ultima vogal, *Patroklês* e *Pátroklos*, *Perikleês* ou *Periklês*, *Damoklês*, *Agatoklês*, *Eteoklês* e *Eteoklos*, *Temistoklês*, *Sophoklês*, *Empedokles*).

2 º—As que têm, na penultima syllaba, ditôngo ou vogal proveniente de ditongo grego. Ex. *Centáuro*, *Minotáuro*, (105), *emphytêuse*, *Pentatêucho* (gr. *Kéntauros*, *Minotauros*, *emphýteusis*, *Pentáteuchos*), etc., *chimêra*, (gr *chimæira* lat *chimæra*) *hetêra* (gr. *hetaira*), amante, cortezã (106), *hyena* (*hyaina*, lat. *hyæna*), *epicêno* (gr. *epikoinos*, lat *epicœnus*) *cocêno*, *miocêno*, *pliocêno*,—terreno—termos modernos de geologia: de *eós*, aurora, *miêon*, menos. *pleìon*, mais. e *kainós*, recente): *ozêna* (gr. *ózaina*, lat. *ozæna*), *synalêpha* (gr. *sinaloiphé*, lat. *synalœpha*); *crocodilo*, *Paraíso*, *saphira* (gr. *krokódeilos*, *Parádeisos*, *sappheiros*. lat. *crocodilus*, *Paradisus*, *sapphirus*. *anacolútho* (gr. *anakóloutos*), *hypotenúsa* (gr. *hypóteinousa*), etc. No portuguez e no italiano, pronuncia-se, conforme esta regra, *atmosphéra*, palavra nova, formada de *atmós*, vapor, e *sphaîra* lat *sphæra*; os espanhoes dizem *atmósphera*, que seria a accentuação grega, *atmósphaira*, por ser breve a ultima vogal. *Aédo*, re-

cebido por intermedio do francez, assim se deve pronunciar, porque vem do grego *aoidós*, cantor, poeta.

3.º—As que, no grego, têm longa a penultima vogal. Taes são:—*E'ta* (107) com *é* longo:—*apostêma, diadêma, edêma, emblêma, emphysêma, epophonêma, erythêma, estratagêma, epicherêma, enthymêma, exauthêma, poêma, problêma, systêma, theorêma; antiehrése, cathacrése, diaphorése, diurése, diocése*, (108), *exegése; Chersonéso, ephébo, parallélo*, etc. que são todos proparoxytonos no grego (*apóstēma, diádēma*, etc; *antiehrēsis, katéchēsis*, etc; *dioíkēsis, exégēsis*, etc.; *Chersónēsos, éphēbos, parállēlos*, etc.) e muitos que são no grego oxytonos:—*anachorêta, ascèta, athléta, exegèta, proxenéta, anthéra, austero, escalêno*, etc. (*anochōrētés, askētés, athlētés, exegētés, proxenētés, antherós, austerós, skalēnós*). Mas, por ser breve o penultimo *e* (*epsilón*), deve-se dizer, por exemplo:—*exérese* (gr. *exairĕsis*), termo de cirurgia; *hematêmese*, t. de med. (de *haima, atos*, sangue, e *emĕsis*, vomito); *apóthema* [gr. *apothĕma*], t. de geometria e de chimica; *apózema, epithema* (gr. *apózĕma, epithĕma*), ts. de pharmacia; e tambem se devia dizer *éczema* (gr. *ékzĕma*, de *ek* e *zĕō*, ferver, efervescencia, erupção), que geralmente pronuncião *eczêma*. Em *esquelèto*, prevaleceu a accentuação franceza, differente da latina e da grega (gr. *skeletós*, secco, lat. *scelĕtus*). (109). *Phylloxéra*, palavra moderna, de *phýllon*, folha, *xērón*, secca, é pronunciada com o accento francez, que seria tambem o do latim; *Paraeléto*, do lat. *Paraclētus*, transcripção do gr. *Paráklētos; Paraelĭtus* é da baixa latinidade.

Proferem, no geral *Euréka*, mas devia-se dizer *Eúreka* com o accento na primeira syllaba, e o *e* com o som de *ê*., E' o perfeito do verbo *euriskō*, achar: *eu achei*.

Oméga (*o* grande ou longo):—*apothcóse, anadiplóse, epanathróse, hypotypóse, metamorphóse, metempsychóse*; muitos termos de medicina com esta terminação:—*amaurôse, anastomóse, aponevróse, cyanóse, eechymóse, exostóse, hematóse, narcóse, necróse, nevrose, phloyóse, pyróse, scleróse, synarthróse, diarthróse, synnevróse, symptóse*, etc.; *arôma, axiôma, idiôma,*

symptôma, glaucôma, sarcôma, zygôma; amômo, cinnamômo; monochrômo, isochrômo, polychrômo; ozône; asymptóta; hyssópe, etc., todos proparoxytonos no grego (*apothéōsis, metámórphōsis, metempsychōsis, arōma, idíōma,* etc.) e outros, que são *oxýtonos: —apódo, epódo, rapsóde; anagóge, epagóge, paragóge; synagôga, demagôgo, emmenagôgo, pedagôgo; epiglótte; myosótis; pylôro pyrôpo,* etc. (*apōdós, epōdós, rapsōdós, anagōgê, paragōgê, dēmagōgós, paidagōgós, epiglōssís, myosōtís, pylōrós, pyrōpós*). *Endosmóse* e *exosmóse,* termos de physica, têm essa terminação e pronuncia, por analogia dos supramencionados, compostos de *éndon,* dentro, *éxō,* fóra, e *ōsmós,* impulso. São palavras «formadas irregularmente, adverte Littré (*Dicc*), porque não ha no grego a palavra *ósmōsis.* Devião ser *endosmo, exosmo*». O mesmo autor nota como mal formado o termo *azôto,* de *a* privativo, e *zōō,* viver, «*ázōtos* significa, não sem vida, mas sem cinto, e o *t* não se mostra nas derivações de *zōō* senão em *zōtikós,* vivificante». A palavra devia ser portanto, *azotico.* Não se deve dizer com desinencia franceza, como dizem muitos, *azote.* Tambem dizem geralmente *holophóte,* palavra formada ha pouco (de *hólos,* todo, e *phōs,* gen. *phōtós,* luz), que, na nossa lingua, se devia pronunciar *holophôto.*

Antílope, apezar de o termos recebido do francez, é pronunciado mais geralmente com accento na antepenultima syllaba. De origem desconhecida, alguns o suppõem corruptéla de *anthólops,* olhos de flôr, de *ánthos* e *ōps,* nome dado pelo autor grego Eustathio a um animal de cornos recortados.

Interlópe, o que atravéssa ou faz contrabando, veio do inglez *interlôpe,* composto de *inter* e *loopen,* antigo allemão, *laupen* no moderno, correr.

Anecdóta, assim pronuncião todos em portuguez, com a accentuação franceza, e já não é possivel dar-lhe outra. Os espanhoes dizem *anécdota,* e os italianos *anéddoto,* conforme á accentuação da palavra grega e á da transcripção

atina (gr. *anékdŏtos*, cousa não publicada, inédita, lat. *anecdŏtum*, pl. *anecdŏta*).

Anemona ou *anemone*; alguns diccionarios portuguezes accentuão a antepenultima syllaba: *anémona*, e assim pronuncião os espanhoes e os italianos; mas deve-se pronunciar *anemôna*, por ser longo o *o*, no grego e no latim (gr. *anemónē*, lat. *anemōna*).

Autóchthones, não *autochthônes*, como dizem alguns (lat *autochthŏnes*, gr. *autóchthōn*, gen *autóchthŏnos*, pl. *autóchthones*, de *autós*, o mesmo, e *chthón*, gen. *chthŏnós*, terra). O nominativo singular tem na terminação *o méga*, mas *o micrón* ou breve, em todos os outros casos.

Cotyledône, *cotyledônes*, não *cotylédones*, como accentúão alguns, até lexicógraphos: devemos pronunciar com o accento latino dos casos obliquos, que nesta palavra coincide com o grego (lat. *cotylédon*, *ōnis*; gr. *kotylēdón*, gen *kotylēdónos*), esp. *cotyledôn*, *cotyledônes*, ital. *cotyledône*

Heróe, que, no portuguez e no italiano, tem a accentuação latina, tem no espanhol a grega —*hèroe* (gr. *hérōs*, gen. *hérōos*; lat. *heros*, *herōis*).

Metéoro no espanhol, *metéora* no italiano, com accento grego —*metēōros*; em portuguez, *meteóro*, com o accento latino; *metéoro* só por liberdade poetica (110).

Misanthrópo, *philanthrópo*, visto ser longo o *o*, no grego e na transcripção latina (gr. *misánthrōpos*, lat. *misanthrōpus*), não obstante se pronunciarem estas palavras com o accento grego no espanhol e no italiano, menos fiéis que o portuguez á prosodia latina, e quererem alguns lexicographos e grammaticos nossos que assim pronunciemos. Com razão accentúa a penultima o sr. Adolpho Coelho (*Dicc. etym.*) e cremos que é essa a pronuncia mais geral, ao menos ao Brazil.

Sycómoro, assim se pronuncía, e se deve pronunciar; tambem no espanhol, mas no italiano accentuão *sycomôro*. Vem de *sýkon*, figo, e *mŏron*, amóra, não de *mōrós*, *mōrón*,

como suppuzérão os que lhe chamárão figueira douda. Gr. *sykómŏros*, lat *sycomŏrus*.

Alguns vocabulos, que têm *o micron* na penultima, são erroneamente accentuados nesse *o*, que é breve; assim *litôtes*, *metópe* (lat. *litŏtes*, *metŏpa*).

Acroâma (lat. *acroāma*, gr. *akróama*), *a* longo. Poucos nomes communs: *grabáto*, lat. *grabātus*, gr *krábatos*; *theátro*, lat. *theātrum*, gr. *theatron*; *tiára*, lat. *tiāra*, gr. *tiára*. *Arātrum* arado, é no grego *árotron*..

Agápe, como dizem alguns, *homopláta*, *prognátho*, etc., como geralmente pronuncião, é accentuação franceza; a latina quer accentuada a antepenultima syllaba. Assim tambem *ágatha*, não *agátha*, ou *agáthe*, *ferro agáthe*, como dizem muitos. Pronuncião quasi todos *oásis*. Os espanhoes dizem tambem *oásis*, os italianos *oási*, mas no grego e no latim é *óasis*. *Sátrapa* é como geralmente se pronuncia e se deve pronunciar, mas vemos o accento na penultima, *satrâpa*, em mais de um dos nossos diccionarios (gr. *satrápē*, lat. *satrăpa*). *Pélago*, *archipélago* (da raiz *plag*, bater).

Em *allopátha*, *homeopátha*, *nevropátha*, prevaleceu a pronuncia franceza; a latina seria como é a espanhola, *allópatha*, *homéopatha*, *nevrópatha*. Melhor fôra dizer, substantivando o adjectivo, *allopathico*, *homeopathico* (medico) nevropathico (doente), como os espanhoes dizem *diplomatico* (ministro ou agente). Os francezes fizérão *diplomata* com o seu suffixo correspondente ao latino *atus*, o mesmo com que formárão os nomes dos compostos chimicos *carbonate*, *chlorate*, *sulphate*, etc.; deviamos, pois, dizer *diplomáto*, como *carbonato*, etc. A terminação em *a* parece que proveiu de suppôrem que era um derivado grego; os italianos usão da mesma desinencia franceza: *un accorto diplomate*.

Um dos nossos melhores diccionarios accentua *hydrôlato*, não obstante escrever *alcoholáto*: em ambos a terminação franceza *at* vem do mesmo suffixo latino *atus*: o *l*, em *hydrolat*, provém da analogia com *alcoolat*, e provavelmente para evitar confusão com *hydrate*.

I longo:—*hermaphrodíto, parasíto* (111), do gr. *hermaphroditos, parásitos*, lat. *hermaphrodītus, parasītus*; *cenobíta, cosmopolíta, eremíta, metropolíta, sybaríta, soríte, ascíte, bronchíte, gastríte, hepatíte*, etc., todos os compostos com os suffixos gregos *ītēs* e *ītis*, no latim *ita, ites, itis*. *Logogrípho*, porque é longo o *i* de *grîphus*, enigma (gr. *grîphos*).

Em *diatríbe* prevaleceu o accento, e tambem a desinencia do francez (gr. *diatribḗ*, lat. *diatrība*, esp. *diatríba*, ital. *diátriba*).

Y longo:—*asýlo, papýro*; mas *ázimo, sátyro* (112), *zéphyro*.

Diz-se geralmente *hydrargýro* (tambem no esp. e no ital.), mas no latim e no grego é *hydrárgyrus, hydrárgyros*.

Hippogrýpho,, porque o *y* é longo em *gryps*, gen. *grȳpis* e *grīpus* ou *grīphus* (gen. *grȗps*, gen. *grypós*). Tambem assim no espanhol e no italiano (113).

Hieroglýpho é palavra tomada do francez; os nossos classicos sempre disserão *hieroglyphico*, do grego *hieroglyphikós*:—*hieroglýphos* era o gravador de hieroglyphicos.

Muitos pronuncião com accentuação franceza:—*anodýno, condýlo, epidiodýmo, parenchyma, presbýta, triglýpho*, que todos, segundo a prosodia latina, devem ter o accento na antepenultima syllaba. Tambem se devia dizer *hemóptyse* (gr. *haimóptysis*), mas geralmente se diz *hemoptýse* (esp. *hemoptísis*, fr. *hemoptysie*, ital. *hemoptisia*). *Troglodýta* é, no grego, *troglodýtes*; nos diccionarios latinos, encontra-se *troglodīta* e *troglodȳta*.

Como se vê, em muitos dos exemplos que temos adduzido, ás vezes, ha coincidencia do accento grego com o latino, obdecendo cada um ao seu principio,—o latino á quantidade da penultima syllaba, o grego á da ultima. Assim, em ambas as linguas, são *paroxýtonos*:—*patriárcha, prophéta, bibliothéca, hypothéca, comêta, planêta, philoméla, diabétes, plethóra*, etc.

Vê-se tambem dos nossos exemplos que não poucas vezes a influencia do francez, o qual não tem palavras proparoxytonas, faz que vocabulos de origem grega, ou for-

mados com elementos gregos, sejão pronunciados no portuguez com accento differente do que tinhão ou devião ter no latim, e muitas vezes tambem no grego (114).

A natural propensão da nossa lingua para accentuar a penultima syllaba, facilita esse desvio, que em muitos casos se torna irremediavel. Em outros, porem, póde ainda corrigil-o o uso dos doutos. Convem accentuar todas as palavras de etymologia grega, que possão induzir em erro ou duvida, seguindo sempre a regra da prosodia latina, salvo naquellas em que o uso universal e inveterado fez prevalecer o accento grego ou o francez. Pouco importa que não houvesse a palavra no latim antigo; facil é suppôr a transcripção latina e por ella determinar a accentuação portugueza.

Quando, por ignorancia ou incuria, já se tiver generalisado a erronea, convém corrigil-a, sempre que fôr possivel, conformando-a com a etymologia e com a indole da lingua, sem alterar a accentuação que prevaleceu. Assim, por exemplo, dizem geralmente *chrysanthême*: o nome dessa flôr tinha, no grego, duas fórmas—*chrysánthĕmon* e *chrysanthémion* (no latim, *chrysanthĕmum*); já que seria difficil fazer acceitar *chrysânthemo*, digamos *chrysanthêmio*.

Dizem todos ou quasi todos *telephóne, graphophóne, grammophóne*, etc. E' forma puramente franceza Qual deveria ser a portugueza ? Tem-se proposto *teléphono* e *telephonio*. Parece que, no espanhol e no italiano, tem sido adoptado *télephono*; já temos lido esse nome, com essa fórma e accentuação, numa e noutra lingua. Seguírão, sem duvida, a analogia dos adjectivos *áfono, homófono*, etc., que assim pronuncião, com o accento grego. Qual seria, no grego e no latim, a fórma dessa palavra ? O grego tinha esses adjectivos, compostos de *phōné*, voz, som:—*áphōnos, os, on; eúphōnos, holóphōnos, homóphōnos, monóphonos, mikròphōnos*, etc. Com *têle*, longe, podia ter formado *tēléphōnos*, som que se ouve de longe ou cousa que soa ao longe, como formou *teléthroos*, de *throos* voz, grito, de igual significação,

que tem voz ou som que se ouve longe; e desse adjectivo podia fazer um substantivo, como de *eptáphonōs* se fez *Eptáphōnon*, nome de um edificio que repetia a voz sete vezes (115). A transcripção latina desses vocabulos teria longa a penultima syllaba, correspondente ao *o mega* de *phōné*: *aphonus*, *homophōnus*, *telephōnum*, etc. Em portuguez, portanto, deve-se dizer *aphôno*, *homophôno*, etc. (116). Podia-se, por conseguinte, adoptar *telephôno*; e essa fórma seria facilmente acceita pelo maior numero, porque só mudaria a desinencia da palavra já corrente; outros, porem, suppondo pronunciar melhor, dirião *telêphono*, como no espanhol e no italiano, e em seu favor poderião allegar que se diz *antiphona*, apezar de ser no latim *antiphōna*. *Telephonio* evitaria essa variedade de pronuncia, e seria formação muito adequada. Com o suffixo *ion*, formava o grego substantivos, que significávão instrumento ou apparelho:—*hōrológiôn*, *hydroskópion*, relogio d'agua, *hōróskopion* ou *horoskopeîon*, quadrante astrologico, *meteōroskópion*, instrumento para tomar alturas (lat. *horologium*, etc.). *Meteoroskópos*, o que observa os meteóros, *horoskópos*, o astrologo que observava o astro que se suppunha presidir á hora do nascimento, ou aquillo a que chamamos *horóskopo*, isto é, a observação desse astro ou a predicção da sua supposta influencia: no latim, a mesma differença—*horŏscopus* e *horoscopium*. Por esse modo se formárão os vocabulos modernos:—*baroscopio*, *caleidoscopio*, não *kaleidoscopo*, como querem alguns, *estereoscopio*, não *stereóscopo* ou *stereoscópo*, *microscopio*, *telescopio*, *hygroscopio*. Tinhão os gregos os adjectivos *tēleskópos*, o que vê de longe, *tēteskopos*, visto ou visivel de longe: a um instrumento, para ver ao longe, havião de chamar *tcleskópion* ou *tcleskopeîon*. Digamos, portanto, *telephonio*, *caleidophonio*, *graphophonio*, *grammophonio*, *microphonio*, (117), *saxophonio*, instrumento inventado por Sax.

Muitos dos nossos literatos, seguindo a accentuação franceza, dizem:—*Chloé*, *Phrynê*, ou *Phrynéa*, *Psyché*, etc. Os nossos classicos, assim como todos os bons autores mo-

dernos, sempre dissérão:—*Chlóe, Phrýne, Psýche* (118), *Circe, Dânae, Dáphne, Diône, Dirce, Hébe, Lálage, Niobe, Prógne, Thisbe*, etc. (gr. *Chlóē Phrýnē, Psyché* ou *Psýchē, Kirkē, Danáē, Dáphnē, Diônē, Dirkē, Ebē, Laláge, Niobē, Próknē, Thisbē*, etc.; lat. *Chlŏe, Phrýne, Psÿche, Circe, Danae, Dáphne, Diône, Dirce, Hēbe, Lălage, Niŏbe* ou *Niŏba, Procne, Thisbe*, etc.

Os nomes em *on* (*o* breve ou longo) têm fórma e accentuação differente,conforme a flexão dos casos obliquos, no grego e no latim.

Os da 2.ª declinação, que tem o genitivo em *ou*, no grego, em *i* no latim, acabão no portuguez em *on* ou *o*, com o accento latino: *asýndeton, hypérbaton* ou *hypérbato, cacóphaton, cólon, epíploon, ílcon, ganglio* (melhor e mais usado que *ganglião*; gr. *gyglion*, ou lat. *gánglion*), *diachodio, enchirídion* ou *enchiridio* (119), *epicedio*, etc.

Os da 3.ª declinação, com genitivo no grego em *onos*, no latim em *ōnis* (*o* breve), terminão no portuguez em *on* átono—*cânon, cânones.*

Os da 3.ª declinação, com genitivo no grego em *ōnos*, no latim em *ōnis* (*o* longo), passárão para o portuguez com a terminação em *on* accentuada, que se mudou em *ão*:—*siphão, pavão* (gr. *taón, ônos*). (120).

Quanto aos nomes proprios, é quasi sempre accentuada a ultima syllaba; mas ha discrepancias, inteiramente arbitrarias (121).

Seguindo as mesmas regras, devêramos pronunciar (genitivo grego em *on*, latino em *i*): *—Pélion* ou *Pélio, Odéon* (122), do (gr. *Odeîon*, lat. *Odēum*, de *odē*, canto, pequeno edificio para ensaios ou concursos de musica); *Pântheon*,(accento do nominativo na primeira syllaba em latim e no grego: de *pân* e *theós*,*Pântheon*, templo consagrado a todos os deuses; mas tambem se dizia no latim *—Panthēum*, da fórma grega *Pántheion* (123). Genitivo grego em *ontos*, latino *ontis*:—*Acheronte, Anacreonte, Antomedonte, Bellerophonte, Creonte, Laocoonte, Laomedonte, Phaetonte, Pilegetonte, Phlegonte, Thermodonte, Ucalegonte*, Xenophonte, (124). No verso, pode-se usar

da fórma do dominativo e, nesse caso, devêramos seguir o accento latino:—*Phâéton, Phlégon, Laócoon, Ucálegon*, etc.

Genitivo grego em *onos*, latino em *ōnis*:—*Actéon, Agamênnon, Amphion, Arion, Aristogíton, E'son, Gérion, Hèmon, Hyperíon, Ixíon* (125), *Jáson, Lycáon, Mênnon, Ophion, Orìon*, etc.

Os que acabão em *ion* poderião tambem ter a terminação *íone*, derivada da flexão dos casos obliquos: —*Amphione, Aríone, Geryone* (os *Geryones*), *Hyperíone, Ixíone, Ophione, Orìone* (126), etc.

Genitivo grego em *ōnos*, latino em *ōnis*:—*Ammôn, Chilôn, Chirôn, Biôn, Cimôn, Phociôn, Polemôn, Sinôn* (127), *Solôn* (128), *Timôn, Zenôn*. Geographicos:—*Cithêrôn, Colophôn, Hélicôn*, (129), *Marathôn, Sidôn*, etc. Muitos são usados com a terminação portugueza *ão*:—*Amphitrião, Deucalião Endymião, Platão, Plutão, Phormião, Strabão, Tritão*. Alguns que, no nominativo latino, terminão ou podem terminar em *o*, tambem podem ter essa desinencia no portuguez, sobretudo em verso:—*A'gatho, Lyco, Strato, Strabo* (130), *Zeno*.

O accento latino pede que se diga *Mýrmidon* ou *Myrmidones*. Odorico Mendes accentua *Myrmidôn, Myrmidões*, mas Franco Barreto e Costa e Silva dizem *Myrmidones* (131). E assim *Lestrígones* ou *Lestrigões*; o mesmo em outros nomes dessa terminação, que têm a penultima breve, em latim.

Os nomes terminados em *eus*, no grego e no latim, pronuncião-se no portuguez com a terminação ditongada em *êo*, hoje mais geralmente graphada *eu*:—*Atrêo, Cephêo, Morphêo, Nerêo, Orphêo, Pelêo, Perrêo, Protêo, Terêo, Thesêo*; mas os poetas muitas vezes fazem átona a terminação em alguns desses nomes (132):—*Orpheo, Pérseo, Próteo, Mórpheo* (133).

Os italianos dizem sempre *Néreo, Prométeo*, e no verso tambem *Pèrseo, Próteo, Téseo*. E com razão pronuncião *áteo*, que se pronuncía *atêo* no portuguez e no espanhol, por analogia erronea ou por influencia do francez, pois no gre-

go e no latim é breve o *e* e não faz ditongo (*átheos*, de *a* privativo, e *theós*, deus; lat. *athĕos* ou *athĕus*). Pela mesma razão, no portuguez e no italiano, pronuncia-se *Timótheo* (gr. *Timótheos*, de *timé*, estima, respeito, e *theós*); mas os espanhoes dizem *Timotêo*.

Têm igual terminação ditongada os adjectivos que, no grego, terminavão em *eios*, no latim *ēus*, derivados de nomes proprios de pessôas:—*Aristotetêo*, *Epicurêo*, *Euripedêo*, *Sophoclêo* (133),etc ; e os derivados de nomes de logares, terminados no grego em *eùs* ou *aîos*, no latim em *ēus*: —*Cleonêo*, *Cyllenêo*, *Cyrenêo*, *Europêo*, *Lethêo*, *Nemêo* (135). etc. Ha, porem, derivados, em *eo*, de nomes proprios gregos, que são proparoxytonos, por ser de formação latina, ou imitada do latim: —*Amphiôneo*, *Apollíneo*, *Halciôneo*, *Hectóreo*, *castòreo*, ou por não ser a terminação ditongada no grego (*eos*):—*Dedáleo*, *Hyperbóreo*, etc. de *Boréas*, lat. *Bŏrĕas*, vento do norte (136).

A maior incerteza na pronuncia de palavras gregas é nas femininas terminadas em *ia*: umas pronuncião-se com accentuação grega, outras com a latina; e algumas são accentuadas por uns á maneira latina, por outros á grega.

No latim, os nomes em *ia* da 1.ª declinação tinhão o accento na antepenultima syllaba, por ser breve o *i* (vogal antes da vogal): –*justitia*, *constantia*, *prudentia*, *Julia*, *Livia*, *Lucretia*, *Italia*, *Gallia*, *Etruria*, *Campania*, etc. Os nomes gregos dessa declinação, assim terminados, erão accentuados na penultima, no nominativo e no vocativo do singular, por ser longo o *a* final:—*euphonia*, *harmonia*, *kōmēdia*, *tragēdia*, *historia*, *philosophia*, *Asia*, *Arabia*, *Arkadia*, *Makedonia*, *Thessalia*, *Aspasia*, *Eugenia*, *Euphrasia*, *Zenobia*, etc.

Na idade classica, todos esses nomes gregos se pronunciávão no latim com accentuação latina; e só era accentuado o *i* penultimo, quando longo, por ser proveniente do ditongo grego *ei*, ainda que o accento originario fosse na antepenultima. Assim:—*euphònĭa*, *harmónĭa*, *comœdĭa*, *tragœdĭa*, *histórĭa*, *philosóphĭa*, etc., mas *academīa*, *apathīa*,

antipathīa, *sympathīa*, *Epiphanīa*, *peripetīa*, *politīa*, *prophetīa*, *peripherīa*; *Alexandīa*, *Antigonīa*, *Antiochīa*, *Eumenīa*, *Nicomedīa*. *Samarīa*, *Seleucīa*, *Zelīa*; *Iphigenīa*, *Thalīa*, *Deidamīa*, *Laodemīa*, (gr. *akadémeia*, *apátheia*, *antipátheia*, *sympátheia*, *Epitháneia*, *periphêreia*, *peripétcia*, *politeía*, *prophēteía*; (137) *Alexandreia*, *Antiócheia*, *Nicomédeia*, *Samáreia*; *Iphigêneia*, *Tháleia*, *Dēidámeia*, *Laodámeia*, etc. (138). Todavia, muitos pronunciávão alguns desses nomes com accento latino—*Alexandrĭa*, *Antiochĭa*, etc., o que, ás vezes, procedia de terem no grego duas fórmas, como—*akadémeia* e *akadēmía*, *pharmakèia* e *pharmakía*.

No latim da decadencia, prevaleceu o accento grego em muitos desses nomes, e assim em palavras novas ainda não oriundas do grego, como *abbatia*, *cancellaría*, *rectoría*, *vicaría*, etc. Os grammaticos da idade media vião-se em dificuldades, para lhes determinar a accentuação. Um delles inventava esta regra:—«Os nomes gregos, que são fortes ou principaes (não compostos), têm a penultima breve, como *allegorĭa*, *ironĭa*, *historĭa*, e ainda os compostos, mas que não vêm de nomes masculinos e que, alem disso, dividem uma syllaba em duas breves, como *melodĭa*, *psalmodĭa*, *prosodĭa*, que evidentemente vêm de *oda*. Os nomes que vêm de masculinos têm a penultima longa, como de *sophus*, *i*, *sophīa*, de *philosophus*, *philosophi*. *philosophīa*, e assim *acyrologīa*, *prissologīa*, *tautologīa*, *theologīa*, *analogīa*, *artigraphīa*, *orthographīa*, etc.». (139). E accrescentava que a penultima é longa em *Uranīa*, porque vem de *Urano*, e breve em *Polymnia*, porque não vem de *Polymno*». (140). Outros mandávão seguir o uso, quer o dos letrados, quer o do vulgo, e davão catalogos dessas palavras, entre os quaes se notão algumas divergencias na accentuação indicada (141).

Com tal variedade, passárão essas palavras para as linguas nascidas do latim. Assim, *autocracìa*, *aristocracía*, *democracía*, *theocracía* têm o accento grego, no portuguez e no italiano; o latino em espanhol,—*autocrácia*, *aristocrácia*, *democrácia*, *teocrácia*. *Politía* conservou, no italiano e no espa-

nhol, o accento que tinha no grego e no latim,—*polizía, policía*; mas tem o accento transposto, no francez e no portuguez,—*police, policia Enciclopedia, farmacia, peripezía, strategia, necromanzía, parodia, prosodia*, no italiano; *enciclopèdia, farmácia, peripécia, estratégia, necromância, paródia, prosódia*, no espanhol e no portuguez. *Acadêmia*, no espanhol e no italiano; no portuguez, —*academía. Epilépsia, disentéria, epidémia, periféria*, no espanhol; *epilepsìa. disenterìa, epidemía, periferia*,no portuguez e no italiano. Algumas,no portuguez, tivérão antigamente accento diverso e outras ainda têm accento incerto: —*autopsia* e *autópsia*, (gr. *autopsía*,lat. *autópsĭa*, ital. *autopsía*, esp. *autópsia* e *autopsía*). *eucharistía* e *encharístia* (gr. *eucharistía*, lat. *eucharístĭa*, ital. e esp. *eucaristía*), *liturgia* e *litúrgia* (gr. *leitourgía*, lat. *litúrgĭa*, ital. *liturgía*, esp. *litúrgia*); neste caso de incerteza, preferimos o accento grego, por ser o que geralmente prevaleceu nas palavras gregas desta terminação.

A estas incoherencias, que de tão longe vêm, só talvez pudésse pôr termo uma corporação literaria, cuja auctoridade fosse de todos acceita, como é a da Academia Franceza Por ora, é forçoso obedecer ao soberano arbitrio do uso geral e antigo (142). A regra é o accento grego, sempre seguido nas palavras novas, e que é o mais conforme á natural tendencia da nossa lingua, para accentuar a penultima syllaba; as excepções são as palavras que do latim recebemos e em que persistiu o accento latino, dando-se, portanto, neste caso, o inverso da regra geral da nossa pronuncia das palavras de origem grega, que é seguir de preferencia a accentuação latina. Por influencia da pronuncia dos gregos de Constantinopla e dos que,depois da conquista dos turcos, imigrárão para a Italia e se espalhárão por toda a Europa, as palavras manifestamente gregas desta terminação, tomárão a accentuação grega, tanto mais facilmente quanto a indole das novas linguas latinas era o accento paroxytono; em quasi todas é patente a origem pelas letras gregas ou suas representantes latinas (*y, ch, ph*

th, *ps.*, *x*) e pelas terminações: —*archîa*, *algîa*, *argîa ergîa*, *urgía*, *cracía*, *gogía*, *gamia*, *graphía*, *gonía*, *goría*, *latría*, *logía*, *machía*, *mathía*, *metría*, *nomía*, *pathía*, *phogía*, *philía*, *phobía*, *phonía*, *psía*, *sophía*, *tomía*, *trophía*, *thropía*. Conservárão o accento latino algumas em que não era ainda evidente a origem grega, cujas terminações tinhão semelhança com as de palavras latinas, ou que erão de uso vulgar e frequente; como *comédia*, *tragédia*, e por estas outras da mesma terminação:—*acédia*, ou *acídia*, *encyclopédia*, *Cyropédia*, *gymnopédia*, *orthopédia*. *Malácia*, *pharmácia*, como as latinas *falacia*, *contumacia*, etc. *Antonomásia*, *paranomásia* (tambem no esp. e no ital.), por influencia das precedentes ou de alguns nomes proprios,—*Asia*, *Athanasia*, *Euphrasia*, etc., e por analogia algumas terminadas em *esia*,—*acinésia*, *anesthesia*, *geodésia*. *Peripécia*, como *facécia*, *Lucrecia*, *Helvécia*. *Polícia*, como *malícia*, *milícia*, *perícia*: *Palinódia*, *paródia*, *prosódia*, *psalmódia*, *rapsódia*, como *enstódia*, *clódia*. *História*, *escória*, (gr. *skōréa*), como *glória*, *memória*, *victória*, etc. *Necromância*, *chiromancia*, etc., como *abundância*, *constância*, *Numância*, etc. *Anúria*, *angúria*, *dysúria*, *estranguria*, *hematúria*, tambem no ital. e no esp., como *centúria*, *cúria*, *decúria*, *injúria*, *penúria*, *Etrúria*, etc. Com o mesmo accento, ha mais alguns, vocábulos provenientes do latim eclesiastico ou scientifico:—*blasphêmia*, *paróchia* (143), *philáucia*, *alopécia*, *enteléchia*, *enbógia*, *euphória*, *eusémia*, *euthanásia*, *euthènia*, *euthésia*, *euthýmia*. *eutócia*, *eutrapélia*, *cárdia*, *pericárdia* (hoje diz-se melhor —*pericardio*, gr. *perikardion*); *orthoépia*, *homonýmia*, *synonýmia*, *monândria*, *polyândria*, *biândria*, *triândria*, *tetrândia*, *decândria*, *icosândria*, *monadélphia*, *polyadélphia* (144). Em alguns dos nossos diccionarios encontrão-se ainda, com accentuação latina, outras palavras que hoje são pronunciadas com o accento grego:—*anémia*, *endémia*, como no espanhol; hoje todos dizem *anemía*, *endemía*, como *epidemía*. Antigamente, tambem alguns dizião *académia*, e *académias*, exercicios de pintura ou desenho; copias de um modelo. Têm accentuação latina os nomes gregos terminados em *ia*, proprios de mulher ou

geographicos:—*Aspásia, Eulália, Eusébia Eudóxia, Zenóbia* etc., *ad instar* dos latinos—*Cecilia, Cornelia, Livia, Lucia, Julia, Octavia, Tullia, Virginia*, etc., excepto *Sophía, Deidamía, Laodamía, Thalía*. e *María, Athalia*, de origem hebraica (145).

Arcádia, Arménia, Bithýnia Carmânia, Cappadócia, Macedonia, Thessália, Sýria, Scýthia, Dácia, Sarmácia, etc. como os latinos—*Italia, Gallia, Græcia, Calabria*, etc., (146). Exceptuão-se os que tinhão no latim o *i* longo, proveniente de ditongo grego:—*Alexandría, Antiochía*,no ital. *Alessândria, Antiòchia, Seleucía, Samaría*, de origem hebraica: gr. *Samáreia*, lat. *Samaria* esp. e ital. *Samária*, (147); mas *Nicomédia*, sem duvida por influencia de *comedia*.

Dos novos nomes geographicos, o maior numero tem accento latino:—*Austria, Bulgária, Moscóvia, Polonia, Russia*, etc.: mas alguns têm o *i* accentuado:—*Lombardía, Hungría, Normandía, Picardía, Turquía, Berbería, Cafraría, Andaluzía, Malvasia, Pavía, Alcobía, Almeiria, Anadía, Leiria, Trafaría*. Alguns que, nas linguas irmãs, têm este accento, têm o latino no portuguez. *Cândia, Romênia*, no espanhol *Candía, Romania*; *Albânia, Anatólia, Cephalônia, Valáchia, Tartária*, no italiano *Albania, Natolía, Cefalonía, Valachia, Tartaría*. *Prétoria*, capital do Transval, do nome do presidente de *Pretorius*, não Pretoría, como já ouvimos pronunciar, sem duvida por causa das nossas recentes *pretorías* judiciarias. *Zambézia*, não *Zambezía*, *Oceânia*, não *Occania*, como dizem muitos por influencia do francez; assim se pronuncião todos os nomes geographicos desta terminação, antigos e modernos: —*Aquitania, Bethania, Campania, Carmania, Dardania, Germania, Hyrcania, Lithuania, Lusitania, Araucania, Pensylvania, Tasmania, Ukrania*.

Muitos, pela mesma influencia, dizem *vesanìa*, em vez de *vesânia*, palavra latina, igual a *insania*, na etymologia e significação (*ve, in*, particulas privativas, e *sanus*, são); e *gemonías*, em vez de *gemônias*, tambem nome latino, não derivado do grego (*gæmo, ère*: *Gemoniæ scalæ, Gradus, gemitorii*). Pelo contrario, pronuncião *mercância*, em vez de *mer-*

cancia, palavra de formação nova ou romanica, lat. *mercatura*, esp. *mercancía*, ital. *mercanzia* e tambem *mercadanzia* ou *mercatanzía*. (148) Antigamente; dizia-se *ambrósia* (149); hoje diz-se *ambrosía*. Assim tambem se diz no espanhol, no italiano *ambrósia*, *Lâmia* e *lamía*, no espanhol e no italiano (gr. *lamía*, lat. *lamĭa*). *Harpia* nas tres linguas (gr. *hárpyia*, lat. *harpyĭa*). *Zizânia*, no portuguez e no italiano; no espanhol *zizana* (gr. *zizanion*, lat. *zizanĭa*). *Utopía*, no portuguez e no italiano, no espanhol *utópia*. E' vocabulo moderno, forjado por Thomaz Morus, que assim intitulou um livro e o paiz nelle descripto, onde imaginou um governo ideal (do grego *ou*, não, e *tópos*, lugar: cousa que não existe em parte alguma). *Caloría*, termo moderno, de phisica.

Algália, sonda, instrumento cirurgico, devia-se escrever *argalia* e pronunciar *argalía*, pois vem do grego medieval *argaleîon* corrupção de *ergaleîon* instrumento, utensilio; a mudança do *r* em *l* provém de se confundir com *algália*, animal e substancia delle extrahida do arabe *al-galiya*, no latim barbaro *argalĭa*, *algalĭa*, *galĭa muscata*.

Enxárcia é tambem proveniente do grego, da idade media, *exartion*, apparelhos de um navio, do verbo *exartizō* aprestar. A fórma feminina provém do plural neutro, assim como *sandalia* do plural de *sandalium*, do grego *sandálion*.

As palavras arabicas têm geralmente o *i* accentuado:—*alcamonía*, *alcanzia*, *aletría*, *alforrya*, *algaravía*, *algemía*, *algerevía*, *almadía*, *almotolía*, *alquería*, *aravía*, *bizarría*, *bugia*, *cotonía*, *enxovía*, *fasquía*, *fatia*, *maquia*, *rufia*; *tauxia*. Exceptuão-se *acéquia*, *enxarávia* (150); *ezivia*, *múmia*, e alguns nomes de plantas:—*alcária*, *colocázia*, *endivia*, *cherivia*, etc. Antigamente pronunciava-se *alchímia*, e assim pronuncião os espanhoes e os italianos; hoje diz-se geralmente *alchimia*

Ha mais alguns nomes em *ia*, com accento na antepenultima syllaba, não procedentes do latim:—*balbúrdia*, talvez do celtico *balbord*, tumulto, desordem; *basofía*, do italiano, *cachimônia*, *embófia*, *empófia*, ou *empáfia*, asiatico,

estúrdia, do ital. *stordire*, *fanfúrria*, *gíria*, *lábia*, *léria*, *mixórdia*, de *mexer*, *pilhéria*, *quizília*, do africano, ou *quigila*, fórma mais exacta, *salabórdia*, *tranquibérnia*, *tundia*, moeda asiatica.

Ha modernos com fórma latina, como:—*aria* (ital.), *ganancia*, *traficancia*; ou latinos, ligeiramente alterados:—*água* de *aquia*, *enxúndia* (*axungia*, de *axis*, eixo. e *ungo*, *ĕre*, untar), *denuncia*, *pronuncia*, *renuncia* (abrev. de *denunciação*, etc.), *alimária* (*animalia*), *mércia*, *réstia*, *véstia* (de *merx*, *cis*, *restis*, *vestis*). *Mereneoria* ou *marencoria*. de *melancholia*, palavra muito usada outrora, hoje obsoleta, pronunciava-se com o accento latino. (151).

Outros novos, mas latinos, quanto á raiz e ao suffixo: —*importancia*, *implicancia*, *agencia*, *gerencia*, *pendencia*, *dependencia*, *preferencia*, *tendencia*, etc.; *lamúria*, de *lamentum*, *melúria*, *párias*, tributo de *par*, *pariare* (152), *súcia*, de *socius*. *Errônias*, subs.; não *erronàs*, como já ouvimos pronunciar; tambem se escreve, como o adjectivo, *erroneas*, graphia que evita esse erro na pronuncia.

De outras terminações, temos ainda vocabulos proparoxytonos.

Latinos alterados, por mudança, queda ou transposição de letras:—*ábrego*, de *africus* (153), *agua*, *egua* (*aqua*, *equa*), *álamo* (*alnus*), *amendoa* (*amygdala*), *bêbedo* ou *bebado* (*bibĭtus*), *bitácula* (*habitaculum*), *búfalo* (*bubalus*), *cabídola* (*capitula*), *cânhamo* (*cannăbis*), *cartapácio* (*charta pacis*), *cédula* (*schedula*), *chácaro* (*cicer*), *cìtola* (*cithara*), *círio* (*cereus*), *clérigo* (*clericus*), *código* (*codex*, *icis*), *cóncgo* (*conicus*), *cómora* (*cumulus*), *córrego* (*corrūgus*), *côvado* (*cubitus*), *dádiva* (*dativa*), *dívida* (*debita*, pl. de *debitum*), *escádea* (de escada, *scala*), *espadoa* (*spathuta*), *estomago* (*stomachus*), *fêmea* (*femina*), *févera* (fibra), *figado* (*fīcātum*), *gávea* (*cavea*), *hástea* (*hasta*), *íngua* (*inguen*), *insua* (*insula*), *lagrima* (*lacrima*), *láparo* (*lepus*, *ŏris*), *légua* (*leuca*, de origem gallica), *lendea* (*leus*, *lendis*), *lêvedo* ou *lêvado* (*levĭtus*, por *levatus*), *lôbrego*, de *lugubris* (154), *magoa*, *mélroa*, *névoa*, *nodoa*, *régoa*, *táboa* (*macula*, *merula*, *nebula*, *notula*, *regula*, *tabula*,

merencorio (*melancolicus*), *nád ji* (*natio*, ital. *nática*), *nêspera*, (*mespĭtum*, ant. esp. *méspera*), *nêveda* (*nepĕta*), *olíbano* (*oleum Líbani*), *pâmpano* (*pompĭnus*), *párpados* ou *palpebras* (155), *parvoa* (*parva*), *Paschoa* (*Pascha*), *pêcego*, de *persicum malum*, (156), *perola*, do baixo latim hypothetico *perulus*, origem incerta, *pucaro* (*pucĭlum*), *rábano* (*raphănus*), *rédea* (b. lat. hyp., *retĭna*, de *retinēre*), *salamântega* ou *salumântiga* (*salamandra*), *sêmea*, *semola* (*simăla*), *scródio* (*serotĭnus*), *sôvero* ou *sôvaro* (*sobro*, *suber*, *ĕris*), *supplica*, *prédica* (abrev. de *supplicationem*, *prædicationem*), *vergôntea*, de *virgulta*.

Alguns de raiz latina, mas de formação portugueza:—*búzio* (*buccĭnum*), *capitanca* ou *capitania* (de *caput*), *cérceo* (de *cercear*, lat. *circinare*), *côdea* (*crusta*, esp. *costra*), *fôlego* (de *folegar*, lat. *follicare*), *mânjua* (fr. *manger*; lat. *manducare*), *míngua* (de *minguar*, baixo lat. *minuare* (175), *mílharas* (de *milium* ou *mìllia?*), *mistifório* (de *mistus* ou *mixtus*), *nógado* (de *nux*, *noz*), *nóvea* (de *novem*), *nómina* pl. de *nomen*), *pândega*, *pândego* (de *pantex*, *icis*, pança), *páreas* (de *parĕre*, *parir*), *vìveres* (fr. *vivres*, lat. *vivĕre*). *Apólice*, do baixo lat. *pollex*, é corruptéla de *polýptychum*, gr. *polýptychos*, livro ou folhas de registo.

Arabicos:—*alcácema*, *alcáçova*, *álcali*, *alcândora*, *álcool*, *alfândega*, *alfarrabio*, *alfêloa*, *alfóstico*, ou *fistico*, *algebra*, *almácega*, *almáfega*, *almécega*, *almojávenas*, *almôndega*, *alviçaras*, *anafega*, *árabe*, *musárabe* (158), *azáfama*, *avelórios*, *azêmola*, *bacoro*, *bátega*, *cáfila*, *cânfora*, *cúbeba* (159), *chúmeas* ou *sùméas*, *ládano*, *lázuli* (lapis), *mácea*, de *almâcega*, *máscara*, *náfea*, *rècova* ou *récoa*, *sáfaro* (160), *sáfio*, *sândalo*, *tâmara*, *úsnea*, *xáquema*.

Do hebraico:—*áloes*, *ébano*, *sábbado* (161), *sìcera*.

Do turco:—*janízaro*, *túlipa*.

Paria, índico. Muitos dizem *pariá*; em Barros, Couto e Camões, *poleá*, c. 70, 37. No esp. e no ital., *pária*.

Andrômina, *escátima*, do basco (162); *pateo* ou *patio*, *zécora*, animal da Ethiopia; africanos; *chávena*, *jágara*, asiaticos; *chícara*, mexicano (163); *pífaro* ou *pífano*, *trégua*, germanicos; *enxavega*, antigo, *látego*, *páramo*, *pícaro*, *quício*, *resquício*,

da interjeição *cáspite*—cáspita! —;*títere*, do espanhol, todos de origem desconhecida; *farândola*, do provençal, origem incerta. *Esquírola* vem do espanhol *esquirla*; no francez, *esquille*, lat. *schidice*, gr. *schídion*.

Do italiano:—*bússola* (*bóssola*, de *bosso*, lat. *buxus*, buxo, caixa, ordinariamente feita dessa madeira, em que se guardava a *agulha de marear*: é equivalente da nossa palavra *boceta*, que tem a mesma origem e por isso se devêra escrever *buceta*); *cambio*, b. lat. *cambiare*, do lat *cambire*, *escátola*, do germanico *schatul*, esturdio (*stordito*); *faldistorio*, do allemão antigo *faltstuol*, donde tambem o fr. *fauteuil*; *girândola*, do lat. *gyrare*, *gôndola*, de origem incerta; *gûmena*, t. naut. (*gomena* ou *gomona*, do arabico *gommulo*, segundo Muratori); *lástima* (*blastêma*, *biastêma*, de *blasphemia*), *madrépora* (madre e grego *pôros*, pedra porosa), *madrepérola* (*madreperla*), *pécora*, *pórfido* (164), *tarântola* (de *Táranto*, *Tarento*, cidade), *trápola*, de origem germanica, baixo latim *trappa*, donde tambem as nossas palavras *trapa* e *trapaça*; *zíngaro*, de origem incerta (165).

De origem duvidosa ou desconhecida:—*abobada*, segundo Diez, do lat. *volūta*, prov. *vouta*, esp. *boveda*, port. ant. *bóveda* e *bóbeda*; *abóbora*, *alvèlos*, *âmago*, *ameijoa* (166), *anágoa*, *áscua*, *bêbera*, *bócio*, *cácea*, *chácara* e *xácara*, *citola*, *clárea*, *cócega*, *cócoras*, *cóscoro*, *escâncara*, *escândea*, *frágoa*, *gândara*, *lágea*, ou *lage*, *lagem*, *láudano*, *estapafurpio*, *pernostico*, *pifio*, *sécio*, *somítico*, e *somitego*, *sûmcis*, *pincaro*, *íngreme* (167), *árdego*, *náfego*, *sôfrego*, *tráfico* e *trafego*, *trêfego*, *trôpego*, *trângola*, *cágado*, *vágado*, *varzea*, *zápete*.

Tátaro, *tatibitátibi* são imitativos.

Têm accento, na antepenultima syllaba, muitos nomes de plantas:—*abrótano*, *abrótea*, *abútilo*, *abútua*, *ácoro*, *agárico*, *amáraco*, *ázaro*, *asphódelo*, *áster*, *baccaro* (168), *bétula*, *betónica*, *brócolos*, *búgula*, *chícoro*, *coloquíntida*, *colútea*, *cotónea*, *cytiso*, *fragária*, *gálbano*, *guáiaco*, *junípero*, *jusquíamo* ou *hyosciamo*, *heléboro*; *lâncoa*, *mandrágora*, *sisaro*, *tágueda* ou *tágeda*, *lévcda*, etc.

Alguns de peixes:—*abucatùxia*, *acânthuro*, *acária*, *cépola*, *rêmora* (169), etc.

De insectos:—*ácaro*, *gúzaro*, ou *gusâno*, *manticora*, *nígoa*, *lincá*, etc.

São usadas varias palavras latinas, que têm o accento na antepenultima syllaba:—*ápage!*, *brévia* (—*otia*), *dèficit*, *ômnibus*, *etcétera*.

Como complemento deste capitulo, damos, no fim do volume, catalogos de alguns nomes proprios, gregos e latinos, pessoaes e geographicos, em cuja pronuncia póde haver erro ou duvida.

Os nomes germanicos, latinisados, têm o *i* longo, na terminação *icus*, que, nos nomes latinos, o têm breve. Assim: —*Inīcus* (ou *Enēcus*, *Inīgus*), *Ludovīcus*, e todos os acabados em *ricus* (germanicos—*rich*), *Alarīcus*, *Albcrīcus*, *Alvcrīcus*, *Chilperīcus*, *Erīcus*, *Eurīcus*, *Genccrīcus*, etc. Dizemos tambem *Theodorico*; mas, sem duvida por ter um grande principe desse nome reinado na Italia, por mais de trinta annos, os antigos pronunciavão á latina—*Theodorĭcus*. *Américo* tem o acceito latino em portuguez e no espanhol; mas os italianos dizem *Amcrígo*. Francisco José Freire quer que se profira *Copernico* (170); mas, comumente, pronuncia-se *Copérnico*.

Em geral, esses nomes, no germanico terminados numa ou duas consoantes, têm, na transcripção latina, o accento na penultima syllaba. Ha, todavia, alguns proparoxytonos:—*A'ttila*, *Bártholo*, *Bértholo*, *Gúdulo*, *Tótila*. São, porém, poucos.

Os nomes bíblicos têm, por via de regra, o accento na ultima syllaba:—*Judá*, *Josué*, *Noè*, *Leví*, *Jericó*, *Esaú*, *Jubál*, *Nabál*, *Abél*, *Jezabél*, *Saùl*, *Cain*, *Agár*, *Balthazár*, *Eliazár* (171), *Rubén*, *Putiphár*, *Esthér*, *Omár* (172), *Tabôr*, *Nabuchodonosôr*, *Assûr*, *Annás*, *Caiphás*, *Joàs*, *Moisés*, *Amós*, *Jesús*, etc., Exceptuão-se os femininos em *a*:—*Eva*, *Sara*, *Lia*, *Dina*, etc. os masculinos em *ias*:—*Ananías*, *Elías*, *Esaías*, *Ezechías*, *Josías*, *Osìas*, *Sedecías*, etc., e alguns que pronunciamos com accen-

tuação latina:—*Jônas* (113), *Júdas*, *Lúcas*, *Céphas*, *Cléophas*. Ha proparoxytonos:—*Jônathas*, *Sísara*, *Déboa*, *Séphora*, *Dálila*, não *Dalíla*, como dizem muitos; e alguns nomes geographicos:—montes *A'mana*, *Golgotha*, *Líbano;* rios—*A'bano*, *Sílae*; cidades—*Gábala*, *Gábara*, *Gálgala*, *Mágdala*, etc.

Notas do capitulo II

1.—F. Diez, *Gramm.*, I, 3.

2.—Diomédes, grammatico do 5.º seculo, *De accentibus*.

3.—Ao accento, denominado pelos grammaticos latinos *circumflexo*, chamavão *ē perispoménē prosodía*, e aos vocabulos que o tinhão na ultima syllaba *perispómenos*, e *properispómenos*, aos que o tinhão na penultima, da qual não passava esto accento, no grego e no latim. Tinha esse nomo, porque olevava e depois abaixava a voz, *perispáō*, puxar para diversos lados. Era notado, não como no latim o nas linguas modernas, pelas linhas do agudo o do gravo, formando um angulo, uma linha quobrada, donde o nomo *flexus*, *circumflexus*, mas por uma curva, que principiava convexa o acabava concava, para indicar quo a voz subia e depois descia.

No portuguez, não ha o accento prosodico *perispómeno* ou *circumflexo*; o signal orthographico assim chamado só indica *o timbre* da vogal, ou a contracção de duas vogaes. O *perispómeno* ou *circumflexo*, no grego o no latim, só podia ferir uma vogal de quantidade longa, pronunciada em dois tempos, equivalente a duas vogaes, uma pronunciada com o accento agudo, outra com o grave, cousa quo não ha na nossa lingua. E', pois, sem razão quo alguns dos nossos grammaticos denominão *perispómenos* o *properispómenos* os vocabulos que têm vogal tonica de som fechado, na ultima ou na penultima syllaba, como *avô*, *mercê*, *dêdo*, *côco*. O accento tonico, em portuguez, qualquer que seja o timbre da vogal, é sempre o mesmo *agudo*; as nossas palavras são sempre *oxýtonas*, *paroxýtonas* ou *proparoxýtonas*. Algumas têm accento orthographico circumflexo ou som fechado na anteponultima tonica, *pêssego*, *fêvera*, *trêfero*, *côvado*, *fôlego*, *sôfrego*, posição esta que não podia ter, no grego e no la-

tim, o accento *perispómeno* ou *circumflexo*, como acima dissemos. Se, em tal caso, o nosso accento tonico deixa de ser agudo, não são *proparoxýtonas* essas palavras, que nome lhes darão esses grammaticos?

4.—Quando ao verbo se juntão pronomes encliticos, póde o accento ficar na syllaba *preantepenultima*. Ex.:—Dissémos-lhe a vordado, o coração commovêra-se-lhe. No espanhol, pódo assim haver até quatro syllabas, depois do accento. Ex:.—*Diriámastélo, trajésemotele*. E, no italiano, até cinco. Exs.:—*Portándomivelo, mándamivisene* (Diez), via *fáccialevisi un letto* (*Boccacio*, parte I, n.º 43). No portuguez, pode-se tambom fazer que haja quatro syllabas, depois da accentuada:—*Louvámo-vo-lo*, exemplo dado pelo distincto glottologo portuguez Gonçalves Viana, *Pronuncia normal portugueza*, § 59; mas tal combinação não é usada, na linguagem falada ou escripta.

5.—Tambem dizem e escrevem geralmento *trolly*, mas a palavra ingleza é *trolley*.

6.—Alguns autores antigos escrevião *tribo*.

7.— *Reflexões sobre a lingua portugueza*, parte 2.ª, reflexão 12. Mas, em nota, diz Cunha Rivara, o commentador dessa obra: —«Os cultos hojo pronuncião *iman*, accentuando a ultima syllaba só quando designão certos ministros do Alcorão».

8.—*Aade*, no *Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo.

9.— Cidade e reino:

No reino da secca Adem, que confina
Com a serra d'Arzira. . .

Lus., c. 10, est. 99.

Do reino de Adem já seguindo a rota
—F. do Andrado, *O 1.º cerco de Dio*, c. 12, est. 133.
Mas tanto que se de Adem ferra a praia
Id., c. 13, est. 32.

10.—Antigamente se dizia *pêntem* (pente), de *pectinem*. Assim escrevião Barros o Camões, c. 6.º, 17 — Que nunca brando pentem conhecêrão, o ainda Fr. Luiz de Sousa: «garfos e pentês de ferro». *Vida do Arcebispo*, livro 2.º. c. 34.

11.—Por derivação igual á dos outros nomes da 3.ª declinação supramencionados, nos quaes a desinencia *em* é a do accusativo latino, em que o *m* era surdo o só nasalisava a vogal, como no portuguez. Só se pode justificar a terminação *en*, dizendo que essa palavra não nos veiu directamento do latim, mas do espanhol ou do provençal; linguas em que assim se escreve; mas então deviamos conformar a pronuncia com a orthographia, fazendo sentir o *n*. O dr. José Barbosa Leão, nos seus *Estudos a favor da reforma da orthographia em sentido sonico*,

pgs. 38, diz que em *joven*, como em *irman*, *canon*, «o *n* não é signal de nasalidade, mas simples consoante e soa *ne*». Será assim em Portugal; no Brasil, pronuncía se *jovê*, com o som do *ei*, como em *bem*, *vem*.

12.—Frei Luiz do Monte Carmelo acha preforivel esta graphia, «por mais conforme á indole da lingua e á pronuncia mais geral»; dizemos sem o *n*, que tinhão no latim, *crime*, *carme*, *examc*, *vexame*, *vimc*, *nome*, *acume*, *legume*, *lume*, *volume*. Os espanhoes dizem e escrevem *régimen*, com a accentuação e a orthographia do nominativo e do accusativo, pois é um substantivo neutro. Em portuguez, pronunciando-se com o accento ablativo (*regìmine*), é melhor dizor e escrever, como os antigos, *regime*. *Spécimen*, modernamente introduzido (espanhol *espécimen*), é mais goralmente usado com essa fórma e accentuação, como no latim; mas tambem alguns escrevem com fórma portugueza – *espécime*. Os quo pronuncião com o accento na penultima syllaba devem escrever—*specíme* ou *especíme* (*specímine*).

13.— Do Omnipotente
Throno mana caudal um rio, o E'den
Celeste banha...
Filinto Elysio, *Os martyres*, liv. 3.º.

Sempre assim accentúa Lima Leitão, na sua traducção do *Paraiso Perdido*, de Milton, canto 4.º:

Satan prosegue
E do E'den chega ao proximo contorno
Donde avista já perto o Paraiso

Era o jardim de Deus, o Paraiso
Que olle mesmo plantou no oriente do E'den.

14.—Talvez a principio se pronuncias-e com o accento na ultima syllaba, como augmentativo de mora ou amora.

Alguns destes nomes, pronuncião se hoje sem ditongo:—*côvo*, *frango*, *fungo*, *golfo*, *rábano*, *morango*, *sarampo*. Em Portugal tambem se pronunciou *zango*, segundo Fr. Luiz do Monte Carmelo. No Brasil, muitos pronuncião *zangão*, erroneamente, com accento na ultima syllaba.

15. - A primeira forma foi, sem duvida, *bendição*, donde o verbo *abendiçoar*, de que Vieira usou, por vezes, (Vide tomo 2.º, p. 165). Tinha dois accentos, por ser palavra composta; e, sendo muito fraca a syllaba intermedia, o accento anterior fe-la cahir, e, de *secundario* ou *subordinado*, tornou-se principal ou predominante. E' o mesmo facto que se deu, e de modo mais nota-

vel, em *bendito* (*benedictum*), depois *bênito*, *bêeito* (*Eluc.*), bonto, em quo a força do aeeento da primeira syllaba eliminou a segunda, apezar de estar nella o aeeento tonieo ou prineipal.

Tambem geralmente pronuneião *pégão*, que devo ter o aeeento tonieo na ultima syllaba, por ser derivado augmentativo de *pé*, grande pé de vento, não derivado do *pégo*, eomo alguns suppõem:

...vem do alto galopando
Veloz pégão de vento, e de improvizo
Leva o mastro ao baixel, cordas, o eunhas,
Costa e Silva, *Os argonautas*, liv. 1.º

Dá-se, neste easo, igual supplantação do aeeento tonieo pelo seeundario. E' o mesmo erro quo alguns eomettem, dizendo *pégada*, em vez de *pégáda*.

16.—Diz-se vulgarmento *Nêuton*; os inglezes pronuneião *Niúton*.

17.—Lat. *A'nnĭbal*, *Annĭbălis*; pronuneiamos eom o aeeento dos easos obliquos, e assim tambem *Ardrúbal*, *Manastábal* (lat. *A'sdrŭbal*, *Manástăbal*). Camões e outros poetasportuguezos dissérão *Annibál*. Os espanhoes assim dizom, mas tambem *Aníbal*; os italianos *Annibale*, no verso tambem *Annibále*.

De Phormião, philosopho eleganto,
Vereis eomo Annibál esearneeia
Lus., 10.º, 153
Nem so sabe inda, não to affirmo e assélo,
Para estes Annibáes nenhum Mareello.
Ib, 7.º, 71

Destes mimos Indianos
Ey grã medo a Portugal
Que nos reereçam taes danos,
Como os do Capua a Hanibal.

Sá de Miranda, *Carta a* J.º *Rodrigues de Sá de Menezes.*

Deixar não podes de te ver veneida,
Afriea, a tal esforço, a insignia tal,
Inda quo por Antêo e Annibal,
Fosses (eomo mãe sua) defendida.

Diogo Bernardes, *Varias Rimas*, soneto.

Que nunca Scipião, nunca Annibal
Fizerão nos imigos tal estrago.

Ib., elegia 2.ª

Senão, considerai qual foi o fruto
Que seguio Annibál de tanta guerra.

Sá de Menezes, *Mal. conq.*, liv. 11.º, 16.

18.—Alguns grammaticos mandão pronunciar *Túbal*, mas os espanhoes dizem *Tubál*, e esta pronuncia é conforme á regra geral da accentuação dos nomes hebraicos.

19.—Hoje pronuncião *betél*; mas as fórmas antigas *béte*, *bétele* ou *bétere* mostrão que o accento deve estar na primeira syllaba.

20.—Este Marte novél, logo com pressa
Traz hum dos outros Turcos se arremessa

F. de Andrade, *O 1.º Cerco de Diu*, c. 17.º, 6.

21.—Eu não som ca enviado
Por piedoso nivel,
Senão soccorer ao gado,
Que pereceo no montado
Das ovelhas d' Israel.

Gil Vicente, *Auto da Cananéa*, sc. 6.ª (Ahi rimando tambem com borel e infiel).

Que n'outra gentil cerca se acabava
De rasos buxos a nivèl nascidos

Mous. de Quebedo, *Aff. Afric.*, c. 6.º, 20.

22.—Ha quem use desta palavra como adjectivo, accentuando a primeira syllaba: —*imprensa réptil*, *jornalistas répteis*, Alguns querem que tambem se diga *projectil*, *projécteis*, e assim o têm bons escriptores (Alexandre Herculano, Castilho, Latino Coelho); mas outros, tambem notaveis (Camillo Castello Branco, Oliveira Martins e muitos outros), accentuárão a ultima syllaba, e esta é a accentuação que tem prevalecido na linguagem profissional e nos documentos officiaes, assim como no uso geral. Vid., contra, Candido de Figueiredo, *Lições praticas*, 2.ª

ed., vols. 1.º e 2.º, e *O que se não deve dizer*; e, a favor, Heraclito Graça, *Factos da linguagem*.

23.—Vide R. Viterbo, *Elucidario*, e frei João de Sousa. *Almogavár*, guerrilheiro contra mouros, primitivamente *almogávar*, como no espanhol, o que se vê das fórmas *almogàvre, almogàrave, almogaure*.

24.—Gonçalves Dias accentuou *nenuphár*, talvez por liberdade poetica. No espanhol, *nenúphar*.

25.—Ergue Scyta a cabeça triumphante
E assomo Gilbraltar defronte della..

Quebedo, *Affonso Africano*, c. 2.º, est. 99.

Acompanha-la-ha esta gente
Assi em cima á frol do mar,
.....
Tornar-se-hão de Gibraltar.

Gil Vicente, *Côrtes de Jupiter*, sc. 6.ª

Jaz sepultada
No fundo mar,
Perto do estreito
De Gibraltar

Sousa Caldas, *Obras poeticas*, tom. 2.º, p. 199.

Sobre a pronuncia de *Madagascar*, escreveu o sr. Candido de Figueiredo, num dos seus artigos, publicados no *Jornal do Commercio*, com o titulo—*O se não deve dizer*:—«Geralmente se pronuncia com o acento tonico na ultima sílaba: *Madagascàr*. E, comtudo, *Madagáscar*, com o acento tonico na penultima silaba, é que é pronuncia exata. Provão-no varias razões, especialmente os *Lusiadas*, no canto X, est. 137, e o facto de que o termo pertence á lingua malaia, em que não ha palavras oxítonas ou agudas». Mas pronuncião todos *Zanguebár* ou *Zanzibar*, *Malabár*, *Macassár*. Os italianos dizem *Madagàsear*, mas *Zanguebár*, etc.

26.—*Cronica de Cistér*, por frei Bernardo de Brito: *O monge de Cistér*, de Alexandre Herculano. Alguns, no Brazil, pronuncião erradamente *O monge de Cister*, como algumas vezes temos ouvido.

27.—Frei Luiz de Sousa, *Vida do Arc.*, l. 2.º, c. 22 e 26,

«o jardim dos papas, que chamavão Belvedér», «as obras que se fazião em Belvedér».

28.—Para a pronuncia dos nomes estrangeiros, modernos, não ha regra possivel. Cada um os pronuncía como póde, ou como sabe, ou suppõe que pronuncião nas linguas a que pertencem A's vezes, provalece uma pronuncia que nem é portugueza, nem da lingua respectiva. Assim *Manchéster, Lencáster*, no inglez—*Mánchester, Láncaster*; *Méyer*, suburbio do Rio de Janeiro, no allemão—*Máyer*, porque nessa lingua *ei* soa sempre como *ai*. Nos terminados em *er*, ás vezes, faz-se metathese na terminação, como tambem fazem os francezes,—*Hanovre, Lancastre. Rothschild* é conforme á pronuncia allemã e á franceza; *Rothschaild* é pronuncia ingleza.

29.—Grammatica da Academia Espanhola, catalogo, *in fine*: *Vitor, San Vitor*. No italiano, *Vittore*.

30.—Alguns dizem *Cástor*, falando do irmão de *Pollux*: o Mousinho do Quebedo, por liberdade poetica, disse *Néstor*.

Accorreu Cáster,

E o grão Talau Biantide, e ligeiros
Ligam-lhe os cestos, e a ser forte o exhortam.

Costa e Silva, *Os argonautas*, liv. 1.º

As espadas os Socios desnudando,
So apresentam, e é Castor o primeiro.

Ibidem.

Uma doce corrente, quando fala
Com que de Néster a eloquencia iguala.

Affonso Africano, c. 1.º, 10.

31.—As amarras cortar manda ao momento
E alargar os calabres sacudidos.

J.º Franco Barreto, *Eneida*, liv. 3.º, 266.

Faz a amarra colher, safar calabres

Odorico Mendes, *Eneida*, liv. 3.º, v. 266.

Tremem ealabres, as enxareias tremem.
Açoutadas eom o vento.

Costa e Silva, *Os argonautas*, liv. 2.º

32.—Devemos erer que foi liberdade poetica a aeeentuação desta palavra, neste verso do eanto 1.º do *Hyssópe*:

Um sussurro no eonclave se espalha.

Claudieou Franeiseo José Freire, quando disse (*Reflexões*, parte 2.ª, refl. 12): — «*Conclave* eom a segunda longa, *posto que em latim seja bréve*». E' longa a penultima em latim, eomo bem diz Madureira:—«Não sei eom que fundamento introduzio o abuso a pronuneiação desta palavra eom a syllaba *cla* breve, dizendo erradamente *cônclave*. Porque, se do sua natureza a tem longa no latim, porque não ha do ser tambem longa no portuguez?»

33.—Barros, *Decada*, 1.ª, 75:—«Porem, eomo olles sempre buscam escapulas a seus enganos, tomaram por deseulpa que o dia quo eomettera aquella jornada fora em hora infelice, e não eleeta por pareeer delles». E desse substantivo se derivou o verbo eseapulir, de que tambem usa Barros, 1.ª, 10, 3:—«os que puderam eseapulir se ponham em salvo».

34.—Vide *Elucidario*, de Viterbo, v.bo *omizio*, Moraes, *Dicc.*

35.—*Os massagetes vê, colcos e iberos.*

Côrte Real, *Naufragio de Sepùlveda*, c. 2.º

Em Castilho e Odorieo Mendes —*Ibéro*, na tradueção desto verso do liv. 3.º das *Georgicas*: *Aut impacatos a tergo horrebis Iberos.*

Ha, no Rio de Janeiro, um Baneo, que tem o nome de *Ibéro-americano*, e geralmente dizem: *ibero-americano*. Houvo reeentemente, na Espanha, um congresso *ibéro-americano*. *Ibērus*, nome de um rio da Espanha, tinha tambem a segunda syllaba longa. Camões disse, no 3.º eanto, 60:

Que o Ibéro o viu e o Tejo amedrontados
D'aquelle grão Pastor, quo em nossos dias
Danubio enfrêa, manda o elaro Ibéro,
E espanta o morador do Euxino fero.

Ecloga I

E Gabriel Pereira de Castro:

Passava o grande Ibéro, e o Gaditano
Estreito...

Ulysséa, c. 5.º, 45.

E' certo que esse rio se chama hoje *Ebro*, o que faz suppôr a transposição do accento (*Ibero*, *Ibro*, *Ebro*), mas o adjectivo *ibero* é pronunciado pelos espanhoes com a penultima accentuada.

36.—Costa e Silva, nos *Argonautas*, por duas vezes, usou desta palavra, com o accento na primeira syllaba, sem duvida por liberdade poetica, nos livros 3.º e 4.º:

Qual rebatido d'incude o martello
De Mulcíbero as incudes retumbam.

37.—Assim accentúa essa palavra o dr. Eugenio de Castilho, no seu *Diccionario de rimas*.

38.—Moraes e Adolpho Coelho, *Diccs.*

39.—....em claro vaso

Vos dê Febo a beber licor sagrado
Nascido da pégada de Pegàso.

Diogo Bernardes, carta 6.ª

De um monte de Ceilão na excelsa alteza
Desde antiguas idades venerada,
Onde um penedo na horrida aspereza
Conserva de um varão santo a pégada.

Malaca conquistada, liv. 4.º, est. 39.

Sigo de noite o rasto das pégadas
Que feito havia, e tudo noto, e vejo:
O gram silencio, e as sombras enlutadas
Punhão terror nos animos sobejo.

J. Franco Barroto, *Eneida*, liv. 2.º, 180.

Nem póde Turno dar huma passada
Onde Enéas não ponha já a pégada.

Ib., liv. 12, 175.

Os olhos canso em busca das pègadas.

Odoríco Mendes, *Eneida*, liv. 2.°, v.° 778.

Castilho, *Metamorphóses*, liv. 4.°, com as duas syllabas accentuadas:

E de féra no chão pégàdas nota.

40. - Preso da Egypcia linda e não pudica.

Lus., 2.°, 53.

Com gesto lédo a Cypria e impudíco
Dentro no carro o filho seu recebe.

Ib., 9.°, 43.

41.—*Prælia rubrīca picta aut carbone.*

Horacio, *Sat.*, liv. II, 7.

Excepto *si quid Masŭri rubrīca vetāvit.*

Persio, *Sat.* 5.ª

42.—Um lago da Apulia, de que fala Plinio, major, tinha o nome de *Pontānus*.

43.—Francisco José Freire, *Reflexões*, log. cit.:—«*Caractéres*, com a penultima longa. E' frequentissimo o errar, fazendo-a breve».

44.- Julio do Castilho, *Dicc. de rimas*: ariête.
Não lho aproveita já trabuco horrendo
Mina secreta, aríete forçoso.

Lus., c. 3.°, 79.

E qual do Esson o filho valeroso,
Que fez do Phrigio Aríeto a conquista.

Sá de Menezes, *Mal. conq.*, 5.°, 21.

E ás portas huns o ariete forçoso,
Ao muro outros escadas achegavão.

J. Franco Barreto, liv. 2.°, 109.

45. - Já ouvimos, por vezes, pronunciada assim essa palavra, até por um doutor, lente de uma faculdade.

46. Lemos, no livro de um brazileiro, homem formado e distincto, que o café que se bebe em França é uma infusão de *chicoréa*. *Orchidéa* temo-lo muitas vezes ouvido.

47.—Beuto Pereira e Madureira.

48.—F. J. Freire, *Reflexão* 8.ª «ímpares (numeros) ou impares; porem do *a* longo não são muito classicos os exemplos».

49.—....o Rei do Avérno e a Esposa
Co' o revérbero estranho amarellecem.

Castilho, *Metamorphóses*, liv. 2.º

Penetrantes revèrberos dardeja

José Agostinho de Macedo, *Meditação*, c. 2.º

Despedia revérberos brilhantes.

Id., *Viagem extatica*, c. 1.º. Vide, no *Dicc.* de frei Domingos Vieira, outros exemplos do mesmo autor.

50.—Eugenio de Castilho, *Dicc. de rimas*, e outros.

51. -«Abre-te, sésamo», formula de effeito magico, num conto das *Mil e uma noites*.

52.—Vid. Madureira.

53.—De annos vogeto o valido carvalho.

Odorico Mendes, *Eneida*, liv. 4.º, v.º 462.

Eug. de Castilho e Adolpho Coelho: *vegéto*.

54.—*Exposição da pronuncia normal portugueza*, n.º 37.

55. - Frei Luiz de Sousa, *Vida do Arceb.*, liv. 3.º, c. 27:—«Começarão a sentirse geralmente crisipulas e carbunculos com febres de má calidade».

56. A accentuação e a desinencia mostrão claramente que o origem das fórmas nominaes romanicas foi, por via de regra, um dos casos obliquos do latim. Qual dellas? A semelhança da terminação, sobretudo no italiano, induziu alguns a suppôr que fosse ablativa; mas, em favor do accusativo, ha maior numero de auctoridades e razões decisivas. No portuguez, é manifesta a desinencia desse caso, nos nomes e prono-

mes terminados por *em*:—*homem, nuvem, virgem*, etc., *quem, alguem, ninguem*, (*quem, aliquem necquem*; *outrem*, de *alterum*, tomou a terminação *em* por analogia, o a antigo *rem, algorem* (*res, rem*; franeez, *rien*). Mas, ordinariamente, desappareceu o *m* final do accusativo, que sempre tove som muito surdo, como já dissemos, e desde o 4.° seculo foi completamente eliminado na linguagem popular, como o pravão muitas inscripções, o que tambem aconteeen nos verbos:—*amabam*, amava, *amem*, ame; e nos numeraes—*sete, nove, dez*, (*septem, novem, decem*). Nomes oriundos de neutros latinos, como *lado, corpo, peito, tempo*, não podião provir de outro caso obliquo senão o accusativo. Deste caso, forão tomados os numeraes - *dois, ambos, duzentos, trezentos*, etc. As nossas terminações do plural *as, os, es* são iguaes ás do accusativo plural do latim, dos nomes femininos e masculinos; os italianos têm tambem, em alguns nomes, a terminação do plural neutro – *a*: *labbra, ossa*, etc. Do ablativo plural, em *is, ibus, ebus, abus, obus, ubus*, não ha vestigio algum, em nenhuma das linguas romanicas.

Algumas palavras procedem do nominativo, sobretudo nomes proprios e vocabulos, introduzidos pelos doutos:—*Deus, calix, cal, avestrus*, (*avis struthio*), *ladro, ladra, sangue, serpe, cânon, consul, caracter, prefacio, sóror*, ou *sor, silix, onix*, etc. *Cesar, Cicero, Enéas, Dido, Nero, Carlos, Lucas, Marcos, Matheus, Mathias, Moisés, Elías, Isaías, Jeremías, Pilatos, Judas, Apollo, Ceres, Cupído, Hercules, Juno, Jupiter, Pallas, Venus, Minos, Midas, Apélles, Phídias, Thales, Socrates, Arisloteles, Demosthenes, Péricles, Mithridátes, Carthago, Napoles, Charybdis, Euphrates*, etc. Tambem do nominativo vierão os pronomes *eu, tu, elle, este, esse, aquelle* (*ipse, eccu'ille*).

Do ablativo provêm somente os gerundios, alguns adverbios —*agora, como, cedo, subito*, etc. (*hac hora, quomodo, cito, subito*, etc.) e os elementos do que forão compostos os adverbios romanicos em *mente* (de *mens, mentis: justa mente, pura mente*, etc).

A' consideração de que devia prevalecer o ablativo, por se exprimir com elle a maior numero de relações, oppõe-se a mais valiosa—que o nominativo o o accusativo são os casos mais importantes, porque exprimem o sujeito, o attributo e o objecto da oração, sendo o accusativo mais frequentemente expresso, porque o sujeito é muitas vezes subentendido, indicado pela flexão de verbo ou substituido por um pronome.

57.—*Reflexões*, log. cit.—«*Epitèto*, com *e* longo e não breve, posto que no latim o tenha. Assim pronunciou Jacintho Freire, na *Fabula de Polifemo*, dizendo, na est. 1.ª:—«Lascivo

este epitéto me parece». A pronunciar com a penultima brove, ficaria o verso errado.

Nas notas, Cunha Rivara nada diz aeêrea de *cábala;* mas sobre *epitéto* escreveu:—«A fraca auctoridade so encostou o A., não por ser Jacintho Freire, mas porque a citação é de verso, onde a medida violentou talvez o poeta. Melhor fundamento teria achado em João de Barros, que, na sua *Grammatica*, frequentemente diz *epitéto*; mas ainda assim ha de predominar o uso constante dos doutos, que, ao menos modernamente, dizem a uma voz *epìtheto*». Quanto á pronuncia do João de Barros, ha equivoco. Na *Compilação de varias obras de João de Barros*, encontra-se a palavra *epitheto*, com signal orthographico na penultima syllaba, segundo os nossos apontamentos, não *frequentemente*, e, na *Grammatica*, uma só vez, nos *Ditongos*, p. 245; mas esse signal, posto em baixo, uma cedilha, não indica o accento tonico; é figura do *e grande*, de som aberto, como o autor lhe chama, na *Orthographia*, o que se vê em muitas outras palavras, e em syllabas não predominantes, como *esquecido*, *vehemente*, *precedente*, etc., ao passo que não o têm syllabas tonicas das palavras em que o *e* tem o som fechado, como *adoeça*, *cometo*, *Olivete*, etc.

Só se póde, pois, inferir que João de Barros quer que esse *e*, ainda que átono, seja pronunciado com o som mais claro que o do *e* surdo portuguez.

58 —Na prosa, dizemos *ímpio*, *murmurío*. Os italianos tambem assim accentúão; os espanhoes, pelo contrario, *impío*, *murmúrio*; *impio* só no verso.

Donde se ouvem rugir feras impías
E nos ares gritam torpes arpías.

Sá de Menezos, *Maláca conq.*, 2.°, 2.

Ouvi agora as traições, e ouvi os modos
Que tem para enganar a gente impía.

João Franco Barreto, *Encida*, liv. 2.°, 17.

Mas já o alcança, e como lança impía
Sem dor o peito lhe atravessa, quando
Aos olhos paternaes se offerecia.

Id., est. 131.

Torna atraz ás estrellas e sometle
A seu mando os espiritos impios.

Ib., 4.°, 111.

Pelos vastos salões, pelos dourados
Tectos se escuta alegre murmurío.

J. Agost. de Macedo, *O oriente*, c. 9.º, 42.

Com ligeiro murmurío as Feras
A festejam tremendo em seu caminho.

Costa e Silva, *Os argonautas*, liv. 3.º.

Entrou a Deosa em gelida espessura
Onde ia com frosquissimo murmúrio
Escorregando um rio preguiçoso.

Castilho, *Metamorphoses*, liv. 2.º.

Da belleza do sitio, e do saudoso
Murmúrio captivado, aqui chegava

Ib., liv. 3.º.

Brandas finezas em murmúrio brando

Ib., liv. 4.º.

Foi correndo
No conselho um murmurio, como quando
Rapido rio, por calhaos detido
No alveo empachado zoa...

Od. Mendes, *Eneida*, liv. 11, v.º 287.

Despeuha seus cristaes, qual hum mar bravo
E com grande murmurco do alto monte.

J. Franco Barreto, *Eneida*, liv. 1, 57.

E portanto o caminho começado
Accelerão com prospero murmuro

Ib., liv. 8.º, 21.

Bem como quando co' primeiro vento;
Quando no bosque umbrifero assovia
Hum murmuro se escuta cego e lento.

Ib., liv. 10, 24.

O triste som lhe fere o atteuto ouvido
E o murmuro do povo lastimado.

Ib., liv. 12, 144.

Nas folhas respirando o fresco vento
O murmúro das aguas ajudava.

Mal. Conq., c. 8.º, 11.

Odorico Mendes accentuou, na *Eneida*, 2.ª ed., múrmuro como no latim—*múrmur*:

E os ouvidos attentos lá percebem
Múrmuro desalegre e som confuzo.

Liv. 12, v.º 600.

Esta é a accentuação do adjetivo de que o mesmo autor usou neste verso:

Entra a embrulhar-se o éco múrmuro e rouco
Eneida, 4.º, v.º 173.

59.— Resôlta a fria nêve, quando o róseio
Na grama he doce á grei.
Odorico Mendes, Ecloga 8.ª.

Encontra-se, porem, mais vezes *rocío*:

Com gloria, mui sem trabalho,
Fartas os mares e rios,
E as hervas de rocios,
E os lirios de orvalho
Nos logares mais sombrios.

Gil Vicente, *Auto da Cananéa*, se. 6.ª.

.....pareeia
O celeste roseío derramado.

Diogo Bernardes, *Rimas Varias*, soneto 44.

E um celeste rocío em si recolhe.

Côrte Real, *Nauf. de Sepúlveda*, c. 1.º

Qual sobre as rosas da manhã aos raios
Se dissolve o rocío...

Costa e Silva, *Os argonautas*, liv. 3.º

60.—Na écloga VII, *Idalio*:

Que o moço Idalio quiz nesta seiencia
Que so eompadeeessem dois eontrarios.

Vereis o monte Idalio em sangue tinto.

61.—Gabriel Pereira do Castro:

A viçosa Quilôa eom Mombaça
Ulysséa, e. 7.º, est. 79.

Trazendo o grão tributo, quo a Lisboa
A el rey seu senhor manda o do Quiloa.
Ib., est. 84.

Mas, ainda modernamento, Lima Leitão, no *Paraiso Perdo*, e. 11, v.º 497:

Mombaça, Quíloa, as praias Melindanas.

Diz o sr. Candido de Figueiredo, no já eitado artigo:—«Toda a gento pronuneia *Quilôa*. E eontudo não ha pronuncia mais errada. Correetamente, pronuneia-se *Quìloa*, eom o aeento tonico na primeira sílaba. Em primeiro lugar, assim pronuneiava Camões, e, portanto, os homens do seu tempo. Depois, os proprios mouros da eosta oriental afrieana dizem *Quíloa*, eomo atesta quem os tem ouvido; e a ortografia ingleza *Kilwa* confirma esse facto».

62. —Cassandra d'el-rei Priámo.

Mofina Mendes, se. 1.ª

Ero a dor dos spiritos, eternal spiríto
.....
E ós elomentos dae o spiríto.
Historia de Deus, se. 11.ª

(Outras vezes diz espiritos).

Que não seja retrográda.
Côrtes de Jupiter, se. 6.ª

Portanto o que póde vos dá dominío
(Rimando com *poderío*)
Auto da fama, se. ultima:

E quando me dão algum dia
Licença, como a bugia,
Que possa estar á janella
He ja mais que a Madanella
Quando achou a alleluía.
Ignez Pereira, se. 1.ª

—E onde havemos nós d'ir ter?
—Ao porto de Lucifér.
Auto da Barca do Inferno, se. 6.ª

Oh caso para espantar !
Quo é isto, Jupitèr ?
Cortes de Jupiter, sc. 5.ª

63.—A lyra Calliope te encordôe.
O Lima, carta 7.ª
Mouros, turcos, arábes, indios, persas,
Destes, e doutros muitos triumphante.
Varias Rimas, Elegia 2.ª

64.—Aquelle emperador falso apostáta.
Nauf. de Sepulv., c. 10.º
Viu as Polonias ambas apartadas
Co a ligeira corronto do Vistúla.
Ib., c. 2.º
.....as quatro Gallias
Soberbas com razão co a belicosa
Gento que neda vivc, ousada e forte
E fertiles co as aguas do Rodâno.
Ib.
.....do tardio
E sinuosa Garina, do Secana.
Ib.
Onde a formosa Ceres foi roubada,
E se vê do Encelàdo a sepultura.
Ib.

Em Camões, como orthographia e accentuação correcta:
Gallia ali se vorá, que nomcada
Co'os cesaroos triumphos foi no mundo,
Que do Séquana e Rhódano é regada,
E do Garumna frio e Rheno fundo.
C. 3.º, est. 16.
Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encèlado, Ègoo e o Centimano.
C. 5.º, est. 51.

Mas, neste ultimo verso, o poeta, por causa da rima, transpoz o acconto do *Centímănus*.

65.—Taes são:—abêto, onabêtc, do *abiĕtem*, alégre, de *alăorem*; alvedrio ou alvidrio, de *arbitrium* (antigamonte tambem *alvidrio*, Côrte Real, *Nauf. de Sepulv.*, cs. 14 e 15:—*Hum livre alvidrio a todos nos he dado.—Ao livre alvídrio nadá lh'he impossivel.— Ao alvídrio e querer de via incerta*); cadeira, de *cathĕdra*, casúla, de *casŭla*, casúlo, de *casŭla* ou de *capsŭla*, mulhér, de *mulĭerem*, parêde, de *pariĕtem*, penhora, do *pignŏra*, trêvo, de *trifolium*, variz, de *várix, varĭcem*, e outras que vão notadas, em varios logares:—*Oceâno, limite, patêna, cristallino*, etc. Como

se vê, o accento, do ordinario, desloca-se para o lado da terminação; do contrario, ha raros exemplos, como —dádiva, de *datĭva*, por *donativa*; fígado, de *ficātum* (*jecm ficis pastum*, Horacio, *sat.* II, 8, 88); córrego, de *corrūgus*, equivoco, de *equivōcus*.

Nos verbos, houve transposição do accento: no infinitivo de muitos verbos da 3.ª conjugação latina, que no portuguez passarão para a 2.ª ou 3.ª (os da 4.ª latina):—*fazer*, *dizer*, *correr*, *perder*, *trazer*, *vender*, etc., de *facĕre*, *dicĕre*, *currĕre*, *perdĕre*, *trahĕre*, *vendĕre*, *etc.*, *cahir*, *cingir*, *construir*, *fugir*, *impellir*, *pedir*, *tralir*, *tingir*, etc., do *cadĕre*, *cingĕre*, *construĕre*, *fugĕre*, *impellĕre*, *petĕre*, *tradĕre*, *tingĕre*, etc.; no presente do indicativo e no subjuntivo, e no imperativo de muitos verbos, em que a penultima syllaba era breve no latim, e no portuguez é accentuada: —*determino*, *imagino*, *confiro*, *profiro*, *applico*, *communico*, *magnifica*, *diríde*, *impéra*, *impêre*, *divída*, *penêtra*, *conferímos*, *discérnimos*, etc.; em participios provenientes de supino em *ĭtum*, *devido*, *fugido*, *gemido*, *prohibído*, etc. Na 1.ª o na 2.ª pessoa do plural do imperfeito do indicativo, o portuguez transpoz o accento, afastando-o o da terminação, contra a tendencia geral da lingua, o que é mais notavel, por so ter, nisto, apartado, não só do latim, mas tambem do gallego, do qual a nossa lingua não é mais do que um aperfeiçoamento. A causa pareee ter sido a influencia do espanhol, em que igual facto so deu; e o mesmo acontceeu nessas pessoas do mais que perfeito do indicativo, em que o gallego tambem accentúa a penultima: —*falabámos*, *batiámos*, *pediámos*, *falabádes*, *batiádes*, *pediádes*; *falarámos*, *falarádes*, *baterámos*, *baterádes*, *pidirámos*, *pidirádes*. O italiano tambem conservou o accento latino, no imperfeito do indicativo. No imperfeito do subjuntivo (mais que perfeito latino), as quatro linguas transpuzerão o accento do latim; e o gallego desloca-o algumas vezes no presente desse modo (*bátamos*, *bátades*, *pídamos*, *váyamos*, *váyades*, etc.) e no verso, tambem no imperfeito do indicativo (vid. Saco Arce, *Gram.*, Poesias, no appendice):—*Cautos os dois deixábamos o monte*. — *Nos íbamos* ô longo castanhar, ps. 300).

Em muitos casos, a transposição do accento veiu do latim barbaro, no qual já se dizia *mufiérem*, *pariétem*, *intégrum*, *penétro*, etc.

Em algumas palavras, modernamente introduzidas, houvo desvío da accentuação latina, por influencia da franceza, como, por exemplo, em *precoce* (lat. *præcox præcŏcis*). Deviamos dizer ou *precoz*, como os espanhoes, derivando da nominativo (*ad instar* do veloz, lat. *velox ōcis*), ou *précoce*, com o accento latino. O mesmo se deu no italiano, que tambem accentúa *precóce*.

66.—Quintil., livro I, c. 5.

67.—Não sabemos em que se fundão os autores, muito competentes, de uma nossa grammatica (a de Pacheco da Silva, junior, o Lameira do Andrade, parte 3.ª, c. 5.º, *Formas divergentes*), para aconselhar que se diga *involúcro*; parece nos erro de imprensa, na collocação do accento.

68.—Não se deve dizer *aláere*, como hoje dizem alguns.

69.—*Limite* desviou-se da accentuação latina (*limes, limites, limitem*). No espanhol, manteve-se—*límite*. Francisco de Sá de Menezes, que escreveu o seu poema quando Portugal estava unido á Espanha, usou, por mais de uma vez, desta palavra, com o accento espanhol:

Não fujas, disse, q' o fugir da morte
He vão, se ao fatal limite chegaste.
Malaca conq, 9.º, est. 111.

Ou como quando os limites excede
Do furos a fortuna
Ib., 10.º, est 12.

Hão do passar os límites humanos
Ib., 10.º, est. 71.

70.—O portuguez, assim como as outras linguas romanicas, quando faz derivações com esses suffixos latinos átonos, torna-os accentuados; assim têm o accento tonico, na primeira vogal do suffixo, os derivados em *ca, ia, io, aco, ido, ito, ino, olo*:—*assembléa, boléa, alegria, barbaria, cortezia*, etc., *velhaco*, (de *vilis*, segundo Diez, ital. *vigliacco*), *casaco, menino*, do *minimus, pequenino, diamantino, campezino, bonito, mosquito, palito, bolinhólo, camisóla, casóla, farçóla, rapazóla, sacóla*, etc.

Os de nova formação, que têm o suffixo átono, geralmente são de origem douta; ha, todavia, alguns de creação popular.

71.—*Empréstito* ou *emprestido*, ant., do *præstare, pôr diante, dar, emprestar*, hoje *emprestimo*. Tomou esta terminação por influencia do nome *prestimo*, ou do *prestemo, prestimonio*, que vem do mesmo verbo: dar um casal ou herdade *em prestemo*. Vide *Elucidario* e Moraes.

72.—No latim *aquivŏcus, univŏcus*, por ser longo o ŏ de *vox, vŏcis*. A mesma transposição do accento se deu no espanhol o no italiano.

73.—E *marcomânos*, como no verso de Camões, c. 3.º, 1:

....e na montanha
Hercyna os marcomanos são polonios.

Marcomanni vem do allemão *markmann*, homem da fronteira. Tambem se dizia *marcomânus*, por analogia dos compostos de *manus*.

74.—Quando é accentuada a antepenultima do nominativo, o na declinação ultima se torna longa ou accresce á palavra uma syllaba, passa o accento para a syllada seguinto. Assim: — *ánthrōpos*, homem, *ónoma*, nome; genitivo *anthrópon*, *anómatos*. O mesmo acontece quando é accentuada a penultima e accresce uma syllaba longa:—*Hélten*, helleno, *sôma*, corpo; gen. plur. *Hellenōm*, *sômátōm*. Como se vê nestes exemplos, a quantidade das duas ultimas syllabas influe na natureza do accento. E' agudo o accento da penultima, se é breve a syllaba, ou se é longa de natureza e tambem longa a ultima; circumflexo, se a penultima é longa e a ultima é breve. Basta vêr, portanto, o agudo na antepenultima, para se saber que a ultima é breve; e, quando o agudo está em penultima naturalmente longa, já se sabe que o é tambem.

75.—Havia, no grego. outra fórma, menos usada, *anáthema*, com *e psilón*, breve, da qual proveiu a que prevaleceu no latim ecclesiastico—*anathĕma*. No italiano, a mesma accentuação; no espanhol, *anatêma* é mais commum, mas tambem *anâtema*.

76.—No espanhol o no italiano—*elógio*.

77.—Tambem no espanhol, provavelmente por influencia do francez,—*escarre*; mas, no italiano, *escarra*. Pela mesma influcia, *opála* ou *opálo*, lat. *opălus*, gr. *opallios*, esp. *ópalo*, ital. *opále*.

78.—Esp. e ital., *pólipo*. Adolpho Coelho, *Dicc.*, quer que tambem assim se pronuncie no portuguez, declarando erronea a accentuação *polýpo;* e Castilho assim accentuou, neste verso do liv. 4.º das *Metamorphoses*:

Ou tal no pégo um pólypo verias.

76.—Este, provavelmente, por influencia do francez. Alguns dizem *bólide*, e é a melhor esta pronuncia.

80.—S. Prudencio, o primeiro que escreveu hymnos, sobre assumptos da religião christã, usa de muitos barbarismas e infringo, frequentemente, a prosodia classica.

81.—Camões, c. 3.º, 131. Vulgarmente, *Polissêna* ou *Polussêna*.

82. - Não errará, ainda que possa causar estranheza, quem, nesses nomes, soguir a accentuação latina. O dr. Castro Lopes, como bom latinista, que era, dizia *Heraclito;* pelo menos, assim accentuou, numa das suas poecias—*Resurreições*.

Lamentaudo ambos o mundo,
Qual dos dois razão toria.
Heraclíto, que chorava,
Ou Demócrito, que ria ?

83.—Francisco José Freire, nas *Reflexões sobre a ling. port.*, 2.ª parte, *Ref.* 8.ª—«Deseulpo aquelles que, faltos de bons principios, ignoram quando hão de fazer breve ou longa a syllaba penultima de algumas palavras e nomes proprios; porque não ha um unico livro em portuguez que os instrúa. Não são poucos os que tratam da orthographia, mas nenhum ha que trate da pronuncia ção longa ou breve de muitas palavras. Por isso, nesta parte, se ouvem commummente infinitos erros, com especialidade naquellas pessoas que ignoram a lingua latina. Quem quizer observar erros, tomo o trabalho de ler a *Insulana*, de Manuel Thomaz, e outros poetas da mesma classe».

João Ribeiro, *Gram. Port.*, 4.ª ed., 1891:—«A prosodia dos nomes proprios, de origem grega e hebraica, etc., nunca foi definida. D'ahi a variedade de accentuações».

84.—Geralmente, é lido assim este nome, nesse verso do Camões. *E'phyre* cabe, igualmente, na medida; não no seguinte da ecloga VII:

> Dinamene e Ephire, a quem tompara
> Nuas Phebo em um rio.

85.—Castilho, no prologo das *Metamorphóses*, diz que, nessa traducção, chegára o seu escrupulo «ao ponto de, até em nomes proprios de cães, se conservarom as quantidades syllabicas do original; salvo nos rarissimos casos, em que o uso geral, e constante dos autores, as havia já adulterado na nossa lingua como Sémele, que ninguem cá reconhece, senão por Seméle; ou nos casos, muito mais raros ainda, em que alguma attendivel razão do equívoco ou cacophonía reprehensivel, aconselhava o desvio, por acautelar o ridiculo; assim, por exemplo, ao manjar dos Deuses, vai o nome de ambrosía, em vez do nome de ambrósia».

86.—Accentúa sempre assim este nome, e esta é a pronuncia geral. Noutros poetas, porém, encontra-se *E'olo* (lat. *Aeŏlus*, gr. *Aíolos*).

Ethíope, conforme o accento latino e o grego, no c. 5.º, 32 e 76; mas *ethiópes*, por liberdade poetica, no mesmo canto, est. 62. *Cyclopas*, com o accento latino, no c. 2.º, 90; noutros poetas, muitas vezes, com o accento grego — *Cýclopes*; como, por exemplo, em Castilho:

> A azáfama relembro os Cyclopes, lá quando
> De candentes metaes o raio andão forjando.
>
> *Georgicas*, liv. 4.º

Em menor fogo os Cyclopes temperão.

Metamorphóses, livro 3.º

Mas outras vezes accentúa *Cyclópes*:

Depondo as armas, os Cyclópes forjão

Metam, liv. 1.º

87. Do que ao grande Dário tanto pêza
88.—O grão poder de Dário estrúe e rende.

No latim *Darius*, porque o *i* provém do ditongo grego *ei* (*Dareîos*); mas, no latim da decadencia e da idade média, tambem *Dărius*, conforme a regra latina (vogal antes de vogal). No italiano, o no espanhol antigo, *Dário*.

89.—Francisco J. Freire, *Ref.*, 2.ª parte, R. 12.ª:—«*Oceáno*, com o *a* longo o não breve, como affectadamente pronunciam alguns. Em poesia, poderá a penultima fazer-se breve».

Os espanhoes dizem *Océano*; os italianos tambem, mas estes, no verso, dizem de um o outro modo.

Francisco de Sá de Menezes, que escreveu no tempo em que Portugal estava unido á Espanha, conforme advertimos, e que, como os espanhoes, disse *limites*, tambem, mais de uma vez, accentuou *océano*; mais v zes, porém *oceâno*.

90.—Entre o rito nocturno orgias ebrifestantes

Castilho, *Georgicas*, liv. 4.º

.....entre nocturnas
Sacras orgias do Baccho...

Odorico Mendes, *Georgicas*, ib.

Sectario, e servidor das orgias festas.

Castilho, *Metamorphóses*, liv. 3.º

Mas inda Alcithoe, de Minêo progenio
Com temerario entôno impugna as orgias

Ib., liv. 4.º

De ovoê qual ao grito insana Thyas,
Quando, os thyrsos e vultos sacudidos,
Trieterieas orgias a estimulam.

Odorico Mendes, *Eneida*, 4.º, v.º 316

João Franco Barreto disse *órgios*:
.....quando
Dos Trieterieos orgios he ineitada

Eneida, liv. 4.º 69.

90 A.—Por liberdade poetica, accentuou Camões:—*Naiádes*, na est. 56, c. 3.º dos *Lusiadas*, e *Oreádas*, na ecloga 1.ª

91.—A' semelhança deste, formou Virgilio o titulo do seu poema *Aeneis, ĭdis*, ou *ĭdos*, a *Enéada*, poema a respeito de Enéas; o de Camões, *Os Lusiadas*, é um substantivo patrononimico, os descendentes de Luso, a que corresponde *aneïdæ*, companheiros ou descendentes do Enéas, de que tambem usou Virgilio, no liv. 8 º, v.º 648—*aneadæ in ferrum pro libertate ruebant*. Por não attentarem nesta differença, não só estrangeiros, mas literatos portuguezos, e até editores de Camões, dizem *A Lusiáda*.

92.—Ital.—*ábside*, mas esp. *absída*; no baixo latim, tambem *absīda*.

93.—Heitor Pinto diz *Hexamerão*, na *Imagem da vida christã*, 2.ª parte, Dial. 4.º, cs. 3.º e 7.º.

94.—Os compostos de *gōnia*, angulo, tambem são proparoxytonos, tendo prevalecido no portuguez, como no espanhol, o no italiano, a accentuação groga:—*polýgono, pentágono* etc. Os latinos accentuávão a vogal penultima, por ser longa (*omega*, no grego):—*trigōnum* (=*triangulum, pentagōnum, polygōnum*, ou *pentagonium, polygonium*, etc.—*Polygōnum* é nome do uma planta, composta de *gonu*, joelho, allusão á haste nodosa dossa planta.

95.—O mesmo grammatico italiano ensina que todos os compostos do systema decimal são accentuados na antepenultima, por se formarem do elementos gregos. Assim:—*êttaro, chilăro, decástĕro, chilóstĕro*. Como se vê, os italianes escrevem *chilo*, não *kilo*, conformando se mais com a etymologia *chilioi*, mil. Nós dizemos, com melhor fundamento:—*are, hectáre, centiáre*, do latim *area*, em que ora longa a primeira vogal; e *estéreo, decastéreo, decistéreo*, do grego *stereós*, solido, - preferivel a *stére, decastére*, etc., como dizem outros.

96.—O *e* prothesico, usado no portuguez e nas outras linguas romanicas, não altera a posição do accento. Assim, por exemplo, em *estáse*, de *stăsis* o accento deve ficar no *a*, não obstante ser breve em latim, do mesmo modo que dizemos *estádo*, do *stătus*. E', pois, sem razão que Adolpho Coelho, *Dicc.*, accentúa *éstase*. O mesmo se dá em *escóla, estóla, espáda, estýlo*, (*schŏla, stŏla, spătha, stўlus*).

97.—No espanhol, como não se usa de consoantes dobradas, muitos pronuncião *kilógramo, telégramo* (*Gram. da Academia Esp.*, parte 4.ª, cap. 4.º, *in fine*); e tambem *epígrama*, não obstante se pronunciar *anagrâma, diagrâma, prográma*.

Os italianos dizem: —*Lépanto, Otranto, Táranto, Ofanto*, rio; nós e os espanhoes accentuamos a penultima syllaba—*Lepânto, Otrânto, Tarânto* ou *Tarênto, Ofânto*.

98.—No tempo do Quintiliano, pronunciávão, com o accento grego,—*Olympus, tyrannus*. Quint., I, 5.

99.—O *h*, simples signal do aspiração, não influe na quantidade.

100.—Os italianos dizem *farétra*, ou por ser termo poetico, e no verso latino ter muitas vezes quantidade longa, ou seguindo o accento grego, que é na penultima syllaba, por ser longo o *a* final.

101.— .....Lembra, ó Musa.
Qual o mais forte asseela dos Atridas.

Odorico Mendes, *Iliáda*, liv. 2.º

102.—Madureira e Moraes.

103.—*Lus.*, c. 2.º, 54; 7.º, 73; 8.º, 85; 10.º, 147.

104.—*Lus.*, c. 4.º, 28; e 3.º, 141. Os espanhoes e os italianos, ainda na prosa, dizem sempre *Cleopátra*, como quasi sempre accentuavão os poetas latinos.

105.—Segundo Servio, *Analecta grammatica*, prouunciava-se com accentuação grega *Céntaurus*, e, portanto, tambem *Minótaurus*; mas podia-se pronunciar á latina, com o accento na penultima syllaba.

106.—Deve-se dizer *hetéra*, não *hetaíra*, como dizem muitos; o ditongo *ai* tinha o som do *é*, *æ* no latim, a que corresponde *e* no portuguez. Littré escreve *hêtærê*, e diz que *hêtairé* é má orthographia.

107.—No grego, ha, para as cinco vogaes, sete letras: — *e* o *o* são escriptos com caractéres differentes, conforme são breves ou longos, *e psilón* e *éta*, *o micrón* o *o mêga*.

Em *omega*, como uma só palavra, a accentuação latina é *ómega*, por ser breve o *e*, a grega *oméga*, por ser longo o *a*; para evitar essa differença, preferimos dizer, em duas palavras, *o méga*, *o micrón*, como usam alguns autores.

A' vogal *u* do latim corresponde o ditongo *ou* o o *y*, que tinha o som do *u* francez.

103.—Os espanhoes dizem *diócesi* ou *diócesis*.

109.—Pronunciava-se *skelĕtus*, porque o *c* latino, até ao 7.º seculo, teve sempre o som de *k*, nunca o sibilante que tem, antes de *e* e *i*, nas linguas modernas; assim: —*skena*, *skelus*, *skeleratus*, *Kikero* (*scena*, *scelus*, *sceleratus*, *Cicero*).

110.—Como disso um nosso poeta:

O meteóro fatal ás regias frontes.

D. Magalhães, *Waterloo*.

111.—Esses dois nomes devem ter o terminação masculina, como no latim e no grego: —*hermaphrodita*, *parasita* só quando se referem á planta; neste caso, são adjectivos, que concordão com esse nome subentendido.

112. *Sátira*, que se não deve escrever com *y*, não é palavra grega; vem de *satŭra*, mistura, porque o poema satirico era, a principio, misturado de prosa e verso, e comprehendia varios assumptos.

113.—Filinto Elysio accentuou *hypógrypho*. —Tomo 2.º, *Oberon*, canto 1.º.

114.—Palavras formadas, no francez, com elementos gregos, são recebidas, ás vezes, com o accento francez, como —*cosmorâma*, *diagrâma*, *panorâma*. Tambem dizem *melomâno*, *metromâno*, *anglomâno*, etc. Devemos proferir — melomânico, etc., do grego *manikós*, louco; ou *melomóníaco*, do latim *maniăcus*, de *mania*. A terminação franceza *mano*, e a accentuação *melomano*, não tem razão etymologica, latina ou grega.

115.—Heitor Pinto, *Imagem da vida christã*, Dial. 6.º, cap. 6.º:—«Dizem que havia na Olympia, cidade da Grecia, hu' alpendre feyto por tal artificio que, se dizia delle hũa palavra alta, soavão sete. Donde vieram os gregos a chamar-lhe *Heptáphonon*, que quer dizer sete vozes, e os letrados *Septivŏca*, que quer dizer o mesmo».

116.—*Myophónos*, *taurophónos*, *xenophónos*, etc., o que mata ratos, touros, estrangeiros, compostos de *phonos*, ou matança, tem o *o* breve, na penultima syllaba, *o micron*, mas accentuado, porque esses compostos significão o que faz uma acção; a trans-

cripção latina teria o accento na antepenultima—*myophonus*, *taurόphonus*, *xenóphonus*.

Filinto Elysio disse, tomo 1.º, p. 183—*Jove gigantóphono*, e em nota:—*Gigantophonos, Gigantum interfector, matador de gigantes*.

Assim, *telephŏnus* não significaria *som ao longe* ou *cousa que soa longe*, mas *o que mata de longe*; o composto de *phōnḗ* havia de ser, no grego, *telephōnos, telephōnon*; no latim, *telephōnus, telephōnum*.

117.—No francez, diz se *microphone* ou *microphonium*. Vide Littré, *Dicc.*

118. O canto dos amores de Psyche, insorto na ecloga de Sá de Miranda, chamada do *Encantamento*, por causa do *bosque encantado* em que se passão essos amores, foi transcripto no tomo 3.º do *Parnaso Lusitano*, com o titulo *Psychis*. Esta desinoncia é erronea, provindo o equivoco de haver nomes proprios femininos que a têm, no grego e no latim—*Chloris, Daris, Phylis*, etc.

119.—Heitor Pinto disse *Enchiridião*, de Epictéto.

120.—Em *pulmão*, segue o portuguez a fórma o a accentuação do latim, *pulmo, ōnis*, differentes das que tem a palavra grega *pleümōn, ŏnos=pneümōn, ŏnos*. Em *alcyão*, aparta-se da accentuação latina, *alcyon, ŏnis* (gr. *alkiōn, ónos*); mas, falando da filha de Eólo, transformada nessa ave, e do uma das estrellas das Pleiadas, diz-se *Alcyone* (gr. *Alkyónē*, lat. *Alkyŏne*).

Cróton tem a flexão longa no latim *crōtōnis* (gr. *krótōn, ōnos*): mas pronuncia-se com o accento do nominativo, que é o do nome scientifico—*cróton tiglium*.

Algumas vezes a terminação portugueza póde provir da franceza, como em *diapasão* (gr. *diápasōn*, lat. *diapāson*, indeclinavel), e *diachylão* (gr. *diáchylon, on*, lat. *diáchilum, i*). Quando o *on* grego se muda em *um*, no latim, a terminação portuguoza é em *o*.

121—O italiano termina esses nomes em *one*, com o accento na penultima syllaba: o espanhol em *on*, accentuando sempre a ultima syllaba, excepto os do genitivo latino em *ontis*, que tomão, como no portuguez, essa flexão, numa e noutra lingua (*Anacreónte, Bellerophónte*, etc.):—*Agamenón, Gerión, Jasón, Licaón, Orión, Helicón*, etc.

Os nossos poetas, por via de regra, accentúão a ultima syllaba; algumas vezes, porém, seguem a accentuação latina. Assim, por exemplo:

Castilho, nas *Metamorphoses*:—*phlégon, Céladon, Médon, Palémon, Polydémon, Scýthon, Cithéron, Hélicon, Pélion*.

J. Franco Barreto, *Eneida*:—*Mémnon*. liv. 1.º, 114, *Oríon*,

liv. 3.º, 116: outras vezes *Oriôn, Hémon, Sarpédon, Acron, Fárchon, Agaiêmnon*, liv. 6.º, 190.

Odorico Mendes:—Na *Eneida*: —*Agamêmnon, Sarpédon, Hólicon, Tárchon*. Na *Iliada*:—*Agamêmnon, Sarpédon, Egéon, Asplédon, Dórion, Pélion*, etc.

122.—O padre Bouto Pereira traduziu *Odéo*, e assim o dão os nossos diccionarios, como nome commum; *ad instar* de *apogêo, perigêo, gynecêo, Athenêo, Lycêo, Musêo, Prytanêo*, etc., que todos, no latim, têm a terminação *eum* ou *æum*, e hoje, no portuguez, mais geralmente se escrevem com o ditongo *eu*. Os termos de *anatomia - perinêo* e *peritonêo* tinhão, no grego, duas formas *perinaion* e *perineon*, *peritónaion* e *peritónion*; a segunda prevaleceu no grego, a primeira no latim;—*perinæum, peritonæum*. No francez, *perinée* provém da primeira; *peritoine*, da segunda. No portuguez, dizem muitos *peritonio*, por influencia do francez. Convem-nos fixar na terminação ditongada, como se pronuncía no osphanhol e no italiano—*perinêo, peritonêo*; e, escrevendo com o ditongo *eu*, evitar-se-ha a duvida na pronuncia, por descuido da accentuação graphica. Por analogia destes, ou por causa do accento francez, tambem dizem *peronêo* (fr. *peroné*), que outros pronuncião *perôneo*; pela etymologia (gr. *perónē*, que daria no latim *perŏne*), devia-se dizer *pêrone* (esp. *perône*, it. *peronês*).

Deve-se escrever e pronunciar *periósteo* (gr. *periósteon*, lat. *periosteum*), não *periosto*, como no esp., ou *periostio* no ital., fr. *periosle*.

Em *mausoléo* e *trophéo* (gr. *mausōleîon, trópaion*, lat. *mausoleum, tropæum*), a terminação é tambem ditongada, mas o *é* pronuncia-se, geralmente, com o som aberto.

123.—Vieira accentuou *Panthéon*, nos *Sermões*, vol. 3.º, p. 192, e v. 4.º, p. 191, e Lucena—*Pantheôn*, na *Vida de S. Francisco Xavier*, l. 2.º, c. 12.

124.—*Phaetão*, Heitor Pinto, *Imagem*, 2.ª parte, *Dial*. 1.º, 2.

Camões, c. 1.º, 46 e 69:—*Phaeton*; em algumas edições—*Phaetão*; e c. 5.º, 61: —*Phlegon*.

Odorico Mendes, traducção da *Eneida*, liv. 2.º—*Laocoon, Ucalegon*.

Não estando notado com signal orthographico, é incerto o accento, podendo, pela medida do verso, ser na ultima syllaba, o mais provavel, ou conforme o do nominativo latino.

125.—*Ixion*, na *Ulyssêa*, c. 4.º, 12:—

Do abutre a fome, de Ixion o tormento.

126.—Vieira escreveu *Orion*, accentuando o *i*, que é longo no latim. *Sermões*, v. 6.°, p. 199.

Camões disse *Oriontc*, por duas vezes:

De quem foge o ensiforo Oriontc:

C. 6.°, 85.

E do Oriontc o gesto vê tremendo

C. 1.°, 88.

Mousinho de Quobedo disse *Oriontc*, *Orion*, com accento duvidoso, e *Oria*; tambem *Arío*, em vez de *Arion*:

Voc-se Oriontc ao navogante infesto.

Aff. Afric., c. 3.°, 65.

Tal quando contra a machina do mundo
Orion se conjura e destruilla
Intenta...

C. 3.°, 90.

Os sentidos Delphins antigamente
Eulevados na musica de Arío,
Quo aos nautas prognosticão a iminonte
Tormenta, quo resolve o aquoso Orio.

C. 6.°, 8.

A forma Oriontc é um méro equivoco ou licença poetica (gr. *Oríōn, ōnos*, lat. *Orīon, ŏnis*). Alguns nomes tinham mais de uma floxão, no grego, ou mudavão a flexão ou o accento, passando para o latim. Assim, em *Oríōn*, a flexão tinha *o* longo no grego o breve no latim. No grego, *chamailéōn, ontos, cameleão, chamæleon, onis* ou *ontis*. *Chárōn, ōnos*, no latim *charon, ontis* ou *onis*. *Sarpédón, ónos*, o *Sarpédōn, onos*, em Homero tambem gen. *Sarpedontos*, lat. *Sarpēdon, onis*. Gr. *Pygmaléōn, ontos*, lat. *Pygmalĭon, ŏnis*.

127.—*Sinon*, no *Affonso Africano*, c. 4.°, 49:

Não de outra sorto o lovarão, que os troianos
Ao falso Sínon, para ouvir enganos.

128.—Castilho, em nota ao liv. 3.° das *Metamorphoses* e Gonçalves Viana (*Accentuação gráfica*, XI, 5.ª rogra) accentúão *Sólon*, conforme o acconto nominativo no latim e no grego (*Só-*

lon, *ōnis*, gr. *Sólōn*, *ōnos*). Mas Heitor Pinto até o termina em *ão*:—*Solão Salaminio* (*Imag.*, dial. 3.º, c. 5.º e 2.ª parte. Dial. 5.º, 2 o 14).

129.—Camões, c. 5.º, 87:—*Colophonia*; c. 3.º, 97:=*Helícona*, em algumas edições com accento na penultima syllaba.

130.—Camões, c. 5.º, 50. O mesmo acontece com os nomes proprios latinos, de genitivo em *ōnis*, que, como os communs, ordinariamente, do portuguez, terminão em *ão*:—*Aquilo* (Camões, c. 6.º, 31, 76), *Cicero*, *Nero*, *Pollio*, *Varro*, ou *Pollião*, *Varrão*, etc. Alguns autores antigos disserão *Cicerão* como Damião de Goes, na traducção do tratado de *Senectute*; o Luiz Antonio Verney entendia que assim se devêra dizer, como nas outras linguas latinas.—fr. *Ciceron*, esp. *Cicerôn*, ital. *Cicerone*.

131.—Lei foi do Jove, em rixa ao discordarom
O de homens ehefe e o Myrmidon divino

Ilíada, liv. 1.º

Recolhe os teus, nos Myrmidões
Entre os seus Myrmidões na praia o acharam.

Ibid.

.....e sombra escura
Os dolos dos Myrmidones cobrindo

J. F. Barreto, *Eneida*, liv. 2.º, 63.

Temendo estão agora de presente
Das armas Phrygias, com razão temidas.
Os capitães Myrmidones: tuas lides
Achilles Lariseo teme, e Alcides.

Ib., liv. 11, 97.

D'aqui veio (inda dura em tempo hodierno)
Que os filhos dos Myrmidones desputem
Cheias urnas levando sobro os hombros,
Da pedestre carreira a palma honrosa.

Costa e Silva, *Os argonautas*, liv. 4.º

132.—Ha outros nomes; em *êo* ou *eu*, que têm na terminação grega *aî* ou *eî*; na latina, *æu* ou *ēu*; como:—*Alcêo*, *Alphêo*,

Antèo, *Direèo*, *Lyêo*, *Ayrthêo*, etc. Nesses não se faz a terminação dissyllabica e átona. Camões, todavia, accentuou *Pireo*:—

.....das náos q' navegavão,
Quantas no porto Pireo ancoravão.

Estancias primeiras, XVII.

133.—Quintiliano (1, 5) diz que, no seu tempo, accentuavão a terminação desses nomes, reunindo as duas vogaes em ditongo, como no grego; mas que ainda na sua mocidade ouviu homens doutissimos pronunciarem á latina, com accento agudo na primeira syllaba:—*Atreus*, *Nereus*, *Pereus*.

Camões:—*Protêo*, c. 6.º, 20, 36; 7.º, 85 (em algumas edições—*Proteio*); mas no c. 1.º, 19 - *Próteo*: No c. 3.º, 137:—*Thesêo*; mas no c 2.º, 112 – *Thèseo*. Nos outros nomes semelhantes, sempre *êo*:—*Atrêo*, *Morphêo*, *Orphêo* (no c. 3.º, 2, em algumas edições—*Orpheio*), *Nerêo*, *Pelêo*. Mas na *Ecloga* 9.ª—Pelio:—

Onde Tethys por Pelio em fogo ardeo.

Côrte Real, *Nauf. de Sepulv.*:—ora *Protêo*, ora *Próteo*, muitas vezes; tambem *Thêseo*, c. 4.º: - *Lapithes*, *Perithoo vem* com *Theseo*; e *Néreo*, c. 6.º:—*Estava o poderoso rey com Nereo*.

Quebedo, *Af. Afric.*: —Mórpheo, c. 1.º, 7:—*e varios sonhos* —lhes forma Morpheo alegres, o medonhos; c. 3.º, 74, *Cépheo*: —*Ação na Libra*, *Cepheo no carneiro*.

G. Pereira de Castro, *Ulyssea*:—*Prothêo* o *Próthco*, cs. 2.º e 7.º; *Pérseo*, c. 4 º, 52, e 5.º, 87.

134.—Camões:—Cinyréa, 9 º, 34; a seita Epicuréa, 7.º, 75, Lageia, 6.º, 2; a luz Phebéa, 2.º, 72.

135 —O Icão Cleonêo, 4.º, 8 º; o Cyllenêo, 2.º, 57 e 71; mantos Nabathêos, 1.º, 84; o animal Nemêo, 5.º, 2; *européas terras*, 6.º, 1; *Larisséa adultera*, 10.º, 1; a lei Lathéa, 8 º, 27. Heitor Pinto:—*Phidereu*, *Dionisio Halicarnasseu*, etc.

136.—Camões:—*Amphioncas Thebas*, c. 9.º, 19 (em algumas edições *Amphionéas*, o adj. lat. é *Amphionius*); *Apollineo raio*, 1.º, 84 e 10.º, 25; as *Halciôneas aves*, 6.º, 77; *Dedálea faculdade*, 7.º, 51; os montes *Hyperbóreos*, 3.º, 8. *Tégeo Pan*, ecloga 7.ª.

Os francezes dizem *Champs Elysées*, e dão este nome a um passeio de Paris, e o de *Elysée* (*Palais des Champs Elysées*) ao palacio em que reside o presidente da Republica; traduzem geralmente esses nomes por *Campos Elyseos* e incoherentemente o *Elyseu*. Mas, como adverte Littré (*Dicc.*), *Elysée* é uma forma-

ção irregular, como se fosse *Elyseum* o nomo latino, que era *Elysium* (gr. *Elysion*), *Elysii Campi*. Deve-se dizer, portanto, *Elysio*, os *Campos Elysios*, como se diz *Filinto Elysio*.

137.—Os nomes da 1.ª declinação, terminados em *eia*, de mais duas syllabas, tinhão breve o *a* final e o accento na anteponultima; excepto, porém, os derivados do verbos em *enō*, que tinhão o *a* longo e por isso o acconto no ditongo *ei*, como *politeía*, de *politeúō*, *prophēteía*, de *prophēteúō*, *pharmakeía*, de *pharmakeúō*. Nos ditongos gregos, o accento põe-se sempre na segunda vogal.

138.—Os nomes gregos assim terminados tambem tinhão, no latim, a terminação *ēa*: —*Amalthēa*, *Cytherēa*, *Galatēa*, *Coronēa*, *Laodieēa*, *Mantinēa*, etc Tambem alguns dizião *Alexandrēa*, *Antigonēa*, *Antiochēa*, *Seleucēa*.

139.—Seelmann, *Die Ausspraehe des latein*, c. II, nota n.º 5 do § V (*Abreichungen des volkslatein und des romanischen*).

140.—No latim classico, ambos esses nomes tinhão a penultima breve. No grego *Ouranía*, do *Ouránios*, celeste; *Polýmnia*, por contracção *Polýmnia*, de *polýymnos*, de *polys*, muito, e *ymnos*, canto, hymno. Os italianos dizem *Uranìa*.

141.—Lê se, num manuscripto anonymo, do 14.º seculo: —*In istis dictionibus letanie, nigromancia Lombardia, et Ungaria et similibus servanda est consuetudo vulgarium, que quasi pro arte reputatur. Nam si penultimam hujus dictionis Lombardia, letanie, nigromancia, brevi accentu proferres, reputareris fatuus; et similiter si penultimam hujus dictionis Ungaria litteraliter loquendo produceres, etiam fatuus reputareris. Respiciendum est igitur ad consuedinem vulgarem et etiam litteralem.*

Nesse mesmo manuscripto, nota-se que, nas palavras grogas dessa terminação, como *comedia*, *tragedia*, *Maria* (tambem nas torminadas em *ea*, como *chorea*, *platea*) e nas latinas que imitavão as gregas (*latina imitantia greecismum, ut rectoria, cancellaria, Lombardia*) já o accento era independente da quantidade, pois adverte o autor que, nessas palavras, a penultima é accentuada, não obstante ser breve; accrescentando que, nas gregas, podia ser breve ou longa.

Um manuscripto do 12.º seculo traz este catalogo, com a indicação do accento: —« *Monarchía, tetrarchia, theoría, theología, allegoria, philosophia, philologia, phisiologia, astrología, astronomía, geometría, cyrurgía, cyrología, armonía, symphonía, melodia, psalmodía, omelia, analogía, zizania, yronía, genealogía, apostasía, usía, Romanía, prophetía, decanía, Alexándria, Nicoméd ia, Philadélphia, comédia, tragédia, neoménia, scenophégia, angária, gastrimárgia, philargiria, cenodóxia, cinómia, letargía, epi-*

lesía, monopágia, mánia, eárdia, diárria, dissintéria, strangiúria, gerarchía, tropología, parrôchia, cathegoría, eucharistia».

Em dois manuscriptos do mesmo século, encontrão-se estas divergincias: — *astronomía, eirúrgia, tropológia, tragedía, gastrimargía, scenopegîa;* o já vimos, no manuscripto do 14.º soculo, acima citado, *comedia, tragedîa.*

Notices et extraits de divers manuscrits latins, pour servir à l'histoire des doctrines grammaticales au moyen âge, par M. Charles Thurot, *tome 22, 2.me partie. Les notices et extraits des manuscrits de la Bibliothèque Impériale et autres bibliothèques, publiés par l'Institut Impérial de France, Paris, 1868.* Pags. 406 e 407.

142.—Um dos mais autorisados grammaticos portuguezes —Francisco de Andrado — quiz reduzir a regras a pronuncia dos nomes gregos terminados em *ia.* Diz elle (*Principios de grammatica*, Funchal, 1844, nota a pags 241):— «E' tal a anarchia no accentuar as palavras terminadas em *ia,* derivadas do grego, que me não soubo dar a conselho, quando comecei de indagar as leis que lhes regulão o accento. Todas as mais palavras derivadas do grego seguem constantemente as leis do accento latino; mas com estas não corro o mesmo: muitas destas palavras, que os latinos accentuavão na antepenultima, como *philosophîa, astronomîa, philologîa,* etc., nós accentâmos na penultima: outros, que elles accentuavão na penultima, por ser diphtongo no radical grego, como *necromantia, encyclopedia,* nós accentuâmos na antepenultima — *necromância, encyclopédia.* Tambem não é o accento grego o que domina nestas palavras — *philautía, akedia, malakia, pharmakcia, sympátheia:* são radicaes das palavras que pronunciâmos *philáucia, acidia, maláceia, pharmácia, sympathía.* Se consultâmos os nossos lexicographos, com maior desordem deparâmos: cada um accentúa a seu modo; taes ha que teem num lexicographo accento penultimo, noutro accento antepenultimo: até o mesmo lexicographo accentúa diversamente palavras que têem o mesmo suffixo. Moraes diz *miopía, ambliopía, diplopía,* o *nyctolópia,* se por ventura não é orro de typographia. Qual ha de ser, pois, o fio do Ariadna que nos guio neste intrincado labyrintho ? Se não é o arbitrio que me sorvin de base, para o que ahi vao no texto, não sei que outro se possa achar; porque com accento grego ou latino não ha contar. O arbitrio é este. A nossa lingua tem, com accento penultimo, um grande numero de palavras da mesma fabrica, terminadas em *ia,* nas quaes esta desinencia é o signal das idéas que ellas accrescentão ás suas primitivas. A maior parte das palavras de origem groga significão idéas daquellas mesmas especies, e teem o mesmo accento que ellas. Intendi pois que esta analogia seria

mais segura, com quanto tenha as suas excepções, e não pouco numerosas. As palavras que não teem ainda sahido do santuario da sciencia, facil é accomodal-as áquelle accento; quanto ás que já se profanárão, não ha remedio senão seguir o uso:—*quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi*».

São estas as regras: - «São accentuadas, na penúltima syllaba, as palavras de origem grega, que designarem:

1.º—multidão de objectos: - *polymathia, chrestomathia, jerarchia.*

2.º—estado moral ou physico de um individuo:—*mania, hypocondria, sympathia*, etc.

3.º—acção, dito, effeito de um ou outro, ou qualidade:—*epiphania, latria, cacophonia, euphonia, peripeccia, physionomia*, etc.

4.º—arte, sciencia, officio, mister, emprego, autoridade, governo:—*magia, poesia, monarchia, aristocracia, geographia, theologia, geometria, philosophia*, etc,

Exceptuão se do n. 2.º *malácia, philáucia* e outras, que o uso mui vulgarisado tenha autorisado com o accento na antepenultima, assim como as palavras que, tomadas immediatamente do latim, v. g., *disúria, estranguria* e as analogas a estas — *hematúria, ischúria.*

Do n. 3.º - *blasphemia, psalmodia.*

Dos nomes de sciencia ou artes: - *eutrapélia, estratégia, geodésia, prosódia, pharmácia* e todos os nomes com o sufixo *ancia*: - *gastromancia, geomancia, pyromancia*, etc.

São accentuadas na antepenultima as que significarem qualquer individuo ou objecto physico ou moral:—*Cýnthia, Cýpria, Chalcedónia, colocásia, euphémia, cutelechia*; ou classes de individuos:—*monándra, polyándria, polyadélphia*; ou obra literaria: - *encyclopédia, palinódia, tragédia*; membro ou parte do corpo humano:—*arthródia*; ou ceremonia religiosas:—*Eleuthérias, órgias, gymnopédia*; ou logar onde se exerce algum mistér ou profissão: *dicastéria, paróchia.*

Dos nomes de individuos exceptuão-se *harpía, lamía, ambrosia*».

Como se vê, são tantas as significações e as excepções que essas regras não têm utilidade pratica. E, como theoria, são inexactas. A causa dessa victoria do accento grego não é ideologica,—é prosodica e historica—o enfraquecimento do imperio da quantidade, a que o accento, no latim antigo, era sempre sujeito, e a influencia dos letrados gregos, na média, ajudada pela tendencia das novas linguas, para accentuar a penultima syllaba.

Para a pronuncia das palavras dessa desinencia, no portu-

guez, a unica regra possivel é esta: — Têm o accento na antepenultima as latinas e algumas formadas por analogia dellas; e na penultima as de formação portugueza ou romanica, e as de origem grega, exceptо algumas em que se manteve a accentuação do latim, por analogia de terminações latinas.

142. — No grego, *paroikia*, de *pároikos*, visinho. A transcripção latina exacta é *paroecia*, *parœcia*, de que usou Sto. Agostinho, e da qual se formou o vocabulo francez *paroisse*: *parochia*, que se encontra em S. Jeronymo e Isidoro, proveio de outra palavra grega, por confusão de *pároikos* com *párochos*, amphitryão, ou fornecedor de víveres. A graphia *pároco*, *paroquia* é, portanto, mais conforme á verdadeira etymologia grega. A de Julio Ribeiro —*parókia* — não é acceitavel, pois que, seguindo o uso latino, substituimos nas palavras gregas o *k* por *c*, e este por *qu*, antes de *e* e *i*. Os espanhoes escrevem *párroco*, *parróquia*. Mas *parocho* e *parochia* são conformes á graphia que prevaleceu no latim ecclesiastico, ainda que proveniente de um erro.

144. — Adolpho Coelho, *Dicc.*, accentúa *cardía*; e, com a significação de estado de mulher casada com mais dum homem, sempre ouvimos pronunciar *polyandría*, como polygamía. Alguns querem que se diga *peripecía*, *encyclopedia*, *orthoepía*, e assim se devêra accentuar, porque o *i* provém do ditongo grego *ei* (*peripéteia*, *egkyklopaideia*, *orthoépeia*); e assim tambem nos compostos de *manteía* (predicção, oraculo), *necromanteía*, *cheiromanteía*, etc.

145. Julio Ribeiro (*Gram.*, n. 38) accentúa *Iphigenía*; mas a pronuncia geral é *Iphigénia*, como no espanhol; tambem *Nicomedia*, que geralmente se pronuncia *Nicomêdia*, (e assim no espanhol e no italiano. Não obstante ser o *i* longo, no latim antigo, como correspondente ao ditongo grego *ei*, em ambos esses nomes, conforme acima ficou dito.

Iría é corruptela de *Irene*, *Luzía*, de *Lúcia*, que os italianos pronunciáo *Lucia*. Estes e os espanhoes pronunciáo *Rosalía*; e Francisco José Freire (*Reflexões*, parte 2.ª, Refl. 8.ª) diz: — «*Rosalía*, com *i* longo, querem os criticos modernos que se pronuncie, e não com penultima breve». Mas, geralmente, accentúa-se *Rosália*, e assim o faz Bluteau (tomo X, vocabulario de nomes proprios) O mesmo autor accentúa *Mecía*, e diz ser o mesmo nome que *Mencía*; mas a pronuncia geral é *Mécia* (Mecía, no Minho). Dizemos *Anastásia*; mas observa Bluteau — «Querem hoje que se pronuncie *Anastasía*, longo». Assim accentúão os italianos.

146. — Camões accentuou o *i* em *Gedrosia*, na rima:

Virão gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania e Gedrosia.

147. – Camões, no c. 7.º, 39, accentuou *Samária*, rimando com *varia* e *contraria*:

Desta sorte o judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária.

Tambem Côrte Real:
Idumea, Samária e Comagena
Nauf. de Sepulv., c. 2.º

148. – Tudo isso tu vendias,
E tudo isso feirei.
Tento, que inda venderei,
E outras sujas mercancias,
Que por meu mal te comprei.

Gil Vicente, *Auto da Feira*, sc. 5.ª

Vendo depois o Momo que a opuloncia
Crescia na cidade cada dia.
E o concurso daquelles, e frequencia
Que ali tinhão seu trato o mercancia

Andrade, *O 1.º cerco de Diu*, c. 5.º, 29.

Jão caudaloso
Em sangue humilde, a quem a mercancia
Tinha feito tão rico, e poderoso,
Que já do que antes fôra se esquecia

Sá de Menezes, *Mal. conq.*, l. 3.º, 62.

149. – Os vinhos odoriferos, que acima
Estão, não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno.
Camões, 10.º, 4.

J. Franco Barreto, Costa e Silva, Odorico Mendes tambem accentuáv ão *ambrósia*.

E derramou de ambrósia a cabellcira
Huma suavidade desusada.

Franco Barreto, *Eneida*, 1.º, 63.

Compondo huma infusão occulta a Dea
Da ambrosia e da cheirosa panacea

Ib., 12, 97.

..... e o tenro corpo
Durante o dia com ambrosia pura
Porque fosse immortal, ungia assidua

Costa e Silva, *Os argonautas*, liv. 4.º

De ambrosia odor celeste a coma espira

O. Mendes, *Eneida*, l. 1.º, v. 424.

..... esparge-lhe os salubres
Succos de ambrosia e odora panacea

Ib., 12, v. 403.

Já vimos que Antonio Feliciano de Castilho preferiu *ambrosia* e por que razão.

150.—Mas, em Gil Vicente,—*enxaravia*, rimando com *perfia*, no *Auto pastoril portuguez*, sc. 3ª. E assim é accentuada essa palavra no *Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo.

151.—Pequeno será o amor
Que merencória desfaça.

Camões, *Os amphitriões*, acto 4.º, sc. 1.ª

Fala em tua merencória
E não fales em passar,
E conta lá outra historia;
Porque em festa de tal gloria
Não has ninguem de levar.

G. Vicente, *Auto da barca*, sc. 5.ª

152.—«*Pario*,—pena estipulada de parte a parte, multa convencional. Daqui se dissérão *párias* certas contribuições,

que, no ajuste de pazes, ficão pagando os vencidos». *Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo. Vide tambem Diez, *Dicc.*, v. 2.°, II b.

153.—Vocabulario antigo, significando a parte ou o vento do sul:

Fero Abrego mor guerra ao mar incita

Maláca conq., liv. 2.°, 78.

154.—Dioz, *Dicc.*; ou de *lucuber, lucubrum, Forcellini, Glossarium*, o J. Cornu, *Die Portugiesisch Sprache*, § 27.

155.—Humedecidos párpados Filinto Elysio, t. 3.°, p. 67.

156.—O fructo que da patria Persia veio
Melhor torneado no terreno alheio

Camões, c. 9.°, 58.

157.—Vide pjs. 24, nota 43.

158.—*Nusárat*, christão, sujeito aos arabes, e meio arabe, por lingua e costumes: de *nuce*, meio.—Frei João do Sousa.

159.—Adolpho Coelho accentúa—*cubêba*, o assim se deverá pronunciar, porque no arabico é *cubába* (frei João de Sousa) e no espanhol se diz *cubêba*, no italiano *cubêbe*; *lazúli*, *lapis-lazúli*, que tem a mesma etymologia que azúl. Mas, geralmente, pronuncia se *cúbeba* e *lapis-lázuli*. Tambem assim no espanhol; no italiano, *lapis-lázzoli*.

Pelo contrario, accentúa *Hégira*, mais conforme á palavra arabe, se é *Hajra*, como a dá fr. João de Sousa; mas outros dão *Hejireth*, e é a que dá o mesmo Ad. Coelho. A pronuncia geral é *Hegira* (assim tambem no espanhol e no italiano).

160.—Bluteau e Moraes accentúão a segunda syllaba *safáro;* mas a pronuncia geral é *sáfaro*, o Arraes (2, 17) escreveu «passão por barrancos e medonhas *çafras*». *Sahara*, dezerto, que é a mesma palavra, pronuncia-se, porém, geralmente *Sahára*; os italianos dizem *Sáhara* ou *Záara*.

161.—*Schabat*, descanço, donde no grego *sábbaton* e no latim *sabbatum*. *Hobnim*, gr. *ébenos*, lat. *ebĕnus* e *ebĕnum*.

162.—Diez, *Dicc.*, v. 2.°, II, 6: composto do *andrea*, mulher, o *mina*, molestia; *escálima*, v. o mesmo autor; molestia fingida, manha, engano.

163.—*Xicalli*, no espanhol *xicara* ou *jicara*, ital. *chicchera*. Ad. Coelho, Diez, *Dicc.*

164.—*Porphyro* é tomado do francez: no latim e no grego,

porphyrìtes; como corresponde ao grego *porphŷra*, no latim *purpŭra*, devemos pronunciar *pòrphyro*.

165.—Os *zingaros* ou *eigânos*, segundo Littré, *Dicc.*, chamavão-se a si mesmos *tzengaris*, e são originarios da India.

166.—Das ostras, das ameijoas, tambem sei
Dellas comer cozidas, dellas cruas

Agost. da Cruz, *Ecloga* 10.ª

Ameijoas, birbigões na branca areia

O mesmo, *Eleg.* 7.ª

167.—Talvez do espanhol *engreir*; *engreimento*: o *engreimento* da montanha, o aspecto arrogante, empinado.

168.—Aqui as capellas dá tecidos de ouro,
Do baccaro e do sempre verde louro.

Camões, 3.º, 97.

169.—Latino, de *re*, pref., e *mŏra*, como no verbo *reme mor, āri*.

170.—*Reflexões sobre a lingua portugueza*, parte 2.ª, ref. 8.ª

171.—E' *Eliezêr* e não *Eliézer*, como dizem muitos.

172.—O sr. Gonçalves Viana accentúa *Ómar*, mas a analogia pede *Omár*, e assim goralmente se pronuncía.

173.—Os espanhóes dizem *Jonás*.

174.—As consoantes finaes, não sendo das que são usadas nas terminações portuguezas, as mais das vezes não se pronuncião, como em:—*Joseph, Jacob, Job, David, Loth, Naboth, Sabaoth, Nazareth, Genezareth, Josaphat, Belzebute, Ararat, Josaphat*, etc. *C, k, ch* pronuncião-se: *Isaac, Abimelech, Melchisedech, Henoch, Moloch, Baruch, Habakuk*, etc. *B* e *d*, algumas vezes, pronuncião-se:—*Achab, Joab, Caleb, Hareb, Senacherib*, etc. Sôa o *t* em *Seth, Judith*.

Os terminados em *am* escrevem-se assim ou por *ão*, e sempre se pronuncião com esta ultima terminação, accentuada:—*Adão, Abrahão, Balahão*, etc Excepto *Cham*, e mais algumas em que se pronuncía como *ã*. Tambem se escrevem e pronuncião por *ão*, com acconto na ultima syllaba, os acabados em *on*,—*Aarão, Abrahão, Salomão, Sansão*, etc.; outros, porem, por *ão* ou *on, Siôn*, ou *Sião, Cedrôn, Sidôn*, etc. Os terminados em *an*

consorvão essa terminação, que se pronuncía *ã*, como *Canaân*, *Nathân*, *Nisân*, *Satân*; mas em alguns muda-se *an* em *ão*;—*Jordão*, *Labão*.

As terminações em *im*, *in* pronuncião-se como simples vogaes nasaes, *ī*, *ī*:—*Jerusalem*, *Bethlem*, *Sichem*, *Cain*, *Ephraim*, etc. Mas em *Belem*, por já ser nome portuguez vulgar, sôa a terminação como em *além*, com a pronuncia peculiar do portuguez, de que adiante trataremos; os portuguezes dão, geralmente, este som a todos os que têm essa terminação.

CAPITULO III

Accento secundario ou subtonico

Nas palavras compostas, mantem-se o accento tonico do primeiro elemento da composição, ainda que subordinado ao do segundo elemento, que no portuguez é sempre o accento mais forte (1). A um e outro chamão alguns grammaticos accentos *dominantes*; ao ultimo, *predominante, primario, principal*, ou simplesmente *accento tonico*; ao do primeiro elemento, accentos *secundario, subordinado, fraco*, ou *subtonico*. Exemplos:—*Cláramênte, certamênte, rápidamênte*, etc., todos os adverbios desta terminação, compostos do substantivo *mente* e de um adjectivo, que erão, no latim, uma locução adverbial, com as duas palavras separadas, e assim, não só os formados por simples justaposição de duas palavras, que conservão a sua significação e relação syntatica, como *couveflôr, madrepérola, quartelmestre, lugartenente, vanglória, gentilhomem, pararaio, guardaroupa, meiodia*, etc., mas tambem os compostos propriamente ditos *syntheticos* ou *agglutinados*, em que se altéra um dos elementos e, collado ao outro, fórma uma só palavra, como *república, ómnipotente, mórdomo*, etc. Estes são quasi todos recebidos do latim; alguns de outras linguas, como *nónáda*, do espanhol, e *óxalá*, do arabe.

O futuro e o condicional, que são tempos compostos do infinito do verbo conjugado e de uma voz do auxiliar *haver* (*hei, hás, ha*, etc., *hia, hias*, etc., por *havia, havías*), têm duplo accento, quando as duas partes componentes se sepárão pela interposição (*temése*) dos pronomes pessoaes—*me, te, se, lhe, nos, vos, o, a*:—*Contar-me-hás, amar-te-hei, fár-se-ha, dir-lhe-hemos, ter-nos-hão, por vos-hei, dil-a-hão, amal-a-hão*, etc.

Nos derivados augmentativos ou diminutivos, aconte-

ce o mesmo, quando o suffixo se junta ao nome primitivo, por meio de um *z*:—*hómenzarrão, cãnzarrão, pázinha, mózinha, mulhérzinha, flôrzinha, sózinha, cápazinha, orphãozinho, pézinho, nózinho, pastôrzinho*, etc. Não assim nos que se fórmão sem essé infixo ou letra de ligação, que se pronuncião sem accento subtónico (2). *Mulherôna, rapágão, capinha, pequenino, pequenito, pastorinho*, etc.

Mas alguns destes conservão o accento dos primitivos, como *vélhinho, céguinho, pálminha, sétinha, hérrinha, rélinha*, e, na pronuncia brazileira, muitos outros; dizemos, por exemplo, *cabéllinho, cabécinha*, e os portuguezes *cab'linho, cab'cinha*.

Alguns autores, como frei Luiz do Monte Carmello, considerão palavras de dois accentos todas as que, antes do accento tonico, têm syllaba de vogal aberta, como:—*bálcão, sádio, rádio, crédor, rédor, córar, gérar, esquécer, Camões, Quéluz*, etc.

No capitulo seguinte, veremos em que casos ha, nas syllabas átonas, essas vogaes sonóras.

A pronuncia das vogaes subtonicas, e das átonas sonóras ou surdas, é um dos pontos em que o falar brazileiro se differença do portuguez. Os brazileiros, geralmente, fazem menos obscuras as átonas surdas, e menos abertas as sonóras. A nossa pronuncia, nisto, assemelha-se mais á espanhola do que á portugueza actual; é possivel, porém, que, neste particular, a antiga linguagem portugueza fosse, como a nossa, algum tanto semelhante á castelhana, pois, como reconhecem os phonologos portuguezes, a pronuncia é hoje em Portugal differente do que era na epoca d s classicos quinhentistas (3). Todavia, já não data de pouco tempo esta differença, entre a fala portugueza e a brazileira; ha cêrca de seculo e meio, frei Luiz do Monte Carmello, dando um catalogo das palavras que têm dois accentos, escreveu «as quaes devem notar os brasilienses, porque confundem os accentos da nossa lingua». Mas ainda em Portugal nem todos pronuncião do mesmo modo

as palavras em que, segundo o uso da gente mais culta, se devem fazer ou deixar de fazer esses accentos secundarios; o citado frei Luiz, depois da regra dos derivados augmentativos e diminutivos, com ou sem interposição do *z*, adverte:—«Nesta regra, deve haver sempre cuidado, porque muitos interamnenses, trasmontanos e beirenses fazem dois accentos nos vocabulos accrescentados com estas adjecções (que não levão o *z*)»; e no fim do catalogo:—«Estes são os vocabulos em que alguns, como certamente me constou, não fazem dois accentos dominantes, contra o uso universal dos eruditos».

Notas do capitulo III

1.—No italiano, no espanhol e no francez, entendem alguns grammaticos que, nos adverbios em *mente*, o accento principal é o do primeiro elemento: — it., *cándidamente*, esp., *fácilmente*, fr. *admirablement* Diez, *Gram.*, tomo I, liv. I, sec. 3.ª, 2.

2 —Frei Luiz do Monte Carmello, *Compendio de ortographia*, § XI; Gonçalves Viana, *Pronuncia normal portugueza*, § 52, obs. 5.ª, 6; e § 62, IV.

3.—Vid Gonçalves Viana. *Expos. da pronuncia normal*, n. 62: — *Considerações sobre a pronuncia do portuguès do centro do reino, no tempo de Camões.*

CAPITULO IV

Primeira parte

Timbre das vogaes

O *timbre* ou qualidade das vogaes, a *côr* dos sons, *tonfarbe* ou *klang*, como lhe chamão os allemães, é cousa differente da *quantidade* ou duração, e da *intensidade* ou accento, como já dissemos. Esse *colorido* varia, quer nas syllabas accentuadas, quer nas átonas; nestas mais apagado, sobrena tudo nas posteriores ao accento tonico, *póstonicas*, e mais immediata, quando são duas. Nas anteriores, a primeira ou inicial é de ordinario a mais tenue.

Os gramaticos latinos só davão como variavel o som das vogaes *e* e *o* (1). No portuguez, tambem o *é* o do *a*. O *i* e o *u* têm som invariavel, sem outra differença que a da *intensidade* pelo accento, e da quantidade longa do *i* tónico, nas terminações em *io* e *ia* (2).

Em Portugal, o *i* tem, ás vezes, um som muito attenuado, que se confunde com o do *e* sûrdo.

O timbre do *a*, *e* e *o* póde ser *aberto*, fechado ou *surdo*. No alphabeto, essas tres vogaes pronuncião-se com som aberto. (3).

Todas as vogaes têm o timbre nasal, quando estão antes de *m* ou *n*, na mesma syllaba, expresso ou supprimido, e representado pelo til. Quando tonicas, recebem resonancia nasal do *m* ou *n* pertencente á syllaba seguinte, excepto o *a*, na 1.ª pessoa do plural do pret. perfeito da 1.ª conjugação—*amámos*, para differençar do prezente do indicativo—*amâmos*; nas átonas, essa resonancia é nulla ou quasi imperceptivel. Assim:—*gã-mo*, e *ga-mella*, *ga-mão*; *gẽmo*, e *ge-mer*, *ge-mido*, etc. Todos pronuncião *gra-mática*, ainda que geralmente se escreva com dois *mm*, conforme a

etymologia; e assim *anél*, se bem que commummente se escreva annél (de *annullus*). Em Portugal, ainda a vogal tonica é pronunciada sem entoação nasal, quando na syllaba seguinte ha *e*, e em vocabulos esdruxulos:—*lê-me, fô-me, hô-mem, tê-me, tê-mes, tê-mem, cô-me, cô-mes, cô-mem, cô-mico, vô-mito, canô-nico, cô-nego, cô-nico, sô-nico, tô-nico, Antô-nio*, etc., e ainda fóra desses dois casos, em algumas palavras, como —*gá-nho, tô ma, sôm-ma, dê-mo, ô-nus, Sálé-ma, Magdaléna, Nazaré-no, Nazaré-na, Rhé-no, Vê-nus* (4).

O som nasal é fechado; mas, nas provincias do norte de Portugal, muitos dão-lhe som aberto, na syllaba tonica, antes das terminações em que ha *e*, dizendo: *hôn-tem, so lômne, vênço, vénces, vénce, véncem, vêndo, véndes, vénde, méntes, ménte, méntem, escôndo, escóndes, escónde, rômpo, rómpes*, etc. (5).

Quando é final o som do *e* nasal, *em*, tonico ou átono, pronuncia-se, tanto em Portugal como no Brazil, com addição de um *i* como *ei*:—*bom, tem, contém, âmem, cântem, viágem, virgem*, etc., como *bõi, tõi, contêi, amêi, cântêi, viajêi, virjêi*, etc. De Lisboa a Coimbra, o *e*, nesse caso, e sempre no ditongo *ei*, vale por *a*, em=ãi,—*bãi, tãi*, etc. (6).

§. 1.º.—*Timbre das vogaes átonas*

A vogal *a* tem som muito surdo, nas syllabas postónicas:—*câmara, sáfara*, etc., excepto na final terminada por *l* ou *r*, em que tem som aberto:—*Annibál, Setúbál, assucár, âmbár*, etc., ou por nasal, em que o tem fechado:—*iman, dólman*, etc. Tem o mesmo timbre surdo, nas particulas:—*a, da, na, mas*. Em Portugal, tambem no adjectivo *cada* e na preposição *para*, que se pronuncião como palavras enclíticas; no Brasil, só entre os doutos alguns assim as pronuncião, e geralmente tambem não fazem surdo o *a* de *mas*. E' muito menos surda nas pretónicas, excepto, sobretudo na pronuncia dos portuguezes, em alguns casos em que as vogaes *a, e* e *o* têm som aberto, como adiante diremos.

Nas postónicas, *e* e *o* têm som surdo, ambiguo, quasi *i* e *u*, excepto nas finaes, terminadas por *l* ou *r*, em que o

som é aberto:—*arrátèl, amávèl, carátèr, alcôòl, sóròr, júniòr*, etc., ou por *nasal*, em que fechado:— *alúmeñ, cóloon*, etc.

E' no timbre de *e* e *o* átonos, que mais differe a pronuncia de portuguezes e brazileiros, e dos brasileiros de varias provincias (7).

Todos, em Portugal e no Brasil, pronuncião como *i* a conjuncção *e* (8). Os brasileiros, mais geralmente, pronuncião o *e* átono: — Nas particulas enclíticas —*de, que, me, te, se, lhe*, com timbre surdo, que não é, porem, o de *i*, igual ao do *e* mudo francez, nas particulas e nas terminações. Ao norte, pronuncião-no como *i*; e em S. Paulo, como o *ê* átono, em castelhano. O mesmo se dá nas syllabas finaes dos polysyllabos.

Nas syllabas iniciaes, damos ao *e* o som ambiguo, ora mais proximo do *i*, ora mais semelhante ao *ê* átono espanhol; e, nas mediaes, o primeiro antes de outra vogal, o ultimo depois das vogaes *æ, o, u*, quando não forma ditongo, ou entre consoantes. Os do norte propendem sempre para o som mais surdo; os do sul, para o mais sonoro, sobretudo os paulistas. Nas palavras derivadas, conservamos o *ê* ou *é* das primitivas, ou attenuamos em *ê* o *ê*.

Os portuguezes pronuncião o *e* átono final e o medial, entre consoantes, como o *e* mudo, medial, no francez ou como o *schevo* hebraico, com o simples sopro, indispensavel para fazer soar a consoante:—*p'ssoa, p'zar, q'rer, tr'mer, par'cer, abor'cer, favor'cer, c'ssar, proc'ssar, p'rs'v'rar, conc'der, c'der, d'ver, r'c'ber, p're'ber, pr'scr'ver, p'rdão, p'rdiz, s'grêdo*, etc., ainda em derivados de *ê*, ou *é*, como de *pêrdu, p'rder*, de *cérto, c'rteza, c'rtissimo*, de *bello, b'lleza*, de *cégo, c'gar, c'gueira*; de *pêssego, p'ssegueiro*, de *férro, f'rrar, f'rreiro*, de *terra, t'rreno, t'rral, t'rraqueo, t'rreiro*, etc. Tambem assim pronuncião o *i* átono, quando, em seguida, ha uma ou mais syllabas com essa vogal. E' por isso que *minino*, assim escripto pelos antigos, e que vem de *minimus* (1), se escreve *menino*, que os portuguezes pronuncião *m'nino*; *Filippe*, que, no latim e no grego, tem *i* na primeira syllaba e mais geral -

mente escrevem Felippe e pronuncião Flippe. Dão sempre o valor de *i* ao *e* inicial, quer formando syllaba só por si, quer seguido de *s* ou *r* nasal, na mesma syllaba, e ao medial, seguido ou precedido de vogal, não fazendo ditongo, ainda quando seja derivado de *ê* ou *é*. Assim pronuncião, como se o *e* inicial fosse um *î*, o que, pouco mais ou menos, tambem nós fazemos:—*edificio*, *edificar*, *elogio*, *economia*, *educação*, *ensinar*, *estudar*, *esperar*, *escrever*, *esquecer*, *escada*, *espada*, *espaço*, *estado*, *estudo*, *estante*, *espanto*, *estio*, *estirar*, *esquerdo*, *esquivo*, *escuro*, *Espanha*, *espanhol*, etc. Mas tambem dizem com *i* e nós com *ê*, na primeira syllaba:—*elegante*, *elemento*, *elephante*, *elevar*, *erguer*, *ermida*, *errar*, etc. Dizem:—*ajaizar*, *poimeto*, *duillista*, e nós—*ajaêzar*, *poêmeto*, *duéllista*. Pronuncião como *i* o *e* medial átono, quando está antes ou depois das palataes *ch*, *x*, *lh*, *nh*, dizendo alguns:—*chigar*, *fichar*, *ispilhar*, *d'zinhar*, que nós proferimos:—*chêgar*, *fêchar*, *espêlhar*, *desênhar*. Do mesmo modo o *e* medial, antes de *s*, na mesma syllaba, a que dão o valor da palatal *x* ou *ch*:—*despir*, *vestir*, *vestido*, (*dispir*, *vistir*, *vistido*), que pronunciamos, mais ou menos, com o mesmo som, sem dar ao *s* o valôr palatal; mas dizemos:—*ennêsgar*, *rêstar*, *rêstante*, *crêstar*, *prêstar*, *emprêstar*, *pêscar*, *pêscador*, *fêstejo*, derivados de ê ou e. Varios delles dizem:—*ennisgar*, *ristar*, *vistar*, *ristante*, *cristar*, *pristar*, *empristar*, *piscar*, *piscador*, *fistejo*, etc. Tambem não dizemos:—*pistana*, *piscoço*, *q'istão*, *tistar*, *tistamento*, etc. (11).

Em syllaba inicial, o *e* átono, antes de *x*, na pronuncia brasileira, tem o som ambiguo, seguindo-se consoante, caso em que o *x* vale por *s*:—*esperiencia*, *expôr*, *extenso*, etc., como em *esperança*, *esposa*, *estender*; e tambem quando o *x* tem o valor de *z* por se seguir vogal, como em *exame*, *exemplo*, *exacto*, *exacerbar*, *exagerar*, *exigir*, *existir*, *exôrdio*, etc. Tem o som de *ê*, quando o *x* é mudo, por se seguir *ce* ou *ci*:—*excelleucia*, *excellente*, *excitar*, *excepto*, *excepção*.

Na pronuncia portugueza, o *e*, em todos esses casos, commumente, vale por *i*:—*isperiencia*, *izame*, *izemplo*, *izordio*, *icellente*, *icitar*, *icepto*, *icepção*. Outros, porem, o fazem diton-

go, *ei* ou *ai*:—*eisperiencia*, *eizame*, *eizemplo*, *eiscepto*, *eiscepção*, etc. Os que mudão o *e* em *a*, no ditongo *ei*, dizem:—*aizame*, *aicepto*, *aicepção*. (12).

Quando é medial o *e*, antes de *x*, seguido de consoante, dizemos *ês*, como em *textual*, *pretextar*. Do mesmo modo pronunciamos a preposição latina *ex*, em *ex-abrupto*, *ex-professo*, *ex-cathedra*, *ex-ministro*, *ex-presidente*, *ex-reitor*, etc. Os portuguezes ditongão o *e* e dão ao *x* o som palatal de *ch* portuguez ou francez:—*teixtual*, *preteixtar*, *eix-ministro*, *eix-reitor*, ou *taixtual*, *pr'taixtar*, *aix-ministro*, *aix-raitor*. (13).

Dessa mudança de *e* em *a*, mais de espaço falaremos, tratando do *e* tonico.

A vogal *o* tem o som ambiguo, igual ou quasi igual ao de *u*, no artigo masculino e nos vocabulos enclíticos:—*o*, *do*, *no*, *nos*, *vos*, *nol-o*, *vol-o*, *m'o*, *t'o*, *lh'o*, *por*. Só em S. Paulo muitos lhe dão ainda, em taes casos, e até nas syllabas finaes, o som de *ô*, como no espanhol, mais ou menos *sonóro*.

Nas pretônicas, tem tambem o som ambiguo, mas que no Brasil, pelo menos muitas vêzes, mais se approxima do *ô* espanhol (14). Em Portugal, sempre se confunde com o de *u*; e quando, por excepção, a fazem sonóra, dão-lhe o som aberto; o fechado só antes de *l* ou nasal, na mesma syllaba, como em *vôltar*, *revôltar*, *revôltoso*, *môldar*, *sôldar*, *sôldado*, *romper*, *sondar*, *onzena*. E pronuncião-o com o som de *u*, qualquer que seja o do *o* tonico que lhe corresponda. Assim:—*furmoso*, *infurmar*, de *fôrma*, *enfurmar*, de *fôrma*, *purtão*, *purtinho*, *pustar*, *pustal*, *cummudidade*, *accumudar*, etc. Do mesmo modo, antes de vogal,—*muar*, *muador*, *puvuar*, *puvuado*, etc., *soar*, dar som, como *suar*, transpirar. (15).

Assim, na prolação das vogaes pretonicas, sobretudo do *e* e do *o*, os portuguezes preferem os dois extremos, o muito surdo ou o aberto; os brasileiros, o meio termo, o som fechado. A pronuncia portugueza tem, sobre a nossa, a vantagem de ser mais uniforme e geral; a nossa é mais incerta, mais variavel, por uso local ou individual, difficil ou impossivel de se reduzir a regras (16).

mente escrevem Felippe e pronuncião Flippe. Dão sempre o valor de *i* ao *e* inicial, quer formando syllaba só por si, quer seguido de *s* ou *r* nasal, na mesma syllaba, e ao medial, seguido ou precedido de vogal, não fazendo ditongo, ainda quando seja derivado de *ê* ou *é*. Assim pronuncião, como se o *e* inicial fosse um *î*, o que, pouco mais ou menos, tambem nós fazemos:—*edificio*, *edificar*, *elogio*, *economia*, *educação*, *ensinar*, *estudar*, *esperar*, *escrever*, *esquecer*, *escada*, *espada*, *espaço*, *estado*, *estudo*, *estante*, *espanto*, *estio*, *estirar*, *esquerdo*, *esquivo*, *escuro*, *Espanha*, *espanhol*, etc. Mas tambem dizem com *i*. e nós com *ê*, na primeira syllaba:—*elegante*, *elemento*, *elephante*, *elevar*, *erguer*, *ermida*, *errar*, etc. Dizem:—*ajaizar*, *poimeto*, *duillista*, e nós—*ajaêzar*, *poêmeto*, *duéllista*. Pronuncião como *i* o *e* medial átono, quando está antes ou depois das palataes *ch*, *x*, *lh*, *nh*, dizendo alguns:—*chigar*, *fichar*, *ispilhar*, *d'zinhar*, que nós proferimos:—*chêgar*, *fêchar*, *espêlhar*, *desênhar*. Do mesmo modo o *e* medial, antes de *s*, na mesma syllaba, a que dão o valor da palatal *x* ou *ch*:—*despir*, *vestir*, *vestido*, (*dispir*, *vistir*, *vistido*), que pronunciamos, mais ou menos, com o mesmo som, sem dar ao *s* o valor palatal; mas dizemos:—*ennêsgar*, *rêstar*, *rêstante*, *crêstar*, *prêstar*, *emprêstar*, *pêscar*, *pêscador*, *fêstejo*, derivados de ê ou e. Varios delles dizem:—*ennisgar*, *ristar*, *ristar*, *ristante*, *cristar*, *pristar*, *empristar*, *piscar*, *piscador*, *fistejo*, etc. Tambem não dizemos:—*pistana*, *piscoço*, *q'istão*, *tistar*, *tistamento*, etc. (11).

Em syllaba inicial, o *e* átono, antes de *x*, na pronuncia brasileira, tem o som ambiguo, seguindo-se consoante, caso em que o *x* vale por *s*:—*esperiencia*, *expôr*, *extenso*, etc., como em *esperança*, *esposa*, *estender*; e tambem quando o *x* tem o valor de *z* por se seguir vogal, como em *exame*, *exemplo*, *exacto*, *exacerbar*, *exagerar*, *exigir*, *existir*, *exórdio*, etc. Tem o som de *ê*, quando o *x* é mudo, por se seguir *ce* ou *ci*:—*excellencia*, *excellente*, *excitar*, *excepto*, *excepção*.

Na pronuncia portugueza, o *e*, em todos esses casos, commumente, vale por *i*:—*isperiencia*, *izame*, *izemplo*, *izordio*, *icellente*, *icitar*, *icepto*, *icepção*. Outros, porem, o fazem diton-

go, *ei* ou *ai*:—*eisperiencia*, *eizame*, *eizemplo*, *eiscepto*, *eiscepção*, etc. Os que mudão o *e* em *a*, no ditongo *ei*, dizem:—*aizame*, *aicepto*, *aicepção*. (12).

Quando é medial o *e*, antes de *x*, seguido de consoante, dizemos *ês*, como em *textual*, *pretextar*. Do mesmo modo pronunciamos a preposição latina *ex*, em *ex-abrupto*, *ex-professo*, *ex-cathedra*, *ex-ministro*, *ex-presidente*, *ex-reitor*, etc. Os portuguezes ditongão o *e* e dão ao *x* o som palatal de *ch* portuguez ou francez:—*teixtual*, *preteixtar*, *eix-ministro*, *eix-reitor*, ou *taixtual*, *pr'taixtar*, *aix-ministro*, *aix-raitor*: (13).

Dessa mudança de *e* em *a*, mais de espaço falaremos, tratando do *e* tonico.

A vogal *o* tem o som ambíguo, igual ou quasi igual ao de *u*, no artigo masculino e nos vocabulos encliticos:—*o*, *do*, *no*, *nos*, *vos*, *nol-o*, *vol-o*, *m'o*, *t'o*, *lh'o*, *por*. Só em S. Paulo muitos lhe dão ainda, em taes casos, e até nas syllabas finaes, o som de *ô*, como no espanhol, mais ou menos *sonôro*.

Nas pretônicas, tem tambem o som ambíguo, mas que no Brasil, pelo menos muitas vêzes, mais se approxima do *ô* espanhol (14). Em Portugal, sempre se confunde com o de *u*; e quando, por excepção, a fazem sonóra, dão-lhe o som aberto; o fechado só antes de *l* ou nasal, na mesma syllaba, como em *vôltar*, *revôltar*, *revôltoso*, *môldar*, *sôldar*, *sôldado*, *romper*, *sondar*, *onzena*. E pronuncião-o com o som de *u*, qualquer que seja o do *o* tonico que lhe corresponda. Assim:—*furmoso*, *infurmar*, de *fórma*, *enfurmar*, de *fórma*, *purtão*, *purtinho*, *pustar*, *pustal*, *cummudidade*, *accumudar*, etc. Do mesmo modo, antes de vogal,—*vuar*, *vuador*, *puvuar*, *puvuado*, etc., *soar*, dar som, como *suar*, transpirar. (15).

Assim, na prolação das vogaes pretonicas, sobretudo do *e* e do *o*, os portuguezes preferem os dois extremos, o muito surdo ou o aberto; os brasileiros, o meio termo, o som fechado. A pronuncia portugueza tem, sobre a nossa, a vantagem de ser mais uniforme e geral; a nossa é mais incerta, mais variavel, por uso local ou individual, difficil ou impossivel de se reduzir a regras (16).

Em Portugal, as vogaes *a, e, o*, em syllabas pretônicas, têm o som aberto, nos seguintes casos (17):—

1.º—Quando a vogal é resultado de uma contracção, como em *cáveira* (esp. *calavera*, do lat. *calvaria*); *pádar*, de *paladar*, *pádaria*, *pádeiro* (de *pada*=*panada*, esp. *panaderia*, *panadero*); *sádio*, de *saúde*, *saúdio*, F. Diez; ou de *sanativus*, de Ovidio; *vádio*, do lat. hypothetico *vagativus?* ou só por influencia de *sádio*; *sèttada*, *sètteiro*, *sétteira*, *assétear* (esp. *saeta*, *saetero*, *saetera*, ital. *saetta*; *besteria*, *bésteiro*, (*bésta*, de *baesta*, esp. *ballesta*: *méstra*, *amèstrar*, *méstrado*, *méstrança*, (ant. *meestria*, *meesteiral*, esp. *maestre*, ital. *maestro*); *crédor*, (ant. *creer*, *creedor*): *védor* de *veador*, *sédiço*, de *seer*, estar assentado, *agua sédiça*, estagnada; em sentido translato, o que é velho, estragado, corriqueiro; *córar*, *coorar*, lat. e esp. *colorare* (18); *aquécer* (ant. *aquecer*, *aqueentar*, esp. *calentar*, lat. *calescĕre*); *esquécer*, *esquécido*, *esquécimento*. (ant. *escaecer*, tambem no esp. antigo, lat. *excadescĕre*, de *cadĕre*, cahir (19); *métade*, de *medietatem*, ant. *meyadade*, *meadade* (20); *mórgado* (*majoratus*); *mézinha*, *mézinhar*, *mézinheiro*, ant. meezinha, de medicina (21); *gérar*, *geração*, de *generare*, *generationem*, esp. *generacion* (22); *trédor*, de *traidor*, *traditorem* (23).

2.º—Nas preposições compositivas *ab*, *abo*, *ob*, seguindo-se consoante, com a qual não se tenha assimilado o *b*, como em *occasião*, *occorrer*, *occultar*, *offerecer*, etc., ou ligado com liquida, como *ablativo*, *ablução*, *obliterar*, em *obrigar*, *obrigado*, *obrigação*. Exs.: —*ábdicar*, *ábjurar*, *ábrogar*, *ábsolver*, *ábsorver*, *ábster*, *ábstrahir*, *ábsoluto*, *ábsurdo*, *ábstruso*, *óbcecar*, *óbserva*, *óbter*, *óbstar*, *óbstinar*, *óbturar*, *óbstruir*, *óbviar*, *óbjecto*, *óbstaculo*, *óbsequio*, *óbjurgação*, *òbsceno*, *òbscuro*, *òbsoleto*, *òbnoxio*, etc. Ainda seguido de vogal ou formando syllaba com *l*, pronuncia-se aberto o *o* de *ob*, em palavras que não são do uso vulgar, como em *òbrar*, *òbeso*, *óbumbrar*, *óblação*, *óbláta*, *óbliquo*, *óblongo* (24).

3.º—Antes dos seguintes grupos de consoantes, quer a primeira se pronuncie, quer seja muda:—*cç* (ou *cce*, *cci*); —*áccão*, *ácceder*, *áccessão*, *áccessivel*, *áccesso*, *áccento*, *áccidente*,

accidental, accionar, accionista, altração, exacção, extracção, facção, fracção, fraccionar, fraccionario, refracção, tracção, objecção, collecção, correcção, direcção, objecção, protecção, secção, cocção, occidente, occidental.

ct:—*actor, actriz, activo, attractivo, actual, exactidão, extractar, extractivo, factura, retractar,* (differente de *retratar*), *affectação, affectado, affectar, affectivo, adjectivo, objectivo, collector, director, directoria, directorio, inspector, rectificar, reflectir, reflectivo, reflector, respectivo, Octavio, Octaviano, octogenario, octogesimo.*

gn:—*estagnar, impregnar, cognato, cognome, cognoscivel.*

pc (ou *pel*):—*accepção, concepção, excepção, excepcional, obrepção, percepção, recepção, adopção, opção.*

ps:—*anelepsia, catalepsia, epilepsia, dyspepsia, autopsia.*

pt:—*adaptar, captar, raptar, baptismo, Baptista, baptisterio, exceptuar, espectaculo, receptaculo, inaptidão, perceptivel, preceptor, susceptibilidade, susceptivel, obreptício, adoptar, adoptivo, optar, optimista.*

4.º.—Antes de *x*, de origem latina ou grega, equivalente de *cs*, ainda quando esse valor etymologico se tenha mudado no de *ss* ou *ch*:—*annexar, annexação, complexidade, flexão, flexibilidade, perplexidade, sexual, reflexão, reflexivo, reflexionar, laxar, laxidão, relaxar, relaxação, taxar, taxação, taxativo, vexar, vexação, vexativo, vexame, oxydar, oxydação, oxygenio, oxygenar, intoxicação, intoxicar.*

5.º.—*a* e *e*, antes de *l* da mesma syllaba, seguido de consoante differente:—*alfenim, alguem, balcão, baldar, balsamico, balseiro, salmão, baldeação, maldade, palmeira, acalmar, faltar, saltar, salvar, lealdade, fraldade, beldade, beldroega, belmuz, fealdade, delfim, delgado, felpudo, relvoso, rebeldia, selvagem, Balsemão, Belgrado, Belmonte, Belver, Belveder, Belzebub, Belmiro, Beltrão, Delmiro, Delfim, Delfinado, Melgaço.*

6.º.—O *a*, nos ditongos *au* e *ai*: - *autor, autoridade, autorisar, audiencia, ausencia, augmento, paulada, saudade, bailar, painel, paixão, vaidade.*

7.º—Para evitar a homophonia, em palavras de significações diversas:—*Doninha*, diminutivo de *Dona*, e *dóninha*, animal; *sabor* e *Sábôr*, rio, affluente do Douro; *coxim*, e *Cóchim*, cidade; *azinha*, diminutivo de aza, e *ásinha*, adverbio ant.; *molhinho*, de *môlho*, e *mólhinho*, de *mólho*; *pégáda*, e *pegáda*, de pegar; *pregar*, metter prégo, e *prégar*, fazer prédica; talvez pelo mesmo motivo, *Dámão* (*da mão*), *ácerca*, *áquem* (*a cerca*, *a quem*) e, por analogia, *álém* (25).

8.º—Em alguns derivados, que conservão o timbre das vogaes tônicas dos primitivos:—*brádar*, *desábar*, *desázar*, *lárgura*, *hárpejo*, *dobàdoura*, *pádejar*, *pàteiro*, (de pato), *pátéta*, e *pátóla* (idem), *sáveiro* (26), *vigararia*, *adèstrar*, *hérvar*, *hèrvanario*, *embréchar*, *empégar*, *empéstar*, *entrévar*, *entrévado*, *balèstilha*, *fétal*, *féteira*, *fréchado*, *fréchar*, *frécheiro*, *séjeiro*, *replèção*, *lédice*, *velhice*, *vélharia*, *envélhecer*, *envélhecido*, *sólfèjo*, *desóvar*, *espójar*.

9.º—Em palavras scientificas ou da linguagem dos doutos:—*óraculo*, *órador*, *óração*, *rhétorica*, *plèthòra*, *vèhiculo*, etc. (27).

10.º—Sem razão especial, em algumas palavras:—Taes são as seguintes:—*arrédio*, *arrefécer*, *báhú* (28), *bélhó*, *brèjeiro* (29), *cájú*, *cámão*, *empécer*, *enfézar*, *enxóvia*, *fágueiro*, *frèguez*, *frèguezia*, *gánhar*, *ságú*, *ságuão*, *ságuim*, *sàrar*, *tàfelà*, *tàlim*, *tàlú*.

E varios nomes proprios:—*A'breu*, *A'veiras*, *A'veiro*, *Camões*, *Espózende*, *Fóscôa*, *Lórdèllo*, *Quèluz*, *Rèriz*, *Rèsendo*, *Rèzende*, *Rólim*, *Róriz*, *Tàvares*, *Tàveiro*.

(Segunda parte)

Timbre das vogaes tonicas

Na syllaba tonica, o timbre do *a* é sempre aberto, salvo seguindo-se consoante nasal, caso em que as tres vogaes variaveis têm o som fechado, como já dissemos; o de *e* e *o* ora é aberto, ora fechado.

Neste particular, tem variado a pronuncia, e ainda hoje ha incerteza, ou diversidade, quanto a algumas palavras. Nos casos duvidosos, seguiremos o uso mais geral, mencionando em nota as divergencias (30).

I

Vario timbre do E, em syllaba tonica

As mais das vezes tem som aberto o *e* tonico, mas não poucas o tem fechado. Quando é final, não ha hoje difficuldade, porque, como já ficou dito, *a*, *e* e *o*, no fim de palavras oxytonas, são sempre notados com o signal orthographico, o qual indica o accento tonico e o timbre, sendo actualmente usado por todos o accento agudo, para o som aberto, e o circumflexo para o som fechado (31). O mesmo se dá, quando a palavra oxytona acaba em vogal seguida de *s*:—*gurupés*, *eonvés*, *cnvés*, *grés*, *após*, *nós*, *vós*. Excepto *trcs*, *dcs*, proposição, que muitos escrevem sem accento, e têm som fechado.

O timbre do *e* tonico é aberto:

Nos verbos:

Da 1.ª conjugação, no presente do indicativo, no imperativo e no presente do subjuntivo, antes de consoante, (32) qualquer que seja a vogal da ultima syllaba:— *começo*, *começas*, *começa*, *começão*, *eoméce*, *eomèces*, *eomécem*, *lévo*, *léva*, *léve*, *govérno*, *govérna*, *govérne*, etc., excepto antes das consoantes palataes *j*, *ch*, *lh*, em que o som é fechado:—*desêjo*, *desêja*, *desêje*, *pelêjo*, *pelêja*, *pelêje*, *apetrêcho*, *apetrêchas*, *apetrêche*, *bochêcho*, *bochêchas*, *bochêche*, *fêcho*, *fêchas*, *fêcha*, *desfêcho*, *desfêchas*, *desfêche*, (33), *aconsêlho*, *aconsêlha*, *aconsêlhe*, *ajoêlho*, *ajoêlha*, *ajoêlhe*, *semêlho*, *semêlha*, *semêlhe*, etc. E', porém, aberto o som em—*invéjo*, *invéja*, *invéje*, *embrécho*, *embréchas*, *embréche*, *esmécho*, *esmécha*, *esmèche*, *engêlho*, *engêlhas*, *engêlhe*, *grêlho*, *grêlha*, *grêlhe*, *frêcho*, *frêchas*, *frèche*. E' tambem fechado em *chegar* e nos seus compostos:—*chêgo*, *chêgas*, *chêga*, *chegue*,

achêgue, conchêgue; e em *pretèxto, pretêxtas, pretèxta, pretêxte; pezar*, causar magoa, faz *pêze, pêza* (*pêza-me*); e *pesar*, ter pêso, faz *péso, pésas, pésa, pésa, pese, péses* (34).

Das outras conjugações, no presente do indicativo e no imperfeito, quando ha *e* na ultima syllaba:—*déves, deve, dévem, cédes, céde, cédem, recébes, recebe, recèbem, paréce, parécem, meréces, meréce, merécem*, (35), *féres, fére, férem, sérves, sérve, sérvem, véstes, véste, véstem*, etc. Excepto nos verbos *ser, crêr, têr, vêr*, e seus compostos: – *sêde, crêdes, crêde, lêdes, lêde, vêrdes, vêrde*, etc. Nos outros tempos, o *e* tonico é sempre fechado, ainda que haja *e* na syllaba seguinte:—*devêr, devêres, devêrmos, devêrdes, devêrem, dêvo, dêva, devêra, devêsse, recebêr, recebêres, recêbo, recêba, recebêste, recebêra, recebêsse*, etc. Mas, na pronuncia de Portugal, os verbos *aquécer, esquécer, arrefécer, empécer*, fazem *aquéço, aquéças, aquéça, esquéço, esquéças, esquéça, arreféço, arreféças, arreféça, empéço, empéças, empéça*.

3.º—No preterito perfeito do indicativo, e nos tempos delle derivados, nos seguintes verbos irregulares:—*estar, ter, haver, dar, caber, dizer, fazer, poder, pôr* (antigo poer), *querer, saber, trazer, vir* e seus compostos:—*estivéste, estivéstes, estivérão, estivéra, estivéras, estivéra, estivéramos, estivérão, estivésse, estivésses, estivèssemos, estivésseis, estivessem, estivér, estivéres, estivérmos, estivérem*, etc. Excepto *esteve, têve* e *fez*. No presente e no imperfeito do indicativo de *ser*:—*és, é* (antigamente *hes, he, éra, éras*, etc. Na 1.ª pessoa do presente do indicativo, e no presente do substantivo de *perder, medir, pedir, impedir, despedir*:—*perco* (36), *pérco, pércas*, etc, *péço, péça, péças, impéço, impéça, impéças, despéço, despéça, despéças*, etc. Na 1.ª e na 3.ª pesssoa do singular do presente do indicativo de *querer*, e na 3.ª do singular do mesmo tempo de *requerer*: – *quéro, quér, requér*, (nos classicos e ainda depois *requere*; primitivamente, tambem *quere*).

Em quaesquer outras palavras, nas seguintes terminações:—Antes da vogal *ea*, quando não é equivalente de *eia*. Ex.—substantivo:—*alcatéa* (37), *althéa, assembléa, boléa, cho-*

Ele ou *elle*:—*pélle*, *filéle* (52), adj.:—*imbélle*, *réles*, *Apélles*, *Cibéle*, *matabéles*, povo da Africa, *Télles*. Exc.:—*êlle*, *aquêlle*.

Epa:—*carépa*, *népa*, *Mazéppa* (53). Exc.:—*cêpa*.

Epe:—*crépe*, *estrépe*, *ganzépe*, *julépe*, *stéppe*, *tépe* (54).

Epo:—*julépo*, *salépo*, *talagrépo*, adj:—*mcnigrépo*. Exc.:—*cêpo*.

Epra:—*lépra*.

Eque:—*béque*, *calhambéque*, *chéque*, *espéque*, *léque*, *moléque*, *pechisbéque*, *aztéque*, sub. e adj.

Er:—*alquilér*, *aluguér*. *chancéller*, *escalér*, *colhér*, *mistér*, *mulhér*, *talhér*, *esmolér*, *rosiclér*, *qualquér*, *qucmquér*, *scquér*. Excepto os infinitos substantivados:—*devêr*, *havêr*, *parecêr*, *podêr*, *prazêr*, *sêr*.

Er:—*antlléra*, *atmosphéra*, *chiméra*, *éra*, *espéra*, *féra*, *galéra*, *héra*, *primavéra*, *venéra*; adjs.:—*austéra*, *féra*, *méra*, *sevéra*, *sincéra*, *véra*; *Abdéra*, *Capréra*, *Cythéra*, *Glycéra*, *Megéra*, *Sevéra*, *Talavéra* (55); *véras*, *devéras*. Exc.:—*cêra*, *pêra*, *cabrêra*, *Pêra*.

Erba:—*vérba*; adj.:—*acérba*. Exc.:—*sobêrba*.

Erbe:—*imbérbe*; *Malhérbe*, *Malesherbes*.

Erbo:—*vérbo*; adj.:—*avérbo*. Exc.:—*zérbo*, adj.:—*sobêrbo*.

Erca:—*alvérca*, *lavérca*, *pérca*, peixe. Exc.:—*cêrca*, prep., *cêrca*, adv.,—*acêrca*.

Erce:—*alpérce*, *alicérce*, *mérce*; adj.—*cérce*.

Ercha:—*pércha* (56).

Erche:—*alpérche*.

Erda:—*cérda*, *cérdas* (57), adj.; *lérda*; *Lacérda*. Exc.:—*pêrda*, *esquêrda*.

Erdo:—*cérdo*, adj., -*lérdo* (58). Exc.:—*esquèrdo*.

Ere:—*haltére*, *stére*, *alféres*; *Céres*, *Péres*.

Erge:—*aspérges* (capa de).

Ergue:—*albérgue*.

Erla:—*pérla*.

Erma:—*bérma*, *dérma*, *hérma*, *thérma*; adj.—*palérma*. Exc.:—*enfêrma*, *êrma*.

Erme:—*dérme, epidérme, gérme, pachyderme, vérme;* adj.:—*inérme; Guilhérme.*

Erna:—*cavérna, cistérna, lantérna, luzérna, pérna, tabérna;* adjs.:—*altérna, etérna, esétrna, intérna, matérna, modérna, térna,* etc.; *Lérna, Lucérna.*

Erne:—*bérne, cérne, chérne; Alvérne, Bérne, Holophérnes, Pérnes.*

Erno:—*adérno, cadérno, falérno, inférno, invérno;* adjs.—*etérno, altérno, exiérno, intérno, matérno, modérno, térno, Avérno.* Exc.:—*govêrno.*

Ero:—*cléro, esméro* (59), *féros* (60), *galéro, géro, zéro;* adjs.:—*austéro, féro, méro, severo, sincéro, réro, Ahasvéro, Assuéro, Anthéro, Brothéro, Héro, Homéro, Luthéro, Néro, Severo.* Exc.:—*desespêro, destempêro, pêro, tempêro, Pêro.* (61).

Erpe:—*sérpe, hérpes, Eutérpe.*

Erque:—*Albuquérque, Dunquérque.*

Erra:—*bérra, férra, guérra, sérra, térra. Inglatérra, Salvaterra.* Exc.—*bezêrra,* adj.:—*pêrra; Falpêrra,* serra de Portugal.

Erre:—*Gutiérres, Vérres.*

Ersa:—*convérsa;* adjs.:—*advérsa, aspérsa, avérso, submérso, térso, univérso, vérso;* adjs.:—*abstérso, advérso, aspérso, controvérso, convérso, dispérso, obvérso, pervérso, submérso, térso* (62), *transverso.*

Erta;—*abérta, cobérta, descobérta, offérta, referta;* adjs.—*abérta, cérta, cobérta, descobérta, desérta, despérta, encobérta, espérta, incérta, libérta;* adv. e int.:—*alérta.*

Erte:—*inérte, solérte.*

Erto:—*assérto* (63), *desérto, Albérto, Robérto* e todos os nomes proprios desta terminação; adjs.:—*abérto, cérto, cobérto, desérto, espérto, expérto, inexpérto, liberto;* adv.:—*pérto.* Exc.:—*acêrto, apêrto, concêrto, desacêrto, enxêrto.*

Erva: - *catérva, sérva, consérva, hérva, resérva, sérva*; adj. - *protérva, Minérva, Nérva.*

Ervo: - *acérvo, cérvo*; adj.—*protérvo*. Exc.: - *nêrvo.*

Ese:—*catechése, diocése, exegése, thése.*

Essa: —*préssa, promêssa, remêssa, revêssa, travêssa, ás vêssas* ou *ás avêssas*; adjs.—*egréssa, êssa, expréssa, imprêssa, inconcêssa, indefêssa, possêssa, profêssa*. Exc.: —*abbadêssa, condêssa, viscondêssa, travêssa.*

Esse:—*benésse*, (64), *mêsse, kermésse*. Exc.: —*interêsse, desinterêsse* (65); adj.—*êsse.*

Esso: —*abcésso, acésso, congrésso, excésso, ingrésso, procêsso, progrésso, recésso, regrésso, retrocésso, sucésso*; adjs.—*comprésso, confésso, deprésso, egrésso, exprésso, imprésso, inconcésso, indefésso, possésso, profésso*. Exc.: —*arremêsso, avêsso, confêsso* (66), *gêsso, sêsso*; adjs.—*avêsso, espêsso* (67), *revêsso, travêsso*; pronome ant., *êsso.*

Esta:—*arésta, bésta, crésta, enfésta, fésta, florésta, frésta, giésta, sésta, tésta, Vésta*; adjs.—*congésta, ésta, funésta, honésta, indigésta, infésta, lésta, manifésta, mésta, modésta, molésta, tésta*. Exc.:—*bêsta, cêsta.*

Este:—*arcipréste, cypréste, éste* ou *léste, oéste, péste, préste, résté, véste*; adjs. *agréste, celéste, contéste, léste, préstes; Alcéste, Tiéste, Oréstes, Thyéstes*. Exc.:—adj. —*êste.*

Esto:— *almagésto, anapésto, aprésto* (68), *arésto, asbésto, césto, doésto* (69), *ésto, fésto, gésto, incésto, manifésto, palimpsésto, protésto, résto*; adjs.—*congésto, enfésto, fésto, funésto, honésto, tésto, mésto, tésto*; adv.:- *présto*; *Digésto, Fêsto*. Exc.:—*cabrêsto, cêsto, enfêsto, fêsto, tabrêsto, têsto*, pronome ant.:—*êsto.*

Estra:—*dêstra, méstra, orchéstra, patéstra*; adj.:—*léstro*; *Clytemnéstra, Hypermnestra.*

Estre:—*méstre, seméstre, triméstre*; adjs.—*alpéstre, campéstre, equéstre, silvéstre, terréstre.*

Estro: —*astro, sequéstro, séstro*; adjs.:—*déstro, séstro.*

Etro.—*métro*, *rétro*. Exc.: *pirêtro*.

Eva:—*céva* (70), *léva*, *tréva*, adjs.:—*coéva*, *longéva*, *séva*; *Eva*, *Néva*. Exc.:—*cstêva*, *resttêva*, *grêvas*.

Eve:—*almocréve*, *bréve*, *gréve*, *néve*; adjs.:—*bréve*, *lévc*. Exc.:—*persêve*, *Estêves*.

Evo:—*évo*; adjs.:—*coévo*, *longévo*, *primévo*, *sévo*, *suévo*, Exc.:—*cêvo*, *enlêvo*, *relêvo*, *trêvo*.

E' tambem aberto o *e* tonico:

1.º Antes *l*, na mesma syllaba, quer final, quer seguido de consoante differente Assim:—*annél*, *batél*, *burél*, *hotél*, etc.; adjs.:—*cruél*, *novél*, *revél*, etc.; *Abél*, *Babél*, *Rachél*, etc.; *adélfa*, *bélfas*, *bélfo*, *clfa*, *surrélfa*. *Délphos*, *Guelfos*; *célga*, *félga*, *mélga*, *tremélga*, *guélra*, *mélro*, *mélra*; adjs.:—*Belgas*, *excélso*; *Célso*, *Paracélso*, *délta*, adjs.:—*célta*, *esbélto*. *csbélta*; *gélva*, *rélva*, *selva*, *Elvas*, *pélvis*. Exc.:—*êlmo* (71), *chêlpa* (72), *fêlpa* (73), *fêltro*.

2.º—Antes de *c*, *g* ou *p*, seguido de consoante, quer a primeira se pronuncie, quer seja muda, e antes da consoante dupla *x*, seguida de vogal, em palavras de origem latina ou grega, ainda quando se muda o seu valor primitivo de *cs*, no de *ch* chiante:—*affécto*, *aspecto*, *insécto*, *objecto*, *projécto*, *prospécto*, *técto*; adjs..—*abjécto*, *corrécto*, *dilécto*, *directo*, *infecto*, *provéto*, *selécto*, etc., e os respectivos femininos; *collecta* (74), *Eléctra*, *flégma*, *tégmen*, *interrégno*, *adépto*, *répto*, *trasépto*; adjs.: *excépto*, *inépto*, *percépto*; *ampléxo*, *néxo*, adjs.: —*annéxo*, *circumfléxo*, *compléxo*, *connéxo*, *convéxo*, *parpléxo*, etc., e os femininos.

3.º—Quando a desinencia é nasal (75): - *gérmen*, *médão*, *orégão*, *pégão*, excepto em *Estêvão*; ou terminada por *l* ou *r*: —*bétel*, *dclével*, *indelével*, *Casével* aldeia de Portugal, *débil*, *flébil*; *César*, *éther*, *cathéter*, *Demétcr*, *Vésper*, *Ferrer*.

4.º—Nos vocabulos esdruxulos (76), antes de vogal ou de consoante:—*auréola*, *hordéolo*, *Oréades*, *ébrio*, *nécio*, *prévio*, *célebre*, *cérebro*, *égoa*, *épico*, *médico*, etc. Excepto—*amêjoa* (ou *ameijoa*), *bêbera*, *êxito*, *extase*, *fêvera*, *nêspera*, *nêveda*, *pêssego*, *pêzame*; adjs.:—*bêbedo* ou *bêbado*, *lêvedo*, *trêfego*; *Zêzere*

rio de Portugal. *Estéril, fértil, débil, flébil* conservam o timbre que tinhão, quando esdruxulos, *estérile, fértile*, etc.

E' fechado o timbre do *e* tonico:

1.º.—No ditongo *ei*:—*lei, rei, amei, amarei, ameis, amareis, eis, seis, veio, meio, meia, leio, passeio*, etc., e nas terminações *eiça, eiço, eida, eifa, eiga, eigo, eijo, eira, eiro, eita, eito, eiva, eivo, eive, eixa, eixe, eixo*. Excepto *réis*, plural de *real*, por corruptélla de pronuncia, e o plural dos nomes em *el*:—*annèis, batéis, fiéis, cruéis*, etc.

2.º.—No ditongo *eu*, que tambem se escreve *eo, êu, mêu, têu, sêu, lêu, movêu, recebêu, athêu, europêu, judêu, jubilêu, Dèus, Zêus*, etc.

E nas seguintes terminações:—

Ea:—equivalente de *eia*:—*aldêa, amêa, arêa, balêa, cadêa, candêa, cêa, centopêa, colmêa, colchêa, corrêa, feropêa, garrotêa*, (ant., ordem de Jarreteira), *lamprêa, morêa, obrêa, pavêa, serêa, tarêa, têa, vêa*.

Eba:—*gêba, mancêba, sêba*; adjs.—*gêba, mancéba*. Exc.:—*carapéba* (77), *gerubéba* (78), *gléba, Thébas*.

Ebo:—*sêbo*; adjs.—*gêbo, mancêbo*. Exc.:—*Phébo*.

Echo:—*apetrêcho, barbêcho, bochêcho, desfêcho, entrêcho, fêcho, petrêcho*.

Eço:—*aderêço, aprêço, cabêço, codêço, comêço, prêço, tropêço*; *Carrêço*, log. em Portugal.

Ede:—*parêde, rêde, sêde*; adv.:—*adrêde* (79); *Ancêde, Antuzêde, Arazêde, Cantanhêde, Limêde, Murtêde, Tavarêde, Morcêdes, Parêde*, logares de Portugal. Exc.:—*séde, Mafamède, Maméde, Archimédes, Diomédes, Ganymédes, Guédes, Nicomédes, Palamédes*.

Edo:—*arremêdo, arvorêdo, azerêdo, brêdo, dêdo, degrêdo, enrêdo, enxovêdo, figueirêdo, folguêdo, folhêdo, fraguêdo, lagêdo, mêdo, mosquêdo, olivêdo, passarêdo, penêdo, rochêdo, segrêdo, torpêdo* (80), *vinhêdo*; adj.:—*azêdo, quêdo, trêdo* (81); adv.:—*cêdo, Alfrêdo, Amoêdo, Azevêdo, Cabêdo, Canêdo, Carrazêdo, Cardêdo, Ervedêdo, Ferruêdo, Figueirêdo, Macêdo, Manfrêdo, Mo-*

lêdo, Mondonhêdo, Oviêdo, Quevêdo, Roborêdo, Semêdo, Serzêdo, Tancrêdo, Tolêdo, Yêddo (82). Exc.:—*crêdo*; adj.—*lédo, médo*, da *Média*.

Efo:—*trêfo*, adj.

Ego:—*apêgo, borrêgo, carrêgo* (83), *conchêgo, desapêgo, dessassocêgo, emprêgo, lavêgo, morcêgo, offêgo, pêgo, pespêgo, rechêgo, refêgo, rêgo, relêgo, repolêgo, socêgo*; adjs.—*gallêgo, grêgo, labrêgo, ninhêdo. Lamêgo, Mondêgo, Pêgo, Rêgo*. Exc.:—*arrenégo* (84), *pégo* (*pélago*), *prégo*; adjs.—*cégo, peticégo* (85); *Cethégo, Prégo, Arégos*, logar de Portugal.

Eja:—*bandêja, brotoêja, canêja, carquêja, ccrêja, cervêja, collarêja, igrêja, narsêja, pelêja, tornêja*; adjs.: —*andêja, bemfazêja, canêja, malfazêja, sertanêja, sobêja. Estarrêja*, villa de Portugal. Exc.:—*invéja, Béja*.

Ejo: —*adêjo, almêjo, arêjo, arquêjo, azulêjo, baracêjo, bracêjo, bocêjo, bosquêjo, caranguêjo, cortêjo, desêjo, despêjo, ensêjo, entêjo, festêjo, gargarêjo, gracêjo, lampêjo, logarêjo, manêjo, pêjo, persevêjo, poêjo, realêjo, sobêjo, solfêjo, varêjo, voêjo*; adjs.: —*andêjo, bemfazêjo*, etc. Exc.:—*bandêja* (86), *brêjo, Téjo, Alemtéjo, Ribatéjo*.

Elha:—*abêlha, azêlha, botêlha, caravêlha, cêlha, centêlha, cernêlha, chavêlha, coêlha, diabêlha, gêlha, golêlha, golpêtha, guedêlha, molhêlha, monêlha, orêlha, ovêlha, pardêlha, parêlha, savêtha, segurêlha, sêlha, sobrancêlha, verdêlha;* adjs.: — *annêlha, verdêlha, vermêlha*. Exc.:—*grélha, rélha, quétha* (87); adjs.: —*vélha, revêtha, Marsétha*.

Elho:—*apparêlho, artêlho, bodêlho, bêlho, bolhêlho, borrêlho, botêlho, chavêlho, coêlho, conchêlho, consêlho, escaravêlho, espêlho, fedêlho, folhêlho, francêlho, joêlho, rêlho, têlho, trabêlho, trebêlho, venecêlho*; adjs.—*verdêlho, vermêlho*. Exc.:—*Evangélho, rélho* (88); adjs.:—*anélho* (89), *vélho, revélho, rélho* (90).

Elo ou *ello*:—*appêllo, arrepêllo, atropêlo, bacêllo* (91), *cabêllo, cabedêllo, cadêllo* (peça de moinho), *camêlo*,

cancêllo, canêllo, capêllo (92), *cerebêllo* (93), *cobrêlo, cogêlo, cornozêllo, colovêllo, cubêllo, desmazêlo, gêlo, grêlo, manêlo, modêlo* (94), *napêllo, novêllo, ourêlo, pêlo, pesadêlo, portêllo,* (95), *rabêllo, resfolêlo, regêlo, restêllo, rodêlo, rodopêlo, sarampêllo, sêllo, terciopêlo, tornozêllo, zêlo,* pron. ant. *êllo,* adj.—*morzêlo,* (96); *Arcozêllo, tarêllo* (97), *pêlo,* contracção do art. com a prep. *per; ampêllo, calvêllo, Esmêllo, Fontêllo, Lordêllo, Mindêllo, Portozêllo, Rastêllo, Rebêllo, Serdedêllo, Soutêllo, Serzedêllo, Sobradêllo, Souzêllo, Torrezêllo.* Exc.:- *adêlo, anhêlo,* (98), *camartêllo, castêllo, cervêllo, chichêlo, chinêlo, cogumêllo, concêllos, cutêllo, desvêlo, duêllo, êlo* (99), *escabêllo, escalpêllo, farêllo, flagêllo, fuzêlo, labêllo, libêllo, vermêlo, martêllo, polichinêllo, prêlo, ritornêllo, sacêllo, vêllo, vitêllo,* adjs. —*amarêllo, bêllo, paralêllo, singêlo; Mêllo, Metêllo, Othêllo, Barcêllos, Carcavêllos, Concêllos, Dêlos, Negrêllos, Vasconcêllos.*

Erco:—*cêrco, estêrco.*

Erça:—*têrça, vêrça* ou *vêrsa* (100).

Erço:—*bêrço, têrço.*

Erde:—*vêrde, valvêrde; Castrovêrde, Monlevêrde.*

Erga:—*enxêrga, vêrga, xêrga.*

Ermo:—*êrmo, estafêrmo, têrmo;* adjs. *enfêrmo, êrmo.* Exc.:—*Palêrmo.*

Erro:—*afêrro, atêrro, bezêrro, cêrro* (101), *destêrro, encêrro, entêrro, êrro, pêrro* (102), *sêrro;* adj.—*perro.* Exc.:—*bêrro, fêrro.*

Erve:—*azerve.*

Esa:—*defesa, despesa, devesa, empresa, entrepresa* ou *interpresa, mesa, presa, represa, sobremesa, surpresa:* adjs.—*accesa, defesa, indefesa, preso, salprêsa, surpresa, tesa.* Exc.: adjs.—*blêsa* (103), *illêsa, lêsa, obêsa.*

Esca:—*patesca, soldadesca;* adjs.—*fresca,* e todos os adjs. desta terminação, *arabesca, barbaresca, burlesca, carnavalesca,* etc. Exc.:—*pêsca, Huêsca.*

Esco:—*arabesco, fresco, parentesco, refresco, Tedesco*; adjs. *fresco* e todos os adjs. da mesma terminação, *arabesco, barbaresco, burlesco, carnavalesco*, etc.

Esde: – *desde.*

Esga: —*betesga, nesga*, adjs.—*sesga, vesga.*

Esgo: – *sesgo, vesgo.*

Esma:—*aventesma, lesma, resma, seresma, sésma*, adj.—*mesma.*

Esmo: - *esmo, sesmo, tenesmo, torresmo:* adjs: – *mesmo.*

Eso:—*contrapeso. peso, teso*; adjs.—*acceso, defeso, preso*, etc. Exc.:—*bléso, léso, obéso. Créso, Rhéso.*

Espa: – *vespa*, adj. *crespa.*

Espo: —*crespo.*

Eta: —*alhêta, ampulhêta, anachorêta, baêta, bêta* (104), *bocêta, bolêta, borbolêta, calcêta, cacêta* (105), *carapêta, carêta, comêta, corvêta, espolêta, estafêta, galhêta, gavêta, gazêta, gorgêta, grêta, jaquêta, lunêta, mulêta-malagnêta, navêta, palhêta, pêta, planêta, raquêta, recolêta, retrêta, roleta, sargeta, teta, treta, trombeta, vaqueta, vedeta, veneta, violeta*, e todos os diminutivos desta desinencia, *banqueta, barqueta, caderneta, cançoneta, chaveta, cruzeta, faceta, folheta, historieta, lingueta, maçaneta, opereta, taboleta, vareta*, etc. adj.—*maneta, peta, preta.* Exc. *ascéta, athléta, diéta, méta, néta* e os compostos *bisnéta, trinéta, tataranéta* ou *tretanéta, poéta, prophéta, séta* e os nomes de letras gregas- *béta, étha, théta, zéta*; adjs.— *analphabéta, complèta, concréta, discréta, facéta* (106), *inquiéta, mahométa, obsoléta, patéta, quiéta, recoléta, repléta, secréta; Anacléta, Anicéta. Créta, Monéta, Getas, Nicétas, Philétas, Massagétas.*

Ete:—*alegrete, alfinete, banquete, bilhete, braçalete, bufete, cacete, cacoethe* (107), *calete, capacete, cavallete, cadete, colchete, collete, cunhete, estenderete, ferrete, foguete, gabinete, galhardete, gasnete, ginete, jarreta, joanete, minarete, molinete, mosquete, pintalegrete, piquete,*

rabanete, ramalhete, retrête, roquete, sabonete, sinete, sorvete, tamborete, tapete, tolete, traquete, trinchete, verdete; todos os diminutivos subst. e adjs. — *barretete, diabrete, escudete, falconête, mantelete, palacete, salmonete*, etc., *alegrete, clarete, ferrete* (azul), *mollete, palheta, velhaquete, violete. Alcochete, Catete, Olivete* (108), *Roquete* (109), *Salsete*. Exc.: —*abéte* (109), *boféte* (bofetada), *canivéte, diabéte* ou *diabétes, espermacéte, fréte, guéte, grumète, magnéte, quiéte, topéte, valéte* (111); adjs.— *véte, dezesête, Cuvétes, Léthes, Philoctétes, Zétes*.

Eto:—*amulêto, bolêto, cavrêto, calafêto, carapêto, corêto, cotêto, duêto, esbocêto, espêto, espiguêto, esquelêto, folhêto, gravêto, pêto, quarteto, quintêto, sextêto, sonêto, tercêto, versêto*; adjs.—*pêto, prêto*; *Barrêto, Guêtto, Lorêto, Rigolêto, Spolêto* ou *Espolêto, Tintorêto*. Exc. —*abéto, alphabéto, cathéto, decréto, féto* (112), *néto, suèto, véto*; adjs.—*analphabéto, compléto, concréto, discréto, facéto, inquiéto, obsoléto, quiéto, recoléto, repléto, secréto. Admétto, Anacléto, Anicéto, Cymétho, Epictéto, Hymétto, Miléto, Polycléto, Sebétho*.

Etra:—*lêtra*.

Exa:—*fatêxa, madêxa, condêxa*, que tambem se escrevem com o ditongo *ei*.

Exta:—adjs.—*pretêxta, sêxta*.

Exto:—*contêxto, pretêxto, têxto*, adjs. *bissêxto, sêxto*.

Extra:—*dêxtra*.

Extro:—*dêxtro*.

Ez:—todos os muitos vocabulos desta terminação, excepto: —*déz, féz*, (fézes), *viéz* e *convéz, envéz, revéz, réz, réz-véz, léz a léz*, (113), que tambem se escrevem com *s*; *Féz* (114), *Mequinéz, Suéz*.

Eza:—todos os numerosos substantivos desta terminação, excepto *réza* (115).

Eze:—*trêze*, e o plural dos substantivos e adjectivos em *êz* - *arnêzes*, *cortezes*, etc. Exc.:—*falézes*, e o plural dos nomes em *éz* —*fézes*, *revézes*, etc.

Ezo: —*desprezo*, *menosprezo*, *vezo*.

II

Vario timbre do O, em syllaba tonica

O *o* tonico, as mais das vezes, tem som aberto. E' em geral fechado, na penultima syllaba, quando se lhe segue immediatamente outra vogal, havendo consoante interposta; é fechado, se a átona final é *o*, e aberto, se é outra a vogal da desinencia. E' geralmente aberto na ultima syllaba, excepto antes de *r*, e na antepenultima.

Ha, porem, não poucas excepções.

E' aberto o som nos verbos: —Da 1.ª conjugação, no presente do indicativo, no imperativo e no presente do subjunctivo, antes de consoante, qualquer que seja a vogal da desinencia:—*próvo*, *próvas*, *próva*, *próvão*, *próve*, *proves*, *próvem*: antes de vogal, nos verbos em *oar* e *oiar*, o som é fechado: —*entôo*, *entôas*, *entôa*, *entoão*, *entôe*, *entôes*, *entôem*, *apóio*, *apôias*, *apôia*, *apôião* (116).

Da 2.ª e 3.ª conjugações, no presente do indicativo e no imperativo, quando ha *e* na desinencia:—*môves*, *móve*, *móve*, *róes*, *róe*, *sóe* (117), *cóbres*, *cóbre*, *cóbrem*, *tósses*, *tósse*. Quando a vogal da desinencia é *o* ou *a*, o som é fechado: —*môva*, *môvas*, *môvão*, mudando-se o *o* em *u*, na 3.ª conjugação: —*cobrir*, *cubro*, *cubra*, *tossir*, *tussso*, *tussa*. Excepto no verbo poder, que faz—*pósso*, *póssas*, *pássa*, *possão*.

Em quaesquer outras palavras, nas seguintes terminações:

Antes de vogal, no ditongo *oe*:—*herói*, *Fróes*, *Góes*, plural dos nomes em *ol*:—*pharóes*, *espanhóes*, etc., e nas terminações *oia*, *oide*:—*bóia*, *jóia*, *papóias*, *tramóia*, *tipóia*, *Sabóia*, *Tróia*, etc., *alcalóide*, *asteróide*, *ellipsóide*, *spheróide*, *heróides*,

etc. Excepto em *salôia*, *malôia*, *pôia* (118), *Azôia*, nome de mais de uma aldeia em Portugal.

Antes de consoante:—

Oble: -*dôble*, *rôble*, *sinôble*.

Obra:—*cóbra*, *dôbra*, *manóbra*, *òbra*, *sóbra*. Exc. o adj.—*salôbra*.

Obre:—*cóbre*, *dôbre*, *nôbre*, *pôbre*. Excepto:—*alfôbre*, *salôbre*, *sôbre*.

Oc ou *ch*:—*Belloe*, *Enóch*, *Molòch*, etc.

Oca: *bichóca*, *bróca*, *dôca*, *maçaróca*, *mandióca*, *phóca*, *óca*, *róca*, *tôca*, *tróca*, etc ; adjs.:—*chóca*, *dorminhôca* (119). Exc.:—*bicharôca*, *bôca*, *marzôca* (120) e os adjs.—*òca*, *xacôca* ou *enxacôca*, *Tinòca*.

Oça:—*bòça*, *bróça*, *carróça*, *chóça*, *cóça*, *croça*, *róça*, *troça*. Exc.:—*mòça*, *pôça* (121), *saragóça*, panno; *Saragòça*, cidade.

Ocha:—*brócha*, *caróchа*, *cócha*, *galôcha*, *garróchа*, *róchа*, *tôcha* Exc.:—*alfamòcha*, *chòcha*, *mòcha*.

Oche:—*aproche*, *broche*, *repróche*. Exc.:—*còche*, *a trôxemòche*.

Oda:—*códa*, *móda*, *póda*, *róda*, *sóda*. Exc.:—*bôda* ou *vôda*. *escòda* (122) adjs.—*tôda*, *gôda*, *ostrogôda*, *visigôda*.

Ode:—*bigóde*, *bóde*, *òde*, *pagóde*; *Heròdes*, *Rhódes*.

Ofi:—*bófe*, *estróphe*, *regabófe*.

Ofra:—*alcachófra* (123).

Ofre:—*cófre*, *chófre* (*de chófre*). Exc.:—*aljôfre*, *enxôfre*.

Oga:—*bóga*, *dróga*, *esnóga* ou *synagóga*, *gigajóga*, *piróga*, *piróga*, *sabóga*, *sóga* (124), *toga*, *vóga*.

Oge:—*doge*, *lóge*, *paragóge*, *Cambôge*.

Ogra:—*sógra*.

Ogue:—*dógue*.

Oja:—*lója*, *pòja* (125). Exc.:—*coscôjas* (126).

Ola ou *olla*:—*argôla*, *bôla*, *castanhôla*, *cóla*, *cólla*, *góllа*, *móla*, *sóla*, etc.; adjs.—*espanhôla*, *manióla*, *patóla*, *gabaróla*, *gabóla*. Exc.:—*empôla*, ou *ampôlla*, *cebôla*, *fôla*, *pôla*, *rôla*; adj.—*tôla*.

Olça:—*pólca*.

Olcho:—*cólcho* (127).
Olda:—*consólda*, *sóldra* (128), mas *pôldra*.
Oldre;—*códre* (129).
Ole ou *olle*:—*fólle*, *gólc*, *móle*, *prole*, *rodôfólle*; adj.—*mólle*.
Olfa:—*sólfa*.
Olga:—*fólga*, *Olga*, *Vólga*.
Olhe:—*mólhe*.
Olme:—*pólme*.
Olpe:—*gólpe*.
Olta:—*envólta* (130), *escólta*, *revólta*, *sólta* (131), *vólta*, *viravólta* ou *reviravolta*. Exc.: - os participios *absôlta*, *desenvôlta*, *envôlta*, *sôlta*, *vôlta*.
Opa:—*cachópa*, *cópa*, *garlópa*, *ópa*, *tópa*, *trópa*; *Europa*. Exc.:—*estôpa*, *pôpa*, *sôpa*.
Ope:—*galdrópe*, *galópe*, *hyssópe*, *tópe*, *xarópe*.
Opla:—*cópla*, *manópla*, *sinópla*; *Andrinópla* ou *Adrianópla*, *Constantinópla*.
Opo:—*cópo*, *escópo*, *hyssópo*, *pyrópo*, *trópo*. Exc.:—*cachôpo*, *côpo*, da roca, *estrôpo*, *tôpo* (132), *trôpo* (133), adjs. —*entrelôpo* (134), *misanthrôpo*, *philanthrôpo* (135), *Canôpo*, *Esôpo* (136), *Lôpo*.
Oque:—*albriquóque*, *batóque* ou *botóque*, *bodóque*, *bosbóque*, *brelóque*, *chóque*, *estôque*, *rebóque*, *remóque*, *tóque*, *Róque*.
Orba:—*tiórba*, *órba*.
Orbe:—*órbe*.
Orbo:—*mórbo* (137); adj.—*órba*.
Orca: - *alpórca*, *órca*, *pórca*, *xórca* ou *axórca* e *alxórca*; *Maiórca*, *Minórca*. Exc :—*fôrca*.
Orcha:—*córcha*, *lórcha* (138).
Orda: - *bórda*, *córda*, *engórda*, *hórda*; *Tabórda*. Exc.:—*açôrda*, *massamôrda* (139), *tôrda* (140); adjs.—*balôrda*, *gôrda*.
Orde:—*acórde*, subst. e adj.—*órdem* e os adjs.—*concórde*, *discórde*.
Orga:—*estórga*, *outórga*, *pandórga*, *tórga*; *Astórga*.
Orge:—*órge* (141); *Jórge*, *Bórges*. Exc.:—*alfôrge* (142).

Oris:—*Choris*, *Doris*, *Lyeoris*.

Orja:—*corja*, *forja*, *gorja*, *Borja*.

Orla:—*borla*, *cantorla* (143), *orla*.

Orlo:—*orlo*, nome asiatico.

Orma: — *forma*, *norma*, *plataforma*, *reforma*, *Norma*. Exc.: —*fôrma*.

Orme: — *disforme*, *uniforme*, adjs.—*aeriforme*, *irboriforme*; *biforme*, *conforme*, *desconforme*, *disforme*, *enorme*, *infor*, *me*, *multiforme*, *triforme*, *uniforme*.

Orna:—*bigorna*, *corna*, *dorna*, *sorna*, *tiborna*, *torna*; adj.— *morna*, *Alorna*.

Orne:—*borne*, *gorne*, *tricorne*, *unicorne*, adjs.—*bicorne*, *unicorne*.

Oro:—*decoro*, (144), *toro*, *meteoro*, *poro*, *thoro*, adjs.—*canoro*, *inodoro*, *odoro*, *sonoro*: e todos os nomes proprios:—*Appolodoro*, *Artemidoro*, *Athenodoro*, *Cassiodoro*, etc. Exc.—*chôro*, *côro*, *desafôro*, *fôro*, *gôro*, *namôro*, *pylôro* (145), *sôro*, *tôro* (146).

Orque:—*alborque*, *alcorque* ou *alporque*.

Orta: — *aorta*, *bistorta*, *comporta*, *esporta*, *horta*, *porta*, *retorta*, *torta*. Exc.:—adjs.: — *absôrta*.

Orte: — *consorte*, *contraforte*, *corte* (147), *importe*, *morte*, *norte*, *passaporte*, *porte*, *supporte*, *sorte*, *transporte*; adj. —*forte*; *Mavorte*, *Monforte*, *Penaforte*. Exc.:—*côrte*.

Orva:—*corva*, *escorva*, *estorva*, *estorvas*. Exc.:—*alfôrva-sôrva*; adj.—*tôrva*.

Osa:—*entrosa*, *glosa*, *grosa*, *prosa*, *rosa*, *tosa*, *ventosa*, a fórma feminina de todos os numerosissimos adjectivos em *oso*, e alguns nomes proprios:—*Barbosa*, *Cimarosa*, *Feitosa*, *Tolosa*, *Tortosa*, etc. Exc.:—*espôsa*, *maripôsa*, *rapôsa*.

Osca:—*arriosca*, *fosca*, mas *mosca*, *rosca*, e os adj.—*fosca*, *tosca*.

Ose:—*apotheose*, *dermatose*, *dose*, *metamorphose*, *metaptose*, *metempsychose*.

Osga:—*osga*, *pitosga*.

Osma:—*gosma*.

Osme:—*Cosme*.

Osmo:—*macroeosmo*, *microeosmo*.

Osna:—*losna*.

Ospa:—*eneospas*.

Osque:—*bosque*, *kiosque*.

Ossa:—*bossa*, *congossa*, (148), *cynaglossa*, *fossa*, *glossa*, *mossa*; adj.—*grossa*, *molossa*, *nossa*, *vossa*; *Ossa*. Exc.:—adj.—*ensôssa*.

Osse:—*posse*, *tosse*.

Osta:—*apposta*, *bosta*, *eosta*, *eneosta*, *imposta*, *monposta* ou *mãoposta*, *posta*, *proposta*, *resposta*, o participio *posta* e os seus compostos *apposta*, *composta*, etc. Exc.:—*eongôsta* ou *cangôsta* (149), *crôsta*, *lagôsta*.

Oste:—*eneostes*, *hoste*, *poste*, *preboste*, *priostc*, *toste*, *Pentecostes*.

Ostre:—*postres*.

Ota:—*aleaiota*, *aneedota*, *agiota*, *ballota*, *bolota*, *bota*, *cambalhota*, *eambota*, *chaeota*, *compota*, *cota*, *devota*, *estardiota*, *gaivota*, *galiota*, *grota*, *nota*, *rota*, etc.; adjs.—*canhota*, *devota*, *idiota*, *ignota*, *janota*, *patriota*, *polyglotta*, *remota*, etc. Exc.:—*escôta*, *gôta*; (150); adjs.—*bôta*, *garôta*, *marôta*, *minhôta*, *rôta*, *Aljubarrôta*.

Ote:—*alcaiote*, *arehote*, *barrote*, *bote*, *camarote*, *capote*, *chicote*, *deeote*, *dote*, *epiglotte*, *fagote*, *garrote*, *glotte*, *hottentote*, *lote*, *mote*, *paeote*, *pote*, *sacerdote*, *trote*, *zote*, muitos outros, a mór parte diminutivos, *amigote*, *caixote*, *fidalgote*, *filhote*, etc. *Iscariote*, *Lançarote*, *Quixote*, *Bootes*.

Ova:—*coreova*, *eova*, *nova*, *ova*, *prova*, *sova*, *trova*; adj.—*nova*; *Canova*, *Penacova*; Exc.:—*alcôva*, *enxôva*, *eseôva*, *frôva*; adj.—*côva*.

Ove:—*dezenove*, *nove*; *Jove*.

Oz:—*atbatrbz*, *alburnoz*, *algeroz*, *cadoz*, *foz*, *laroz*, *noz*, *pioz*, *retroz*, *tardoz*, *voz*; adjs.—*atroz*, *feroz*, *lioz*, *veloz*;

Badajoz, Booz, Munhoz, Palafoz, Porto de Moz, Queiroz. Exc.:—*algôz, arrôz; Algôz,* aldeia de Portugal.

E' tambem aberto o som do *o* tonico:—

1.º—Nas desinencias em *ol*: —*anzol, lençol, farol,* etc.

2.º—Antes de *c, g* ou *p,* seguido de consoante differente:—*cocto, dogma, mogno, Progne, copto, dioptra, dioptro;* e antes da consoante dupla *x*, com o valor de *es,* seguido de vogal:—*noxa, oxa, heterodoxo, hortodoxo, paradoxo.*

3.º—Antes de desinencia nasal: —*covão, lodão, orphão, orgão, sotão, Cristovão, Pedrogão; dolman, dolmen, joven, ordem, pollen, colon, croton,* etc., excepto *gôlfão;* ou terminado por *l* ou *r*: —*movel, docil, fossil, mobil; dollar, procer, reporter, revolver, soror,* excepto *aljôfar, Almodôvar* (151).

4. —Nos vocabulos esdruxulos:— *abobada, abobora, apologo, astrologo, copia, inopia, oculo, rotulo, osculo, hospede, hostia, oratorio, ocio, odio, relogio, nodoa, anthropophago, sarcophago, incolume, modico, prodigo, provido. periodico, sólido, serotino,* etc. Exc.: —*côdea, côvado, esôphago, fôlego, lôbrego, sôfrego, trôpego, scrôdio* (152).

O timbre do *o* tonico é fechado:—

1.º—No digrama *ou,* antigamente, e por alguns, ainda hoje, considerado ditongo, mas que actualmente quasi todos, excepto em pontos do norte de Portugal, pronuncião *ô*—*sou, dou, vou, amou; grou, couve, louco, mouco, pouco,* etc.

2.º—No ditongo *oi*: —*boi, pois, depois, sois,* e nas termições *oiço, oiça, oiçe, oiço, oila, oilo, oima, oino, oira, oire, oiro, oisa, oiso, oita, oito, oiva, oivo.* Excepto nas terminações *oia* e *oide* e em *comboi* ou *comboio, introito, Alcoy, Eloi, Loios* (153); segundo alguns, tambem em *coito,* para differença de *côito,* ou cozido, e *cõito,* ou *couto,* coutada ou refugio. Algumas pessoas dizem *óito, dezóito;* mas, geralmente, pronuncía-se *ôito, dezôito* (154). Em Lisboa, usão *ôito, dezóito* (155).

E nas seguintes terminações:—

Oa: —*boa, broa, canoa, coroa, lagoa, leoa, loa, noa, pessoa,*

proa, toa, etc. *Figueiroa, Gamboa, Goa, Lisboa, Quiloa*, etc.

Oo:—*enjoo, voo, Acheloo*, etc. Exc.:—*Eôo*.

Oba: *adoba, alfarroba, arroba, loba*, Exc.:—*soba*, nome africano, e alguns nomes de plantas:—*acaricoba, andiroba, caroba, guabiroba, pindoba*.

Obe:—*adobe, arrobe* (156).

Obo:—*adobo, bobo, globo* (157), *gobo, lobo, Farrobo*. Exc.:—*lóbo*, e adj.—*próbo*.

Obro:—*cobro, desdobro, dobro, redobro, sobro, sossobro, tresdobro*; adj.—*salôbro*.

Oce:—*doce*, subs. e adj.; mas *cróce* e adj.—*precóce*.

Ocho:—*arrocho, mocho trocho*; adjs.—*chocho, mocho*.

Oco:—*barroco, bicharoco, bichoco, choco, coco, descoco, enxacoco, farricoco, macoco, marzoco* (185), *soco, toco, troco*, adj.—*dorminhoco. Orenoco, Tinoco*. Exc.:—*blóco, cróco, flóco* (159), *fóco, fróco, sóeco*; *Marrócos*.

Oço:—*almoço, alvoroço, caroço, destroço, emboco, moço, pescoço, poço, roço, tremoço, troço*.

Odo:—*apodo* (160), *bodo* ou *vodo, denodo, engodo, epodo* (161), *iodo* (162), *lodo, rodo* (a rôdo): adjs.—*godo, ostrogodo, visigodo, todo*. Exc.:—*môdo, nódo, ódo*, nome asiatico.

Odre:—*odre*, adj.—*podre; Algodres*, aldeia de Portugal.

Ofa:—*alcofa, estofa, fofa, rofa*; adjs.—*balofa, fofa, jalofa, rofa*. Exc.:—*farófa*.

Ofar:—*aljofar*.

Ofo:—*arrofo, cofo, estofo, mofo, rofo*; adjs.—*balofo, fofo, jalofo, rofo*.

Ogo:—*afogo, botafogo, desafogo, fogo, gogo, jogo, rogo* (163); *Botafogo, Diogo*. Exc.:—*dogo, logo*, ant. (logar) e adv. *lógo*. Em Portugal, alguns pronunciam *demagógo, mystagógo, pedagógo*; adjs.:—*emmenagógo, sialagógo*. No Brazil, commumente, *demagôgo, mystatagôgo, pedagôgo, emmenagôgo, sialagôgo* (194).

Ogro:—*logro, mallogro, sogro*.

Oje:—*hoje*.

Ojo:—*antojo, arrojo, bojo, despojo; enojo, estojo, fojo, nojo rojo, tojo*; adj.—*annojo*.

Olho:—*bolho*.

Olcha:—*colcha*.

Oldo:—*soldo* (165), *toldo*; *Bartholdo, Haroldo, Leopoldo*.

Oldro:—*plodro*.

Olfo:—*gôlfo, regôlfo*; *Adôlfo, Gondôlfo, Rodôlfo*.

Olgo:—*folgo*.

Olha:—*bolha, encolha, escolha, folha, olha, polha, roilha, solha, trolha*; adjs.—*rolha, zarolho*. Exc.—*desfólha, mólha*.

Olho:—*abrolho* (166), *antolho, escolho, ferrolho, folho, frangolho, geolho, molho, olho, pimpolho, pilolho, remolho, repolho, restolho, solho, trambolho*, adj.—*rolho*. Exc.—*mólho* (feixe).

Olmo:—*Colmo, olmo*.

Olo ou *ollo*:—*arrolo, bolo, carolo, cebolo, consolo, desconsolo, macololo, miolo, rebolo, rolo, tijolo*; adj. *tolo*. Exc.:—*bolinhólo, cochichólo, cóllo, dólo, pólo, protocóllo, sólo* (167), *subsólo, tiracóllo*; *Appóllo, Elóo, Etólo*, (168), *Mausólo* (169), *Pactólo*.

Olpa:—*polpa*.

Olsa:—*bolsa*.

Olso:—*bolso, desembolso, embolso*,

Olto:—*absolto, desenvolto, envolto, revolto, solto*.

Olva:—*volva*.

Olvo:—*polvo, volvo*.

Opro:—*assopro, escopro, sopro*.

Or:—*açor, actor, amor, cor, dor, flor* e muitos outros nomes substantivos e adjectivos. Exc.—*arredor* ou *redor, cor*, (de côr), *major, Sor* (170), *suor* (171); adjs.—*maior* é *mor, melhor, menor, peor*. Tambem no Brasil, geralmente, se diz *belchiór* (adélo).

Ora:—Os femininos dos nomes em *or*:—*possuidora, professora, senhora, superiora*, etc. Os outros vocabu-

los masculinos e femininos desta terminação têm som aberto: — *albacora, amora, aurora, botafora, caipora, cantiplora, demora, emboca, escroa, esproa, flora, hora, melhora, mora, nora, penhora, plethora*, adjs.— *canora, fructiflora, notiflora, sonora;* adv. conj. e int.—*agora, fóra, ora; Cora, Dinora, Isidora, Pandora, Samora, Theodora.*

Orça:—*alcorça, comborça, corça, força.* Exc.—*nórça, órça.*

Orco:—*porco, de borco.* Exc.— *Orco, Plorco.*

Orço:—*comborço, corço, escorço, esforço, estorço, reforço.*

Ordo:—*abordo* (173), *acordo, bordo* (arvore) *desacordo, rebrodo, tordo*; adjs.—*balordo, gordo.* Exc.— *bórdo*, de navio, *bombórdo, estibórdo, resbórdo, heptacórdo, hexacórdo, tetracórdo.*

Orgo:—*sorgho.*

Ormo:—*mormo.*

Orno:—*adorno, bocborno, codorno, contorno, corno, forno, piorno, retorno, suborno, torno, transtorno*; adj.—*morno.*

Orpa:—*lorpa.*

Orpe:—*torpe.*

Orpo:—*corpo.*

Orra:—*alforra, borra, cachamorra, cachorra, ganchorra, gorra, horra, masmorra, modorra, pachorra, pichorra, pitorra* ou *piorra, saborra, zorra*; adjs.—*beatorra, chamorra, forra, modorra, machorra, mazorra, zorra*; *Andorra, Gomorrha.* Exc.—*desfórra, fórra.*

Orre:—*torre.*

Orro:—*cachorro, chichorro, chinchorro, corro, entreforro, forro, corro, jorro, gorro, morro, soccorro* adjs.— *chamorro, mazorro.*

Orso:—*aborso, corso, dorso* (174), *morso* (175), *torso*; adjs. —*corso*, da Córsega, *torso.* Exc.—*remórso.*

Orto:—*aborto, conforto, horto, orto* (couve), *porto, torto*; adjs.—*absorto, morto, troto.* Exc.—*órto*, nascimento de astro.

Orvo: -*corvo, estorvo, sorvo;* adj.—*torvo.*

Orze:—*quatorze.*

Osco :—adj.—*fosco, tosco*; pron. e prep. *comnosco, comvosco; Bosco, Moscho.*

Oso:—*esposo, raposo;* grande, numero de adjectivos, *airoso, brioso, ditoso, formoso*, etc. *Barroso, Pedroso, Trancoso, Velloso.*

Osso:—*colosso* (176), *fosso, molosso* (177), *osso*; *ensosso, grosso, molosso.* Exc.—adjs.—*nósso, vósso.*

Osto:—*Agosto, costo, encosto, entrecosto, entreposto, imposto, gosto, mosto, posto*; partic. *posto* e seus compostos.

Ostra:—*costra, ostra, sostra.*

Ostro:—*colostro, rostro* (178).

Oto:—*arroto, barboto, boto, ceroto, coto, gafanhoto, goto, loto* (179), *perdigoto, piloto*; adjs.—*boto, garoto, maroto, minhoto, reboto, roto*; *Botto, Peixoto.* Exc.—*móto, terremóto, vóto*; adjs.—*devóto, ignóto, immóto, nótho, nóto, remòto; Clótho, Dóto, Nóto, Otho.*

Otro:—*potro.*

Ovo:—*corcovo, covo, ovo, povo, renovo*; adjs.—*covo, novo.*

Oxa (*x* portuguez, chiante): -*coxa, pataroxa*; adjs.—*coxa, roxa.*

Oxo (*x* port.):—*froxo, pintarroxo*; adjs.—*coxo, froxo, roxo.*

Oze:—*doze.*

Terceira Parte

Metaphonia de vogaes tonicas

I

Metaphonia do E

Vimos que, por influencia da vogal átona, final, ha metaphonia ou mudança de som, no *e* tonico, precedente das flexões verbaes da 2.ª conjugação:—Som fechado,

quando a vogal átona é *o* ou *a*; aberto, sendo *e* a vogal átona:—*dêvo, dêvas, dêva, dêves, dêve, dêvem.*

Ha tambem variação de timbre, entre o *e* tonico da 1.ª pessoa do presente do indicativo, nos verbos da 1.ª conjugação, e o dos substantivos homographos; têm *e* aberto como verbos e fechado como nomes:—*Acerto, adereço, afferro, apego, appello, aperto, apreço, arremedo, arremesso, arrenego, assesto, atropelo, bacello, calafeto, cancello, carreto, cerco, cerro, cevo, começo, concerto, confesso, degredo, desespero, desprezo, desterro, embeteco, emprego, encerro, enlevo, enredo, enterro, enxerto, erro, esmo, espeto, esterco, gelo, governo, modelo* (180), *pelo, peso, refresco, regelo, rego, relevo, segredo, sello, socego, tempero, trasfego, tropeço, zelo.* Mas não se dá sempre esta metaphonia. São excepções:—1.º com *e* aberto, no verbo e no nome:—*anhelo, apresto* (181), *asserto, berro, decreto, deserto, desvelo, doesto* (182), *èlo* (183), *esmero* (184), *ferro, flagello, inferno, inverno, martello, prego, processo, protesto, quebro, requebro, regresso, resto, sequestro, verso*; 2.º com *e* fechado, no nome:—*achego, conchego*, e antes das consoantes palataes *ch, th, j*: — *apetrecho, bochecho, fecho, desfecho, apparelho, espelho; adejo, arquejo, bocejo, bosquejo, bracejo, cortejo, cotejo, desejo, despejo, festejo, gargarejo, gracejo, harpejo, lampejo, manejo, motejo, pejo, varejo.*

O pronome *elle* e os adjectivos *este, esse, aquelle*, mudão o som fechado para aberto, na fórma feminina:— *élla, ésta, aquélla.* O mesmo aconteceu em alguns substantivos:—*cadêllo, cancêllo, canêllo, capêllo, ourêlo* e *cadélla, cancélla, canélla, capélla, ouréla.*

Em todos esses casos, ha simples mudança de gradação, no som proprio do *e*; mas, em diferentes pontos de Portugal, modernamente, deu-se troca do *e* em *â*, como já dissemos, no ditongo *ei* (185) e antes das consoantes palataes *j, x, ch, lh, nh*, pronunciando-se *grei, lei, rei, amei, ameis, beijo, ceia, veia, passeio, cereja, seja, protejo, rejo, mexo, fecho, abelha, telha, lenha, tenha, venha*, etc., como:—*grâi, lâi, râi, amâi, amâis, bâijo, sâia, vâia, pâssaio, cerâja, sâja, protâjo, râjo,*

mâxo, fâcho, abâlha, tâlha, lânha, tânha, vânha, etc.

E' pronunciada do mesmo modo a terminação *em*, na qual o *e* tem o valor de *ei—bem, sem, quem, tem, vem*, como *bãim, sãim, kãim, tãim, vãim.*

Essa pronuncia era vicio dos rusticos, do falar *saloio*. Ainda em meados do seculo passado (1845), dizia Roquête, no seu *Codigo do bom tom*, (186), que era «defeito de pronunciação da gente ordinaria de Lisboa».

Generalisou-se, porém, entre a gente culta; Castilho admittiu-a, no seu *Methodo de leitura* (187), como normal (188).

No Brasil, poucos assim pronunciam, e os nossos poetas não rimão, como diversos dos portuguezes, *tenha* com *montanha*, e *mãe* com *bem.*

II

Metaphonia do O (189)

No *o*, como no *e*, além da metaphonia nas flexões dos dos verbos da 2.ª conjugação, por influencia da vogal átona seguinte (*corro, corra, córres*), ha a que distingue a 1.ª pessoa do pres. indic., nos verbos da 1.ª conjugação, e os substantivos homographos, delles derivados, ou de que elles se derivão (190). Têm *o* fechado como nomes e aberto como verbo:—*aborto, acordo, afogo, almoço, antojo, apodo, arroeho, arrojo, arroto, bordo, choro, cobro, conforto, consolo, contorno, corcovo, desafogo, desaforo, desfolho, despojo, destroço, dobro, emboço, embolso, encosto, engodo, enojo, esforço, esgoto, esposo, estofo, estorno, estorvo, ferrolho, fogo, folho, forro, gosto, gozo, jogo, jorro, logro, molho, namoro, olho, posto, reboco, recobro, recordo, recosto, redobro, refolho, reforço, renovo, restolho, retorno, rogo, rojo, rolo, soco, sopro, sossobro, suborno, toldo, torno, transtorno, troco.* Como se vê, ao contrario do que se dá no *e*, mantem-se a metaphonia, ainda quando se segue consoante palatal, *ch, lh, j*:—*arrôcho* e *eu arrócho, ôlho* e *ólho, despôjo*

e *despójo*, etc. Só é igual o som do *o* no verbo e no nome: —*fechado*, em *enjôo*, *vôo*; aberto, em *decóro*, *tópo* (choque) e *vóto* (191).

Em muitos nomes paroxytonos, que têm *o* nas duas ultimas syllabas, o *o* tonico é fechado no singular masculino, e aberto no feminino e no plural de ambos os generos. Ha um oxytono em que o *o* fechado do singular toma o som aberto, no feminino e no plural:—*avô*, *avó*, *avós* e os seus compostos—*bisavô*, *trisavô*, *tataravô*. Este nome era, antigamente, paroxytono:—*avôo*, *avóa*, *avóos*, depois *avós*, *avóas*, depois *avós* (192).

Esta metaphonia, peculiar ao portuguez, é uma difficuldade da pronuncia da nossa lingua para os estrangeiros, e ás vezes ainda aos naturaes occasiona erro ou duvida; acêrca de algumas palavras, ha divergencia entre os mesmos phonologos, por ter variado o uso, ou por ainda ser vario ou incerto (193).

Nisto, como em tudo o mais das linguas, o uso é soberano; mas as observações, que abaixo apresentamos, podem esclarece-lo e servir de norma para o regular, nos casos duvidosos (194):—

1.ª A metaphonia, na flexão feminina, precedeu a do pural e della foi causa. O *o* tonico, por via de regra, tem som aberto na penultima syllaba, quando a vogal átona, final, é *a*. O plural feminino fez dar o mesmo som ao masculino.

Ainda no tempo de Duarte Nunes de Leão, muitos dizião:—*nôvo*, *nóva*, *nôvos*, *nóvos*; *tôrto*, *tórtos*, *tórtas*, etc, e os polysyllabos geralmente só tinhão o som aberto na flexão feminina. Quando o som é fechado, na fórma feminina, tambem o é no plural; e os nomes que não têm essa forma, por via de regra, têm, no plural, o mesmo som (195). A alguns destes ultimos, veiu o uso a dar som aberto no plural (196); mas, quando fôr incerto o uso sobre o som do plural de nomes que não tenhão forma feminina, devemos dar-lhes o som fechado.

Como o *o* tonico, no plural, é sempre igual ao da flexão feminina, póde esta, quando a houver, servir de norma para o plural, pois nella ninguem erra, a não ser algum estrangeiro (197).

2.ª — O maior numero dos nomes, em que ha metaphonia do *o*, é de duas syllabas, e antigamente só ella se fazia em dissyllabos e seus compostos (198).

O uso estendeu-a, depois, a alguns pollyssylabos. Quando, pois, o nome fôr polyssyllabico, e fôr incerto o uso, deve-se preferir o som fechado.

3.ª—Os nomes homographos de fórma verbal, da 1.ª conjugação, conservão, em geral, o som fechado. Prevaleceu o aberto em alguns:—*despòjos, destróços, esfôrços, fólhos, fórros, jógos, ólhos, pórtos, refólhos, reforços, rénóvos, rógos, tórnos, trócos.* Sempre, porem, que o uso não fôr commum, deve-se dar preferencia ao som fechado, como *abòrtos, acôrdos, adòrnos, almôços, alvorôços, alvorôtos, brôtos, chôros, confôrtos, contôrnos, corcôvos, espôsos; estôrvos, gôzos, lôgros, retôrnos, transtôrnos.*

Nos homographos de fórma verbal da 2.ª conjugação, mantem-se o som fechado, excepto em *soccórros.*

4.ª—Como se verá das listas que damos em seguida, áparte os numerosissimos adjectivos em *oso,* o numero dos nomes em que, no plural, não muda o som do *o* tonico é muito maior que o daquelles em que se faz a mudança. A metaphonia não é, pois, a regra geral dos nomes que têm *o* nas duas ultimas syllabas, como dizem alguns autores (199); sómente o é nos formados com o suffixo *oso*, e sem outra excepção que a do substantivo *raposo* (200). Nos nomes das outras terminações, a regra é a permanencia do som; a metaphonia é a excepção.

Deve-se, portanto, estabelecer, como norma geral:— Sempre que a metaphonia não fôr de uso commum, é preferivel o som fechado; em tal caso, o aberto causa estranheza e desagrado, mórmente nos nomes pouco usados no plural.

Os vocabulos que têm *o* fechado, no singular masculino, e aberto no feminino e no plural, são os seguintes:—

Adjectivos e participios:—todos os adjectivos formados com o suffixo *oso*, *posto* e os seus compostos—*canhoto* (201), *choco*, *dorminhoco* (202), *goro* (203), *grosso*, *morno*, *morto*, *novo*, *torto*. Substantivos:—*abrolho* (204), *antolho* (205), *apodo* (206), *botafogo*, *cachopo*, *caroço*, *cofo* (207), *corcovo* (108), *corno*, *coro* (209), *corpo*, *corvo*, *covo* (210), *despojo*, *destroço* (211), *entreforro*, *epodo* (212), *escotho* (213), *esforço* (214), *fogo*, *folho* (245), *forno*, *foro* (216), *forro*, *fosso*, *globo* (217), *horto* (218), *jogo*, *miraolho* (219), *miolo*, *molosso*, *otho*, *osso*, *ovo*, *pescoço* (220), *poço*, *porco*, *porro* (221), *posto*, *povo*, *rebordo*, *reforço* (222), *renovo*, *rogo*, *sobrolho*, *soccorro* (223), *sogro* (224), *tijolo* (225), *tocho* (226), *tojo*, *torno* (227), *toro* (228), *tremoço* (229), *troco* (230), *troço* (231).

Nos seguintes, o *o* tonico, fechado, do singular masculino, não muda de som, no feminino e no plural

Adjectivos e participios:—*absolto*, *absorto*, *annojo*, *balofo*, *balordo*, *bobo*, *boto*, *caboclo*, *caolho*, *chamorro*, *chocho*, *covo*, *coxo*, *criolo*, *desenvolto*, *enssosso*, *estofo*, *envotto*, *fofo*, *forro*, *fosco*, *froxo* (232), *godo*, *gordo*, *goso* (cão), *jalofo*, *maroto*, *mazorro*, *minhoto*, *mocho*, *moço*, *oco*, *reboto*, *revolto* (233), *rofo*, *rolho*, *roto*, *roxo*, *salobro*, *solto*, *todo*, *tolo*, *torvo* (234), *tosco*, *xacoco* ou *enxacoco*, *zarolho* (235), *zorro*. Substantivos:—*abordo* (236), *aborso*, *aborto* (237), *acordo* (238), *adobo*, *adorno* (239), *afogo* (240), *almoço* (241), *alvoroço*, *alvoroto*, *amojo* (242), *antojo* (243), *arrocho*, *arrofo*, *arrojo*, *arrobo* ou *arrolho*, *arroto*, *assopro*, *atocho*, *barboto*, *barroco*, *bichoco*, *bioco*, *bochorro*, *bodo*, *bojo*, *botbo*, *bolo*, *bolso* (244), *bordo*, arvore, *boto*, peixe, *broto* (245), *cachorro*, *canhoto*, pedaço de páu nodoso ou torto, *carolo*, *cavoco*, *cebolo*, *cerefolho*, *ceroto*, *chichorro*, *chinchorro*, *choco*, peixe, *choro*, pranto (246), *chorro*, *cocho*, *coco*, *codorno*, *colosso*, *colmo*, *comborço*, *conforto* (247), *consolo* (248), *cotorno* (249), *corço*, *corro*, *corso*, *cosso* (ant.), *costo*, *costro*, *coto*, *denodo*, *desacordo*, *desafogo*, *desaforo*, *descoco*, *desconsolo*, *descmbolso*, *dobro*, *dorso*, *emboço*, *embolso*, *emborco*, *encosto*, *endosso*, *engodo*,

enjoo, *enojo* ou *anojo* (250), *entrecosto*, *entrelopo* (251), *esboço*, *escopro* (252), *escorço*, *esgoto*, *esposo* (253), *estofo*, *estojo* (254), *estolho* (255), *estorno*, *estorvo* (256), *estropo*, *farricoco*, *ferrolho*, *fojo*, *folgo* (257), *frangolho*, *froxo*, *gafanhoto*, *garoto*, *geolho*, ant. (258), *gobo*, *gogo*, *golfo*, *golo* (pop.), *gorro*, *gosto*, *goto*, *gozo* (259), *jorro* (260), *lobo*, *lodo*, *logro* (261), *loto*, *macoco*, *mallogro*, *marzoco*, *mocho*, *mofo*, *molho*, *mormo*, *morro*, *mosto*, *namoro*, *nojo*, *olmo*, *perdigoto* (262), *peridoto*, *picaroto* ou *pericoto* e *picoto*, *piloto*, *pimpolho*, *pintarroxo*, *piolho*, *piorno*, *poldro*, *pollo*, *polvo*, *potro*, *raposo*, *reboco*, *reboto*, *recordo*, *recosto*, *remolho* (263), *repolho*, *restolho* (264), *retorno*, *roço*, *rodo*, *rofo*, *rojo*, *rolo*, *rosto*, *sobro*, arvore, *sobrosso*, *coco*, murro, *soldo* (265), *solho*, *sopro*, *soro* (266), *sorvo* (267), *sossobro*, *suborno*, *toco* (268), *tocho*, *toldo*, *tolho*, *tordo* (269), *topo*, extremidade, *trambolho*, *trincolhos*, *brincolhos*, *trocho*, *vodo*, *volvo*, *voo*, *xarroco* ou *enxarroco*.

Demagogo, *pedagogo*, *emmenagogo*, *mystagogo*, *sialagogo* têm no Brasil *o* fechado, e em Portugal *o* aberto, em ambos os numeros. O mesmo se dá com o *o* tonico de *mysanthropo* e *philanthropo*.

Nos nomes proprios e appellidos de familia, não se faz a mudança de som:—*Adôlphos*, *Rodôlphos*, *Berthôldos*, *Leopôldos*, *Diôgos*, *Esôpos*, *Lôpos*, *Farrôbos*, *Galeôtos*, *Peixôtos*, *Tinôcos*, *Makolôlos*, etc., ainda quando sejão nomes que, como appellativos e adjectivos, tomão *o* aberto no plural (270), os *Botafôgos*, *Côrvos*, *Pôrtos* (271), *Valpôrtos*, *Barrôsos*, *Pedrôsos*, *Trancôsos*, *Vellôsos*, etc.

Notas do capitulo I V

(1.ª PARTE)

1.º—A variação do timbre dependia da quantidade, como já dissemos:—*Marius Victorinus*:—*o, ut e geminum vocis sonum pro condicione temporis promit.*

Servius, in Donat:—*vocales sunt quinque, a, e i o u, ex his duæ, e et o aliter correptæ... c quando producitur, vicinum est ad sonum i literæ, ut meta, quando autem correptum, vicinum est ad sonum diphtongi ut ĕquus... o productum quando est, ore sublato vox sonat, ut Roma, quando correptum, dc labris vox exprimitur, ut rosa.*

Sergius, in Donat:—*vocales sunt quinque hæ non omnes varios habent sonos, sed tantum duæ e et o, nam quando e correptum est, sic sonat, quasi i, ut demens... o quando longa est, intra palatuns sonat: Roma orator; quando brevis est, primis labris exprimitur: opus, rosa.*

2.º—O mesmo dizem outros grammaticos latinos, antigos. —Vid. *Seelmann, Die aussprache des latein, Vocalismus, e, o.*

3.º—No seu opusculo sobre a reforma ortographica, em sentido sonico, p. 3, *notas*, escreve o dr. José Barbosa Leão:—«O sr. dr. João de Dous quer quo haja quarto som do *e*. Alem do som de *e* surdo c de *e* fechado, diz quo tomos um *e* agudo, o qual oxemplifica por meio de *pé* o de *fé*, e um *c* aberto, o qual exemplifica por meio de *bello*, *adega*, *panella*, etc. Ora ainda não achei uma pessoa quo admittisse esta distincção. Para mim, e para o geral das pessoas, o som do *e* não differe nos dois casos: em ambos, é simplesmente o que chamamas é aberto».

E que diria dos treze valores, que o sr. Gonçalves Viana distingue nessa vogal, segundo a pronuncia do Lisbôa?

4.º—Monto Carmollo, § IX, 18; Gonçalvos Viana, *Pronuncia Normal*, 56, e Franciseo de Andrade, junior, cap. I, art. 1.º, § 2.º c:—E' grave o accento na syllaba antepenultima, «antes de *m*, *n*, *nh*, v. g.:— *cômoro*, *cstômago*, *errôneo*; não em todas as palavras, porque ha dellas a q' o uso dá accento agudo, v. g.: —*acónito*, *Aónio*, *colónia*, *chrónica*, *prónubo*, *vómito*: sò o uso, não regra alguma, nos póde dar conhecimento dollas».

5.º—Metaphonía, por influencia da vogal átona sobre a tônica antecedonto, semelhante á que se dá em *bêbo*, *bébes*, *dêvo*, *déves*, *côrro*, *córres*, *môvo*, *móves*, etc., e á quo tambem fazem nas provincias do sul, em *têmo*, *témes*, *cômo*, *cómes*, etc. Por esta analogia, e por achar mais bello o som aberto, o dr Barbosa Leão quizera fôsse preferida essa pronuncia; mas a commissão no-

meada no Porto, para propôr a reforma da ortographia, adoptou a do som fechado, por ser mais geral. Vide o citado opusculo, pgs. 9, nota. A mesma commissão admittiu o som fechado do *a* nasal, que o dr. Leão, seguindo a pronuncia do Minho, contestou não reconhecendo nessa vogal senão dois sons, o surdo e o aberto, op. cit., pgs. 5, 81, nota, e 90.

6.°— Antigamente, escrevia-se *bẽe*, *tẽe*, *vẽe*, o que representava o som de duas vogaes que ficavão juntas, pola quéda da consoante medial, das palavras latinas —*benc, tenet, venit*:—d'ahi essa pronuncia ditongada, que se estendeu a todas as terminações semelhantes.

7.°—A pronuncia é differente em Portugal, nas três grandes regiões—norte, centro e sul. Vide o nosso capitulo:—*Dialectos de Portugal.*

A do centro, que, por ser a do Lisboa e Coimbra, se considera com o direito de prevalecer no falar da gente mais culta, é a que ensina o sr. A. R. Gonçalves Viana, na memoria apresentada a um congresso internacional o publicada com o titulo *Exposição da pronuncia normal portugueza, para uso de nacionaes e estrangeiros.* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1892). O autor é um sabio philologo, a respeito do qual o sr. Candido de Figueiredo, seu collega, escreveu, em um dos artigos saidos no *Jornal do Commercio*, do Rio, com o titulo —*O que se não deve dizer* (XXXV): —«Eu não sei se no Brasil é conhecido o doutissimo academico Gonçalves Viana; o que posso assegurar é que, nos grandes centros scientificos de toda a Europa, é considerado como o nosso primeiro fonoticista, da mesma fórma que é o primeiro poliglota portuguez, e a nossa primeira autoridade em questões de filologia romanica».

A pronuncia do norte (Entre-Douro e Minho) é a que se encontra num opusculo, publicado em 1878 (Lisboa, Imprensa Nacional), pelo dr. José Barbosa Leão, intitulado:—*Colecção de estudos e documentos a favor da reforma da ortografia em sentido sonico.*

A do sul (Algarve) é a do *Diccionario Prosodico*, de João de Deus, que a não dá como dialectal, mas como a melhor pronuncia.

Com esta ultima é que tem mais semelhança a do Brasil, a respeito da qual vide:—*O idioma do hodierno Portugal, comparado com o do Brasil, por um brasileiro* (José Jorge Paranhos da Silva), Rio de Janeiro, 1879, o Silvio Romero—*Estudos sobre a poesia popular do Brasil*, Rio de Janeiro, 1888. Vide tambem Adolpho Coelho, *Diccionario Etymologico*, prefação.

Quanto a differenças dialectaes, vide J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, 1901.

8.—Atè no espanhol, que não tem *e* surdo, assim se pronuncia esta conjuncção, o so escrevo *y*; *é* só antes do nome começado por *i* ou *hi.—Pedro y Juan, Maria y Marta, Pedro é Isidro, Maria é Ines, Juan é Higinio.*

9.—Tambem no Rio de Janeiro pronuncião *ê* na preposição *de:—dê lá, dê cá, dê longe, dê perto, dê noite, dê pressa, dê vagar, dê repente.* Os que vem do norte estranhão esta differença de pronuncia.

A provincia em que a pronuncia mais so approxima da portugueza é o Maranhão; mas da portugueza antiga, que ainda perdura, sobretudo no extremo sul de Portugal, não no que hojo se dá como a melhor, por ser a da capital.

10.— Duarte Nunes do Leão, *Origem da lingua portuguesa*, cap. VII:—«Os espanhoes antigos, principalmente os portuguezes, chamavão aos moços pequenos ou meninos, *parvos*, segundo se vee das suas scripturas antigas, como tambem lhe chamavão os latinos . . . . o que se vee da palavra *meninos*, superlativo do *parvos*, de que formavão duas palavras differentes na forma, sendo ambas do um mesmo significado. Porque aos dedos mais pequenos chamamos *meiminhos*, o aos moços mais pequenos *meninos*, havendo os dedos e os moços de chamar-se per hum mesmo nome *minimos*».

João Franco Barreto, *Ort. da ling. port.*, pg. 257:—«Diremos miuinice, o não meninice, porquo vem de *minimus*».

Adolpho Coelho, *Dicc.*, acceita esta etymologia: F. Dicz, *Dicc.*, tomo I, v.° *mina*, julga mais provavel quo a origem primaria seja o celtico *miñ*. E' inadmissivel a etymologia *míniño*, e a derivação de *niño* do grego *înis*, filho, criança; no espanhol, ha tambem *menino*, do quc *niño* é abreviatura.

11.—Vid. Gonçalves Viana, *Pronuncia normal*, n. 56, letras *e* o *i*. O *i*, nestes casos de consoante palatal, é o *i* muito tenue, quasi nullo, como em *m'nistro, v'sita*. O sr. Gonçalves Viana dá *o* como equivalento do *e* attonuado ou levissimo; mas algumas vozes distinguo esses dois sons reduzidos, que indica por meio de signaes diacriticos, quo vão com o signal de vogal breve, nas seguintes transcripções do mesmo autor (*ĕ, ĭ*). Ouvidos brasileiros difficilmente poderão perceber essas gradações, tão subtis, especialmente o som «*ciciado, proferido em segredo*», que aliás diz o douto glottologo portuguez ser peculiar de alguns dialectos allemães e do dinamarquez (n. 16).

O *e* surdo, *ĕ*, «é o valor mais geral de todo o *e* atono, entre duas consoantes, nenhuma das quaes seja palatal, quer no

interior da palavra, quer final. Ex.: —*pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*, *ceder*, *deverá*, *de*, *que*, *se*, *me*, *te*, *lhe*, apesar de palatal, por ser final, etc.

Este *e* torna-se muitas vezes nullo, se fica entre duas consoantes. So é final, precedido de consoante surda, que não seja palatal, mormente explosiva, é nullo também. o esta consoante aspira-se. Ex.—*desse*, *Fafe*; *tape*, *sete* (—*dés*, *faf*; *tap*, *sét*). E' tambem em geral nullo, entre *f*, *v* ou consoante explosiva, e *r*, excepto no futuro o condicional dos verbos; assim, *verão*, substantivo, *perigo*, *feroz*, (*vrão*, *priyo*, *fróz*); mas *vĕrão* do verbo *vêr*, *tĕria*, do verbo *têr*, *fĕrocidade*». Noutro logar (n. 68), diz que *tĕrás* é differente de *trás*.

«E' frequentemente nullo tambem, antes de *r* e da fricativa *s*. Ex.—*querer*, *pareeer*. que usualmente se pronunciam *krer*, *parser*. Em razão desta suppressão de *ĕ*, em contacto com *r*, o prefixo *per* confundo-se, na pronuncia, com o prefixo *pre*; assim *perdição* e *predieção*, *pertinho* e *pretinho*, na elocução usual, pronunciam-se ambos valendo o *r* por vogal, *prdição*, como *prtinho*».

Tem valor do *o*, «antes ou depois do palatal, incluindo *s* (=a *x* ou *ch*). Ex.—*despir*, *estar*, *espelhar*, *desenhar*, *chegar*, *saudades*, *ennesgar* (=*dĭspir*, *ĭstar*, *ĭspĭlhar*, *dĕzĭnhar*, *xĭgar*, *saudadĭs*, *ĭnĭxgar*). Se ambas as consoantes com as quaes está em contacto, ou a unica, são surdas, o *ĭ* é proferido om sogrêdo, ciciado. Ex.—*pestana* (—*pĭstána*). Se a *e* se seguem *l*, *r*, *z s*, com valor de *z* ou so o precedem *l*, *r*, o *e* vale *ĕ*. Ex. - *gelar*, *geral*, *Jesus*, *legião*, *reger* (- *jĕlar*, *jĕral*, *Jésus*, *lĕgião*, *rĕjer*).

O *i* tem o som reduzido, «em conjuncção com consoante palatal e sempre antes de *s*=*x*. Ex.—*distaneia*, *sĭsmar*, *bĭsnaga*, *bĭlhar*, *Lĭsboa*, *collĭgir*. Se o *i* fica assim entro duas consoantes surdas, é proferido em segrêdo, ciciado. Ex.—*pistola* (como *pĕstana*). Em razão desta pronuncia, o prefixo *dis* confundo-se com *des*, antes de consoante. Ex.—*dispôr*, *destoar*, (=*dĭspôr*, *dĭstuar*), *deseripção* e *diserição* pronunciam-so ambos *dĭserisão*. Numa serio do syllabas, contendo todas *i*, não seguido de consoante palatal, incluindo *s* (=*x*) só o *i* da ultima, átono ou tonico, assim se profere; os das outras, que estão antes della, sôam como *ĕ*, pronuncia que as ortographias archaicas comprovam ser antiquissima. Ex.—*mĭnistro*, *militar*, *dĭvĭdir*, *vĭsita*, *lĭmite*, *limitar*, *Filippe*, *ridieulo*. Se, porém, qualquer *i* átono, nestas circumstancias, provém do *i* tonico do vocabulo primitivo na lingua, a tendencia é conservar-lhe o valor de *i*:—assim, *difficilimo*, *dividiria*, *fitinha*, *peritissimo*, *risivel*, de *diffieil*, *dividir*, *fita*, *perito*, *riso*». *Exposição da pronuncia normal*, n. 56, *e* átono, 8.º, 11.º, 12.º; letra *i* átono, 1.º, *c* e *d*, 3.º e 6.º.

12.—Esta é a pronuncia que o sr. Gonçalves Viana julga melhor, como em *beijar, deixar, feitor,* etc., (*baijar, daixar, faitor*); mas *peixinho, pcixciro*, em Lisbôa são pronunciados *pixinho, pixeiro* ou *pixairo*. O mesmo autor quer que se diga—*amávais*, verbo o adjectivo, o *ãi* na terminação *em* átona, nominal ou verbal:—*viagem, devem, viájãi, devãi.*—*Pronuncia normal*, n. 53, obs. **4.ª**, o n. 56, letra *e*, 4.° e **5.ª**, o letra *x*.

O dr. José Barbosa Leão prefere o som de *i*, no *ex* inicial, e em nota, a pags. 49 dos seus *Estudos a favor da reforma ortographica*, escreveu:—«Depois de publicada a memoria, tive occasião de ver na grammatica conimbricense, do sr. Bento José de Oliveira, omittida a opinião de que, no *cx* inicial, seguido de vogal, a pronuncia era *i*, e dados para exemplo *exacerbar, exemplo, existir, exordio*. Ora a opinião do reforido grammatico, de por si, é já valiosa; mas o seu valor augmenta notavelmente, attendendo-se a que é opinião recebida que elle professa as mesmas ideias que o sr. Joaquim Alves de Souza, illustre professor em Coimbra, philologo distincto, honrado ha pouco com a escolha que delle se fez para mestre de s. s. a. a., os filhos de el-rei. E, em vista da opinião dos dois acreditados especialistas de Coimbra, conclue-se, a meu ver com toda a razão, que a maioria dos homens de letras pronuncia segundo o uso geral, ficando, por conseguinte, a questão decidida a favor desto, visto não ser duvidoso que, em geral, no *ex* inicial, antes do consoante, o *e* soe *i*».

Ao *ex* medial, o dr. Leão dá o valor do eis:=*teistual, prcteistar*.

13.—Vide Gonçalves Viana, *Pronuncia normal*, letra *x*, us. 5 o 6.

14.—No Pará, o vulgo pronuncia-o sempre como *u*, até quando tonico, donde o conhecido graceejo:—«*Uma canúa cheia de cucos de pupa à prua*». Tambem nas ilhas dos Açôres dizem *flur, amur*, nos districtos de Lisboa e Leiria—*nume*, por *nome*, e geralmente, em Portugal, *cum* por *eom*. Vide J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, § § 45 e 88; Barbosa Leão, *Reforma da orth.*, pgs. 11, nota, e 31.

15.—Gonçalves Viana, *Pronuncia normal*, n. 55, *o* átono, 3.°, 4.°, 5.°. Soares Barbosa, *Gram.*, liv. 1.°, cap. 1.°.

16.—José Alexandre Passos, um dos mais distinctos grammaticos brasileiros, escrevou, a este respeito, no seu *Diccionario grammatical* (v. bis—*Prosodia* e *pronuncia*):—«Toda a palavra, por mais extensa que seja, tem sómente uma syllaba predominante; as outras são subordinadas... Só a predominante sôa com toda a intensidade; as posteriores a ella são surdas ou bro

vissimas, e as anteriores podem ser mais ou menos brevos, e até longas com meia intensidade, acêrca da rectriz ou predominante. Por exemplo, na palavras compostas de incremonto na desinencia, a syllaba que tinha o accento prosodico passa a ser subordinada; e, para a intelligencia do vocabulo, convem que essa syllaba não se desnaturo na pronuncia: —assim, a syllaba *côr*, predominante na palavra *misericordia*, fica subordinada em *misericordiôso*, perdendo parte da sua intensidade: e *ô*, predominante nesta ultima, passou a ser subordinada em *misericordiosíssimo*, na qual deve a pronuncia fazer sontir as duas syllabas longas, tornando se a predominante a mais longa o o apoio da voz. Semelhantemente, sôam como longas e subordinadas, em *misericordiosissimamente*, as syllabas *cor*, *o* o *si*.

«Muitas alterações, porém, se fazem neste rigor da recta pronuncia, desnaturando os vocabulos radicaes com a differença do som do algumas vozes, e contrariando noutros a analogia de som com os de que so derivam. Pronunciar, v. g., *sincéridade*, composto do adjectivo *sincéro* e *héróe*, derivado de *hêros*, latino e grego, é seguir o que dicta a boa razão. Mas este rigor só é observado, sem divergencia alguma, acêrca dos adverbios findos em *mente*.

«...Só a mudança do accento prosodico é que geralmente constitue *erro* de pronuncia, considerando-se o mais como maneira de falar, menos euphonica para o ouvinte que não estiver acostumado a ella. O uso de cada povo dos que falam a lingua portugueza constitue, acêrca das vogaes *e*, *o*, uma pronuncia que lhe é propria, e em que acha, relativamente, toda a euphonia. Por esta razão, passam despercebidas as infracções do rigor prosodico, na pronunciação das syllabas subordinadas. Nisto, ha muita licença —de *arvore*, uns dizem *árvurêdo*, e outros *arvôrêdo*; de *áncora*, uns dizem *áncurár*, e outros *ancôrár*; de *pôrta*, uns dizem *pôrtál*, e outros *purtál*; de *chôro*, uns dizem *chôrar*, e outros *churár*, etc.

«O que constitue, no Brasil, uma pronuncia differente da nacional portugueza é a tendencia geral, mais saliente em umas provincias do que em outras, para a prolação ou som forte das vogaes *e*, *o*, nas syllabas anteriores, predominante das palavras, e portanto sem offensa dos preceitos da prosodia. Esta pronuncia, em parte, é fundada na boa razão de mostrar a palavra analogia de som com outra de que se deriva; por exemplo, *vóto*, *votár*, *vótação*; *rósa*, *rósado*, *roseira*; *vóz*, *vógal*, *vócabulo*, *invócar*, *convócar*. Em outras palavras, é uma imitação da pronuncia que se costuma dar áquellas vogaes no latim, v. g. *libêrdade*, *vérdade*, *prójécto*, *própósta*, *próclamár*, *prócônsul*.

Em outras muitas, o som é modificado, soando *e* como *i*; e *o* como *u*. brevissimo; v. g., *memória*, *menino*, *feliz*, *perigo*, *movimento*, *comer*, *poder*, *poleroso*, *voar*, *coar*, *soar*».

Crem s que, no Brasil, ostes dois ultimos verbos sò no norte são pronunciados *cuar*, *suar*: e só talvez em S. Paulo se conserva, nos derivados, o som aberto do *o* tonico dos primitivos; geralmente, o som aberto, primitivo, do *o* e do *e*, passa a fechado, nos derivados. E assim o diz o sr. Paranhos da Silva, no citado opusculo *O idioma do hodierno Portugal*, pgs. 28 o 32: —«No Brasil, dá-se, quanto ao emprego do *e*, justamente o inverso do que se dá em Portugal. Lá, o *e* fechado não se emprega senão ás vezes na syllaba sobre que recai o accento prosodico; no Brasil, acontece o mesmo com *e* aberto. Existe, por exemplo, um *e* aberto em *bêllo*, em *pêdra*, em *quêbra;* se o accento prosodico sai da syllaba em que estava, e passa para outra, num vocabulo derivado, fechamos o *e*, dizendo *bêlleza*, *pêdreiro*, *quêbrado*. Se o *e* já se acha fechado, debaixo do accento prosodico do um vocabulo, conserva-se assim mesmo no derivado, saindo o accento do logar em que estava; assim, de *gêlo*, formamos *gêlado;* de *pêso*, *pêsado*, de *zêlo*, *zêloso* . . . Na fala do Brasil, o está para o de Portugal quasi como *e* está para o homonymo do lá. Se os portuguezes excluem *ô* fechado da syllaba não prosodicamente accentuada, nós-outros excluimos della o aberto, fechando o, se passa de um vocabulo para um seu derivado. Assim, de *módo*, *dólo*, *mólle*, passa-se para *môdal*, *dôloloso*, *môlleirão*. Se já é fechado no vocabulo, conserva-se assim mesmo no dorivado, o não é trocado por *u*, como na fala de Portugal; por exemplo:—de *fòrça*, *tòrpe*, *eôr*, formamos *fòrçôso*, *tòrpeza*, *còrado* e nunca desgradavel *eórado*.

17.—Vido *Pronuncia normal*, n. 56, letras *a*, *e*, o; Monte Carmello, *Compendio de Orth.*, §§ XI, 5, Francisco do Andrade, junior, *Gram.*, art. t.°, § 1.°, regra 15.ª.

A commissão nomeada, no Porto, em 1873, para representar á Academia das Sciencias, sobre a reforma da orthographia, propôz que as vogaes *a*, *e*, o, de som aberto, quando não são *tonicas*, fossem notadas com accento grave; essa graphia foi adoptada pelo sr. Gonçalves Viana e por outros autores modernos, e tem a vantagem de evitar que em algumas palavras supponhão que o accento é signal de syllaba predominante, por exemplo, em *pégada*, que muitos no Brasil, por esse iquivoco, pronuncião erroneamente

18.—E, pronunciando-se com o som surdo portuguez, igual a *u*, confundir-se-ião com *curar*, *eurado*. No Brasil, geralmente, conserva-se o som do primitivo—*côrar*, *eôrado*.

19.—Vide Viterbo, *Etucidario*, e F. Diez, *Diec.*

20.—*Elueidario*, e Moraes, *Dicc.*

21.—*Elueidario*, v. *mézinhadoiro.*

22.— Ha a mesma razão para se pronunciar *géral*; antigamente, pronunciava-se e escrevia-se *gerat.* João de Barros escrovia sempre essa palavra com *e* cedilhado, modo por que representava o *e* grande ou aberto, correspondente a *ee*; e João Franco Barreto (*Ort.*, c. XLV) diz que se deve usar do vogaes com accento, em vez das vogaes duplas dos antigos, «como *géral, gérar, géração*, om voz de *geeral, gcerar, geeração*». Moraes ainda accentúa *géral*; mas Monte Carmello, no seu *Catatogo*, incluindo *gérar, gèração*, omittiu *géral*; e o sr. Gonçalves Viana diz que se pronuncía com *e* surdo *gëral.*

23.—João de Barros escreve *trédor*, com *e* grando ou aberto.

24.—O sr. Gonçalves Viana (n. 68) accentúa o *o* de *obedecer* (*obedire*, de *ob* e *audire*), neste verso de Camões:—

«A quem Neptuno e Marte óbedecêrão».

25.—Monte Carmello, *Compendio*, § XI, n. 1:—«Tambem ho necessario distinguir com algum accento as dicções que se pòdem equivocar e confundir o sentido.

Por isto, escrevemos, v. g.—*ácerca* do negocio; *áquem* do Guadiana, *álem* do Tejo, etc., porque tambem dizomos—*a cêrca* he grando; Deus *a quem* tudo he possivel; a escriptura ensina toda a perfeição, os bons theologos *a lêm* com humildade».

26.— Por *sáveleiro*, barco para a pesca do *sável*. Ad. Coelho, *Dicc. etym.* Assim se pronuncía essa palavra em Portugal. Monte Carmello inclùe-a no seu catalogo de vocabulos, onde tem dois accentos. E', pois, sem razão que o sr. Carneiro Ribeiro, na sua *Grammatica*, menciona *sáveiro*, entre os exemplos do pronuncia viciosa do Brasil.

27.—Quanto ás palavras scientificas compostas, diz o sr. Candido de Figueiredo, na *Conversação preliminar* do seu *Novo diccionario da lingua portugueza*: —«Primitivamente, a desinencia do primeiro elemento dessas palavras é aberta e átona: —*pathógenia, hyppódromia, geódynamica, neó-celtico, photósphera, lithóspermo, lithóclase, histógenia, hypérácido, intérplanetario, monócephalo*, etc. Com o andar do tempo, o com a vulgarisação do termo scientifico, todas as vogaes secundarias se subordinão á vogal tonica, e temos *typographia, morphologia, pathologia, histologia, photographia, geographia, neologismo, intermittente, hyperbolico, monographia*, etc., que ninguem pronuncia *hypèrbolico, intèrmittente, geógraphia, neólogismo, histólogia, pathólo-*

gia, lypógraphia, monógraphia... Onde acaba o caracter erudito o primitivo da palavra, e ondo começa a sua feição vulgar? Ninguem marcou ainda a linha divisoria; e o que hojc é orudito é amanhã popular».

28.—Em *bahũ*, o som aberto do *a* pódo-se explicar doste modo:—a fórma antiga *baul, bahúl*, esp. *baúl*, faz crêr que a origem seja *bajŭlus* (Diez, *Dicc.*, tomo I), deslocando-se o accento da primeira para a segunda syllaba, como em *casúla*, de *casŭla*; mas o *a*, primitivamente accentuado, conservou o som aberto.

29.— Não ó derivado de *brêjo*; vem do ospanhol *brechero*, trapaceiro, gatuno.

2.ª Parte

30. — O uso antigo conhece-se pela graphia de letra dobrada, para o som aberto do *a*, *e* o *o*.

E' para sentir que, na roimpressão da grammatica de Fernão de Olivoira, feita em 1871, no Porto, tivessem representado por typo especial *e* e *o grandes* ou abertos, para os quaes o autor adoptara caractéres novos.

Na *Compilação de varias obras* de João de Barros, impressa em Lisboa, no anno de 1785, o *e grande* é notado com uma cedilha; o *pequeno* não tem signal algum; o *o grande* tem o accento agudo, e o *pequeno* não é accentuado.

Algumas odições de autores modernos têm accentuada a vogal tonica, com indicação do timbre. Taes são:—as obras de Filinto Elysio, Paris, 1817; a traducção das *Metamorphoses*, de Ovidio, por Castilho, a do *Paraiso perdido*, de Milton, por Lima Leitão.

Autoridades principaes:—Padro Bento Pereira, *Ars grammatica* (Lião, 1672), ns. 124 e segts.; João de Moraes Madureira Feijó, *Orthog*, 1.ª od, 1767; Francisco do Andrado, junior, *Gram.*, 1.ª cd., Funchal, 1844; Julio Cornu, *Die portugiesische sprache* (A lingua portugueza), no 1.º vol. da obra *Grundriss der romanischen philologie*, publicada por Gustavo Grober, Estrasburgo, 1888.

A. R. Gonçalves Viana, *Exposição da pronuncia normal portuguêsa*, 1892.

Diccionarios da ling. portug de Moraes, Adolpho Coelho, Aulote o João de Dous; diccionario portuguez-francoz do Roquête; diccionario de rimas, de Eugenio do Castilho, 3.ª cd.,

1894; *Vocabulario sonico*, por João Felix Pereira, Lisboa, 1888; *Diccionario grammatical*, do José Alexendre Passos, Rio. 1865; Vocabulario, no compendio de orthog. de Antonio Alvares Pereira Coruja, Rio, 1848.

I

31.—Os antigos escrevião com vogal dobrada a syllaba final accentuada: *fee, pee, galee, maree, polee, ree, mercee, dee, lee*, etc. Esta graphia foi substituida pela dos accentos; mas, antes que esta so generalisasse, ou por nogligoncia, escrevião tambem com vogal singela o sem signal ortographico: - *fe, pe, merce, le, de*, etc. Esto modo de escrever, não indicando o accento tonico, nem o timbre da vogal, tinha tambem o inconveniente de alguma vez poder tornar equivoco o sentido. Eis um exemplo curioso: —na bella canção do cego ou fabula de Psycho, introduzida por Sá de Miranda, na ecloga chamada do «Encantamento», e transcripta no termo 3.º do *Parnaso Lusitano*, ha estes versos, conforme o texto da 2.ª edição das obras do pocta (1614)--

O sol anda de pés
E juntamente prazeres desandão.

Que significa *O sol anda de pés?* E' inintelligivel e absurdo. Talvez o autor escrovesse— *O sol anda de Pes*, sem accento algum, ou *Pez*, como no espanhol. Na linguagem do então, *pés* ou *pez* significava, como ainda significa no espanhol, *peixe* (Vide *Eluc.* e Dicc. do Moraes). *O sol anda de Pés* quer dizer, pois, *O sol anda ou sae do signo dos Peixes* (*Pisces*), isto é, começa novo anno solar, vae o sol começando nova carreira no zodiaco, nova serie de estações, ou, em linguagem vulgar, *corre o tempo*, e com elle desandão os prazeres.

32.—Antes de vogal, o *e*, nossas vozes dos verbos da 1.ª conjugação, converte-se no ditongo *ei*, que tem som fechado, como adiante se diz:—*rodeio, rodeias, rodeia, rodeie, semeio, semeias, semeia, semeies, semeie*; tambem se escreve *rodêo, rodêas, rodêe, semêo, semêa, semêe*, etc. Vide Tit. I, cap. IV, *Do ditongo normal.*

33.—Alguns dizem *fêcho, fêcha, fêche, desfêcho*, etc., o, em varios logares do Portugal,—*fâcho, fâcha, fâche*, etc., e *desâjo, pelâjo*, etc., como adiante se verá.

34.—Monte Carmollo (§ IX, nºs. 26 e 32) diz que *cxergar* tem sempre e fechado:—*enxêrgo, enxêrgas, enxêrga, enxêrgão,*

enxêrgues, enxêrgue, enxêrguem No Brasil, pronuncia-se de ordinario com *e* aberto, conforme a regra geral, como *albergar, postergar, vergar.*

35.—Dizem alguns:—*dêves, dêve, dêvem, merêces, merêce, merêcem, parêces, parêce, parècem,* e assim outros verbos desta terminação. Esta pronuncia não é, como se poderia crêr, um vulgar vício moderno. Encontramol-a em homens doutos, desde a idade aurea da lingua. João de Barros escrevia com *e* pequeno ou de som fechado (sem cedilha) *deve, deves* (*Compilação de varias obras*, ps. 72, 293, 318, 321), e todos os verbos em *ecer*:—*parece* (passim), *offerece, padece, falece, desfalecem, conhece, conhecem, acontece, carece, carecem, entristece, favorece, favorecem, aparece, emmudece, mereee*, ao passo que escrevia com *e* grande ou aberto (cedilhado) os outros verbos da 2.ª conjugação—*recebe, rege, eomette, proeede, bebe*, etc. Nas obras de Filinto Elysio, edição do Paris, os verbos da 2.ª conjugação têm, nessas vozes, accento agudo, incluindo *dever*; mas os da terminação *ecer* têm accento circumflexo:—*parêce, carêce, fallêce*, etc. Diz frei Luiz do Monte Carmello (§ IX, n. 30):—«As pessoas ou casos dos verbos terminados em *eço, eças, eça, eçam*, têm accento circumflexo, como, v. g.—*conhêço, conhêças, conhêça, conhêçam, têço, teças, têça, têçam*... Nas mais pessoas ou casos, podem ter acento agudo, e assim se pronunciam quasi todos, como—*amanhéce, apparécem, téce*, etc.; porém, os verbos *conhecer, desconhecer, reconhecer, merecer, desmerecer, padecer, compadecer, parecer* o *perecer* sempre tem circumflexo, como, v. g.—*conhêces, merêces, padêces, parêces, conhêce, merêce, padêcem, parêcem*, etc.». Hoje pronuncião-se, ordinariamente, todos esses verbos, com *e* aberto, conforme a regra geral, nas vozes terminadas por *e*, tanto no Brasil como em Portugal. Assim, na sua *Exposição da pronuncia normal portugueza*, § 56, ensina o sr. Gonçalves Viana, como regra sem excepção, que é aberto o *e*, «no radical accentuado dos verbos em *er* e *ir*, quando a terminação tem *e*; ex.—*deve, devem, feres, ferem*»; e Francisco de Andrade (*Gram.*, cap. 6.º, art. 1.º, § 2.º):—«Nas variações verbaes da 2.ª e 3.ª conjugação, o accento é agudo só na 2.ª pessoa singular e 3.ª de ambos os numeros do presente absoluto (o do indicativo), e na 2.ª pessoa singular da variação imperativa, v. g.—*meréces, merèce, merécem, meréce* tu».

36.—Não, como dizem alguns, *pêrco, pêrco. pêrca, percão.*

37.—Temos sempre ouvido pronunciar assim; mas Madureira, Moraes, Eug. de Castilho e Adolpho Coelho escrevem *alcatêa* ou *alcateia.*

38.—Tambem sempre ouvimos pronunciar *estréa*; mas Monte Carmello, Moraes e Adolpho Coelho dão—*estrêa* ou *estreia.*

39.—Madureira manda pronunciar com accento agudo—*gelêa*, e no Brasil todos assim pronuncião; mas Eug. de Castilho escrove *geleia*, e Adolpho Coelho, com o som fechado, *gelêa*.

40.—Não *incrêo* ou *increu*, como quer Eug. do Castilho.

41.—Filinto Elysio, t. 8, pgs. 291: —*Num rôsto, onde resvalão crêbras lágrimas*.

42.—E' como se pronuncía no Brasil, o como accentúa Adolpho Coelho; mas *casêbre*, em Monte Carmello (§ VI, dizendo ser palavra da giria), Moraes e Filinto Elysio.

43.—Moraes, Adolpho Coelho, *Dicc.—hoc verbo*.

44.—Outros proferem, como no latim, *ássecl a*.

45.—Não *labarêda*, como dizem alguns.

46.—Eug. de Castilho e outros:—*alaméda, veréda*, pronuncia que modernamente tem prevalecido em Portugal.

47.—Francisco de Andrade diz: —*trédo, trèda. Gram.*, cap. 6.°, art. 1.°, § 2.°.

48.—*Védro* significa *velho*, do latim *vetus, ĕris, vetĕrem*.

49.—P.e Bento Pereira, *Gram.*, 126: *avis implumis*.

50.—Monte Carmello: *adéga*.

51.—João de Barros escrevia sempre com *e grande*—*grégo, grégа*, o que mostra que então se pronunciava com o som aberto, como em *grêco, gréca, gréco-romano*.

52.—Eug. do Castilho; mas Moraes: *filêle*.

53.—Assim accentúa Eug. do Castilho, *Dicc.*; mas temos sempre ouvido pronunciar *Mazêppa*.

54.—Monte Carmello:—*tèpe*. Madureira:—«*Tèpe*, com semitom no *te*, torrão de prado».

55.—Eug. de Castilho; mas é nome espanhol, e os espanhoes dizem *Talavêra*.

56.—Francisco de Andrade, *Gram*: —*pêrcha*.

57.—Dicc. de Moraes: *cêrdas*.

58.—Eug. do Castilho:—cêrdo. O mesmo e Adolpho Coelho:—*lêrdo, lêrda*.

59.—Alguns preferem *esmêro*.

60.—Roquête:—*fêros*.

61.—*Exagêro*, palavra nova, muito usada, já admittida em alguns diccionarios.

62.—Não *têrso, têrsa*, como dizem muitos, por influencia de *têrço, têrça*.

63.—Eug. do Castilho:—*assêrto*; muitos assim pronuncião; mas ha conveniencia em distinguir de *acêrto*, e varios autores fazem essa distincção—Madureira, Monte Carmello, Moraes, Borges Carneiro, Adolpho Coelho.

64.—Francisco de Andrade e Adolpho Coelho: *benêsse*.

65.—Não *interêsse, desinterêsse*, como alguns dizem.

66.—Vizinho, ondo é que vás ?
Vou-me a confêsso.

Filinto Elysio, t. 1.°, pgs. 154.

67.—Moraes, Adolpho Coolho, Eugonio de Castilho — *espésso, espéssa*. No Brasil, a maioria diz *espêsso*.

68.—Monte Carmello: *aprêsto*.

69.—Roqueto: *doêsto*.

70.—Monte Carmello: *cêva*.

71.—Alguns dizem *élmo*, o todos *Santélmo, Télmo, Anselmo*.

72.—Pelo exemplo quo dá Moraos, vê-se quo tem o mesmo som quo *fêlpa*:—«Carapuças de felpa, que custão bem de chelpa».

73.—Assim se pronuncía no Brasil, e è como accentuão Madurcira, Monte Carmello, Moraes, Gonçalvos Viana, etc.; mas, em Portugal, alguns dizem *félpa* (Adolpho Coelho, Filinto Elysio).

74.—Não *Collêta*, como já temos ouvido a algumas pessoas

75.—A ultima syllaba, quando é nasal ou terminada por consoanto, é, por via de rogra, a predominanto; para que deixo de o sor, o predomino a antcedente, é natural quo o accento possua toda a intensidado, isto é, o som claro ou aberto.

76.—Neste caso, o accento tem ordinariamento toda a intensidade em compensação das duas átonas seguintes.

77.—Moraes: *carapêba*.

78.—Sempre assim ouvimos pronunciar, não *gerumbêba*, como dão o Dicc. do Moraos e Eug. de Castilho.

79.—Não *adréde*, como proferem alguns (do provençal *adreit*. F. Dioz, *Dicc.*).

80.—Antigamente, dizia-se *a torpédo* (*tremélga*); hoje dizse *o torpêdo*, applicando o nomo a uma machina do guerra maritima.

81.—Outros dizem *trédo*. J. Cornu, ns. 3 e 258. Vido *trêda*.

82.—Eug. de Castilho:—*Yéddo*.

83.—Em *cárrego, cargo*, houvo transposição do accento, como em *córrego* (lat. *corrūgus*); mas, na linguagem popular, conservou-se o accento primitivo, como nos outros nomes do formação portugueza dessa terminação, no sentido do carga:

Não tomão sobre si os fracos vimos
Carrêgos que os derroião.

Filinto Elysio, 1.·, pgs. 240.

84.—Ad. Coolho:—*arrenêgo*.

85.—Móvel tão apto a bicho peticégo (a toupoira)

Fil. Elis., 1.·, pgs. 122.

86.—*Dicc.*, do Moraes, e Eug. do Castilho—*badêjo*.

87.—Moraes o Adolpho Coelho: *grêlha*, *rêlha*, *quêlha*.

88.—Palavra antiga:—fecho ou fivélla dos cintos que usávão as mulheres, assim chamados porque tinham fórma triangular, somolhanto á rélha do arado. (*Eluc.*). *Vir* ou *chegar ao rélho a uma mulher*, isto é, desfivelar o cinto, conseguir gosal·a; depois, por extonsão, chegar a accordo, ao que so deseja. Pronuncía se hojo, mais geralmento, *chegar ao rêlho*, por se não saber a origom e suppôr-se quo significa *sujeitar-se ao castigo*, *submetter-se*; outros dizem *chegar ao rego*.

89.—Francisco de Andrade:—«*anélho*, com accento agudo, só no masculino».

90.—Só usado na expressão—*vélho* o *rélho*; neste caso, *vélho*, identico a *rèlho*, como crú, significa *duro* e *aspero*, *rijo* ou *rigido*; a mudança do timbro é para ficar consoante com vélho.

91.—Não *bacéllo*, como, no Brasil, dizem muitos.

92.—A par dos femininos — *cancélla*, *canélla*, *capélla*. Monto Carmollo, Eug. de Castilho, Gonçalves Viana, etc.

93.—Assim se pronuncía no Brasil; parece que em Portugal dizem *ccrebéllo*, como accentuão Moraos, Roquoto, Adolpho Coelho, Eug. do Castilho. Mas J. Cornu, n. 6: *cerebêllo*.

94.—Monte Carmello ensina essa pronuncia; mas adverto: —«ordinariamento se diz *modélo*» e dêsto modo accentúa Maduroira. No Brasil, pronuncía-so *modêlo*.

95.—Femininos—*novélla*, *ouréla*, *portélla*.

96.—Bonto Pereira, Moraos, Cornu, 5:—*murzélo*.

97.—*Tarêlo*, *tarêla*, nas notas do Filinto Elysio, *passim*.

98.—Monto Carmello:—*anhêlo*.

99.—Moraes o Francisco do Andrado— *êlo*. Madureira: —«Ello, da vide, pronuncía-se com *e* breve». Monto Carmollo: —«*êlo*, com que as vides se pegam».

100.—Roqueto, J. de Deus:—*vérça*.

101.—Monto Carmollo:—«*Cêrro* he termo castelhano, de

que usam alguns portuguezes, para significar hum *alto pequeno* em algua planicie, o qual nam tem eminoncia, para que se chame monte. Pelo contrario, usam de *sêrro*, para significar o *cume*, *collina*, ou maior altura de hua serra ou montanha».

102.—Madurcira, Monte Carmello:—*pêrro*, *pêrra*.

103. - J. de Barros —«lingua *blêsa*». *Dialogos*, n. 262.

104.—Monte Carmello: - *Bêta* é fio de côr diversa de outros, que tambem se chama *mescla*. *Bêta* é vêa de metal nas minas». Moraes e Adolpho Coelho dizem *bêta*, em ambos os sentidos. E' uma só palavra, com duas applicaçõ s de sontido analogo—*fita*, *veia* ou *veio*; como vem do latim *vitta*, pareee-nos preferivel o som fechado, porque é o que de ordinario corresponde ao *i* latino, antes de consoante dobrada: —*bacillum*, *bacêllo*, *capillus*, *cabêllo*, *cippus*, *cêpo*, *gibbus*, *gêbo*, *littera*, *lêtra*, *spissus*, *espêsso*, *siccus*, *sêcco*. Alem disso, ficará differente de *bêta*, letra grega.

105.—Francisco de Andrado e Adolpho Coelho - *cacêta*.

106. — *Facêta* é o diminutivo do *face*. Adolpho Coelho, Eug. de Castilho, Alexandre Passos:—*facêto*; *facêta*; mar paroce-nos preferivel *facéto*, *facéto*, como accentuão Madureira, Monte Carmello e Moraes, conforme os outros adjectivos dessa desinencia, tomados do latim: — *compléto*, *concréto*, *discréto*, *quiêto*, *repléto*, *secréto*.

107.—Assim accentúa Adolpho Coelho, o é como geralmente se pronuncia no Brasil; mas Monte Carmello, Moraes e outros dizem *cacoéthe*, e parece que é geral essa pronuncia, em Portugal.

108. João de Barros, Eug. de Castilho; mas Madureira, Monte Carmello—*Olivéte*.

109.—Eug. de Castilho, Candido do Figueirodo: —*Roquête*, conhecido grammatico e lexicographico, não *Roquéte*, como geralmente pronuncião no Brasil, suppondo que é nome francez, provavelmento por causa da grafia *Roquette*, com *tt*, como antigamento usavão em todos os diminutivos desta terminação. Diz João Franco Barreto, na sua *Ortografia*, cap. X, lv. V, reproduzindo o que já dissera Duarte Nunes de Leão, quo so deve dobrar o *t* nos «diminutivos que, na linguagem nossa, acabam em *te*, porque, segundo a orelha nos pedo, parece não podemos escrover bem do outro modo, como *verdette*, *pequenette*, *bonitette*, *azedette*, *totette*; ... tambem os italianos em os seus dobram o *t*, porque, de Laura, disseram Lauretta, de picciolo, piccioletto, etc.».

Ha, em Minas, uma familia deste appollido o ali o pronuncião *Roquête*.

110.—Alguns dizem *abête* (Filinto Elysio, 3.ª, pgs. 366).

111.—Eug. de Castilho pronuncia *bicyclête, tricyclête,* e *marionête*; temos ouvido prenunciar aquelles nomes, como este, com *e* aberto, dando-se-lhes o genero feminino, como no francez.

112.—O sr. Candido de Figueiredo (*Dicc., Conversação preliminar*) diz que este nome, quando significa planta, se deve pronunciar com *e* fechado, *fêto*, o que assim prenunciãe em todas as provincias de Portugal, menos em parte da Extremadura, talvez por influencia dos letrados da capital.

113.—Monte Carmello:—*téz*. Madureira:—«*Téz, tézes,* a superficie que cobre qualquer cousa, v. g., *téz da cebola, téz da maçã, téz do rosto*». Hoje diz-se geralmente *têz*: Moraes, Adolpho Coelho, Eugenio de Castilho, etc.

114.—Madureira—«*Fez*, nome de huma cidade em Africa, tambem se pronuncía com accento agudo. Mas Eug. de Castilho - *Fêz*.

115.—Este nãe é formado com o suffixo *êza*; é derivado verbal, como *réga, séca, entréga, esfréga*, etc.

II

116.—Mente Carmello:—eu *apóio*, tu *apóias*, etc. *Comp. de Orth.*, § X, 1.º catalogo.

117.—Do *soer*, que, pelo accento, se differença de *sôe*, do verbo *soar*.

118.—O sr. Candido de Figueiredo (*Dicc.*, Conversação preliminar) diz que, em Trás-os-Montes, se prenuncia *póia*.

119.—João do Deus:—*dorminhôca*.

120.—Bento Pereira.

121.—Gençalves Viana:—*póça*. Vido Cornu, n. 27.

122.—Ad. Coelho e Jeãe do Deus:—escóda.

123.—No Brasil, muitos dizem *alcachôfra*.

124.—Corda, pal. ant. «Senhor de sega e cutelle». Mente Carmelle - *sôga*.

125.—Moraes:—*pôja*.

126.—Moraes, Adolpho Coelho; mas Eug. de Castilho—*coscójos*.

127.—Habitante de Cólchis ou Cólchide (ch=k).

128.—Adolpho Coelho.

129.—Ad. Coelho: – *côldre*.

130.—Deve-se dizer *de envólta*, nãe *de envôlta*, como usam muitos; nessa locução, *envôlta* é substantive, significande *companhia, mistura*.

131.—*Sólta*, a acção de seltar, ou legar em que se selta o

gado, para se refazer o engordar:—*fazer sôlta, ter uma sôlta.* Mas *soltas*, poias que so põom aos cavallos, tem som fechado, —*sôltas* (Moraes). Na locução *ás sôltas*, como *ás escondidas, ás occultas*, etc., *sôltas* é particípio. Mas *vólta* é substantivo, om *ás vóltas.*

132.—*Tôpo*, oxtremidade; *tópo*, choquo (Moraes, Francisco de Andrade); neste ultimo sentido, diz-se mais *tópe.*

133.—Adverbio antigo, *muito*, do franeoz *trop*; hoje não é usado.

134. Ad. Coolho, Castro Lopes; mas Moraes: *entrelópo.*

135.—Assim, geralmoute, se prouuncía no Brasil, e paroec-uos molhor pronuncia que a de Portugal—*misanthrôpo, philanthrópo.* No latim e no grego, *o* longo tinha o som fechado, e *ánthrōpos* tom *o* longo ou *o méga. Trópo* é que se devo pronunciar, porque, em *tropus, tropos*, o *o* é breve ou *o micrón.* E' corto que muitas vezos o timbre da vogal, na nossa lingua, não é igual ao do latim ou do grego; mas, om caso de uso duvidoso, é razoavol que sirva de norma o da lingua origiuaría.

136.—Eug. do Castilho: —*Canópo* o *Esôpo*; J. de Barros—*Esópo.* E' preferivel o som fechado, em ambos essos nomes, pela razão dada supra (nota 135); ambas têm, no grego, *o méga* (*Aisōpos, Kánōpos* ou *Kánōbos*) o no latim *o* longo.

137.—Eug. do Castilho, Ad. Coelho: *môrbo.*

138.—Ad. Coelho: *côrcha, lôrcha.*

139.—Eug. do Castilho; mas Moraes, Adolpho Coolho—*massamórda.*

140.—Moraes, Eug. de Castilho, Cornu, n. 28; o assim nos sôa melhor; mas Adolpho Coolho—*tórda*, femea de tôrdo, e dovo ou devia ser assim, so o plural é *tórdos*, como o dão Madurcira, Monto Carmello, Moraes, Cornu, n. cit., o outros.

141.—Ant., *Elucidario.*

142.—Francisco do Andrade: —*alfôrge.* Em Portugal, alguns pronuncião dosso modo; mas *alfôrge* é mais geral (Leite do Vasconcellos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, n. 45, a). No Brasil, talvoz seja o contrario.

143.—Palavra da India portugueza.

144.—E' como accentuão todos os phonólogos; não *decôro*, como muitas vezos tomos ouvido.

145.—Moraes, Ad. Coelho; mas Monte Carmollo: —*pylóro.* Preferivel *pylôro*, do grego *pylōrós.*

146.—Luiz Caetauo do Lima, João de Dous, Eug. de Castilho: *tôro.*

147.—No sontido de curral ou cercado, *corte de gado* ou *aves*, alguns dizom *côrte.* J. Cornu, n. 25, nota.

148.—Moraes: --*congôssa*

149.—Moraes e Eug. de Castilho; mas Ad. Coelho e João de Deus = *congósta.*

150.—João de Deus- *perdigôta.*

151.—Monte Carmello assim accentúa este nome.

152.—Madureira, Monte Carmello, Moraes, Franciseo de Andrade, Eug. de Castilho; mas Ad. Coelho—*seródia.*

153.—Monte Carmello:— «*Lóios*, conegos seculares de S. João Evangelista, que têm esto nome, porque lhes deram o Hospital de Santo Elói de Lisboa .

154.—Assim accentuão Moraes, Adolpho Coelho.

155 --E assim Monte Carmello, Eug. de Castilho, J. Cornu, J. Felix Pereira. O sr. J. Leite de Vaseoncellos, num opusculo intitulado *As lições de linguagem do sr. Candido de Figueiredo*, (*Analyse eritica*), consignou o seguinte: —«Lê-se no sr. Figueiredo:—«Diz-se geralmente desasseis e desasseto, e assim o escrevem muitos. Mas é pronuncia incorrecta e escrita erronea. E' deseseis ou dezescis, desosete ou dezesete, e desenovo ou dezenove». Ponho de parte um *s* ou dois *ss*, e o eserever-se *dés*, que é absurdo, em voz de dez, e vou só á questão de *a* por *e*... Provavelmente, diz-me o sr. A. -17 é composto do *dez* e *sete*. Mas então digo eu:—como a conjuneção *e* so pronuncía *i*. o não *e*, eu devo dizer *desisête*, e não *dezesete*, como o sr. Figueiredo aconselha. Ora o que é certo é que não só a pronuncia vulgar de todo o país é com *a*, *dezanove, dezaseis*, etc., mas que já em A. A. antigos encontramos assim, o que poderia provar com centenas de textos, se fosse neecssario. Esse *a* explica a razão por que em Lisboa se diz *ôito*, com *ô*, e *dezóito* com ó;— é que *dezóito* não se compõe de *dez*+*ôito*, mas sim de *dez*+*a*+*ôito* (como *dezanove*=*dez*+*a*+*nove*, *dezasete*=*dez*+*a*+*sete*), onde *a*+*ô* deu ó, como succedeu com o archaico *maór*, que deu *mór*. A fórma *dezaoito*, que eu tinha deduzido theoricamente, na minha *Revista Lusitana*, achei-a depois em gallego, que, como se sabe, é um co-dialecto português, onde tambem existe *dezanove*, *dezaseis*, *dezasete*, tudo com *a* e não *e*; um amigo meu indica-me tambem a existencia do *dezaoito* e no seculo XVIII, num livro ms. do Conselho Ultramarino,—hoje na Bibliotheca Nacional de Lisboa, n. 437, 2.ª serie. Tambem nos dialectos do sul se diz *vint' a um*, *vint' a dois*, etc., talvez pelo mesmo motivo. Não obstante isto, na *Orthographia portuguesa*, dos srs. Santos Valente e Franeisco de Almeida, Lisboa, 1886, dá-se, menos avisadamente, *dezóito* como êrro, o manda-se, sem motivo, pronuneiar *dezòito*. Em *dezaseis*, *dezasete*, *dezaoito*, etc., este *u* não representa a conjuneção *e*, mas a proposição *a*; é como

quem dissesso «dez junto *a* seis, *a* sete, etc.». (Conf. Epiphanio Dias, *Gram.*, § 48, nota). A respeito das palavras *dezasete*, e *dezanove*, dá-se até a coincidencia de ser em italiano tambem *diciasete* e *dicianove*. Já Diez explicou estas fórmas italianas, como as portuguesas, por meio da preposição *a*, do latim *ad;* tambem na lingua valachia as unidades so unem ás desenas, por uma preposição, que corresponde ao nosso *a* (Diez, *Gram.*, II, 409).

156.—Bento Pereira, Madureira, Moraes, Francisco do Andrade, Eug. do Castilho, Cornu, n. 32 a; mas Ad. Coelho—*arrôbe.*

157.—Todos hojo assim pronuncião; mas Bonto Pereira e Monte Carmollo—*glôbo.*

158.— Bento Pereira, Ad. Coolho; mas Moraes, Francisco do Andrado o Ernesto Ribeiro—*mazórco.*

159.—Moraes: *flôco.*

160.— Madureira, Monte Carmello, Eug. do Castilho, Cornu; mas Moraes, Francisco de Andrado, Ad. Coelho, Julio Ribeiro, Castro Lopes, Ernesto Ribeiro:—*apódo.*

161.—Monte Carmelo, J. Cornu; mas Moraes, Ad. Coelho —*epóde.* Prefiro *epôdo.*

162.—Assim temos ouvido sempro; mas Moraes, Ad. Coelho, Eug. de Castilho accontuão:—*iódo.*

163.—Moraes, Eug. de Castilho, Julio Ribeiro:—*rógo;* geralmento *rôgo*: Madureira, Monto Carmello, Gonçalves Viana, Paulino de Souza, Cornu, n. 36, etc.

164.—Julio Ribeiro, *Gram.*: Castro Lopes, no *Jornal do Commercio,* do 27 do junho do 1893; Ad. Coelho accentúa *pedagôgo, emmenagôgo,* mas *demagógo.* O som fechado parece-nos preferivel, pela razão quo já demos, e pela analogia com quasi todos os outros nomes dessa terminação.

Os portuguozes fazem abertos o *o* tonico doutras palavras, em que os brazileiros o fazemos fechado; assim dizem *Nhônhó, Iôiô, Dódó,* nomes hypocoristicos brasileiros, que elles assim tornão irrisorios, o do mesmo modo pronuncião nomes que, no francez, têm o som de ô, não só os communs, que já estão aportuguezados, como *paletó, mantô,* mas ainda nomes proprios (pronuncia do vulgo, não decerto dos que sabem o francez), como *Carnot, Junot, Bordeaux.*

165.—Duarte Nunes de Leão (*Orthog.*, vocabulos que, mudado o accento, significão de diversa maneira), o Moraes dizem quo so pronuncía *sôldo,* estipendio, e *sóldo,* moeda; mas sempre tomos ouvido *sôldo*, om ambos os sentidos.

166.—Madureira, Moraes, Francisco de Andrade, Eug. do Castilho, Julio Ribeiro, Castro Lopes e outros:—*abrólho*; mas

Monte Carmelo, Adolpho Coelho, Gonçalves Viana, Epiphanio Dias—*abrôlho*. E deste modo se deve pronunciar, pois a etymologia é *abre-ôlho*, por causa dos espinhos da planta; no espanhol, *abrojo*, de *abre ojo*. (F. Diez, Ad. Coelho).

167.—Madureira:—«*Sólo*, e *sólos*, na Muzica, papel, que canta hum só. *Sôlo*, na Jurisprudencia, é o chão, do latim *solum*». Adolpho Coelho faz tambem esta differença do accentuação; mas não a fazem Moraes, Eug. de Castilho e outros. No Brasil, pronuncía se com *o* aberto, num e neutro sentido, e como nome de um jogo.

168.—Nome do filho de Endymião, de que se derivou o de *Etolia*; os naturaes deste paiz devem chamar-se *etólos* ou *etolios*, não *étolos*, como querem Madureira e Moraes.

169.—Não *Máusolo*, conforme dizem alguns.

170.—Abreviações do *sóror*; de senhor:—*sôr*.

171. -Queria o dr. Castro Lopes, (art. no *Jornal do Commercio*, de 20 do abril de 1892), que se pronunciasse *suôr*; mas no seculo 16.º já se pronunciava *suór*. *Gram.* de Fernão de Oliveira, cap. X, lv. III, ps. 104, ed. do 1871. João de Barros escrevia com *o* aberto *suór*. Em Trás-os-Montes, pronuncia-se *suôr*, segundo o sr. Gonçalves Viana. J. Cornu, n. 26, neta 4.

172.—No tratamento de cortezia, quasi todos dizem—*Senhòra*, minha senhòra; tambem sempre se diz *senhôra* e *possuidôra*; mas commumente ouvimos *senhóra*, ao menos no Brasil: —*Nossa Senhóra*.

173.—Adelpho Coelho, Cornu, n. 307. *Abórdo:* Moraes.

174.—João de Deus, Ernesto Ribeiro, *Gram.*, Moraes:—*dórso*.

175.—Moraes:—*mórso*.

176.—*Colósso*:—Madureira, Monte Carmolo.

177.—Maduroira, Monte Carmelo, Eug. de Castilho:—*molósso* (cão).

178.—Jeão do Barros, Moraes, Ad. Coelho; mas Madureira, Monte Carmelo, Eug. de Castilho:—*róstro*.

179.—Moraes o Requete:—*lóto*.

3.ª Parte

I

180.—Alguns pronunciãe:—um *modêlo*.

181.—Monte Carmelo:—*anhêlo* ou *anêlo, aprêsto*.

182.—Requête:—*doêsto*.

183.—Alguns dizem:—*êlo*.

184.—Assevera Cornu: —«Gonçalves Viana escreve-me que elle pronuncia *desvêlo, esmêro*».

185.—Excepto nas terminações em que esse ditongo é resultado da suppressão do *l* originario, como em *batêis, painéis;* em tal caso, o *e* tem som aberto. Gonçalves Viana, *Pronuncia normal*, n. 56, letra *e*.

186.—Cap. X, *Da conversação*.

187.—Essa é a pronuncia da região central, entre Lisboa e Coimbra; ao norte e ao sul, não se pronuncia assim. Dá-se, em taes casos, ao *e* o seu valor proprio, se bem que algumas vezes ou em alguns logares com timbre mais aberto do que na pronuncia brasileira. E ha quem conteste que ainda em Lisboa o som seja propriamente de *â*. O distincto grammatico José Barbosa Leão, natural do Porto, escreveu o seguinte, no seu opusculo sobre a reforma da ortographia em sentido sonico: —«O visconde de Castilho, partindo da indicação que lhe fez um amigo, affirmou, na 2.ª edição do seu *Methodo*, que «o *e*, antes de *i*, segundo a pronuncia da capital e de muitas outras partes do reino», sôa *a*, e portanto o *ei* sôa *ai*, apresentando para esse exemplo *lei* o *manteiga*, que disse pronunciarem-se *lâi* o *mantâiga*; pelo que deu, nessa edição, ao *e* mais o som de *a*, além dos quatros sons que lhe havia dado na 1.ª. Na 3.ª odição, depois de lhe ter outro amigo notado o erro que havia commettido, num dos sons que attribuira ao *x*, o por indicação delle, estabeleceu que o *e*, antes do *x*, sôa *ai*, dando para exemplo *excepto*; o asseverando que «a maior parte da gente culta» pronuncía *âisperiencia, aicitante, aizata*, etc., e não *eisperiencia, eicitante, eizato*, d'onde se segue que tambem pronunciará *saisto, taisto*, etc., e não *seisto, teisto*. E por isso deu nesta edição um sexto som ao *e*: —o som de *ai*.

«Mas um bocado de reflexão mostra que, num ó noutro caso, o illustre sabio se equivocou completamente, tendo-lhe por isso os seus amigos feito um pessimo serviço, com as suas indicações. Com effeito, se naquelle som do *ai*, o *a* tem o seu primeiro som, segue-se que teremos um perfeito ditongo de *ái*, o que o som vogal de *lei* é igual ao do *pai*; o ultimo de *falei*, ao de *falai* ou *falais;* o o primeiro de *excepto* o *texto* ao de *aivéca* e *taipa*: o julgamos poder affirmar que ninguem pronuncía assim, nem em Lisboa, nem em parte alguma do paiz. Se, porém, o *a* tem o seu segundo som, então o *ai* soará como o *ai* de *paizagem, arraial, alfaiate*, etc., isto é, será um som breve, e as palavras *lei, falei, texto* e semelhantes ficarão de partieulas, ao nivel da preposição *para*, visto não terem som vogal longo, nem syllaba predominante: o que seria uma offensa gravissima á

indole da nosssa lingua, o comprometteria a sua belleza e força». (*Cit. op.*, ps. 25).

Lê-se, no mesmo opusculo, ps. 91, om representação dirigida á Academia de Lisboa, por uma commissão nomeada ne Porto, para propôr a reforma ortographica:—«A este proposito, deve notar que não desconhece cartas pronuncias, sobre as quaes chama a attenção, para que sejão emendadas, por viciosas que são, segundo crê. Por um lado, alguem sustenta que *e* predominante, antes de *lh*, tem som de *a* fechado, na pronuncia geral, e se diz, por exemplo, *conçâlho, sâlha, abâlha*, e não *concêlho, sêlha, abêlha*, o que não considera acceitavel. Por outro lado, ha quem tròquo o *e* fechado por *ei*, antes de *j, lh, nh*, dizendo, por exemplo, *igreija, teilha, leinha*, em vez de dizer *igrêja, têlha, lênha*».

188.—Vido Gonçalves Viana, *Exposição da pronuncia normal portugueza*, § 56, letra *e*.—Adolpho Coolho, *Dicc., Prologo*, e *Grammatica*, § 73.

II

189. — Autores que mais particularmente tratárão doste assumpto:

Duarte Nunes de Leão, *Orthog. da ling. port.*, 1576 (2.ª ed., 1784, 3.ª, 1864).

Luiz Caetano de Lima, *Orthog.*, 1736.

João Pinheiro Freire da Cunha, *Tratado de Orthog.*, 1.ª ed., 1788.

Madureira Feijó, Monte Carmelo, Gonçalves Viana, Julio Cornu.

Grammaticas de Francisco de Andrade, junior, de Adolpho Coelho, Epiphanio Dias, Monteiro, *Grammatica dos Liceus*, Vergueiro e Pertence (Lisboa, 1861), Paulino de Sousa (Paris, 1870), Ernesto Carneiro Ribeiro (Bahia, 1881), Massa (Bahia, 1888), Maximino Maciel (Rio, 1895), *Estudos da lingua vernacula*, pelo professor A. T. (Antonio Trajano), Rio, 1903.

Dr. Antonio de Castro Lopes, artigos no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 27 de junho a 5 de julho de 1893.

Na ortographia usual, commumente, não é indicada a metaphonia; mas algumas edições indicão-na.

190.—Ha alguns substantivos, derivados de verbos da 2.ª conjugação, que têm fórma igual á da 1.ª pessoa do pres. do indicativo; mas o som do *o* é fechado, no nomo o no verbo:— *estôrço, côrro, soccôrro, sôrvo, vôlvo*.

191.—A metaphonia, que produz, não somente mudança na

pronuncia, mas troca do vogal na escrita, como *fregir, frijo, fréges, frége, sentir, sinto, sentes, sente, acudir, acódes, acóde, fugir, fujo, foges, foge*, etc., pertence á *morphologia*.

192.=*Ordenações Affonsinas*, L. IV, T t. 69, § 15:—«Padro ou Madro, Avôo ou Avôa». (Vide *Dicc. port.*, de frei Domingos Vieira).

Sá do Miranda, carta 1ª a ol-rei, v. 25 (*avoo*), o elogia 3.ª, á morto do principo D. João, versos 109 o 110 (avô, avôs). Edição C. Michaelis de Vasconcellos, poesias ns. 104 o 148.

Duarto Nunes do Leão, *Orthog.*, let. *o*: «dóna por avóa».

193.—Jeronymo Soares Barbosa, *Gram.*, lv. 1 º, cap. VIII: —«Não são só os rusticos que se enganam nisto. Muita gente polida pronuncía, no plural, com *o* grando fechado, como no singular, os nomes quo têm *oo* na ponultima o ultima syllaba, dizendo:—*soccôrro, soccôrros*, e não *soccórros, gostôso, gostôsos*, o *gostósos*; ou, não fazendo oxcepção da regra, dizem, pelo contrario *espôso, espósos, gôsto, góstos, lôgro, lógros*, etc.».

O uso fixou-se em algumas palavras, em que d'antos era vario. «Ha nomes, diz Duarto Nunes de Leão, que, tendo no singular o aceento circumflexo, teem no plural o aecento indifferonto. Porque, de *pôço*, dizem *pôços* e *póços*, do *tôrto, tôrtos* o *tórtos*, d *nôvo, nôvos* o *nóvos*, do *ôsso, ôssos* e *óssos*, de *pôvo, pôvos* e *póvos*.

Hoje todos pronuncião essas palavras com *o* aberto, no plural. Outras, polo eontrario, em que outr'ora o som do *o* tonico não variava, têm hojo pronuncia varia, sobretudo em Portugal, onde ha tendencia para ampliar o uso da motaphonia». «Muitos dos substantivos, diz Cornu, quo hoje são pronunciados no plural com *o* aberto, não o erão até ao fim do seculo 18, pois no Cancioneiro Geral (1516), no qual o *o* aborto é representado eom *oo*. em João de Barros (1496-157), que, na *Terceira Década da Asia* (Lisboa. MDLXIII), escrove regularmente o *o* aberto—*ó*, em Duarte Nunos de Leão (*Ortographia*), esses substantivos serão no plural *rôgos, confôrtos, acôrdos, almôços, esfôrços, chôros, destróços, estôrvos*. João de Moraes Madureira Feijó (1739), D. Luiz Caetano de Lima (1736), fr. Luiz do Monto Carmelo (1767) o João Pinhoiro Freire da Cunha (1792) não mencionão essas palavras nas listas dos substantivos quo tem o *o* no plural, ou dizem oxpressamonte que o *o* so conserva fechado no plural, o adduzem ainda outros exemplos, como *contôrnos, retôrnos, transtôrnos, alvorôtos, alvoróços*, quo hojc são pronunciados *contórnos*, cte. Jeronymo Soares Barbosa (1822) ainda diz *contôrnos*». Cornu, como já accentuámos, guiou-se pela informação do sr. Gonçalves Viana, que dá oomo normal a

pronuncia do Lisboa. Mas em Portugal, e ainda em Lisboa, muitos não pronuncião assim todas essas palavras. No Brasil, pronunciam-se com *o* fechado no plural, excepto *rógos*, *esfórços* e *destróços*; alguns dizem tambem *almóços*, *contórnos*.

194. — O dr. Castro Lopes affirma que o som do plural dos nomes que têm *o* nas duas ultimas syllabas obedece a lois, que elle suppoz ter descoberto. E expõe essas lois desto modo:—Os nomes que têm o *o* ponultimo aberto conservão o mesmo som no plural. Nos que o têm fechado, em regra, esse *o* tom o som aborto no plural; mas ha excepções. Não se muda o som nos nomes que têm esse *o* antes das consoantes:—*b*, *c*, *ç*, *d*, *gr*, *j*, *l*, *lh*, *m*, *n*, *p*, *r*, *rd*, *rm*, *rr*, *rs*, *rt*, *st*, *t*, *x* ou *ch*=*x*, e *z*. Portanto, antes de quasi todas as consoantes, om 22 terminações. A mudança do som faz-se, com algumas excepções, quando o *o* está antes de *g*, *s*, *ss*, *rc*, (só om porco), *rn*, *rp* (só em corpo) o *v*; isto é, em sete terminações, e em alguns poucos vocabulos, antes das outras letras supramencionadas».

So alguma lei se póde deduzir dessa exposição, é que, om regra, ao contrario do que entende o autor. nos nomes que têm o *o* nas duas ultimas syllabas, a vogal tonica, assim como nas outras terminações, não muda de timbre, no plural; muda, porem, por excepção, nos adjectivos acabados em *oso*, om *corpo*, *porco*, em alguns nomes terminados em *ogo*, *osso*, *orno*, *ovo* e em mais alguns, poucos, de outras terminações.

195. — Um nosso grammatico dá como regra que a mór parte dos nomes que não têm fórma fominina têm som aborto no plural.

196. — Alguns seguirão a analogia da terminação:—*escólhos*, *fólhos*, como *abrólhos*, *ólhos* (ainda hoje tambem *escôlhos*, *fôlhos*, *estôlhos* o *estólhos*); outros eram, primitivamente, do som aberto, no singular:—*glóbo*, que Bento Poreira e Monte Carmelo assim accentúão, *abrólho*, *afródo*, *còvo*, *rógo*, *tóro*, como ainda alguns pronuncião.

197. —Outr'ora, dizia-se indifferentemente *pôços* ou *póços*, conforme attesta Duarte Nunes do Leão; hoje, usa-se geralmente *pôça*, apezar de ter prevalecido *póços*: é mais coherente dizer *póça*, como pronuncía o sr. Gonçalves Viana. *Escolha* é palavra differente de *escolho*; *folha* (do latim *folia*, plural neutro) não é flexão feminina de *folho*, nem *bóla* (bulla) do *bôlo*, *bôlos* (lat. *bolus*, gr. *bōlos*).

198.—Duarte Nunes do Leão, *Orthog.*, letra *o*:—«E o que tenho advortido da nossa lingua he quo as dições em quo ha osta differença de *oo* são os nomes de duas syllabas, que, na primeira o na segunda syllaba teem *o*. Dos quaes muitos teem,

no singular, accento agudo na mesma... Mas alguns ha que não mudão o accento no numero plural... Não somonto ha osta differença do siugular ao plural, mas do genero masculino ao fominino... Os nemes de muitas syllabas, assi no singular como no plural, teem accento circumflexo, como *xarrôco*, *xarrôcos*, *barrôco*, *barrocos*; *peixoto*, *canhoto*, *raposo*, e todos os nomes acabados em *oso*, como *fermoso*, *copioso*, *iroso*. Mas toem esta differença, que os feminiuos mudão o accento em agudo, como *barróca*, *peixóta*, *fermósa*, *irósa*:—tirando *rapôsa*, que vem de *rabôso*, o *rabósa*». E' certo porem quo nessa epoca (1576) tambem já so pronunciavão com *o* aberto no plural os adjectivos em *oso*, pois sempre os escrevia João de Barros com *o* grande (ó). Fernão de Oliveira diz, no cap. VIII da sua *Grammatica* (1536):—«Temos *oo* grando como *fermosos* o *o* pequono como *fermoso*».

199.—Por exemplo, Julio Ribeiro o Castro Lopes.

200. - E' um adjectivo substantivado, quor venha de *raboso*, como dizem Duarte Nunes do Leão o Covarruvias (Diez, *Dicc.*), quer do lat. *rapĕre*, rapar, roubar, *rapax*, rapaz ou rapaco, mudada a desinencia, tanto no portuguez, como no espanhol, talvez para differençar de *rapaz*, moço. No espanhol, *rapiego* e *rapaces*, aves de rapina.

Esposo, *gozo* ou *goso*, o o adj. *goso* (cão) não são formados com esse suffixo. Derivão-se: *esposo*, de *spousas*; *gozo*, segundo uns de *gavīsus*, segundo outros de *gaudium* ou de *gustus*; *goso*, provavelmento do *gothus*, *gôdo* (cães trazidos pelos gôdos).

201.—Por analogia, do feminino *canhòta*; mas Monte Carmelo, Cornu, 307, Ernesto Ribeiro o Massa dizem *canhôtos*.

Lê-se, na grammatica do Pauliuo de Sousa, quo a terminação *oto* tom o *o* penultimo fechado, no masculino, singular o plural, mas aberto no feminino, pois se pronuncia:—*minhôto*, *minhòta*, *minhôtos*, *garôto*, *garôta*, *garôtos*, *marôto*, *marôta*, *marôtos*, *perdigôto*, *perdigôta*, *perdigôtos*.

Os que dizem *minhóta* dizem tambem *minhótos*, como Luiz Caetano do Lima. Antigamente, segundo Nunes de Leão, diziaso *canhôto*, *canhóta*, *canhótos*, mas tambem *fermôso*, *fermôsos*, e assim nos mais polyssillabos de *o* tonico fechado, no singular.

202.—João de Deus, Cornu:—*dorminhôco*, *dorminhôcos*.

203.—Tambem so diz, em Portugal, *óvos*, *gôlos*, segundo Gonçalves Viana, *apud* Cornu, n. 21, nota; Pereira Coruja, n. 125, nota: *gôros*.

204. -Muitos dizem, no singular, *abrólho*.

205.—Moraes:—*antôlhos*. Ad. Coelho:—*antólhos*. Castro Lopes:—«As palavras *sobr'ôlho* e *ant'ólhos* são, evidentemente, formadas com o vocabulos *ôlho*; como os seus prefixos, *sobre*,

ante, não soffrerão alteração profunda, o que succedeu com as palavras *caôlho*, *zarôlho*, devem ser pronunciadas com *o* aberto *sobr'ólhos*, *ant'ólhos*, como se os dois termos fossem distinctamente proferidos».

206.—Muitos pronuncião, no singular, *apódo*, poucos no plural *apôdos*. Vide Cornu, n. 57.

207.—Cêsto do palha, muito usado no Maranhão e nos Estados visinhos. Ali se pronuncía *còfo*, *cófos*; Castro Lopes quer que se pronuncíe *eôfos*, por analogia dos outros vocabulos desta terminação:—*estôfos*, *môfos*, *balòfos*, *fôfos*, *ròfos*.

208.—Gonçalves Viana, *Pron. normal*, n. 53, Cornu, n. 56. E assim o pede a analogia do feminino, *corcóva*, e a do plural dos outros substantivos nesta terminação.

209.—Duarte Nunes de Leão:—*còros* ou *choros*. Hoje todos dizem *córos*, excepto o professor A. Trajano, no seu *Estudo da lingua vernacula*.

210.—Madureira, Monte Carmelo, Moraes, no singular:—*cóvo*.

211.—Madureira, Monte Carmelo:—*despôjos*, *destrôços*. Hoje, tanto em Portugal como no Brasil, diz-se:—*despójos*, *destróços*. Gonçalves Viana, Cornu, ns. 57 e 306, Epiphanio Dias, Montoiro Leite, Ernesto Ribeiro, Castro Lopes. Este ultimo, quanto a *destróços*; parece que pronunciava *despôjos*, como os outros nomes desta terminação, *antòjos*, *arrôjos*, *dôjos*, *estòjos*, etc., que adduz como exemplos, não exceptuando aquelle, o até incluindo *tojo*, que todos os outros autores, modernos e antigos, dão no plural *tójos*.

212.—Monte Carmelo, Cornu, n. 306, Pereira Coruja, n. 25, nota:—*epôdos*.

213.—Gonçalves Viana, Cornu, n. 22, Epiphanio Dias, Monteiro Leite, Paulino de Sousa, Ernesto Ribeiro, Massa (este tambem, no singular, *escólho*). *Escôlhos*:—Luiz Caetano de Lima, Madureira, Monte Carmelo, Verguciro e Pertence, Julio Ribeiro.

214.—Gonçalves Viana, Cornu, n. 57, Epiphanio Dias, Monteiro Leite, Pereira Coruja. Antigamente:—*esfôrços*. Monte Carmelo, Cornu, n. 58.

215.—Adopho Coelho, Cornu, ns. 22 e 306, Ernesto Ribeiro. *Fôlhos*:—Epiphanio Dias, Monteiro Leito, Verguoiro e Pertence, Castro Lopes (Poroira Coruja, *fôlho*, *fôlhos*). *Desfôlhos*, Cornu, n. 57; mas o feminino *desfôlha* pede *desfólhos*. *Refôlhos*, Madureira, Monte Carmelo, Castro Lopes.

216.—Segundo Paulino de Sousa, no sentido do *juizo*, *tribunal* ou lugar onde litiga ou administra justiça (*barreau*), usa-

so no plural *fôros*. Assim, ha de se dizer:—«A qual dos fôros pertenee a eausa, ao eivil ou ao eommereial? Havia em Roma varios fôros (*fora*), o romano ou antigo, o de Julio Cezar, o de Augusto, o de Nerva, o do Trajano». Não vimos esta exeepção em nenhum outro autor. Em latim, *forum*, *fora*, tinha o *o* breve, e portanto de som aberto. Garrott (*Discursos*) aeeentúa sempre, no singular, *fóro*.

217.—Bento Pereira, Monte Carmelo, Adolpho Coelho, Cornu, n. 306, Franeiseo do Andrade, Ernesto Ribeiro, Maciel, Antonio Trajano; mas *glôbos* om Madureira, Epiphanio Dias, Monteiro Leite, Vergueiro e Pertenee, Castro Lopes.

218.—Madureira, n. 45, Monte Carmelo, Cornu, n. 21, Paulino de Sousa, Ernesto Ribeiro. *Hôrtos*:—Duarte Nunes de Leão, Castro Lopes. O feminino *hórta* pede o plural *hórtos*.

219.—Cornu, n. 306, Eug. de Castilho. *Miraôlhos*:—Monte Carmelo.

220.—Madureira, Monte Carmelo, Adolpho Coelho, Gonçalves Viana, Cornu, n. 306, Epiphanio Dias, Monteiro Leite, Castro Lopes, Pereira Coruja. Temos, porem, verifieado quo a muitas pessoas esta pronuneia eausa estranhoza ou desagrado; e dois grammatieos brasileiros, ambos da Bahia, Ernesto Ribeiro e Massa, dão:—*pescôços*.

221.—Moraes, Cornu, n. 21:— *alhos pórros*. Castro Lopes: —*alhos pôrros*.

222.—Ep. Dias, Monteiro Leito. *Reforços*:—Monte Carmelo.

223.—Jeronymo Soares Barbosa, Gonçalves Viana, Paulino de Sousa, ps. 288, Ep. Dias, Monteiro Leite, Castro Lopes, Ernesto Ribeiro, Pereira Coruja.

224.—Analogia de *sogra*. Franeiseo do Andrade, Ernesto Ribeiro, Cornu, n. 21, mas tambem *sôgros*, n. 307. *Sôgros*:— Castro Lopes.

225.—Monte Carmolo diz que alguns pronuneião *tijôlos*; Gonçalves Viana, Cornu, n. 28, Ep. Dias, Monteiro Leite, Castro Lopes, Ernesto Ribeiro, Pereira Coruja. *Tijôlos*:—Madureira.

226.—Por analogia do *tôcha*.

227.—Madureira, Monte Carmelo, Gonçalves Viana, Ep. Dias, Monteiro Leito, Paulino do Sousa, Ernesto Ribeiro, Castro Lopes, Massa, Pereira Coruja, Antonio Trajano. *Tôrnos*:— Duarte Nunes do Leão.

228.—Monto Carmelo, Cornu, n. 21, Pereira Coruja, Ernesto Ribeiro.

229.—Madureira, Monte Carmelo («alguns dizem *tremô*-

ços»), Moraes, Francisco de Andrade, Gonçalves Viana, Cornu, n. 32 *a*, Ep. Dias, Monteiro Leite, Ernesto Ribeiro.

230.—Monte Carmelo, Francisco de Andrade Adolpho Coelho, Gonçalves Viana, Cornu, n. 306, Eug. de Castilho, Ep. Dias, Monteiro Leite, Castro Lopes, Ernesto Ribeiro, Pereira Coruja, Antonio Trajano. *Trôcos*:—Duarte Nunes do Leão, Madureira, n. 446 o vocabulario, (*«ainda que muitos dizem *trócos*»), Paulino de Sousa.

231.—Monte Carmelo, Francisco de Andrade, Gonçalves Viana, Cornu, n. 28, Ep. Dias, Monteiro Leite, Ernesto Ribeiro, Castro Lopes, Pereira Coruja.

232.—Melhor orthographia que *frouxo*, porque vem do *fluxus* (esp. *floxo*).

233.—Em Portugal, ha quem diga *descnvôltos*, *envôltos*. Cornu, n. 21.

234. - Pereira Coruja, Castro Lopes. Castilho, por amor da rima, accentuou *torvos*, na tradueção das *Georgicas*, liv. 1.º:—

em vez do grasnos tórvos
erueitão de alvorôço em tom festivo os eórvos !

Mas a pronuncia commum é *tôrvos*, e assim se vê accentuado esse plural, por muitas vezes, nas obras do Filinto Elysio, em versos deste e uos de *Alfeno Cynthio* (Domingos Maximiano Torres):—

Eis eereão-me
Espéetros, que em mim eravão tôrvos olhos.
T. 2.º, *Oberon*, p. 69.

E para traz volvendo os tôrvos olhos.
T. 3.º, p. 453, *Alf. C.*

Por elle resvalando os tôrvos olhos.
Ib., p. 463, Id.

E eravados em mim os tôrvos olhos.
Ib., p. 487, Id.

235.—Julio Ribeiro, Antouio Trajano.

236.—Cornu, n. 307.

237.—Pereira Coruja, nº 125, nota, Ernesto Ribeiro, Castro Lopes. *Abórsos*, *abórtos*:—Monte Carmelo, Cornu, n. 306.

238.—Monte Carmelo. *Acórdos*:—Cornu, n. 57.

239. Monte Carmelo, Ep. Dias, Monteiro Leite. *Adórnos*: —Adolpho Coelho, Gonçalves Viana, *apud* Julio Cornu, n. 306, Castro Lopes.

240. — Cornu, n. 57 (e *desafógos*), Castro Lopes.

241. —Monte Carmelo, Castro Lopes, Ernesto Ribeiro, Massa, Antonio Trajano. *Almóços*: —Gonçalves Viana, Cornu, ns. 21 e 57, Monteiro Leite.

242. — Cornu, n. 307.

243. —Monte Carmelo, Cornu, n. 307, Castro Lopes, Massa. *Antójos*: — João de Deus.

244. - Num artigo, publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio, de 20 de agosto de 1903, affirma o sr. Candido de Figueiredo — «em Portugal, pronunciamos *bólsos*». No Brasil, dizem *bôlsos*; e cremos que em Portugal essa é a pronuncia mais geral, pois assim mandão prouunciar Monte Carmelo, Cornu, n. 28, Epiphanio Dias, Monteiro Leite e nenhum autor, ainda dos que mais amplião a metaphonia, menciona esse nome na lista dos que têm som aberto no plural. E o que deve ter fechado infere-se do feminino *bólsa*. Leite de Vasconcellos (*Dialectologie portugaise*, n. 45, *a*), depois do frisar que, na fronteira do norte e do centro, ás vezes, ha confusão do *ô* e *ô*, sobretudo em Trasos-Montes, sendo o *o* tonico pronunciado quasi sempre com som aberto (*mórro, pórco, ósso, óbo·o*), accrescenta: —«Nas outras regiões do paiz, encontra-se confusão, mas em estado sporadico: — *alfórge*, a par de *alfôrge*, *bólsos*, a par de *bôlsos*».

245. —Não se encontra este nomo nos diccionarios, nem nas listas dos autores que consultámos; mas, no Brasil, é muito usado. Alguns dizem *brôto, brótos*.

246. — Duarte Nunes de Leão, Madureira, Monte Carmelo, Paulino de Sousa, Ernesto Ribeiro, Castro Lopes, Maciel. *Chóros*: — Gonçalves Viana, Cornu, n. 57, Ep. Dias, Monteiro Leite.

247. — *Confórtos*: - Cornu, n. 57.

248. — No sentido de bufete, movel de sala (do francoz *console*), diz-se *consólo, consólos*.

249. - Cornu, n. 57, Castro Lopes, Massa: — *contórnos*.

250. — Alguns pronuncião *enójos*.

251. — Castro Lopes.

252. — Castro Lopes diz tambem *escôpo, escôpos;* mas a prosodia geral é *escópo, escópos*: — Monte Carmelo, Moraes, Ad. Coelho, etc. No grego e no latim, esse *o* é breve, e portanto aberto (gr. *skopòs*, lat. *scŏpus*). Em *escôpro*, o *o=ou* vem do *al, scalprum*.

253.—Como observa Cornu, n. 24, assim se pronunciou até ao 18.º seculo. E' ainda como se pronuncia no Brasil, e como o pedo a analogia do feminino *espôso*. Joãe de Deus, Paulino do Sousa, Vergueire e Portenee, Julio Ribeiro, Ernesto Ribeiro, Antonio Trajano assim accentúão; mas parece que em Portugal, modernamente, so tem generalisado a metaphonia neste nome, pois Adolpho Coelho, Gonçalves Viana, Epiphanio Dias e Menteiro Leite dizem *espósos*.

254.—Pauline Seusa, Ep. Dias, Monteiro Leite, Peroira Ceruja, Castre Lepes. *Estójos*:—Madureira, J. Cornu, n. 306 (mas *estôjos*, no n. 27).

255.—Moraes, Roquete, Ad. Coelho. *Estòlhos*: — João de Deus.

256.—Monto Carmelo, Vergueire e Pertenee, Castro Lopes. *Estórvos*: — Gonçalves Viana, Cornu, n. 57, Ep. Dias, Monteiro Leite.

257.—Monte Carmelo. *Fólges*: — Gonçalves Viana, *Pronuncia normal*, n. 56, let. *o* o *apud* Cornu, n. 306 («O gate tem sete fólgos»).

258.—Jeão de Barres escreve *geolhos*, com *o* pequeno ou fechade. *Compil. de varias obras*, ps. 39, 47, 49, 234.

259.—Duarte Nunes de Leão, Madureira, Monte Carmelo, Ad. Coelho, Cornu, n. 57, Paulino de Sousa, Ernesto Ribeiro, Massa, Maciel, Antonio Trajano. *Gózos*: — Gençalves Viana, *apud* Cornu, n. 306; Castre Lepes escrevo *gose*, e o adj. *gozo*, *gôzos*.

260.—Mente Carmelo, Paulino do Sousa, Julio Ribeiro, Ernesto Ribeiro. *Jórros*: —Cornu, n. 406, mas jôrres, ne n. 32 a.

261.—Mente Carmelo, Cornu, ns. 27 e 57, Pauline do Seusa, ps. 283, Vorgueire e Portenee, Julie Ribeire, Castro Lepes. Em Portugal, alguns preferem *lógres*. J. Soares Barbesa, Cornu e Pauline do Seusa.

262.—Cornu, n. 307, Jeãe de Deus, Vergueiro e Pertence, Julie Ribeiro. *Perdigótos*: —Luiz Caetane de Lima, Mente Carmolo.

263.—Monto Carmele.

264.—Monte Carmele, Cornu, n. 27.

265.—Antigamente, no sentido de estipendio ou seldada, dizia-se *sôldo*, *sôldos*: no sentido de moeda, *sôldo*, *sôldos*. Duarte Nunes de Leão, Moraes, Hoje, em ambos os sentidos, *sôldo*, *sôldos*. Paulino de Sousa.

266.—A serotherapia fez que se use hoje, muito frequentemente, do plural deste nome. Temos sempre ouvido *sôros*, e

assim mandão pronunciar os autores brasileiros Pereira Coruja, Julio Ribeiro, Castro Lopes, Ernesto Ribeiro, Maciel. Mas os portuguezes dizem *sóros*:—Madureira, Monte Carmelo, Gonçalvos Viana, Cornu, n. 21, Epiphanio Dias.

267.—Madureira, Monte Carmelo, Vergueiro e Pertence, Julio Ribeiro, Ernesto Ribeiro, Massa, Maciel.

268.—Cornu, n. 307, Vergueiro e Pertence, Castro Lopes. *Tócos*:—Francisco de Andrade, Eugenio do Castilho, Ernesto Ribeiro, Pereira Coruja. E' palavra muito usada entre os lavradores do Brasil. Commumente dizem *tôcos*, mas tambem temos ouvido *tócos*.

269.—Parece-nos que assim se deve pronunciar, por analogia do feminino *tôrda*, e pela etymologia (*u* latino em posição, *turdus*, como do *gurdus*, *gôrdo*, *gôrda*, *gôrdos*); mas em Portugal usam, geralmente, *tórdos*:—Madureira, Monte Carmelo, Moraes, Adolpho Coelho, Gonçalves Viana, Cornu, n. 28, Ep. Dias, Monteiro Leite, Pereira Coruja, Ernesto Ribeiro. *Tôrdos*:—Castro Lopes.

270.—Como tambem não so lhos dá flexão feminina; só o povo a faz algumas vezes:—as *Frazôas*, *Ribeiras*, *Rebellas*, *Machadas*, *Furtadas*, *Pedrósas*, *Vellósas*, etc.

271.—Vergueiro e Pertence, Julio Ribeiro.

Titulo III

Da euphonia

Para facilitar e suavisar a pronuncia, accrescentão-se letras, ou supprimem-se, deixando-se de escrever ou proferir, e tem-se até mudado o valor primitivo de algumas consoantes.

CAPITULO I

Letras accrescentadas ou supprimidas

Ao pronome enclytico, *o a, os, as,* depois de terminações verbaes em *r, s, z,* dos pronomes *nos, vos,* e do adverbio *eis,* accrescenta-se um *l* inicial, supprimindo-se aquellas consoantes finaes:— *amá-lo, âma-lo, amâma-lo, amemo lo, amai-o* (1), *vê-lo, vêde-lo* (2), *tem-lo* (3), *di lo, tra-lo, fa-los* (4), *fe-lo, fi-lo, po-lo, pu-lo, qui-lo, no-lo, vo-lo, ei-lo,* em vez de *amar-o, amas o, amamos o, amemos-o, amais o, vês-o, vêdes-o, tens-o, diz-o, tráz-o, faz-o, fez-o, fiz-o, poz-o, puz-o, quiz-o, nos o, vos-o, eis-o,* ou *amar-lo, âmas-lo,* etc., *nos-lo, vos-lo, eis lo.*

Os antigos escrevião com *l* dobrado, e sem separação, *amállo, amamollo,* etc. Os modernos, entendendo que havia ahi simples mudança da consoante final *r, s, z,* em *l,* adoptárão a graphia de um só *l,* posto no logar dessa consoante, ou unido ao pronome, por fazer syllaba com ella. Hoje, porem, as autoridades mais competentes explicão de outro modo esse uso. *Lo, la, los, las* é a fórma primitiva desse pronome, assim como do artigo (5), e a consoante final da palavra precedente assimilou-se com a inicial do pronome. Esta explicação justifica a graphia antiga, e exige que, na moderna, se una o *l* ao pronome.

Os antigos tambem ligavão este pronome a substantivos e outras palavras terminadas em *s*:— *Deullo sabe, a Deullo rogo, poillo dizedes, poilla vi,* o que é frequente nos cancioneiros, e ainda se encontra em alguns escriptores de epocas em que a lingua já era culta.

A mesma ligação fazião com o artigo:—*todollos dias, todallas cousas, ambollos braços, amballas pernas, Trallos Montes.*

Com a preposição *per,* liga-se, ainda hoje, tanto o pronome como o artigo, sem traço de união:—*pelo que, pel-*

caminho, pela manhã. Antigamente, tambem com a preposição *por, pollo que, pollo rei* e *polla grei, pollo amor de Deus,* modernamente substituida sempre, nessa contracção, pela preposição *per,* por se ter obliterado a distincção que o uso antigo fazia entre uma e outra (6).

Quando os pronomes *o, a, os, as* vêm depois da terminação nasal dos verbos de que são complementos, põe-se-lhes antes um *n*:—*tem-no, põe-no, amem-na, dizem-no, virão-nos, deixem-nos,* etc. O mesmo se faz depois de *não*:—*não-no querem, não-no póde, não-na estima* (7), *não-nos viu* (8), *não-nas amão.* Os antigos tambem dizião:—*alguem-no fez, quem-no viu?, quem-no afaga* (9), *bem-no creio, sem-no querer, nem-no quiz ver* (10). E ainda hoje muitos portuguezes assim falam. Mas na linguagem escripta já se não usa do *n,* em taes casos. Tambem na prosa já poucos o empregão, depois de *não;* no verso, porem, a harmonia exige-o muitas vezes. Ainda depois das flexões nasaes de verbos, a que se acostão os pronomes, como complementos encliticos, alguns hoje o omittem, o que se não deve imitar. Se tal uso prevalecesse, prejudicaria muito a doçura da lingua, mórmente na poesia.

Se o pronome não está logicamente ligado ao verbo anterior, por ser complemento de um infinitivo seguinte, não é necessaria a adjuncção do *n,* salvo se a euphonia imperiosamente a exigir. Não a fez Camões, neste verso, c. 9.º, 45. (11).

Vão-a buscar e mandão-na diante;

Mas é indispensavel neste de Sá de Miranda (Ecl. do Encantamento, v. 426):—

Vem-na as irmãs a ver (12).

O mesmo se dá com a ligação pelo *l,* quando termina em *s* ou *z* o verbo precedente. Hoje, não se diz, como o

fez Sá de Miranda (*carta 1.ª a el rei*):—*Se querei los conhecer*; Diz-se—*Se os quereis conhecer*.

Quando, porem, o pronome é complemento do primeiro verbo, e sujeito logico do infinitivo, deve-se fazer a juncção, quer com o *n*, quer com o *l* Assim, diremos:—*Fação-no trabalhar, deixem-no dizer, façamo-lo estudar, fe-lo correr, fi la cantar*.

Com os infinitivos dos verbos, na primeira hypothese, pode-se fazer ou deixar de fazer a ligação: —*para poder o conhecer, por querer a ver* ou *para pode-lo conhecer, por quere-la ver*; na segunda hypothese, é necessaria a ligação —*para faze-lo falar, para deixa-lo correr*.

Esse *n* era considerado pelos grammaticos como simples accrescimo euphonico, ou como restituição do *n* etymologico dessas terminações, conservado no espanhol, e que o portuguez mudou em *m* Segundo os modernos glottologos, é o *l* de *lo, la* assimilado á nasal precedente. Do mesmo modo explicão alguns a contracção da preposição *em* com o artigo,- *no, na*, por *em no, em-na=emlo, emla*; e, por analogia, *nelle, nesta, nesse, naquelle*; *nisto, nisso, naquillo, num, noutro, nalgum*; outros, porem, como Diez e Cornu, admittem que nestes casos o *n* provem da preposição latina *in* (13).

O *s* final da 1.ª pessoa plural dos verbos supprime-se, antes dos pronomes pessoaes, *átonos* ou encliticos, *nos, vos*: —*partimo nos, louvamo-nos*. Não se supprime antes do pronome *lhe*:—*damos lhe, devemos lhe*. (14).

Primitivamente se dizia *me lo, te lo, lhe* ou *lhi lo*, depois *mi o, ti o, lhi o*; por fim, como hoje, *m'o, t'o, lh'o*, por *lhe o*, e tambem por *lhes-o*. (15).

No verso, o *m* da preposição *com* supprime-se antes de *um, uma*: *co'o, co'a, c'um, c'uma*. (16).

No portuguez antigo, supprimia-se o *n* de *non*, antes de *m* ou *n*, do que ficou vestigio na linguagem dos quinhentistas, na locução *no mais*. (17).

A preposição *de* une-se aos artigos, aos demonstrativos *este*, *esse*, *aquelle*, etc., aos pronomes pessoaes *elle*, *ella*, e aos adverbios *onde*, *aqui*, *ahi*, *ali*, com ou sem apostropho; com outras palavras, usa-se do apostropho ou não se faz a elisão, mais frequente em Portugal que no Brasil: – *d'um*, *d'algum*, *d'alguem*, *d'agora*, *d'Africa*, *d'Asia*, *d'Albuquerque*, *d'Almeida*, *d'Oliveira*, *d'ouro*, *d'agua*, etc.; ou *de um*, *de algum*, *de alguem*, *de agora*, *de Africa*, *de Asia*, *de Albuquerque*, *de Almeida*; *de Oliveira*, *de ouro*, *de agua*, *de ar*, etc. Com alguns nomes de logares, em Portugal, costumam fazer a elisão: -*d'Alcobaça*, *d'Almada*, *d'Extremoz*, *d'Obidos*, *d'Ourique*, *d'Evora*, etc. (18).

Supprime-se o *e* de *que* nestas interrogações:—*Qu'é do livro? Qu'é da chave ? Qu'é delle? Qu'é della ?*

Os classicos fazião varias contracções, que ainda hoje se fazem, sobretudo em verso:—*est'outro*, *ess'outro*, *aquell' outro*, *est'outra*, *est'outros*, etc., *d'est'arte*, *atéqui*, *atéhi*, *atéli*, *atégora*, ou *téqui*, *téhi*, *téli*, *tégora*, *jágora*, *áquelle*, *álgum*, *álguem*, e *hum'hora*, como *outr'ora*. Contrahião *ao*, *aos*, em *ó*, *ós*, como se contrae *a a* em á:—*ir ó campo*, *contrario ós vicios* (19).

Antigamente, união dois nomes proprios:—*Portalegre*, *Nunalvares*, *Pedralvares*; o pronome ao nome em *Sant'Amaro*, *Sant'Antonio*, *Sant'Ambrosio*, etc., e todos os fazemos em *Santanna*, *Santiago* (20).

Muitos portuguezes dizem:—*cá baixo*, *lá baixo*, *lá cima*.

A intercalação de *i*, como no gallego, ou *u*, para evitar o hiato, formando ditongo (*ai agua*, *é i um*, *ja u a vi*), usada pelo povo, em Portugal (21), nunca foi acceita na linguagem literaria. Desfaz-se o hiato por elisão ou contração na pronuncia, sem a indicar na escripta; mas, no verso, muitas vezes convem usar do apostropho:—*Est'arma*, *aquell'aguia*, *minh'alma*, *d'alma*, *n'alma*, *n'agua*, *n'arca*, *n'arêa*, etc. (22).

Notas do capitulo I

1.—Sá do Miranda, vilancete VIII, 4, (Ed. Michaelis)—*Vós passai-lo alegremente.*

2.—*Luziadas*, c. 7.º, 4, 5; c. 8.º, 14, 16, 20, 23, 27, 30; c. 10.º, 95.

3.—Epiphanio Dias, *Gram.*, n. 85, verbo *ter*, obs 3.ª:—A segunda pessoa do singular do presente do indicativo, quando se lho pospõe o pronome *o, a, os, as*, escreve-se com *m* final:—*tem-lo tu?*

4.—Sá do Miranda, carta V, 367:—Fa-las ir crescendo a magua. «Mas, adverto Monto Carmolo, § X, lv. IV, nunca dizemos, v. g.—Fa-la muito bom, Fa-las bem, Fa-lo bem; porque estas frases se equivocam com o vorbo falar».

Filinto Elysio, num verso da sua traducção da *Segunda guerra punica*, poema de Silvio Itálico, escreve *affêz-lo*, e disse em nota:—

«So ainda não esqueci as minhas linguagens, do *fazer*, vem *fêz-lo* lembrar, *fêz-lo* assim; e, pola mesma razão, o composto, seguindo a ordem do simples, de *affazer* vem *affez-lo ás armas, affez-lo á guerra*, etc.». O illustre poeta, que tanto serviço prestou á lingua portugueza, combatendo o gallicismo e recommendando a leitura dos classicos, escreveu geralmente em boa linguagem vernacula; mas a longa ausencia da patria, e a falta de livros portuguezes, do que elle se queixava, fizerão que incorresse, nesto e outros casos, em esquecimentos e descuidos, que admira não fossem corrigidos pelo seu amigo Francisco Solano Constancio, encarregado da revisão das *Obras completas* do poeta, então já muito idoso. Em portuguez, diz-se *fê-lo, affê-lo. Fez-lo, affez-lo* é linguagem espanhola; tambem o são *lo*, sem suppressão do *s* final da flexão verbal, e a terminação *eis*, em vez de *es*, na 2.ª possoa plural do pret. perf. do indicativo. Commette outra incorrecção, collocando o verbo *haver* no plural, quando deve ser unipessoal. Como são muitos repetidos, constantes, taes descuidos não se podem attribuir ao impressor e ao revisor.

Essas maculas encontrão-se até na *Carta ao amigo Brito*, excellente arrazoado em prol da pureza da nossa lingua. Por exemplo, a ps. 97—«*E chamáes-los Puristas e Censores?*; a ps. 67 e 106.—«Oh desdouros da Patria! oh inimigos da lingua em que *nascesteis*, vos criasteis! A si, e a vós, que ás cegas os *seguisteis*»; a ps. 85—«Quero dar que em francez *hajão* formosas—Expressões, curtas phrases elegantes».

Diz um nosso grammatico (padre Massa, ps. 424, *tin fine*): —«*Ama-lo* tu, se podes; que eu não posso *amal-o*; *Vesti-la* vós, se tendes com que *vestil-a*.

O hiáto que resultaria do emprego do artigo, como enclitica dos verbos no imperativo – *Ama* e *vesti*, sem a adjuncção da letra *l*, é a causa do uso de dicções desta ordem, aliás cheias de belleza e suavidade».

Nunca houve esse uso do *l* euphonico, depois do imperativo ou de qualquer fórma verbal, terminada por vogal; sempre se disse e deve dizer:—*Ama-o*, *veste-o*, *vesti-o*, *faze-o*, *dize-o*, etc.

Em lapso igual incorreu o dr. Barbosa Leão, admittindo que se diga *tu amaste-lo*, em lugar do *amaste-o*; os que fazem essa ligação provavelmente são os que dizem *tu amastes*. Vido o opusculo *Ref. da Ortog.*, ps. 65, nota.

5.—Do pronome latino *ille*, no accusativo:—*illu* (*m*), *illa* (*m*), plur. *illos*, *illas*. Raynouard, o creador da grammatica comparada das linguas romanicas (*Grammaire compairée des langues de l' Europe latine*, 1821, cap. 1.°), provou, com documentos dos primeiros tempos da lingua, que primitivamente as fórmas do artigo portuguez forão *el*, *lo*, *la*. Dellas ainda hoje ha restos—*el-rei*, *alfim*: e, no tempo dos quinhentistas, era frequente a fórma feminina, em locuções como *a la fé*, *a la par*, *a la larga*, *a la mira*, *a la moda*, *a la ré*, *a las mil maravilhas*. Conservou-se *lo* em *sôbolo*=*sôbelo*, *sobrêlo*, usado por Camões e outros autores do seu tempo; e em *ulo* (*u*, onde), ainda usada pelo povo em Portugal.

Admira que José da Fonseca, director e annotador da edição do *Parnaso Lusitano*, não tivesse entendido estes versos de Sá de Miranda (tomo V, p. 266, eclogo *Basto*):—

Ulo aquelle grande amigo,
Ulo dos bofes lavados
Daquelles do tempo antigo ?

Leu *v'lo* e interpretou em nota:—*Olha*.

Para dar mais vulto a pequenos vocabulos, usavão os antigos do um *h*, não pedido pola etymologia ou pela pronuncia, escrevendo *ho*, *ha*, *hos*, *has*, *hé*, *hũ*, *hir*. Essa graphia fez que suppusessem alguns ser o artigo portuguez derivado de *hoc*, *hac*, ablativo de *hic*, *hæc*, *hoc*. Já mostrámos que os nomes portuguezes forão derivados do accusativo ou donominativo latino, provindo do ablativo somente o gerundio e alguns adverbios. Outros o suppuzerão derivado do artigo grego *hó*, *hé*, *tó*; accusativo:—*ton*, *ten*, *tó*; plur. nom.—*hoi*, *hai*, *tá*, acc.—*toús*, *tás*, *tá*. Tambem houve quem o julgasse tomado do arabe ou do gothico.

Hoje fôra oeioso refutar essas opiniões, estando assente e bem demonstrado, polos mais competentos glottólogos, quo o nosso artigo, como o das outras linguas romanicas, provém do pronomo *ille*.

6.—*Per*, lat. *per*, por meio do; *por*, lat. *pro*, *propter*, em logar de, em favor de, por causa de.

7.—*Lus.*, c. 5.º, 97, e 6.º, 7.

8.—E' preciso evitar o *equivoco* do *nos* demonstrativo relativo, com o *nos* pronome pessoal da 1.ª pessoa plural, ainda que não seja difficil pereeber o sentido da phrase. Foi, sem duvida, por isso quo Camões não usou do *n* ouphonico, nos seguintes versos, aos quaes o accrescentavão alguns editores:

Mas vingo-mo, que os bens mal ropartidos,
Por quo só doees sombras apresonta,
So *não os* dão a sabios cavalloiros,
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

C. 10.º, 24.

Occultos os juizos do Deus são!
As gontes vãs, que *não os* ontonderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sondo só providoneia de Deus pura.

C. 10.º, 38.

9.—*Lus.*, 2.º, 43.

10.—A nasal do *nem* com o *h* do *hum*, como so escrevia até rocentemente e ainda alguns escrevem, produziu a nasal palatal *nh*: —*nenhum*, *nenhuma*. Muitos dizom: — *Quenhé?* por *quem he* ou *quem é*?

11.—Conforme as duas odições do 1772, publicadas om vida de Camões; algumas edições posteriores trazem: *vão-na*.

12.—Diz o sr. Ernesto Carnoiro Riboiro, na sua *Gram. port. philosophica*, lv. 1, c. III: —«Quando é aecentnada a desinencia *ão*, entre ella o o pronomo não so interpõe o *n*, por amor da euphonia mesma: — não se diz *amarão-no*, *farão-no*. Fazem excepção a esta regra os monosyllabos om *ão*, com os quaes se emproga a euphonica: — não se diz *dão-os*, *vão-o*: mas *dão-nos*, *vão-nos*».

Póde às vezes dizer-se *dão-os*, *vão-o*, e disse-o Camões, nos exemplos aeima citados. Não se diz *amarão-no*, *farão no*, porque com o futuro o pronome complemento se interpõo ou antepõe, nunca se pospõe: —*ama-lo-hão*, *fa-lo-ão*, ou *que o amarão*, *que o farão*.

13.—Diez, *Gram.*, pron. port., p. 85. Cornu, n. 102. Este cita os seguintes exemplos da *Regra de S. Bento*: *in este corpo, in aquesta parte, in esse empeço, in hũn dia, in outra maneyra, in a ley.*

14.—Não *damo-lhe*, como diz o sabio Frederico Diez, lapso reproduzido pelo tambem douto Julio Cornu.

15.—Diez, *Gram., pron. port*, e *Uber die erste portugiesische kunst undi hofpoesie*, pgs. 111.

16.—Sem supprimir o *m*, na escripta, os poetas fazem ás vezes a echthlipse, como no latim. Camões, por exemplo, fe-lo nestes versos:

Debatem e na porfia permanecem

C 1.º, 36.

O imperio tomaram a Constantino.

C. 1.º, 60.

17.—Quo so dovo pronunciar *nô mais* (não *nó mais*). Igual uso no gallego: —*Nó me viu, nó nos trouxo nada.* Mas tambem so póde dizer *non me viu*, etc. Saco Arce, n. 124.

Do Camões

Sendo estes quó fizerão tanto abalo
No mais quo só sessenta do cavallo.

C. 3.º, 67

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida.

C. 10.º, 145.

Jeronymo Côrto Real, no *Cereo de Diu*, c. 19:—«Vinto loguas no mais dali». Luiz Peroira (*Elegiada*, c. 11):—«No mais, agora, afflicta Musa».

18.—A este respeito, escreveu o sr. Gonçalves Viana, no seu *Essai de phonétique et de phonologie portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, publicado no tomo XII da revista *Romania*:—«Estas olisões do *e* mudo são muito caprichosas. Quando a vogal inictal da palavra soguinte é accentuada, a pronuncia mais commum rejeita a elisão, e o *e* torna-se *i* (attenuado),

segundo a regra. Assim, a expressão *nove horas* deve-se pronunciar *novioras; nòvóras* seria um provincialismo.

O *e* neutro dos monosyllabos *me, te, se, lhe, que*, e o da preposição *de*, elidem-se as mais das vezes, este ultimo principalmente, quando a palavra immediata não é sujeito de uma proposição infinitiva; assim, dir-se ha *a casa delles* (a kaza delis), mas a phrase — *no caso de elles não irem* se pronunciará *nu kazu de êliz nãu irãi*. Muitos escriptores, todavia, não fazem esta distincção; escrevem em ambos os casos *d'elles* ou *delles*. Eu faço esta distincção espontaneamente, ainda falando rapidamente.

Seria minucioso e difficil averiguar as differentes circumstancias em que o *e* dos monosyllabos, e sobretudo o da preposição *de* e do pronome conjuncção *que*, o qual se pronuncía *e* (attenuado), antes de uma consoante, se elide antes da vogal da palavra seguinte: — ouvir-se-ha muitas vezes *d'ouro, di ouro, di oiro*, nunca *d'oiro*, ao menos em Lisboa, onde o ditongo *oi* por *ou* (ô) é quasi geral, sobretudo antes do *r*. Não se dirá tambem: —*porqu'eu, porqu'elle, sem qu'outro, do qu'antes, para qu'homens, diz qu'ha*, mas *porque eu, porque elle*, (*purkiêu, purkiêle*), *sem que outro* (*sái kiôtru*), *do que antes* (*du kiâtis*), *para que homens* (*para* ou *prakiômãis*), *diz que ha* (dizkiá). Póde se dizer que em Lisbôa só se faz a elisão do *e* de *que*, antes de uma vogal palatal átona, por si mesma, ou que se tornou átona pelo movimento do accento oratorio. Assim, dir-se-ha: — E' porque isto é bom, é porque este é bom (*è purkiistu è bõ, è purkièsté bõ*), mas pronunciar-se-ha *é purkêste ómãi é bõ* (*é porque este homem é bom*), porque a emphase fére o substantivo homem, o não o adjectivo este, que o precede, e que faz com ello, por assim dizer, uma só palavra».

19.—*Fica o homem, para o homem, todo o mundo, todo o dia*, pronuncião muitos em Portugal: —*Fic' ó homem, par' ó homem, tod' ó mundo, tod' ó dia* (Monte Carmolo, § XXXV). Não ha, no Brasil, esta pronuncia.

20.—Do que resultárão como nomes differentes *Santiago* e *Thiago*. Neste ultimo, o *h* provém da aspiração do *i* de *Iago*, no espanhol. Das abreviaturas *San* ou *São, gram* ou *grão*, falaremos depois.

21.—Leito do Vasconcellos, *Dialectologie portugaise*, n. 42.

22.—Outros accrescimos ou diminuições (*figura de dicção ou metaplasmos*) são liberdades poeticas ou erros da linguagem popular.

No gallego tambem se fazem, por amor da euphonia, altorações semelhantes ás que se usão no portuguez: —*polo, pola* (*por o, por a*), *leval-o, faguêl-os* (*faze-los*), *pedil-as*, por *levar-o, fager-*

os, *pedir-os*; *collamol-os*, *léval-o*, *fagurédel-o*, por *collamos-os*, *levas o ?*, *faguredes-o ? déunol-os*, *eu vol-o dicirei*, por *deu-nos-os eu vol-o dicirei*; *ímonos*, *queixámonos*, por *imos-nos*, *queixamos-nos*. *N'il*, *n'-ela*, *n' ise*, *n' aquil*, *n-um*, *n-unha*, *n-algum*, *n outro*, por *en-il*, *en-ela*, etc. As terminações nasaes são acabadas em *n*, e este, na pronuncia, liga-se á vogal seguinte: - *Ben-o-sei*, *quén o-dixo ? tamen-os en viu* (quem o disse ? tambem os eu vi). Antes do artigo, a mudança de *r* ou *s* em *e* faz-se frequentemente, mas não è obrigatoria. Pode-se dizer:—*Acabal-a obra*, *escribil-o libro*, *pol-o monte*, *pol-a vereda*, ou *acabar a obra*, *escribir o libro*, *por o monte*, *por a vereda*; *ti trâl-os bois* ou *trâs os bois ?* (trazes os bois?). Tambem se diz, com essa mudança ou sem ella: — *Diol-o queira* ou *Dios o queira*, *todol-os dias*, ou *todos os dias*, *sentadol-os-dous* ou *sentados os dous*, *poil-o home non veu* ou *pois o home*. (Saco Aree, *Gram.*, ns. 122, 125, 126).

No espanhol antigo, dizia-se:—*hacello*, *escribillo* hoje; diz-se *hacerlo*, *escribirlo*. Alguns querem que se diga:—*Esperámolo*, *leiámolo*, *vimolos*; mas o uso corrente é:—*Esperámoslos*, *leiámoslos*, *vimoslos*. Saco Aree, n. 125, nota, Salvá, *Gram.*, Syntaxis, cap. IV.

No italiano, diz-se *nel*, *nello*, *pelli*, *colli*; e, ás vezes, ainda que raramente, com o infinitivo truncado, sem o *e* final:—*Comperalli*, *vedella*, por *Comperarli*, *viderla*. Franeesco Ambrosoli, *Gram. ital.*, *syntassi*, cap. III, *la*, *li*.

CAPITULO I I

Letras mudas

A vogal *u* não soa, muitas vezes, depois de *g* e *q*, servindo então somente para dar a essas consoantes o som duro ou guttural. As consoantes dobradas são sempre pronunciadas como singelas; *cq* é equivalente de *q* dobrado (*acquiscencia*, *acquisição*).

As consoantes *c*, *p*, *g*, *m*, *s*, *ph*, *th*, antes de outra consoante, as mais das vezes não se pronuncião. *H* é sempremudo, simples signal etymologico, pois não temos essa aspiração; posposto a *c*, *l* e *n*, fórma articulações especiaes (1).

Sempre se pronuncião as consoantes finaes das preposições compositivas *ab*, *abs*, *dd*, *ob*. *O b* de *sub* não se pronuncía em *subdito* (2), e já se supprime na escripta, em *sujeito*, *sujeição*, *sujeitar*; tambem, ás vezes, em *sustancia*, *sutil*.

Não é fixa a pronuncia, quanto ás letras mudas; muitas palavras são pronunciadas diversamente em Portugal e no Brasil, e num e noutro paiz nem todas as pronuncião do mesmo modo.

O que dizemos a este respeito é conforme ao uso geral no Brasil, e antes de *a* soa sempre. Antes de *c* ou *i*, é geralmente muda; soa nas seguintes palavras:— *guela*, *Gueldres*, provincia da Hollanda (3) *guelfos*, *aguentar*, *unguento*, *averiguei*, *langue*, *enlangueccr*, *pingue* (4), *linguela*, *arguir*, *saguim*, *ambiguidade*, *antiguidade*, *contiguidade*, *languido*, *languidez* (5), *linguiça*, *linguinha*, *linguista*, *linguistico* (6). Não se pronuncía em *sangue*, *sangucsuga*, *sanguisedento*; mas pronuncía-se em *exangue* ou *exsangue*, *sanguificação*, *sanguifico*, *sanguina*, *sanguinario*, *sanguinco*, *sanguinha*, *sanguinho*, *sanguinolento*, *sanguinoso*, *sanguisorba*, *consanguineo*, *consanguinedade*.

Soa antes de *o*, em *ambiguo*, *contiguo*, *exiguo*. Não soa em *languor*, que tambem se escreve *langor*.

Depois de *q*:

Soa antes de *a*, excepto em *quatorze*, *quatorzeno*, e em *quaderno*, que já se escreve *caderno*. Os antigos dizião *calidade*, *cantidade*, *contia* por *cantia*, e o povo ainda o diz em alguns logares de Portugal, assim como *camanho* (*quasi manho*), *cant'eu*, *cant'és*.

Soa antes de *o*, em *quodlibet* ou *quodlibeto*, *quod ore*, *aquoso*, *equoreo*, *iniquo*, *obliquo*, *longinquo*, *propinquo*, *qui-pro-quo*; não soa em *quociente*, *quota*, *quotisar*, *quotidiano*, *liquor*, que tambem já se escreve *licor*; em *Quoja*, reino da Africa, e *quogelo*, animal africano.

Antes de *e* ou *i*, por via de regra, o *u* é mudo. Soa nestas palavras e suas derivadas:—*aqueo*, *consequencia*, *delinquente*, *deliqueseer*, *eloquencia*, *equestre*, *equévo*, *exequente*, *frequencia*, *inquerito*, *liquefazer*, *liquescer*, *questor*, *questão* (7), *requesta*, *requestar*, *sequela*, *sequencia*, *sequestro*, *subsequente*; *aniquilar*, *antiquissimo*, *aquifero*, *delinquir*, *equidade*, *equino*, *equissimo*, *equitação*, *equitativo*, *exequivel*. *extorquir*, *iniquicia*, *iniquidade*, *liquidação*, *liquidar*, *liquido*, *nequicia*, *obliquidade*, *propinquidade*, *quidam*, *quindecágono*, *quindecemviros*, *quindennio*, *quirites*, *retorquir*, *sequito*, *tranquillo*, *ubiquidade*. Nos compostos com o prefixo latino *equi*:—*equiangulo*, *equidistante*, *equilatero*, *equinocio*, *equimultiplice*, *equipendencia*, *equipoltencia*; excepto em *equilibrio*, *equilibrar*, *equiparar*, *equivaler*, *equivalente*, *equivoco*, *equivocar*. Nos compostos de *quinque*:—*quincálogo*, *quinquagenario*, *quinquagesimo*, *quinquidentado*, *quinquennio* (soa tambem na segunda syllaba), *quinquefoliodo*, *quinquennal*, *quinquennio*, *quinquevalve*. Commumente, por influencia do francez, não soa em *quinconce* ou *quinconcio*, mas deve soar na fórma latina *quincunce* (quinciux, uncis) (8).

C

No grupo *eç*:

Não soa em:—*abdueção*, *absorpeção*, *abstraeção*, *aeção*, *adducção*, *adjecção*, *adjuncção*, *adstricção*, *affecção*, *afflicção*, *attrac-*

ção, calefacção, circumspecção, coacção, collecção, conducção, confecção, conjecção, conjuncção, construcção, contracção, contradicção, contrafacção, contricção, correcção, deducção, dejecção, detracção, dicção, dilecção, direcção, distincção, distracção, erecção, estupefacção, exacção, extincção, extracção, fracção, funcção, inacção, incorrecção, inducção, infracção, injecção, injucção, inspecção, instrucção, interdicção, introducção, juncção, objecção, obstrucção, obstupefacção, predicção, predilecção, prelecção, producção, projecção, protecção, putrefacção, puncção, reacção, redacção, reducção, refracção, reproducção, restricção, retracção, retroacção, sancção, seducção, selecção, substracção, substrucção, subtracção, tracção, transacção, uncção.

Soa em: – *cocção, concocção, convicção, decocção, evicção, facção, ficção, fricção, indicção, infecção, inflicção, intellecção, intersecção, introspecção, provecção, secção.*

Antes de *ce* ou *ci*:

Não soa em:—*accelerar, accender, accensão, accento, accentuação, accentuar, acceso, accidente, accidentado, accidental, accionar, accionario, accionista, correccional, deduccional, diccionaria, flaccidez, flaccido, fraccionario, funccionario, inspeccionar, leccionar, accidentar, accidente, sanccionar, succeder, successão, successivo, successo, successor, successionario, succinto.*

Soa em:—*acceder, accepção, accessão, accessit, accessivel, accessorio, faccioso, friccionar, inaccessivel, insurreccionar, occiduo, occipicio, occipicial, occipital, occiput, occisão, occisivo, paccionar.*

No grupo *ct*:

Não soa em:—*abductor, abjecto, abstracto, acta, activar, actividade, activo, acto, actor, actriz, actual, actualidade, actuar, actuoso, addicto, adductor, adjectivo, affectação, affectar, affecto, afflicto, amicto, aqueducto, architectar, architecto, architectonico, architectura, arctico, aspecto, attrativo, Benedicto, benedictino, caracter, catalectico, circumspecto, coarctação, coarctada, coarctar, collecta, colletanea, collectar, collectivo, collector, collectoria, conducta, conductor, conflicto, conjectura, conjecturar, conjuncto, conunctivo, constrictivo, constrictor, constricto, constructivo, construc-*

ctor, *contracto*, subst. e seus derivados, *corrccto*, *corrector*, *dactylo*, *dactylico*, *delicto*, *desfructar*, *desfructe*, *desfructo*, *destructivo*, *desctor*, *detractor*, *diatectica*, *dialectico*, *dialecto*, *dictado*, *dictame*, *dictamno*, *dictar*, *dieterio*, *dicto*, *didactica*, *didactico*, *dilecto*, *directo*, *director*, *directorio*, *distinctivo*, *distincto*, *distractor*, *distracte* ou *distracto*, *distractivo*, *districto*, *eclcctico*, *edicto*, *effectividade*, *effectivo*, *effectivar*, *etectividade*, *electivo*, *electricidade*, *electrico*, *elcctrisar*, *elcctro*, *espcctaculo*, *cspectral*, *espcctro*, *estructura*, *exactidão*, *exacto*, *exactor*, *extincto*, *extractar*, *extractivo*, *extracto*, *extrator*, *facto* (9), *factura*, *fluctuar*, *fractura*, *fracturar*, *fructifero*, *fructificar*, *fructo*, *fructuoso*, *hectica*, *hectico*, *ictericia*, *icterico*, *inductivo*, *ineluctavel*, *infractor*, *sujectar*, *insecto*, *inspector*, *instincto*, *intructivo*, *instructo*, *instructor*, *instructura*, *interdicto*, *introductor*, *juncto*, *junctar*, *junctura*, *lectivo*, *lucta*, *luctador*, *luctar*, *luctura*, *luctuoso*, *manufactura*, *nocturno*, *objectar*, *objcctivo*, *objecto*, *otfacto*, *perspectiva*, *predicto*, *predilcto*, *productivo*, *producto*, *projectar*, *projectil*, *projecto*, *protcctor*, *rcctangulo*, *rcctificar*, *rectidão*, *rectilineo*, *recto*, *redactor*, *reductivo*, *refleetir*, *rcluctancia*, *reluctar*, *respcctivo*, *rcstrictivo*, *retractação*, *retractar* (10), *retroactivo*, *sancto* e seus derivados, *satisfactorio*, *scductor*, *setccta*, *selecto*, *subtractivo*, *tactcar*, *tactica*, *tactico*, *tacto*, *tractar*, *tracto*, *tradactor*, *trajecto*, *usufructo*, *usufructuario*, *viaducto*, *victima*, *victimar*, *victo* ou *vito*, subst., *victoria*, *victoriar*, *victorioso*, *Victór* ou *Victor*, *Victorino*, *victualha* ou *vituatha*, *victualhar*.

Soa em:—*Alecto* (11), *apud-acta*, *artefacto*, *coacto*, *conspecto*, *contractil*, *contractilidade*, *contracto*, participio, *eonvicto*, *defectivo*, *derelicto*, *dictador*, *dictadura*, *ductil*, *ducto*, *desinfectante*, *desinfectar*, *electuario*, *emunctorio*, *epacta*, *ercclo*, *espectação*, *espectador*, *cspcctante*, *espectativa*, *estalactite*, *estupefacto*, *expcctoração*, *expectorante*, *facticio*, *factivel*, *factotum*, *ficticio*, *ficto*, *hcctáre*, *hectogramma*, os mais compostos do prefixo *hecto*, *Hector*, *hectoreo*, *humcctação*, *humector*, *impacto*, *infectar*, *infecto*, *infcctuoso*, *infracto*, *injecto*, *insurrecto*, *intactil*, *intactilidade*, *intacto*, *intellectivel*, *intettectivo*, *intellecto*, *intcllectual*, *intellectualidade*, *introspectivo*, *invectiva*, *invcctivar*, *invicto*, *jactancia*, *jactancioso*, *jactar-*

se, *jacto*, *jactura*, *lactação*, *lactar*, *lacteo*, *lacticinio*, *lactómetro* ou *galactómetro*, *lactucario*, *luctisono*, *malefacto*, *nectar*, *nectareo*, *nectario*, *octacordo*, *octaédro*, *octogenario*, *octogesimo*, *octógono*, e os mais compostos de *octo*, *paeto*, *pactuar*, *plectro*, *perfectibilidade*, *perfectivel*, *profecticio*, *prospecto*, *proveeto*, *punctura*, *putrefacto*, *recocto*, *refractar*, *refractario*, *refractivo*, *refracto*, *retráctil*, *retractilidade*, *revindicta*, *sectario*, *séctil*, *sector*, *sectura*, *tactil*, *transacto*, *transactor*, *vindicta*, *victo*, part, *victrice*.

Soa antes de outras consoantes, como em: — *acmastico* ou *acmistico*, *Alcmene*, *Cneu*, *czar*, *czarina*, *czarovitz* (11), e com *h*, em palavras de origem grega: — *Arachnides*, *arachnoide*, *drachma*, *ichthyographia*, *ichthyolitho*, *ichthyol*, *ichthyologia*, *ichthyophago*, *technico*, *polytéchnico*.

P

No grupo *pç*:

Não soa em:—*adopção*, *assumpção*, *circumscripção*, *conscripção*, *corrupção*, *descripção*, *excepção*, *inscripção*, *prescripção*, *presumpção*, *presumpçoso*, *proscripção*, *redempção*, *subscripção*, *transcripção*.

Soa em: — *aecepção*, *conccpção*, *consumpção*, *decepção*, *erupção*, *incorrupção*, *intercepção*, *intussuscepção*, *obrepção*, *opção*, *pereepção*, *recepção*, *receptação*, *resumpção*, *subrepção*.

No grupo *pt*:

Não soa em:—*adoptar*, *adscripto*, *aprontar*, *assumpto*, *baptismo*, *baptisterio*, *baptizar*, *captivar*, *captivo*, *catoptrica*, *conscripto*, designado para o serviço militar, *corrupto*, *corruptor*, *descripto*, *dioptrica*, *Egypto*, *escripta*, *escripto*, *escriptura*, *escultptor*, *esculptura*, *estyptico*, *excepto*, *exceptuar*, *incorrupto*, *inscripto*, *manuscripto*, *Neptuno*, *óptica*, *óptico*, *optimo*, *prescripto*, *presumptivo*, *promptidão*, *prompto*, *promptuario*, *proscripto*, *redemptor*, *sceptico*, *sceptro*, *septembro*, que geralmente se escreve sem *t*, como outros derivados de *scte*, *septimo*, *septenario*, *septennal*, *septennio*, *septentrião*, *septentrional*, *septupticar*, *septuplo*, *sobrescripto*, *subscripto*, *symptoma*, *transcripto*, *transumpto*.

Soa em:—*abrepticio*, *abruplo*, *adaptação*, *adaptar*, *adaptavel*, *adepto*, *adscripticio*, *antiseptico*, *aptar*, *aptero*, *aptidão*, *apto*, *caplar*, *captura*, *cataleptico*, *conscripto*, padre, *consumptivo*, *contemptivel*, *corruptela*, *corruptibilidade*, *corruptivel*, *Copto*, *díptero*, (e os mais compostos de *pîpterón*, *osa*), *diptycho*, *eclíptica*, *ecliptico*, *excerpto*, *imperceptivel*, *imprescriptivel*, *inconsumptivel*, *inconsumpto*, *incorruptibilidade*, *incorruptivel*, *innupto*, *intercceptar*, *intercepto*, *interrupto*, *interruptor*, *lithontriptico*, *mentecapto*, *neptunino*, *obreplicio*, *optar*, *optativo*, *optimates*, *optimismo*, *optimista*, *perceptivel*, *perceptivo*, *prescriptivel*, *post-scriptum* (12), *plerigoide*, *pterygio*, *Ptolemaide*, *Ptolomeu*, *ptyalismo*, *rapto*, *receptaculo*, *receptar*, *receptivel*, *receptor*, *reptar*, *repto*, *reptil*, *rescripto*, subs. *resumpta*, *resumptivo*, *rúptil*, *ruptorio*, *ruptura*, *scepticismo*, *septemviros*, *septicemia*, *sceptico*, *septicôlle*, *septicor*, *septidio*, *septiforme*, *septingesimo*, *séptil*, *septilião*, *septirêma*, *septísono*, *septivoco*, *septisonio*, *septo*, *septometro*, *septuagenario*, *septuagesimo*, *septuagesima*, *subrepticio*, *sumptuosidade*, *sumptuoso*, *susceptibilidade*, *susceptivel*, *symptose*, *voluptuario*, *voluptuosidade*, *voluptuoso*.

Pronuncía-se antes de *ci*:—*capcioso*, *egypciaco*, *egypcio*, *inepcia*, *nupcias*, *nupcial*; e no grupo *ps*:—*autopsia*, *capsula*, *dyspepsia*, *eclampsia*, *epilepsia*, *eclipsar*, *eclipse*, *ellipse*, *ellipsoide*, *gypso*, *gypseo*, *lapso*, *prolapso*, *prolepse*, *pseudo*, *pseudonymo*, *psoríase*, *psychico*, *psychologia*, *relapsia*, *synopse*; excepto em *psalmo*, *psalmodia*, *psatterio* e seus derivados, que alguns escrevem sem *p*. Tambem soa no grupo *pn*:—*dyspnéa*, *pneuma*, *pneumatico*, *pneumonia*, etc.

G, *m*, *s*, *ph*, *th*:

G soa antes de *m*:—*antidigma*, *apophtegma*, *coagmento*, *deflegmar*, *diaphragma*, *dogma*, *eclegma*, *eclegma*, *enigma*, *estalagmite*, *flegma* (13), *flegmão*, *flegmatico*, *flegmonoso*, *fragmento*, *magma*, *paradigma*, *pigmento*, *pragmatica*. *Pygmalião*, *pygmeu*, *segmento*, *sigma*, *synallagmatico*, *syntagma*, *zeugma*. Excepto em *augmento*, *augmentar* e seus derivados. Soa tambem antes de *n*: *agnação*, *agnado*, *agnição*, *agnome*, *cognome*, *cognação*, *cognado*, *benigno*, *designio*, *dignidade*, *digno*, *diagnostico*, *estagnação*, *estagnar*, *gneiss*, *gnomon*, *ignoro*, *ignávia*, *ignavo*, *igneo*, *ignobil*, *igno-*

minia, ignorar, incognito, ignoto, impregnar, indigno, indignar, insigne, insignia, insignificante, magnanimidade, magnanimo, magnate, magnesia, magnete, magnetico, magnetismo, magnificencia, magnifico, magno, maligno, persignar-se, prognostico, prognosticar, pugna, pugnar, propugnar, repugnar, repugnante, resignação, resignar, signo, significação, significar, etc. Excepto em *assignação, assignar, assignante, assignatura, signal, assignalar* e seus derivados; e em *Ignacio, Ignacia, Ignez, Magdalena*. Mas soa em *Magdalo*, cidade, donde esse nome se deriva. Os antigos supprimião o *g* em outras palavras; ainda hoje se diz *malino*, e em verso, para a rima, *benino, dino, indino*. Os indoutos dizem *inorancia, inorar, sinificar, persinar-se*, etc.

M r ão se pronuncía antes de *n*: —*alumno, amnistia, amnistiar, calumnia, columna, damnar, damnificar, damno, gymnasio, gymnastica, hymno, indemne, indemnidade, indemnisação, indemnisar, interamnense, solemne, somno* e seus derivados (14). Excepto em *mnemonica, mnemotechnia, Mnemosyne, Mnestheu*, e em alguns nomes scientificos, como *amnesia, âmnios, gymnospermas, gymnótos*.

S, antes de *ce* e *ci*, é mudo:—*scelerado, scena, sceptico, sciencia, scilla, scintilla, scintillação, scintillar, scirro, scisma. Scylla, Scythia, scisão, disciplina, discipulo, crescer, crescimento, nascimento*, etc.

Ph é mudo, em *apophthegma, diphtongo, phthisica*, e o *th* em *asthma*. Em *arithmetica*, muitos supprimem o *th;* mas é melhor pronuncial-o como se pronuncía em *logarithmo, arithmographia, arithmographo, arithmologia, arithmomancia, arithmometro* e em *isthmo* e *rythmo*. Já notámos que, no fim dos nomes proprios, hebraicos, *ph, th* e outras consoantes geralmente se não pronuncião.

Notas do capitulo II

1.—Não se articula o *h* como o *n*, o qual portence á syllaba antecedente, nos vocabulos formados com o profixo grego *an* ou com a preposição latina *ins*: —*anhelar*, *anhelação*, *anhelito*, *anhelo*, *anhisto*, *inhalação*, *inhalar*, *inherencia*, *inherir*, *inhibir*, *hiinbição*, *inhibitivo*, *inhibitorio*, *inhósplo*, *inhumar*, *inhumação*, etc. O *h* é igualmento sem valor, depois do *l*, em palavras compostas, como *gentilhomem*, *philharmonica*, que tambem so escreve *philarmonica*, e depois de *c*, em *schisma*, que se pronuncía *cisma*.

2.—Em Portugal, profere-so «*subdito*, e não sudito», diz Madureira.

3.—Monte Carmelo, § XIX.

4.—Em Portugal, muitos dizem *pinghe* (Ad. Coelho, *Dicc.*, Cornu, n.º 115).

5.—Em Portugal, tambem se pronuncía *langhido*, *langhidez*, *enlanghecer* (Ad. Coelho, *Dicc.*).

6.—No Brasil, geralmente, é mudo o *u* em *distinguir*, e *extinguir*, que so pronuncião como *seguir* o os seus compostos; e em Portugal ha opiniões autorisadas em favor desta pronuncia. Assim diz Cornu (n. 115) quo se deve pronunciar, o, na grammatiea de Epiphanio Dias, n. 263, lê-se: —«Nos verbos *distinguir* e *extinguir*, e nas palavras dolles derivadas, *gui* pronuncia-se como om *guitarra*, sem soar o *u*». Tambem assim manda pronunciar a *Grammatica dos Lyceus*. E todos dizem *distingo*, *extingo*, não *distinguo*, *extinguo*.

7.—Alguns pronuncião o *u* em *questão*, *questiuncula*, *questionar*.

8.—Alguns fazem soar o *u* om *adquirir*, *inquirir*, *inquirição*, mas geralmente não soa, como em *acquisição*, *inquisição*, *inquisidor*.

9.—Em Portugal, todos pronuncião o *c*, *fakto*.

10.—No sentido de *reprovar* o que so *disséra*, *desdizer-se*, fóra conveniente pronunciar o *c*, para se differençar de *distrahir*. Na prosodia dos portuguezes, distingue-se pelo som mais aberto do penultimo *a*, em *retractar*.

11.—Diz Monte Carmelo, § XVI: —«*Czar*, quando significa principo ou rei, dizom alguns ortologos quo so profere *tzar* ou *zar*; e, quando significa imperador da Russia, so pronuncia *kezar*, e *czarina*, kezarina; mas em portuguoz quasi todos os eruditos dizem *zar*, o *zarina*». No Brasil, dizemos, como os francezes, *czar*, *czarina*, pondo o *c*. A ortographia russa é *tzar*; *czar* é fórma polaea (Littré, *Dicc.*).

12.—Tambem so escrevo *post-scripto* e *postecripto*, ou *postescripto*, pronunciado o *t* do *post* como *d*.

13.—Diz-se mais *fleuma*; mas não so devo dizer, como o fazom muitos, *fleugma*; o *u* é roforço pela queda do *g*.

14.—Em Portugal, ao norte, pronuncia-se o *m* em *amnistia*, *gymnasio*, *gymnastica*, *indemne* e sous derivados (Ad. Coelho, *Dicc.*).

CAPITULO III

Consoantes suavisadas

Algumas consoantes pronuncião-se hoje mais suavisadas do que o erão nos primeiros tempos da lingua e do que ainda hoje o são, em alguns logares de Portugal.

O *c*, que tinha, no latim antigo e no grego, o som gutural de *k*, antes de todas as vogaes, como já tivemos occasião de dizer, no latim da idade média assibilou-se, antes de *z* ou *ts*, e com essa pronuncia passou para o portuguez. Possuia tambem o som sibilante antes de outras vogaes, quando correspondia a *ci* ou *ti* latino, seguido de vogal, como em *ameaça*, *onça*, *graça*, *preço*, (*minacia*, *uncia*, *gratia*, *pretium*). E, para indicar esse novo som do *c*, adoptou-se um signal, cujo nome—*cedilha* (it. *zedigtia*, pequeno *z*), está mostrando a fórma e o valor que teve primitivamente.

No portuguez, como no francez, o som de *c* perdeu a parte dental, e tornou-se identico ao *s*. Mas em alguns pontos de Portugal, sobretudo em Trás-os-Montes e em parte da Beira e de Entre-Douro e Minho, conserva ainda, como nas antigas pronuncia e ortographia espanholas, não o som complexo, mas o de sibilante dental, proferido entre os dentes, som differente, não só do *s*, mas tambem do *z*, que igualmente se tornou sibilante simples, mas formando-se com a ponta da lingua contra os dentes incisivos superiores (2). Madureira, que era natural de Trás-os-Montes, na sua *Ortographia*, impressa pela primeira vez em 1734, distingue o som do *ç* do *s*.

«Ç, diz elle, se pronuncía com a extremidade anterior da lingua, tocando nos dentes quasi fechados, enquanto sahe o som, que he suavemente brando. O *s* pronuncia-se com a ponta da lingua moderadamente applicada ao pala-

dar, junto aos dentes de cima, com os beiços abertos, enquanto sahe hum som quasi assobiando do meio da boca». E accrescenta:—«Pouco ouve ou pouco sabe da pronunciação quem não percebe esta differença de sons». (3).

Mas anteriormente, como diz o mesmo Madureira (4), já no seu *Vocabulario*—«o doutissimo Bluteau, por evitar a variedade, que achou no uso do *c* e do *s*, reduziu á classe do *s*– «todas as palavras que se escrevião com *ç* inicial, antes de *o* ou *u*, na primeira syllaba: — *sabujo*, *safar*, *sáfaro*, *safra*, *sapato*, *sarça*, *sargaço*, *sujo*, *sumo*, *surra*, *surrão*, etc.; e poucos annos depois, em 1766, o não menos douto Luiz Antonio Verney escreveu, no seu *Verdadeiro metodo de estudar* (5).: —«Nenhuma diferensa na pronuncia se acha entre o *ç* (com cedilha) e o *s*... o meu ouvido, que é bastantemente advertido, nam conhece esta diversidade».

O *s* entre vogaes abrandou-se, ficando igual a *z*; mas na região supra mencionada ainda tem o som duro ou forte, como no espanhol, de *ss*.

Soa tambem como *z* em *obsequio* e *subsistir* (6), nos seus derivados e nos compostos de *trans*, quando se lhe segue vogal ou *h*:—*transacções*, *transigir*, *transeunte*, *transição*, *transitar*, *transitivo*, *transito*, *transitorio*, *transir*, *transhumar*, *transhumancia*, *transhumanar-se*; excepto em *transe*, que tambem se escreve *trance*, e quando o segundo elemento do nome composto começa por *s*, como em *Transylvania* (*Trans-sylvania*), *transiberiano* (*trans-siberiano*). Entre vogaes, não tem som de *z*, nas seguintes palavras compostas: — *monosyllabo*, *unisono*, *verisimil* ou *verosimil*, *desidia*, *desecar*, *presagio*, *presago*, *presentir*, *presuppôr*, *proseguir*, *prosecução*, *resabio* ou *resaibo*, *resacar*, *resaca*, *resaque*, *resaltar*, *resalvar*, *resarcir*, *resecar*, *resentir*, *resequir* (7).

Na mesma região, o *ch*, em palavras não derivadas do grego, conserva o som dental palatal, *tch*, que tinha primitivamente no portuguez e ainda tem no espanhol. «Outro officio tem o *c* emprestado, diz Duarte Nunes de Leão, quando despois delle se segue *h*, e lhe damos differente

pronunciação do *c* aspirado dos gregos, como nestas dições—*chamar*, *cheirar*, *chiar*, *chorar*, *chupar*. A qual pronunciação tam propria he da lingoa hespanhol que nem os gregos, nem os latinos, hebreos, ou arabes a tiverão, posto que os italianos a pareção imitar na pronunciação do seu *ce*, *ci*». D. Luiz Caetano de Lima, na sua *Orthographia*, publicada em 1736, ensina deste modo a pronuncia do *ch*: —«Requere tanta força na lingua portugueza como na ingleza, v. g., em *checks*, faces, e *church*, igreja; e muito mais em francez. Nesta forma, errarão os francezes que pronunciarem *chapeo* em portuguez tão brandamente como elles dizem *chapeau*». (8).

João Franco Barreto (1671) diz que o *ch* portuguez é igual ao castelhano; mas informa-nos de que alguns o confundião com o *x*, na pronuncia e na escripta: —«Outros (vocabulos), que se devem pronunciar, e escrever per *ch*, como chave, chapeo, chafariz, fechadura, escrevem e pronunciam xave, xapeo, xafariz, fexadura» (9). Madureira considera vicio patrio dos lisbonenses a pronuncia do *ch* como *x*:—«Não tem similhança (o *ch*) com outras letras; e só os oriundos de Lisboa o equivocão tanto com o *x* que a cada palavra trocão uma por outra; porque, não só pronuncião, mas tambem escrevem *xave*, *xemin*é, *Xina*, *xove*, *xuva*». Pelo contrario, Verney, poucos annos depois, affirma não haver differença entre *ch* e *x*, na pronuncia geral da gente mais culta, na Estremadura e outras provincias, devendo portanto ser preferida essa pronuncia, que é mais suave. E effectivamente prevaleceu, em Portugal e no Brasil (10). Nos vocabulos gregos, *ch* tem o som gutural de *k*: —*archipelago*, *architecto*, *archivo*, *chimera*, *machina*, *parochia*, *monarchia*, *cherubim*, *Archonte*, *Achilles* (11).

O *j*, semi-vogal palatal, no latim literario, tomou, no latim vulgar, o som dental palatal *dj*, que se mantém no italiano, e se tornou gutural no espanhol; perdeu o som dental no portuguez, assim como no francez, tornando-se

palatal chiante, quasi igual ao som de *ch* ou *x*, do qual é simples abrandamento.

O *g*, antes de *e* e *i*, passou pelas mesmas transformações.

X, letra duplice no latim, conserva esse valor—*cs*, em algumas palavras, mas suavisou-se, as mais das vezes, tomando o som simples de *s* ou *ss*, de *z*, e de *ch* chiante (12).

X tem o valor de *cs*, nos seguintes vocabulos e seus derivados:—*affixar*, *affixar*, *affixo*, *amplexo*, *annexar*, *annexo*, *anorexia*, *apodioxe*, *apodixe*, *apyrexía*, *asphyxía*, *axilla*, *cachexia complexa*, *connexo*, *convexo*, *crucifixo*, *fixar*, *fixo*, *flexão*, *flexivel*, *flexor*, *flexura*, *fluxo*, *genuflexorio*, *heterodoxo*, *lexicologia*, *léxicon*, *loxodromia*, *nexo*, *noxio*, *innoxio*, *obnoxio*, *orthodoxo*, *oxalato*, *oxalico*, *oxalídeas*, *oxalma*, *oxolco*, *oxydo*, *oxygenio*, *oxýgono*, *oxymel*, *paradoxo*, *parallaxe*, *paroxismo* (13), *prolixo*, *reflexivo*, *reflexo*, *sexagenario*, *sexagesimo*, *sexo*, *sexual*, *toxico*.

S, antes de consoante ou no fim de palavra:—*excavar*, *exceder*, *excitar*, *exclamar* (14), *expedir*, *expelir*, *experimentar*, *expiar*, *explicar*, etc., *dextra*, *sexto*, *texto*, *mixto*, *juxtaposição* (15); *aflux*, *appendix*, *calix*, *duplex*, *phenix*, *Felix*, excepto em alguns, como *index*, *ónyx*, *silex*, *thorax*, em que soa *es*.

Ss, em:—*apoplexia*, *approximar*, *auxilio*, *axioma*, *defluxão*, *defluxo*, *maxima*, *maximo*, *proximo*, *reflexão* (16), *sintaxe*; e nas vozes do verbo trazer—*trouxe*, *trouxera*, *trouxesse* (17).

Z, em *ex*, seguido de vogal, no principio de palavra:—*exacção*, *exacto*, *exacerbar*, *exagerar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exanime*, *exarar*, *exasperar*, *exegése*, *exemplo*, *exéquias*, *exercer*, *exercicio*, *exercito*, *exhalar*, *exhaurir*, *exhibir*, *exhortar*, *exhumar*, *exicio*, *exído*, *exigir*, *exiguo*, *exilio*, *eximio*, *eximir*, *exinanir*, *existir*, *exito*, *exodo*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exorcisar*, *exordio*, *exornar*, *exotico*, *exuberancia*, *exulcerar*, *exultar*, *hexarcordo*, *hexaedro*, *hexágono*, *hexametro* (18).

Ch, chiante, nos seguintes casos:—

1.º—em principio de palavra:—*xadrez*, *xalmas*, *xaque*, *xáquemo*, *xarél*, *xarife*, *xarope*, *xarouco*, *xarque*, *xofrango*, *Xavier*, *Xisto*, *Xantippe*, *Xantho*, *Xenócrates*, *Xenóphanes*, *Xeno-*

phonte, Xerxes. Excepto em algumas palavras gregas:—*xiphoide, xylographia, xylographo, xylophilo, xylophonio, xysto* (19).

2.º—Depois de *em:—cnxabido* ou *desenxabido, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxarcia, enxerga enxergar, enxerto, enxó, enxofre, cnxotar, enxova, enxoval, enxovalhar, enxovia, enxugar, enxuto, enxundia, enxurrada, enxurro* (20).

3.º—Depois de ditongo:—*baixel, baixela, baixo, caixa, faixa, desleixo, eixo, feixo, queixo, queixa, seixo, feixe, pcixe, ameixa, madeixa, deixa, deixar, paixão,* etc.

Geralmente, em todos os casos não comprehendidos nas excepções supra mencionadas:—*almoxarife, bruxa, bruxolear, bruxo, cartuxo, coaxar, coxa, coxia, coxim, coxo, debuxo, dixes, elixir, esdruxulo* (21), *laxar, laxante, lixa, lixo, luxo, moxinifada, oxalá, pixe, praxe, puxar, puxo, relaxar, repuxar, repuxo, rixa, roxo, rouxinol, tauxia, taxa, trouxa, vexame, vexar.*

Notas do capitulo III

1.—Duarte Nunos de Leão, *Orthog.* «Da qual manoira os antigos tambem pronunciavão o *c*, quando despois delles se seguia *e, i,* segundo so collige de Quintiliano, que diz o *c* toer igoalmente sua força com todas as vogaes. E como se veo d'aquelle dicto gracioso de Marco Tullio. O qual, querendo motejar a hum que lho pedia quo o favorocosse om hña dignidade. sondo filho de um cozinhoiro, lhe respondeo:—*Ego tibi quoque favebo.* Porque assi so pronunciava *eoce* como *quoque*».

No espanhol, afinal, confundirão-so os sons do *ç* o *z*; e por isso, na reforma da orthographia, decidiu a Academia quo se usasse do *c* antes do *e* e *i*, e *z*, antes das outras vogaes, supprimido o *c*, por inutil.

3.—Madureira, *Orth.*, §§ 78 e 81.

4.—Idem, § 85.

5.—I, p. 17.

6.—Não em *obsequias, obsequente,* e em *persistir.*

7. – Epiphanio Dias o outros autores mandão pronunciar com o som que lhe é proprio o *s* dos numeraes ordinaes:—*vigesimo*, *trigesimo*, *centesimo*, etc. Essa pronuncia parece-nos erronea, por influencia de *decimo*, *undecimo*, *duodecimo*. No Brasil, pronunciamos esse *s* como *z*.

8.—Em francez, o *ch*, que a principio tambem se pronunciava *tch*, provém ordinariamente do *c* seguido de *a*, nas palavras latinas, como em *chapeau*, *chapitre*, *chef*, *cheval*, *chose* (*capellus*, *capitulum*, *caput*, *caballus*, *causa*); em portuguez, as mais das vezes ou vem do francez ou corresponde a *pl*, *cl*, *fl* de palavras latinas, como em *chão*, *cheio*, *chaga*, *chuva*, *chorar*, *encher* (*planus*, *plenus*, *plaga*, *pluvia*, *plorare*, *implēre*), *chave*, *chamar* (*clavis*, *clamare*), *chama*, *inchar* (*flamma*, *inflare*).

9.—*Orthographia*, pgs 132-133 e 172.

10.—*Verdadeiro metodo de estudar*, ps. 18 e 30:—«Tem esta letra aspirada com *h* (*ch*) uma pronuncia em Portugal semelhante ao *x*, e asim dizemos *choro*, *chove*, etc., como se estivera escrito *xoro*, *xove*».

«Nesta letra (*x*) é digno do atensam o demaziado escrupulo de alguns, que magistralmente decidem que o *x* tem diferente pronuncia do *ch*, para o distinguir do *x*:—e advertem que é erro da pronuncia da Estremadura pronunciar o *ch* como *x*... Deixo as coizas como se acham: só digo que na pronuncia nam á differensa entre uma e outra letra. Em materia do pronuncia, sempre se devem preferir os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura que todos os das outras provincias juntas. Ora é certo quo os ditos pronunciam docemente como um *x* e nem só elles, mas muitisimos de outras provincias tem a mesma pronuncia. Somente alguma diversidade achei nos beirenses . . .» Conclue que a pronuncia de Lisboa é: «a pronuncia comum, a qual, por isso mesmo que é mais suave, deve ser proferida».

11.—Lê-se no *Compendio de Orth.*, do frei Luiz de Monte Carmelo (1757):—«Em *arquiduque*, *archipelago*, *archivo*, pronuncia-se a syllaba *chi* com som portuguez, como em *China*, *chita*, etc., porque assim se costuma. Mas, se fôr introduzido o universal costume de pronunciar com som latino, escrevemos *arquiduque*, *archipelago*, *arquivo*». Hoje todos pronuncião essas e as mais palavras gregas, dando ao *ch* o valor de *k*, não sendo usada a orthographia proposta por esse e outros autores, se bem que por algum tempo muitos a tivessem adoptado . . . Somente em *schisto* o *ch* grego se pronuncía como o nosso *x*».

12.—Deste ultimo som, diz Duarte Nunes de Leão:—«A pronunciação que agora damos a esta letra (*x*) he arabica, da maneira quo os mouros pronuncião o seu *xin*».

13.—Alguns pronuncião *parochismo*, outros *parocismos*. Deste modo escrevia Vieira: —«. . . a falta ou a rutura desta união será o ultimo parocismo de que ha de morrer o mundo» (*Sermões*, 7.ª parte, p. 117, e. 2.ª).

14.—Antes de *ce* ou *ci*, commummente, ao menos na conversação, desappareee o som do *x*, como se se escrevosse *eceder*, *ecitar*, ou *esseder*, *essitar*, etc.

15.—Geralmente, dizem os autores portuguezes, e repetem grammaticos brasileiros, que em *ex*, seguido do consoante, tem o *x* o valor de *is*, e, seguido de vogal, o do *iz*. Na pronuncia brasileira, não se ouve esse *i*: o quo se deve dizor é quo, na das portuguezes, o *e* se ditonga, em tacs casos, e não que o *x* tem o som de *is* ou *iz*.

16. Assim, no geral, se pronuncía no Brasil; em Portugal, muitos pronuncião *reflecsão*.

17.—*Anxiedade*, *anxioso*, pronuncia-se e já se escreve:—*anciedade*, *ancioso*.

18.—Assim mais usualmente se pronuneião estes nomes gregos, por analogia dos latinos que principião por *ex* Alguns, porém, os pronuneião, dando ao *x* o som de *cs* ou *cz*.

19.—Nem todos fazem esta exeepção.

20.—Antigamonto, dizião e escrevião *enxerir*, em vez de *inserir* (de *insĕrere*). Dozy e Engelmann, 2.ª ed., 1869, Paris, *Glossaire des mots espagnols et portugais, dérivés de l'arabe*, pgs 23. *Observations générales sur les consonnes*, Obs. 5.ª: —« Devant lo *x* dans l' intérieur des mots, on intercale souvent un *n*. Ceci ost plus fréquent en portugais qu'en espagnol». Dá como exemplos:—*enxarávia* (*ach-charabîga*), *enxaqueca* (*achchaquîca*), *enxávegos* (*ach-chabaca*), *enxeco* (*ach-chac*).

21.—Assim pronuneião todos no Brasil e se deve pronunciar, porque é o som que mais se approxima do da palavra italiana *sdrucciolo*. Gonçalves Viana diz que, om Portugal, se pronuncía *esdrussulo* (*Pron. norm.*, § 56, letra x); mas Adolpho Coelho e outros autores portuguezes dão pronuneia igual á nossa.

TITULO IV

Dos dialectos e vicios de pronuncia

CAPITULO I

Dialectos de Portugal

Nenhuma lingua é falada do mesmo modo por todos os naturaes dos paizes em que ella vigora. Ha sempre differenças, especialmente quanto á pronuncia, individuaes e locaes. Quando essas differenças se tornão caracteristicas de certas localidades ou regiões constituem o que se chama *dialecto*. As variações dialectaes, ou consistem somente na pronuncia e em algumas particularidades de vocabulos e phrases, ou alterão o organismo da lingua, as suas fórmas e syntaxe, tornando-se idiomas especiaes e corruptos. Desta ultima especie são os dialectos nascidos do portuguez, na Africa e Asia, e nas fronteiras da Espanha; da primeira, os diversos modos de falar nas provincias de Portugal, nas suas ilhas adjacentes, e no Brasil. Nestes não é grande a diversidade; mas é sufficiente para que logo se conheça donde é natural ou onde vive quem os fala.

Distribuem-se os das provincias portuguezas em tres grandes regiões: —a do norte, comprehendendo Entre-Douro e Minho e Trás-os-Montes; a do sul, abrangendo a Estremadura, Alemtejo e Algarve; a do centro, formada pelas Beiras (Alta, Baixa e occidental ou maritima), que é a transição entre as outras duas, participando do fálar de uma e outra, nas partes que lhe são visinhas. Cada um delles tem *subdialectos*, e nas zonas limitrophes ha mistura dos respectivos caracteristicos.

As particularidades principaes que os distinguem, algumas das quaes já forão anteriormente referidas, são as seguintes, quanto á pronuncia:—

Região do norte:—Dialecto de Entre Douro e Minho, minhôto ou interamnense (2).

O *a* só tem dois sons, *surdo* e *aberto*; não é fechado o *a* nasal. Os incultos não fazem, por isso, a distincção entre a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a do preterito perfeito, na 1.ª conjugação; pronuncião, num e noutro caso, – *amámos* (3). Dizem *ácabar*, *págar*, *pásseio* (4), etc., e, ao contrario, fazem surdo o *a*, antes de *l* e *r*, por exemplo, em *altar*, *alqueire*, *armada*, *largura*, etc., e o *a* tonico final ou em monosyllabos, como em *fará*, *verá*, *já*, *vá*, etc. (5).

Quando a uma palavra acabada em *a* se segue outra, começada pela mesma vogal, interpõe se o *i* euphonico:— *a i agua*, *da i alma*, *esta i arma*, *aquella i arca*.

O *e* e o *o* iniciaes, átonos, têm o som de *i* e *u*:—*interno*, *intrar*, *urelha*, *cumprar*, *ubedecer*, *unzeneiro*, etc.

O vulgo, ás vezes, nasalisa o *e* inicial:—*Hinlena*, *interno* (*eterno*), *invangelho*; e, ao inverso, desnasalisa o *e* da terminação em—*birge*, *berte*, (virgem, vertem). (6).

O *e* e o *o* tonicos, ás vezes, têm o som differente do que é mudo no sul:—*é* por *ê* e vice-versa, prevalecendo *é* e *ó* na fronteira:— *conhèço*, e *esquêço*; *prêto*, *tésto*, *césta*; e *adêga*, *moêda*, *mêda*; *mórro*, *pórco*, *ósso*, *óbo* (ovo). Em alguns logares, o vulgo ditonga-os com *i*:—*iermo*, *piêra*, *biela* (vela), *tierra*, *tiempo*, *mienos*, etc., ou com *u*, *puoco*, *cuomo*, *fuonte*, etc., no Baixo Minho. Tambem ditongão com *i* o *e* tonico, antes das consoantes palataes *ch*, *x*, *j*, *nh*, *lh*:—*féicho*, *véixo* (véxo), *deseijo*, *igreija*, *lêinha*, *abêilha*, *téilha* (7).

Havendo *e* na syllaba postonica, *e* e *o* tonicos, nasaes, pronuncião se com pouca ou nenhuma nasalidade e com som aberto:- *dênte*, *ménte*, *fónte*, *mónte*, *vêndo*, *vèndes*, *vênço*, *vênces*, *rômpo*, *rómpes*, *escôndo*, *escóndes* (8). As consoantes nasaes *m*, *n*, *nh* não nasalisão a vogal antecedente, e esta pro-

nuncía-se com som aberto:—*cá-ma, bá-nho, té-ma, pé-na, sé-nha, mi-mo, ti-na, ni-nho, có-mo, ló-na, só-nho, fu-mo, Nu-no, cu-nho.* (9).

Seguindo-se vogal á terminação *im*, interpõe o vulgo *nh*:—*Dá-me a mim nh'isso, vim nh'aqui* (10).

Tem som aberto a prepositiva dos ditongos *ei, eu, oi*:—*léi, réi, méu, Céuta, bói, fói* (11).

Em vez do ditongo *ão*, perdura, nos illetrados, a fórmo antiquissima *om*, ainda em palavras em que a vogal da terminação no latim é *a*:—*nom, oraçom, sermom, capitom, cidadom, pom, com* (cão), *amárom, amarám, fizerom*, etc. Hoje ditongão essa terminação: -*melõu, carbóu, bõu, põu, cõu*, etc. A preposição *com* é pronunciada por uns *cõu*, por outros *cum* (12). Nas terminações verbaes, postonicas, *om* desnasalisa-se no falar do povo: -*fóro, viéro, amáro*, etc. (13).

Conservão a primitiva pronuncia nasal em *bõa, ũa, algũa*, etc. Pronuncião, ainda que levemente, o *u* de *ou*, nos casos em que se não muda em *oi* e em que, no sul, tem o som simples de *ô*, como em *outro, ouco, rouco, louco, ouvir*, nas terminações verbaes *amou, falou*, etc. (14). Mas muitos dizem—*Eu som, estom, vom* (15), ou *sõu*, etc.

Quanto ás consoantes, é caracteristica do vulgo, nesta pronuncia e nas suas confinantes, a troca de *v* em *b* e de *b* em *v*: *bida* (vida), *lovo* (*lobo*), *vom, binho, bento*, por *vento* e vice-versa, *bontade*, por *vontade*, etc. Em parte da provincia, persiste a differença entre *ç* e *s*, *ch* e *x*, *s* intervocalico e *z*.

Os rusticos, em alguns logares, mudão em *v* o *l* final de syllaba, seguido de consoante, ditongando com *u* a vogal precedente, quando não é aquella mesma vogal:—*aurma* (alma), *aurdeia* (aldeia), *reurba* (relva), *siurba* (silva), *cuormo* (colmo), *urtemo* (ultimo), *surdado* (soldado) (16).

Discrepão do uso do sul, na accentuação subtonica ou secundaria, e fazem dois accentos em todos os diminutivos, ao passo que os do sul só o fazem nos terminados em *zinho*:—*cápinha, ràtinho, pédrinha*, etc. (17).

O dialecto de Trás-os-Montes (*trasmontano*) participa dos caractéres do interamnense, com mais algumas particularidades. Ao norte (Alto Douro), por influencia do espanhol, *ou* tem o som simples de *ô*, e sempre se muda o *v* em *b*, não vice-versa (18). Mantem-se, numa parte da provincia, a differença entre *c* e *s*, *ch* e *x*, *z* e *s*, intervocalico.

Região do sul:— Dialectos das provincias ao sul do Mondego, Estremadura, Alemtejo e Algarve (*estremenho*, *alemtejano*, ou alemtejão, e *algarvio*).

O falar destas tres provincias differe dos dialectos do norte, e tem alguns caractércs communs; mas o de cada uma constitúe um subdialecto, por algumas particularidades. Têm mais affinidade o do Alemtejo e Algarve; o de Lisboa e da mór parte da Estremadura diverge delles, estendendo-se até ao districto de Coimbra, na Beira occidental.

Os caractéres communs são:—*a* e outras vogaes nasaes com o som fechado, excepto em alguns casos: *ão*, nas terminações, em vez do antigo *om*; *ã*, em *não*, *tão*, e em *são*, *hão*, *vão* e outras terminações verbaes, na pronuncia vulgar (19).

As vogaes simples não se ditongão; pelo contrario, os ditongos *ai* e *ei* reduzem-se a vogaes simples, supprimindo-se o *i*, em *baixo*, *caixa*, *beijo*, *peixe*, etc., e *ou* pronuncia-se *ô*, quando não é mudado em *oi*. Não se confundem *b* e *v*; *ç* é igual a *s*, *ch* a *x*, *s* intervocalico a *z*; *s* e *z* finaes, não seguidos de vogal, soão como *x* (20).

São estas as differenças principaes:—*e* e *o* átonos, iniciaes, *ĕ* e *ŏ* átonos, iniciaes, são pronunciados como *i* e *u*, *ĭ* e *ŭ*, na Estremadura (*iterno*, *hiróe*, *intrar*, *sintir*, *urelha*, *unzeneiro*, *cumprar*), como *ê* e *ô*, *ĕ* e *ŏ* no Alemtejo e no Algarve (*êterno*, *hêroe*, *entrar*, *sentir*, *ôrelha*, *onzeneiro*, *comprar*, (21). Nestas duas provincias, *e*, no ditongo *ei*, e na terminação *em*, *e* tonico, antes das palataes *ch*, *x*, *j*, *lh* e *nh*, conserva o seu som proprio, e muda-se em *a*, em Lisboa e nas suas circumvisinhanças.

O povo, no Alemtejo e Algarve, mudão o ditongo *eu* em *ei* ou *ê*; *mei, tei, sei,* etc.; *mei* ou *mê pac, teis amigos* (22)

REGIÃO DO CENTRO:

Dialecto das Beiras (beirão). O da Beira Baiua, na parte confinante com o Alto Alemtejo, aproxima-se do falar desta provincia; o da Beira occidental, no districto de Coimbra, é igual ao da Estremadura, á margem direita do Tejo; mas a influencia mais extensa, nesta região, é a do norte, dos dialectos de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes. Os seus caracteristicos são principalmente *-ou,* sempre mudado em *oi*, excepto na conjuncção *ou* e na 3.ª pessoa singular do preterito perfeito do indicativo da 1.ª conjugação,—*amou, falou,* em que pronuncião levemente o *u*:—*trouxe* (trouxe), *coibe* (couve), *oibir* (ouvir), etc. O ditongo *eu,* como no Alemtejo e no Algarve, é mudado, pelos rusticos, em *ei* ou *ê*, *om* por *ão*, como no dialecto de Entre Douro e Minho, e por *on* em *sou, estou, vou* (*som, estom, vom*); o *ç* é differente de *s*, *ch* de *x*, *s*, intervocalico de *z*, *b* por *v*; e vice-versa.

Nos dialetos das ilhas dos Açôres e da Madeira, que parecem originarios da região meridional do paíz, é para notar sobretudo a mudança do *o* tonico em *u*:— *bum, flur, amur* (23). Na Madeira, accrescentão um *a* antes das terminações *oa, oe, oo*: — *Bâoa, sâoe, mâoo,* por *bôa, sôe, môo* (24). Antes de consoante palatal, mudão o *e* tonico, fechado, em *ã*, como entre Lisboa e Coimbra, *pâjo, tâlha, tânho,* por *pcjo, telha, tenha,* etc.; mas, quando o *e* tem som aberto, ditongão-no com *i*, *méicha, hiréije, séige,* por *mécha, heréje, sége,* etc. (25).

Dos dialectos portuguezes, os do norte e do centro são os que mais guardão, na prosodia, caractéres do portuguez primitivo; o do Alemtejo e Algarve é, a nosso ver, o mais conforme com a pronuncia da idade classica, do tempo de Camões; o da Estremadura, especialmente o das cidades mais literarias, Lisboa e Coimbra, é o mais neologico, o mais alterado, e não por obra dos doutos, mas pela

predominancia de particularidades locaes, que, dos rusticos, do falar saloio, se estenderão ás classes mais cultas.

Qual delles é o mais legitimo e tem direito a ser preferido? *Ad huc lis est* (26). Lisboa invoca a autoridade de capital, e Coimbra a de séde universitaria. Mas os philologos das provincias não se resignão a reconhecer-lhes a supremacia. E, ás vezes, exacerba-se a contenda. Escrevera o dr. Barbosa Leão:—«E' de esperar que se não queira impôr ao paiz, como regra a seguir, a pronuncia do povo de Sacavem, de Loures ou de Bellas». Retorquiu-lhe um jornalista do sul:—«Acaso deseja impôr-nos a obrigação de falar minhoto, em lugar de portuguez? Pois que poder sobrenatural rojou, aos pés do Douro senhor, o Tejo, o Sado e o Guadiana, escravo? !». Ao que elle lhe replicou:—«A isto responde a affirmação do illustre autor do *Genio da lingua portugueza*, o qual era insuspeito, porque era natural do sul, vivera quasi sempre aqui'— elle chamou á provincia do Minho—*o paiz classico da linguagem portugueza* (27). A isto respondé tambem a historia, ensinando que ali foi o berço da monarchia, e que o Douro falava portuguez, quando o Tejo, o Sado e o Guadiana falavão ainda a lingua dos mouros. E eu respondo que se não pretende impôr o falar de nenhuma provincia; que se não quer rojar o sul aos pés daquelle; só que o que se quer, e deve querer, é que todos se submettão á razão».

Notas do capitulo I

1.—Os grammaticos portuguezes, desde os mais antigos, como Fernão de Oliveira, João de Barros, Duarte Nunes de Leão, Alvaro Ferreira de Véra, João Franco Barreto, alludirão aos dialectos das provincias e possessões do paiz, adduzindo alguns exemplos. Mas os primeiros que tratarão do assumpto, com particularidade, forão Jeronymo Contador de Argote, que lhe consagrou um breve capitulo, na sua grammatica—*Regras da lingua portugueza* (1725), e Raphael Bluteau, que juntou ao

seu diccionario um pequono *Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho e Beira,* o uns versos em dialecto beirão (1728).

Alguns autores mencionarão particularidades dialectaes, considerando-as erros ou vicios populares, entre essos Monte Carmelo, o qual, porém, discriminou as provincias em que crão geraes algumas dessas particularidades (*Compendio*, §§ IX, ns. 7 e 9, XI, ns. 3 e 4, XIII n. 2, e LI, ns 1-4).

No ultimo quartel do seculo passado, publicaram-se varios estudos sobre esta materia, de philologos portuguezes, principalmente dos srs. Gonçalves Viana e Leite de Vasconcellos. Este ultimo resumiu-os numa memoria, que já temos citado, apresentada, em 1901, á Faculdade de Letras de Paris, como these para obter o grao do doutor da Universidade de França, o que tem o titulo de *Esquisse d'une dialectologie portugaise.*

2.—Nome que tambem se dá a essa provincia (*Inter amnes.* Entre nós).

3.—Barbosa Leão, *Reforma da orthog.*, pgs. 5. Leite do Vasconcellos, ns. 406 e 439.

4.—Leite do Vasconcellos, n. 49 *c.*

5.—Monte Carmelo, § XIII, n. 2, e LI, n. I.

6.—Leite do Vasconcellos, ns. 50 e 51.

7.—Leite Vasc., ns. 44 e 45.

8.—Barbosa Leão, pgs. 9. Leito do Vasc., 40 *b.*

9.—Barbosa Leão, pgs. 11 e 12.

10.—Leite de Vasc., ns. 42 e 159.

11.—Barbosa Leão, pgs. 8, nota.

12.—Leite do Vasc., 45 *e*, e Barbosa Leão, pgs. 10, nota.

13.—Leite de Vasc., 51 *f.*

14.—Idem, 56 *e.*

15.—Soares Barbosa, Constancio, Francisco de Andrado.

16.—Leito de Vasc., n. 59 *d.*

17.—Monte Carmelo, § XI, ns. 3 e 4.

18.—Leite do Vasc., n. 83—«Substituição de *v* por *b*, como no mirandez e no espanhol». Idem, *Estudos de philologia mirandeza*, vol. 1.º, n. 14, pgs. 193. «Na pronuncia normal mirandeza (dialecto de Miranda, em Trás-os-Montes, fronteira da Espanha), não existe differença entre *b* e *v*:—este som é substituido por aquelle; só em linguagem affectada, num ou noutro individuo, se poderá ouvir *v*. Em castelhano, succede o mesmo actualmente; mas outrora, nessa lingua, como tambem certamente em mirandês, parece que se mantinha a distincção, e seria pelo sec. XVI que a confusão começaria a manifestar-se no castelhano (R. J. Cuervo, in *Revue Hispanique*, II, 5-15). No nosso

país, dão-se, a respeito do *b* e *v*, os seguintes factos: —Mais ou menos ao sul do Mondego, com excepção de algumas regiões, distingue-se *b* do *v*, e diz-se, por ex.: *—bom vinho;* no Entre-Douro-e-Minho e na Beira, o *v* e o *b* trocam-se a cada passo, ouvindo-se, e até vendo-se escrito, *vom binho,* conquanto seja maior a tendencia para se dizer *b* por *v* do que a inversa; em Trás-os-Montes, sobretudo na raia, não existe *v*, que é, na pronuncia normal, absolutamente substituido por *b*, dizendo-se, pois, *bom binho*. Sintetizando estes phenomenos num tipo, temos:—a região do *bom vinho*, a do *vom binho* e a do *bom binho*; escolhi este exemplo, por elle ser apontado vulgarmente como caracteristico, e porque muitas vezes tenho visto escrito, nas tabuletas das vendas do norte e centro do país, *vom binho*».

19.—Leite de Vasconcellos, n. 42: *—Nã vai, sã nas terras* (são as terras).

20.—Verney, no seu *Verdadeiro metodo de estudar* (I, p. 20), em 1846, foi o primeiro que notou esta particularidade:—«A pronuncia portugueza acaba em *x* todas as palavras que acabam em *s*:—quero dizer que todo o *s* final pronunciam como *x*, do que nam quero outra prova mais que cada um observe como pronuncía o *s* final:—e que diferensa tem do *s*, que pronunciam no meio das dissoens... Nam só *s* final se pronuncía como *x*, mas tambem o *z* final: —o que se pode ver em *diz, Luiz, fiz*, etc.».

Antonio Feliciano de Castilho confirmou esta observação; e hoje os mais autorisados phonologos portuguezes — Adolpho Coelho, Gonçalvos Viana, Leite de Vasconcellos, etc., dão esta pronuncia como normal. Esses autores dizem que o som é de *x* ou *ch*, attenuado antes das consoantes *surdas*, as que se podem pronunciar em voz baixa, com a glotte aberta—*c* (*k*), *ch*, *l*, *p*, *q*, *t*, *f*, *s*; e de *j* attenuado, antes das sonoras, as que se pronuncião alto, com a glotte cerrada —*g*, *d*, *b*, *v*, *l*, *m*, *n*, *r*, *j*, *z*. Essa é, porém, a pronuncia do sul, não das outras regiões portuguezas. Leite de Vasconcellos, n. 59 *e*.

21.—*Dicc* de João de Deus, Barbosa Leão, pgs. 4, nota, Leite de Vasc., ns. 50 *a*, *b* e *d*, 5 *a*, *b* e *c*; J. Cornu, ns. 67 e 68.

22.—Soares Barbosa e Francisco de Andrade.

23.- Leite de Vasc., ns. 88 e 89.

24.- Francisco de Andrade.

25.—Idem.

26 —Leite de Vasc., *Esquisse*, n. 24:—«Chcun a prêcho pour son saint, selon prédilections naturelles: —Mello (Francisco Manoel) préférait Coimbre, Faria (e Souza), le Minho; et

nous verrons plus tard que Verney et Carmelo donneront la préférence à Lisbonne».

27.—João de Barros, no *Dialogo em louvor da nossa linguagem*: «Muitos (termos antigos), que se usam entre Douro e Minho, conservador da semente portugueza».

CAPITULO II

Dialectos do Brasil

O portuguez do Brasil é tambem um dialecto, como lingua corrupta, mas no sentido em que essa palavra se emprega, para designar as differenças de pronuncia, vocabulos e modos das pronuncias de Portugal. Voltaremos a este assumpto, na segunda parte destes estudos; aqui somente o consideramos quanto á prosodia. (1).

A nossa maneira de pronunciar approxima-se da das provincias do Alemtejo e do Algarve, e differe muito da das provincias do norte e do centro, e da de Lisbôa e Coimbra.

As divergencias caracteristicas, no falar da gente culta, já sufficientemente as notámos. São principalmente as seguintes:

Os brasileiros pronuncião, em geral, as vogaes subtonicas ou átonas com som médio ou fechado, excepto no Pará e Amazonas, onde lhes dão o som muito fechado, e em S. Paulo, onde predomina o som aberto; e muitos portuguezes proferem-as, ora com o som muito surdo, ora muito aberto. Supprimem o *e* átono, medial e final, mudão sempre em *i* o *o* átono, inicial, e em *u* o *o* átono, seguido de consoante que não seja *l* ou nasal (1). As classes incultas de Lisbôa e Coimbra mudão o *e* em *â*, no ditongo *ei*, e na terminação *em*, e o *e* tonico, antes das articulações palataes *ch*, *x*, *f*, *lh* e *nh*; antes ou depois das mesmas consoantes, trocão o *e* átono por *i*—*chigar*, *fichar*, *tilhado*, *sinhor*, *pixinho*, etc. (2).

---

(1) Por mal do nosso idioma, a que o autor consagrou tantos e tão proveitozos anos de trabalho, a promessa de elaborar a parte final desta obra não so chegou a cumprir.—F. P.

No Brasil, *ou*, geralmente, pronuncia-se como *ô*; em Portugal, muitas vezes, mudão-no em *oi*; quando não fazem essa mudança, no sul tambem se diz *ô*; mas ao norte fazem sentir o *u*, ainda que de leve. Não fazemos a dissimilação, usada em Portugal, do *i* átono em *e* mudo, quando ha na palavra outra syllaba em *i*, dizendo:—*v'zita*, *m'nistro*, *m'nistrar*, *adm'nistração*, etc. (3).

As vogaes nasaes têm, no Brasil, o som fechado; em Portugal, ás vezes, têm-no aberto. Damos ao *s*, antes de consoante ou no fim de palavra, como se faz em todas as outras linguas aryanas, o seu som natural, sibilante, que se confunde com o de *z*, como se vê entre vogaes e na ligação das palavras; em Lisboa, dão-lhe o som chiante de *x*, vicio que parece ter-lhes ficado da pronuncia dos mouros e judeus.

Na entoação ou accento musical, ha tambem differença: os lisbonenses falão com modulação especial, verdadeira melopéa. (4).

A pronuncia popular de um e outro paiz distingue-se por outras particularidades. Além das que são peculiares a alguns dialectos, como a troca de *b* e *v*, a pronuncia especial de *ç*, *ch*, *z* e *s*, intervocalico, ha differenças que são quasi geraes.

Em Portugal, os pouco instruidos accrescentão um *e* ou *i* ao *r* e ao *l* final:—*falare, dizere, vestire, amare, méle, papéle, cale, sale, sole, sule*, etc., (cal, sal, sol, sul); e, pelo contrario, supprimem o *e* final, depois de *l* dobrado:—*pél, fól, mól, vál* (pelle, folle, molle, valle) e tambem por analogia *val*, do verbo valer, *cal*, por *cale*, e tambem por *cala*, de calar. (5). No Brasil, os rusticos omittem essas letras, nas terminações: —*falá, comê, pedi, horrô, quá, generá, cafezá, mê, papê*, etc. Supprimem tambem, muitas vezes, o *s* final:—*as casa, os caminho*, etc., e mudão o *lh* em *i*: — *muié, cuié, teia, teiado*, etc (6). Cumpre todavia dizer que estes vicios, tão censurados, como proprios do povo do Brasil, são do falar dos negros ou de gente boçal, do falar a que o sr. Theo-

philo Braga chama *dialecto matuto* (7), abaixo do qual ha ainda a *lingua de preto*, propriamente dita, ou dos africanos e dos seus descendentes, que ainda falão como os minas, especialmente na Bahia, a lingua da terra originaria, e um portuguez muito deturpado.

O povo das cidades, e porventura o menos rude do interior, não fala assim; ao passo que o accrescimo do *e* ao *r* e *l* finaes é da maioria do vulgo do norte, em Portugal, rustico ou urbano.

Outras particularidades, que se têm mencionado como peculiares da pronuncia popular no Brasil, tambem na de Portugal se encontrão. O *e* final, ainda que geralmente o supprimem os portuguezes, tambem, no sul, muitos o pronuncião como *i* (8); e o *o* final como *u* é a pronuncia de todos, tanto no Brasil como em Portugal (9). Se o analphabeto diz, no Brasil, *arrespirar*, *arretirar*, *arreceber*, *alembrar*, etc., em Portugal diz tambem *arreceber*, *avoar*, *arrã*, *atanterna*, etc. (10).

Essa prothese era usada antigamente, e ainda o é pelos poetas, em algumas palavras (*alevantar*, *alampada*, etc.) e até por bons prosadores. No Brasil —*preguntar*, *preceber*, etc., tambem assim pronuncia o vulgo, em Portugal, e *cravão*, *cravalho*, etc.; cá e lá, *pranta*, *prantar*, *cramar*, *pubrico*, *ingrez*, *suppricar*, etc. E outrora assim dizião os instruidos (11). Aqui ouve-se aos incultos *farso*, *carça*, etc., e lá *carcar*, *ardeia*, *úrtimo*, *Ansermo*, etc. (12). Alguns, no Brasil, mudão o *lh* em *l*, dizendo *mulér*, *colér*, etc.; tambem assim falam os rusticos, no Alemtejo e no Algarve, e o pronome *lhe* pronunciado *le*, como no espanhol — *eu le disse*, é commum a ambos os paízes, até no falar de gente bem educada (14). Aqui dizem *familha*, *mobilha*, etc.; tambem assim em Portugal, e *Antonho*, *demonho* (15) No Brasil, os iletrados fazem inserção de vogal em grupos de consoantes, *falor*, *Culaudio*, *Quelemente* (flôr, Claudio, Clemente); em Portugal, os do povo tambem os fazem, *felor*, *gueloria*, *pelantar* (flôr, gloria, plantar). (16).

Os mesmos dizem aqui *fê*, *trê*, *francê* (fez, tres, francez), ou *fei*, *trei*, *francei*; em varios pontos da Beira, do Alemtejo e do Algarve, como já ficou acima notado, dizem *éi*, *péi* (é, pé), *mei*, *tei*, *sei* ou *mê*, *tê*, *sê*, (meu, teu, seu), e geralmente *dé réis*, tambem frequente no Brasil. Dizem *differencia*, *desgracia*; e os mesmos, em Portugal, *ondia*, *Ilisia* (Elisa), *iscadia*, e, pelo contrario, *paciença*, *preferença*, *importança*, (17), como os do Brasil. Alguns pronuncião, no Brasil, *tiu*, *naviu*, como no preterito perfeito dos verbos em *ir*, *sentiu*, *ouviu*; em Portugal, ha tambem essa pronuncia: — *Riu-Friu* (em Trás-os-Montes) e, antes de consoante da palavra seguinte, supprimem o *o*, *ti Fulano*. (18). Muitos aqui mudão o *á* em *e*, na 1.ª pessoa plural do pret. perfeito, 1.ª conjugação, *amemos*, por *amámos*; o mesmo acontece em Portugal. (19). *Dixe*, como escrevião antigamente, conforme á etymologia (lat. *dixi*), proferido com som chiante, é commum ás duas nações, no falar dos rusticos. (20). A mudança de *a* ou *o* em *e* (21), *bride* (22), por *brida*, *traje*, por *trajo* (23), *adiente* (24), etc., dá-se em ambos os paizes.

Se os brasileiros trocão o *e* por *i*, dizendo *minino* (25), *filiz*, *binigno* (26), os portuguezes fazem tambem essa mudança, não só antes e depois das palataes, *fichar*, *chigar*, mas ainda ás vezes depois de outras consoantes em syllaba inicial, como, por exemplo, *dipois*, *Climente* (27). A differença, na pronuncia das syllabas átonas e subtonicas, tambem se encontra em Portugal, no dialecto de Entre Douro e Minho, conforme se accentuou.

Ao que adverte um nosso grammatico (28), os autores portuguezes, quando apontão vicios de pronuncia em Portugal, designão as provincias em que se verificam, ao passo que, a respeito do Brasil, dão como geraes algumas que são somente de parte do paiz, do que resultão não raro contradicções. Assim, entendem uns que, no Brasil, se pronuncía *minino*, *piqueno*, *sinhora*, outros que se pronuncía *mênino*, *pêqueno*, *sênhora* (29), não discriminando que aquella é pronuncia do norte, esta do sul. Julgam, geralmente, que

aqui se diz *di lá*, locução que, segundo o sr. L. de Vasconcellos, «serve, em Portugal, para caracterisar os brasileiros». Mas só no norte do Brasil é que se pronuncia *di lá*; no Rio de Janeiro, ouve-se *dê lá*, em S. Paulo, *dé lá*. A culpa disto cabe, em grande parte, aos linguistas brasileiros, que ainda não estudárão as variantes dialectaes das diversas regiões.

O illustre phoneticista Gonçalves Viana (30) menciona, entre os *productos crioulos* do portuguez brasileiro, «um *i* final, tonico, que deve ter-se originado em habitos de pronuncia indigena, abanheenga; um *r* fricativo, sonoro, inicial, e outro *r* fricativo, surdo, final», e affirma que este é commum no Rio de Janeiro, e tambem, conforme crê, no Maranhão. Esse *i* final, tonico, pelo seu signal diacrítico (dois pontos sotopostos), é um *i* duplo, que o sr. Gonçalves Viana, n. 23, diz ser — «o *i* açoriano de *navio*», por elle tambem observado na ilha da Madeira, segundo nos informa o sr. Leite de Vasconcellos, n. 89, e que soa quasi como *navêio*.

Não ha no Brasil esse *i* dos indigenas, representado ordinariamente por *y*, e que pronunciamos como *i*; tem o som dessa letra grega e do *u* francez, e por isso é ás vezes transcripto por *u*: — *Caxamby* ou *Caxambú*, *Sinimbú* ou *Sinimby*. Não era possivel que desse *i* tivesse provindo, á pronuncia brasileira, o *i* duplo dos açorianos; e, se tal *i* existe nos Açôres e na Madeira, caso tambem ocorresse no Brasil, porque se havia de suppôr que se tivesse originado «de habitos de pronuncia abanheenga», como se a lingua dos selvagens fôsse falada pelo nosso povo?

Tambem não é real o defeito indicado na pronuncia do *r*. Vê-se, pelos signaes diacriticos, usados pelo mesmo autor, que o primeiro dos *rr* de que fala, no alludido trecho, é o que elle (no n. 37, articulação 16.ª) explica deste modo: — «Resulta da assimilação parcial de *z* a *r*, o *rz* polaco, sendo porém este mais cacuminal». E quanto ao segundo: — «Este mesmo, ciciado, como o *r* final de muitos

dialectos brasileiros, entre elles o do Rio de Janeiro, por ex.—em *mar, ser*». Podemos assegurar que, no Rio de Janeiro e no Maranhão, ou em outro qualquer logar do Brasil, que o saibamos, não ha esses *rr* assibilados. Pronuncia-se o *r*, sem o *e* ou *i* final da pronuncia vulgar dos portuguezes, como no espanhol, sem assimilação com *z* ou cicio. O que ha, não como vicio dialectal, mas como defeito esporadico ou individual, é a pronuncia do *r* inicial com vibração gutural, em vez de palatal, por difficuldade organica, e a do *r* final com vibração exagerada, por affectação habitual. O *r* inicial tem som brando, em vez de forte, na *lingua de preto*, e no falar das crianças, que, a principio, como é sabido, o mudão em *l*.

Aos portugueezs desagrada a pronuncia brasileira, e aos ouvidos brasileiros soa não menos desagradavel a portugueza. Cada povo zomba da pronuncia do outro. O mesmo acontece, como já vimos, entre os naturaes das provincias de Portugal. Cada qual acha melhor o seu falar. O sr. José Leite de Vasconcellos refere-nos que, «em Foscôa (Beira), onde o *ch* conserva o seu antigo valor de *tx*, quando alguem volta, depois de haver habitado temporariamente fóra dessa aldeia, tendo perdido essa pronuncia, substituida pela de *x*, exclamão, para mofar do seu modo de falar:—«*Lá vem o da xave, xapeu, fexadura* (31)». «Ide a qualquer ponto da redondeza onde se fala o portuguez, escreveu José Feliciano de Castilho, vereis a unanimidade com que cada porção do globo, cada provincia, cada terra pretende ser ahi, e só ahi, que a lingua correctamente se profere. E' obvio que quem julga exprimir-se melhor nãc ha de consentir em subordinar o seu dizer ao que considera locução peor e *estrangeirada*». (32).

Não admira, pois, que o douto philologo Gonçalves Viana aprecie deste modo a nossa prosodia:—«Os falares brasileiros, ao contrario do que poderia suppôr-se, e já se tem dito, não representam, em grande maioria de casos, na sua pronuncia, um português arcaico do continente, que aí

persista em estado de boa conservação; mas esse português, modificado na bôca de estrangeiros, no sentido de menor complexidade da silaba, e da sua mais clara enunciação e delimitação, adquiridas essas qualidades á custa da rapidez e da fluencia da loquela, tam peculiares, hoje pelo menos, do português falado na Europa. Ganhou ou perdeu o brasileiro? Os estrangeiros o dirão». (33). E, qualquer que seja o juizo dos estrangeiros, conclúe o seu nestes termos, depois de mencionar os taes defeitos a que já alludimos:—«O alongamento das vogaes pretonicas, que, destacando-as como medição do verso, transmite á elocução aquele caracter preguiçoso e lento de dicção arrastada, que é sem duvida grato aos ouvidos, mas que contrasta singularmente com a energia do falar português, e que denuncía imediatamente o brasileiro seja qual fôr a terra da sua naturalidade, e a diferença do individuo nascido e criado em Portugal».

Tanta razão tem o illustre phoneticista em considerar pronuncia estrangeira a dos brasileiros, como terão os naturaes do Minho, da Beira ou do Algarve em taxar de estrangeirada a dos lisbonenses e vice-versa. Até á epoca da nossa independencia, tão portuguezes erão os brasileiros como os nascidos no reino, e tão delles a lingua como dos reinícolas; e já então as mesmas differenças de pronuncia erão notadas, como se póde ver no que a esse respeito reproduzimos da obra de Monte Carmelo, especialmente quanto ao *alongamento das vogaes pretonicas*, phenomeno que tambem se dá na provincia de Entre Douro e Minho, conforme dissemos. Como póde ser *grato aos ouvidos* um *falar preguiçoso* e *arrastado*, sem *fluencia*, nem *energia?* Se aos portuguezes agrada, o que não cremos, a pronuncia brasileira, apezar de taes defeitos, a delles nos desagrada, apezar da melopéa lisbonense, pelas mesmas razões de um sabio estrangeiro, o professor Frederico Wulf, da universidade de Upsala, citado pelo sr. Gonçalves Viana, que o classifica «um phoneticista e glottólogo eminente» e a sua

opinião «um primor de observação insuspeita e imparcial». Veja-se esse juizo:—«O portuguez tem muitas vezes alguma cousa de estrangulado, de palatalisado, tende a fazer do *a* um *œ*(=*â*), do *o* um *u*, do *e* um *i*, e a supprimir o mais possivel as vogaes átonas, ao passo que nasalisa muitas vogaes e abunda em chiantes... O falar portuguez póde ter effeitos agradaveis e bellos, bem o sei, mas quem vem da Andaluzia acha-o rude aos ouvidos». (34). Eis ahi, expostas por um juiz imparcial, de superior competencia, acceito e admirado pelo douto phoneticista portuguez, as qualidades que tornão «rude ou aspera aos ouvidos» a pronuncia portugueza, e que são justamente os caractéres que a distinguem da brasileira:—usando da expressão do sr. Gonçalves Viana, nimia *complexidade* das syllabas, por alteração enfraquecida dos valores das vogaes, e acumulo de articulações, e a sua *enunciação* e *delimitação menos clara*.

Em favor da nossa pronuncia, temos a sentença de outro juiz, tambem estrangeiro, e de alta capacidade, igualmente reconhecida pelo illustre glottólogo portuguez. O dr. Julio Cornu, professor da Universidade de Praga, no n. 68 da sua obra, por nós tantas vezes citada, consigna, sobre a pronuncia de *e* e *o* átonos, no hodierno dialecto de Lisboa:—«Este enfraquecimento de *e* e *o*, que foi muito prejudicial para a euphonia da lingua, não é antigo, pois na primeira metade do seculo 18 ainda se pronunciavão *ê* e *ô*. (Conf. Lima, *Orthographia*, 1736, pgs. 21, 29, 32, 47, 55, 58). Os mais antigos exemplos, em grande numero, de *u* por *o*, encontrão-se em Monte Carmelo, que cita e reprova (pgs. 568--722) *curruto*, *cutovelo*, *fucinho*, *murar*, *purtagem*, *tucar*, *xuver*=*chover*, etc. Exemplos isolados de *u* apparecem algumas vezes anteriormente». E, no n. 298, *in-fine*, tratando do *e* nos monosylabos, que ora se elide, ora não, na vogal da palavra seguinte, adverte:—«Já era usual esta liberdade no seculo 16, em que o *e* ainda tinha som fechado». (Conf. *Phonologie syntactique du Cancio-*

neiro geral, Romania, XII, pgs. 17, 18, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 30, e Appendice, pgs. 282-283, 287, 290-292).

Assim, pois, segundo autoridade competente, o modo por que pronuncião os brasileiros *e* e *o* átonos:—1.º é mais favoravel á euphonia da lingua, o que não é contestado, nem contestavel; 2.º é mais conforme á antiga e genuina pronuncia portugueza, sendo a dos lisbonenses alteração moderna, posterior á primeira metade do seculo 18.

Com este ultimo assêrto, não concorda o sr. Gonçalves Viana. Mas, como elle mesmo confessa, os seus argumentos «são de caracter negativo». Os fundamentos do illustre professor de Praga são positivos e probantes.

«Essa afirmação, diz o seu contraditor, é terminante, quasi preceptiva, proferida por um romanista de tamanha autoridade, e cuja sisudez, perspicacia, erudição e segurança de metodo se patenteiam em todo aquele escrito, como antes dele já se achavam demonstrados por outros muitos, quer referentes ao português, quer a outros idiomas neo-latinos». (35). As nossas objecções a este ponto de doutrina são os seguintes:—

«1.ª —Para apreciarmos rigorosamente os valores das grafias do português arcaico, e o das indicações ou omissões dos nossos gramaticos coévos, falta-nos a contraprova de documentos preciosos, como os que auxiliaram, por exemplo, Ellis e Sweet, nas investigações sobre as pronuncias inglesas, anteriores ao seculo atual, e na sua determinação, contraprova ministrada pelas descrições e comparações feitas por autores e gramaticos estrangeiros, tambem coévos, com relação a essas pronuncias.

«2.ª —Em nenhum dialecto, continental ou insular, português, nem mesmo daqueles que, como os trasmontanos, conservam particularidades foneticas mais arcaicas, perdurou o mais pequeno vestigio de que *e* e *o* átonos tivessem outra pronunciação, diferente da que se lhes dá presentemente, no centro do reino... Só no Brasil se observa que aquelas vogaes teem, respectivamente, os

valores de *ê* (e tambem *i*, note-se) e de *ô*, mais ou menos fechado... Conforme o nosso modo de ver, *ê* (*i*) e *ô* átonos, no Brasil, não são reliquias do português continental de outras éras, mas sim um produto crioulo, um defeito de pronuncia estrangeira, como outras particularidades que lá se nos oferecem, e cujos dominios respectivos estão por determinar».

O dr. Cornu funda a sua asserção, quanto á pronuncia primitiva, na metrica dos trovadores, que não elidião *o e* e *o* na vogal da palavra seguinte; e, como prova de que essas vogaes, quando pretonicas, erão proferidas com o som fechado, ainda na primeira metade do seculo 18, cita o testemunho de dois abalisados gramaticos dessa epoca —D. Luiz Caetano de Lima e fr. Luiz do Monte Carmelo.

Do hiato nos versos dos trovadores, refere Frederico Diez varios exemplos, no seu pequeno tratado sobre a primitiva poesia portugueza: - *Vejo aqui, que amo, que ey, se eu, se o fizer, de a veer, o amor, do affan;* e observa que, nos casos em que fazião a elisão, usavão do apostropho: —*ond'aja, d'escusar, m'oystes, m'ende, ll'eu, ll'ouso* (36).

Da metrificação das trovas, colligidas no cancioneiro de Rezende, escreveu Antonio Feliciano de Castilho: (37). — «Convem observar que as linguas, de seculos a seculos, não só mudão de vocabulos e phraseado, como as arvores mudão de folha de anuo a anno, mas até, ás vezes insensivelmente, vão alterando a sua pronuncia. Devemos presuppôr que, em varios pontos, differe o nosso pronunciar de hoje do pronunciar dos nossos maiores de ha tres seculos; o que não admirará muito, se se considera no como, em certos pontos, discrepa tanto o falar das provincias entre si que ainda um alemtejano, um beirão, um minhoto, um algarvio, um açoriano, um madeirense, não tem aberto a boca, fóra da sua terra, quando todos logo lha adivinhão; o que faz tão pequena distancia de lugares, como o não faria, em muito maior gráu, distancia tamanha de tempos, com todas as suas variedades obrigadas

e infinitas? Supposto, portanto, que podia ser outro o pronunciar da idade de D. João II e D. Manoel, por boa logica devemos logo convir em que de feito o era, apenas abrimos ao acaso o Cancioneiro. Boa quantia dos seus versos, lidos á nossa moda, é indisputavelmente errada e deixa de o ser, logo que, pela repetição de casos identicos, ou analogos, chegamos a descobrir e averiguar certos geitos da pronuncia dos antigos. Ponhamos exemplo. Usão muitas vezes não absorver as vogaes concorrentes em diversos vocabulos, para o que talvez, em obsequio á euphonia, usarão de metter, ao falar, algum som que, ao escrever, não representavão, como na Beira fazem, quando, escrevendo *a agua*, lêem e dizem *a i agua*». Cita, em seguida, alguns versos, em que, para ficar certa, a medida, é preciso que se não elida, na vogal seguinte, o *e* de *te* e *que*; por exemplo:— *Lembre-te que és de terra, Quando quer que o tornar, Que o triste que a levar, Que ella me alcance a graça do padre.*

Para prova de que o som fechado do *e* e *o* pretonicos durou até ao seculo 18, são valiosissimos os testemunhos, adduzidos pelo professor Cornu, de D. Luiz Caetano de Lima e fr. Luiz do Monte Carmelo. A esses podemos accrescentar outro, não menos autorisado, o de D. Jeronymo Contador de Argote (1725), cuja grammatica serviu, por muitos annos, para o ensino da lingua. Assevera elle que, no Algarve, «ao *e* fechado pronuncião como *i*, assim como *pedaço* dizem *pidaço*, e ao *i* pronuncião como *e* fechado; assim, *dizer* pronuncião *dezer*». Como se vê, o *e* medial, átono, que os lisbonenses actualmente fazem mudo, era, no primeiro quartel do seculo 18, pronunciado, ao menos pelos que bem falavão, como *e* fechado, *pèdaço* e não *pidaço*, como em certos lugares do Algarve, ou *p'daço*, como na hodierna pronuncia portugueza. Luiz Caetano de Lima e Jeronymo Contador de Argote, ambos nascidos no districto de Lisboa (38), ahi viverão e escreverão, e erão ambos membros da Academia. A pronuncia que ensinão era pois a melhor, no seu tempo.

Quando temos testemunhos claros e positivos de doutos grammaticos nacionaes, coévos, que necessidade ha da contraprova de outros documentos e do testemunho de autores estrangeiros ?

O argumento deduzido da actual pronuncia portugueza, continental e insular, funda-se numa asserção inexacta —em que não ha «o mais pequeno vestigio de que *e* o *o* átonos tivessem outra pronunciação, differente da que se lhes dá presentemente no centro do reino».

No Alemtejo e no Algarve, *e* o *o* átonos têm som menos fraco do que se lhes dá na margem direita do Tejo; quando iniciaes, sôão, conforme já ficou dito, como *ê* e *ô*, não como *i* e *u*; *e* átono, medial, pronuncia-se vulgarmente, no Algarve, como *i*—*pidaço, cigueira, pidir*, etc.—(39), não mudo, como o *scheva* hebraico; *o* medial não poucas vezes como *ô*, sempre quando nasal (*comprar, commetter, commover*). (40).

Quanto a ambas essas vogaes, ha a evidencia da pronuncia brasileira. Não procedem as razões por que o sr. Gonçalves Viana recusa esse facto como reliquia da antiga pronuncia portugueza. Reconhece que o dialecto brasileiro «revela muitos factos de interesse, a respeito do léxico arcaico», o que já fôra observado por Contador de Argote, que disse haver, no falar do Brasil, «muitos vocabulos do portuguez antigo». Accentua que, no tempo de Camões, o *e* tonico, «antes das palataes *ch, x, j, lh, nh*, e bem assim no ditongo *ei*, se differençava de *â*, como ainda acontece numa grande parte do paiz, por ter provavelmente o valor de *ê*, que mantinha, no principio deste seculo, em Lisboa; deste modo, *sêja, fêcho, feixe, lênha, abêlha, rêi*, e não *sâja, fâcho, fâxe, lânha, abâlha, râi*. Analogamente, o ditongo *ẽe* (*em* da ortographia actual) era diverso de *ãe*, e por conseguinte *bem* (=*bẽe*) não rimava com mãe; *tẽe, vẽe, vẽe* liam-se *tẽi vẽi*». (41). E' desta maneira que os brasileiros pronunciamos o *e* em taes casos, o que, frisa o illustre glottologo, «é um dos poucos restos de arcaismo português que

teem perdurado no Brasil». (42). Se o falar brasileiro é arcaico, em muitos vocabulos e na pronuncia do *e* nos mencionados casos, porque o não póde ser na pronuncia do *e* e do *o* átonos? E, se os lisbonenses hoje pronuncião o *e* naquelles casos differentemente do que pronunciavão até ao principio do seculo 19, e do que ainda se pronuncía em grande parte da nação, porque não se poderá admittir que o valor de *e* e *o* átonos se tenha alterado em Portugal, como pensa o dr. Julio Cornu, ao passo que permaneceu no Brasil? E ainda noutros casos a pronuncia do tempo de Camões, segundo presume o mesmo autor, dura ainda no Brasil, como em algumas provincias de Portugal. Assim, «as vogaes finaes da syllaba tonica, antes da consoante inicial, erão nasaes, como o são na Beira e no Algarve (e no Brasil)—*cãma*, *pẽna*, *sãnha*, *lẽnho*, *cĩmo*, *dõno*, etc.»; «a syllaba inicial *em*, *en*, átona, devia pronunciar-se *ẽ* (m), *ẽ* (n) e não *ĩ*, *im*, *in*, como succede actualmente em Portugal, com excepção do Alemtejo e do Algarve; *entender* e não *intender*» e a pronuncia brasileira, mais geralmente, ou as mais das vezes, é, ainda neste ponto, como a daquellas provincias portuguezas.

Podemos concluir, portanto, firmados em grandes autoridades, e em factos confessados pelo proprio sr. Gonçalves Viana, que a pronuncia do Brasil, no que principalmente se distingue da hodierna de Lisboa, isto é, na prolação das vogaes átonas, é mais euphonica e mais conforme á genuina pronuncia do nosso idioma, á da epoca em que a lingua foi mais pura e mais florescente.

Fernão de Oliveira, o nosso grammatico mais antigo, escrevendo então (1536), observou, com insistencia, que a pronuncia portugueza era clara, cheia e sonora, mais que a dos castelhanos e de todos os outros povos europeus. A pag. 38, na ed. de 1871, exara: — «As gentes da Europa falão todas cos beiços, dentes e pontas da lingua, com o que, pondo-a em diversas partes da boca, formão diversas letras: e nós mais que todos com a boca mais aberta e as

nossas vozes são mais fóra da boca:—o que não tem os hebreus e arabigos, cuja propria he aspiração». A pgs. 44:—«As nossas vozes acabão sempre em voz perfeita e desempedida, o que não consintem as letras mudas: mas ao contrario atão a boca e cortão as dições, o que he proprio de mudos e grosseiros, como vemos quasi nas gentes de terras frias: as quaes Dido Virgiliana, respondendo a Ilioneu, quer entender que pela pouca participação do sol são menos perfeitas». A pgs. 48:—«Assi tambem as nossas syllabas nunca se começão em duas letras de diversa natureza, como speranças: mas sempre lhe daremos nos começos das taes vozes huã vogal que soe com a primeira letra: como esperança, estrado, porque já dissemos que a nossa lingua he muy comprida no pronunciar das letras e syllabas». A pgs. 44.—«A nossa lingua he muy chea, e n corta muito: somos contrarios a esta letra n, como diz Quintiliano dos latinos, e he propria aos castelhanos, como elle diz dos gregos». A pgs. 19:—«No pronunciar quem não sintira a diferença que temos, porque nós abrimos mais a boca: e quasi podemos dizer que o que dá a entender Horacio, na Arte poetica dos gregos e latinos, temos antre nós e os castelhanos: porque a elles deu á natureza afeiçoar o que querem dizer: e nós falamos boquicheos, com majestade e firmeza». Tambem notava (pgs. 48) que os portuguezes não falavão como os naturaes de outras nações apressadamente, cortando vozes:—«Huãs gentes formão suas vozes mais no papo, como caldeus e arabicos, e outras nações cortão vozes, apressando-se mais em seu falar: mas nós falamos com grande repouso, como homens assentados».

Hoje os portuguezes, sobretudo os de Lisboa e Coimbra, não falam, como os seus antepassados, repousadamente, mas pelo contrario á pressa, com muito menos sonoridade.

Os nossos antigos grammaticos opinavão ser a primeira regra, *fundamental*, da ortographia e da prosodia portu-

guezas:—Escrever como se pronuncía, e pronunciar como se escreve (43). E, nos louvores da lingua, era mencionada entre as suas excellencias.—«Escreve-se, dizia Rodrigues Lobo, da maneira que se lê, e assim se fala». (44). Certamente não poderia avançar isto da lingua portugueza, como a falão hoje, em Lisboa e Coimbra. Dando ao *a*, ao *e* e ao *o* dois valores, o *grande* e o *pequeno*, (aberto e fechado), manifestou Fernão de Oliveira (cap. 8.º):—«Temos oito vogaes na nossa lingoa, mas não temos mais de cinco figuras». Hoje só a uma das vogaes, o *e*, dão os lisbonenses 13 valores! O *a* tem 4, o *i*, 7, o *o*, 6, o *u*, 5. Nas consoantes, igual variedade de valores: *b*, *d*, *j*, *e*, *p*, *t* possuem 2, *c* e *g*, 3; ha *m*, *n*, *qu*, *ch*, 6, *r*, 4, *s*, 6, *x*, 8, *z*, 5. Só têm um só valor o *k* o *f* e o *v*, além do *h*, que, felizmente, continúa a ser nullo. Ha consoantes aspiradas e algumas vozes são apenas murmuradas, *ciciadas em segredo* (*vox clandestina*). (45).

Grandemente, pois, se tem alterado a pronuncia dos portuguezes, em particular no dialecto que se diz normal, por ser o da capital, agora tão diverso não só do que era ha tres seculos, mas ainda na primeira metade do seculo 18, como assegura o douto professor de Praga, e tambem no principio do seculo passado, como confessa o illustre glottologo portuguez.

E todavia acha-se que no Brazil é que tem havido *degeneração phonetica!* (46).

Por nossa vez, perguntaremos: - Ganhou ou perdeu a pronuncia portugueza? A perda na euphonia foi compensada ou excedida pela vantagem da *rapidez*, *fluencia* e *energia da loquela?*

Não cremos que, na rapida e cantante pronuncia hodierna dos lisbonenses, haja mais energia do que no *firme* e *repousado* falar daquella idade, em que *ao peito illustre lusitano*, segundo o grande épico, *Neptuno e Marte obedecerão*. Mas é possivel que, pela rapidez, se possa justificar a opinião do autor inglez, que o sr. Gonçalves Viana cita, o qual reconhecia, ha 50 annos, —«ser o portuguez superior ao es-

panhol para a conversação»; e que, por essa fluencia e até pela continuada sibilação, possa agradar, ainda a ouvidos delicados, como os da celebre poetisa franceza Amable Tastu, a qual, conforme Castilho, dizia—«que a regalava, e lhe refrigerava a alma, ouvir falar o portuguez, posto o não entendesse; porquanto aquella frequencia, e quasi continuação dos sons de *x*, resultante, sobretudo, dos *ss* nos pluraes, lhe fazia o effeito de uma cascata perenne».

Mas não somente para a leitura ou recitação dos versos, que, com a pronuncia lisbonense, ficão errados, como tambem para a declamação oratoria ou dramatica, traz vantagem a brasileira, mais grave e cheia, mais clara e sonora (47). Falão os da capital portuguesa com a celeridade e os sons abafados do inglez e de outras linguas das *gentes de terras frias*; nós, com a lucidez e sonoridade da lingua latina, que erão ainda maiores no grego, consoante Horacio, *ore rotundo loqui*.

Mas, como quer que seja, não ha razão para desdens e motejos recíprocos. Cada um dos dois povos irmãos tem a pronuncia que a força inelutavel de circumstancias peculiares lhe deu; com ella está contente, porque a julga a melhor e a mais legítima. Isso não altera a unidade da lingua culta, do idioma literario, e o mesmo succede em todas as linguas. Vicios populares, por ignorancia ou por habitos tradicionaes, cá e lá os ha, como em todos os países. Lá, em grande copia e com muita variedade. Os daqui embora abundantes, mas ainda insufficientemente estudados, não chegão a constituir dialectos; consistem, quanto á pronuncia, principalmente na differença que apontámos, no timbre das vogaes átonas, entre o norte e o sul.

As particularidades locaes, num e noutro paiz, irão desapparecendo ou diminuindo, com o progresso da civilisação, a frequencia de communicações e o trato entre as varias regiões. Os erros de ignorancia devem ser combatidos com a diffusão do ensino popular, e com o cuidado dos paes e dos mestres em corrigir as naturaes imper-

feições do falar infantil e das que aprendem as crianças com as suas amas e no contacto com a gente ignara.

Escrevendo este livro, não foi nosso intuito debellar esses erros grosseiros, mas apenas evidenciar aquelles em que ainda pessoas bem educadas e até instruidas incorrem, isto é, as infracções das regras ou do bom uso, quanto á prolação distincta ou conjunta dos sons, á posição do accento tonico, ao timbre das vogaes, e ao respeito da euphonia, que evita os hiatos duros e as articulações asperas.

E se, para a emenda de taes erros ou defeitos, tiver alguma utilidade, bem empregado terá sido o nosso trabalho.

Notas do capitulo II

1.—Gonçalves Viana, n. 56, letras *e* e *o*.

2.—Idem, 56 *e*, e Leite de Vasconcellos, 69 *a*.

3. – Só numa palavra temos ouvido essa pronuncia, no Rio de Janeiro:—*inq'lino* por *inquilino*, ou por influencia de *inclino*, verbo, ou porque aquelles que assim pronuncião, ignorando a orthographia dessa palavra, suppõem que dizer *inquilino* é erro igual ao de *Quelemente*, por *Clemente*.

4. —Leite de Vasconcellos, n. 86, nota a pgs. 154:—«Les habitants du Nord, quand ils entendent parler ceux du Sud, Lisbonne comprise, imaginent que ceux-ci chantent».

5.—*Val*, substantivo e verbo, é tambem da linguagem dos doutos.

6. –E' curioso que esses phenomenos da pronuncia dos nossos incultos se tenhão dado na mais polida lingua dos povos civilisados. Como é sabido, os francezes não pronunciáo o *r* final dos nomes e verbos em *er*, nem o *s* do plural, excepto nas ligações; e o *ll* (*l mouillé*), que tinha o valor do nosso *lh*, hoje tem o de *i* ou *y*, por vicio de pronuncia dos parisienses, que prevaleceu. Num e noutro caso, esses phenomenos provêm da

lio do menor esforço, e do instinto da euphonia, á qual é contraria a frequencia da vibração do *r* o da sibilação do *s*, no final das palavras.

7.- *Curso de hist. da lit. port.*, pgs. 36 (ed. de 1885).

8.—Leite de Vasconcellos, n. 50 *e*.

9.—Idem, n. 35. A commissão, nomeada no Porto, para representar á Academia a conveniencia da reforma da orthographia, propoz quo o *o* final fosse substituido por *u*. Barbosa Leão, *Reforma da orthog.*, pgs. 89.

10.—Soares Barbosa, *Gram.*, Leite de Vasconcellos, n. 66.

11.—Soares Barbosa, Francisco de Andrade, Leito de Vasconcellos, n. 62.

12.--Idem, 59 *d*.

13.—Francisco do Andrade.

14.—Leite de Vasconcellos, n. 72.

15.—Idem, 57.

16.—Idem, 62.

17.—Idem, ns. 49 *d*, 41 *b*, 43 *c* e 63.

18.--Idem, ns. 42 e 48 *d*.

19.—Idem, 74 *d*.

20.—Idem, 75 *d*. João de Barros, *Gram.*, *Antitheses*, já notava como viciosa essa pronuncia, «que, diz elle, tomámos da pronuncia mourisca». O sr. Theophilo Braga considera-a um «resto de galleguismo». (*Man. da hist. da lit. port.*).

21.—Vide Silvio Romoro, *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*.

22.—Conformo a etymologia franceza.

23.—Vide os diccionarios e Julio Cornu, n. 101; ambas as fórmas se encontrão no classicos.

24—Vide em Maduroira o Borges Carneiro, nas listas de erros, *adientar* por *adiantar*.

25. Como so devia dizer, o como antigamente se dizia e escrevia, om Portugal.

26.—Soares Barbosa, *Gram.*, liv. I, c. 8.

27.—Leite de Vasconcellos, n. 50 *c*.

28.—Alexandre Passos, *Dicc. grammatical*; ver *Pronuncia*.

29.—Constancio, *Gram.*, e Leite de Vasconcellos, ns. 94 e 99. E diz que *di lá*, como *si*, tambom se usa na lingua escripta!

30. *Exposição da pronuncia normal port.*, n. 70, XI.

31.—*Esquisse*, n. 8.

32.—Citado opusc., 4.ª part., art. VI, § II.

33.—*Exposição da pron. normal port.*, n. 68, XI.

34.—*Exposição da pron. normal port.*., nota á p. 94.

35.—E, no final do mesmo §, accrescenta estas palavras, acêrca dessa obra do dr. Julio Cornu:—«Pela sua especialidade e pela perfeição com que foi levada a cabo, está, ou devo estar, na mão de todos os que fóra, ou mesmo dentro de Portugal, se consagram ao estudo do portuguès».

36.—*Uber die erste portugiesische kunst-und hofpoesie*, 1863, pgs. 53 e seg.

37.—*Livraria Classica*, Noticia da vida e obras de Garcia de Rezende, pgs. 345 e seg.

38.—O primeiro em Lisboa, o segundo em Collares.

39.—Soares Barbosa, *Gram.*

40.—Leite de Vasconcellos, n. 51 *d*, *g*. Cornu, ns. 74 e 75, Dicc. de João de Deus.

41.—*Exposição da pron. normal port.*, n. 70, V.

42.—Ibid., pgs. 95.

43.—João de Barros, *Grammatica*: «A primeira, e principal regra da nossa orthographia, é escrever todalas dições com tantas letras com quantas as pronunciamos».

Bento Pereira, *Regras de orthographia*:—«Regra I. *Fundamental*, que, como fundamento, dá principio ás outras. Para que guardemos certeza, ou verdade, em nossa escritura, assim devemos escrever como pronunciamos e pronunciar como escrevemos. D'outra maneyra será nosso escrevor mentiroso, porque, se monte no falar quem fala contra o que entende, tambem mente no escrever quem escreve contra o que pronuncía. E o bom portuguez, para ser totalmente verdadeyro, deve ter verdade no escrever, como a tem no falar». E, pelos mesmos termos, dá essa regra no seu livro —*Ars gramaticæ linguæ lusitanæ*, n. 163.

44.—*Côrte na aldeia*.

45.—Gonçalves Viana, *Exposição da pronuncia normal portugeza*, n. 32, 5.º; 52, obs. 8.ª, e 36.

46.—Theophilo Braga, no *Manual da literatura portugueza*, cap. I, pgs. 10 e 11, menciona como dialectos do portuguez o *galego*, o *indo-portuguez*, o da povoação de Suajo e «o brasileiro, tanto o que falão os antigos colonos, internados ou fazendeiros (!), como os da capital, que praticão insensivelmente a degeneração phonetica».

47.—Como acima se viu, o sr. Gonçalves Viana assevera que a pronuncia brasileira, «destacando as vogaes pretonicas, *como na medição do verso*, transmitte á elocução um caracter proguiçoso e lento do dição arrastada». E todavia, no § 69, recommenda que desse modo sejão recitados ou lidos os versos. «Os *ee* átonos, affirma, nunca devem ser elididos, quando o po-

eta não contou com essa elisão para a sua feitura; desta maneira, logo na estancia 1.ª do poema (do Camões), no 3.º e no 5.º versos:—*Por mares nunca de antes navegados, E em perigos e guerras esforçados*, cumpre que o *e* de *mares* e de *perigos* sôo distintamente, como sôa em *terás*, differente de *trás*, monosilabo. Esta regra não é geralmente observada pelos portuguezes, nem mesmo no Theatro Normal, a não ser por um ou outro actor mais conscienciosos e sabedor, o que faz que aí se recitem errados taes versos. Num soneto do Camões, o mais afamado de todos, é usual errar-se o 1.º verso do 1.º terceto, pela elisão, feita duas vezes, do *e* surdo, tirando-lhe duas silabas! *E se vires que pode merecer-te*, que lêem:—*E se vires que pode mer'cer-te*. A suppressão, pois, do *e* surdo em conjunção com *r*, tam vulgar, é perfeitamente admissivel e admitida na conversação usual, tolleravel mesmo na leitura ou declamação de prosa, é um erro grosseiro nas do verso, todas as vezes que ella não esteja indicada; ler-se-ha, portanto:—*esperança*, *flôres*, como se lê *terá*, *verá*; *verão*, substantivo, como *verão*, futuro do verbo *ver*, e não *esprança*, *flôrs*, *vrão*, pronunciações correntes na fala trivial».

Como póde um povo ter uma pronuncia para a prosa, outra para o verso? O actor que recitar os versos com pronuncia differente da que lhe é commum, e aos ouvintes, só poderá contentar poucos entendidos e apreciadores da melodia poetica, mas desagradará geralmente. Essa pronuncia parecerá estranha ou affectada, *preguiçosa* e *arrastada*, como achão a brasileira. E' pois natural que o actor prefira não desagradar ao publico, e forrar-se do cuidado e esforço que exigiria a mudança da pronuncia que lhe é habitual. Quanto á declamação da prosa, é evidente que nenhum actor ou orador se sujeitará a esse constrangimento, alterando a pronuncia usual, que o sr. Gonçalves Viana diz ser mais fluente e energica.

Appendice

Nomes proprios, gregos e latinos

Masculinos

A'baris, Abdalónymo, Abdênago, Abradátos, Acadêmo (1), A'camas ou Acamante, Achêmene (2), Achátes (3), Admèto, Adônis, Agapéto ou Agapito (Agapētus), Agamédes, Ajáce, Alcáthoo, Alcídamas ou Alcídamante, Alcídamo, Alcínoo, Amásis, Amyco, Anaxágoras (4), Anaxímenes, Andócides (5), Andrógeos, Antálcidas (6), Antínoo, Antíocho (7), Antípas, Antíphates, Antíphilo, A'ntipho, Antísthenes, A'nyto, Appolodóro (8), Aráto, A'rbaces, Archidâmo, Archílocho, Archimédes (9), Archystas, Arctíno, A'retas, Ariaráthes, Ariobarzânes, Aristágoras, Aristodêmo, Aristómacho (10), Aristómenes, Aristóníco, Aristóphanes (11), Aristóxeno, A'rsaces, Artobâno, Artemidóro, Ascólapho, Asclepíades (12), Anáraco, Astyages, Astyanaz, Astydamas, Astydamante, A'thamas ou Athamante, Athenágoras, Athemodóro, A'talo.

Bacchylides, Basilídes, Boethio (Boecio, por influencia do francez), Brásidas, Búsyges, Busíris.

Callímacho, Callíno, Callísthenes, Cambyses, Carnéades, Cassiodóro, Cátulo (differente de Catúllo), Cecína, Cécrope, Céphalo, Cérbero, Cethégo, Cheréa, Chirísopho (13), Chérilo, Chrysógono (14), Cíneas, Cingétorix (15), Cínyras, Cleômbroto, Cleómenes, Cleônymo, Clísthenes,

Cócalo, Corébo, Córytho, Cótiso ou Cotisão, Crátero, Cratíno, Creophýlo, Ctésias, Cyaxáres, Cynegíro, Cýpselo

Damétas, Damóxeno, Dárdano, Dátames, Decébalo, Dêiphobo, Dejótaro, Dêmades, Demaréto, Democêdes, Demócrito (16), Demídoco, Dédymo, Diágoras, Diòdoto (17) Diógenes, Diomédes, Dioscórides, os Dioscúros, Dívico, Divicíaco, Dúmnorix.

E'aco, E'balo, E'dipo (18), Eéta, E'lato, Encélado, E'papho, E'phoro, Epictéto, Epimênides, Epíphanes (Antíocho), E'pyto, Erasístrato (19), Eratósthenes, E'rebo, E'ryx ou E'rice, E'saco, E'schylo (20), Eschínes (21), Eucrátides, E'umenes, Euphêmo, E'upolis, Eurípides, Eurýbates, Eurýbato, Eurýlocho, Eurýpylo, Eurýsthenes, E'uryto, Euthydêmo, Evágoras, Evérgetes (Ptolemeu).

Ganimédes, Gorgias, Gradívo (Marte).

Haléso, Hárpago, Hárpalo, Heliogábalo, Hellanico, Hermócrates, Heródoto, Heróstrato, Hesíodo, Héspero, Hícetas, Híero, Hippódamas ou Hippodamante, Hippódamo, Hippômenes, Hippótades, Hypérides, Hýrtaco.

Iâmblico, Iádeto (ou Jápeto), Iápyge, I'byco, Icaro, I'nacho, I'naros, os Indégetes, (deuses), Inôo, Iphícrates, Iphito, Isócrates, Iúlo.

Lábdaco, Labynêto, Lámacho. Lêntulo, Leônidas, Leósthenes, Leotýchides, Leptínes (22), Lycomédes, Lysímacho.

Macrino, Maríco, Másyas, Massíva, Mausólo, Meleágro, Meléto ou Melíto, Menedêmo, Meríones, Mérmero, Mérope, Métabo, Metrodóro, Milêto, Mithridátes, Muságetes (Apollo), Mýrtilo.

Nasíca (Scião), Nectânabis, Neoptólemo, Nepóte (Cornelio), Nícias, Nicómacho, Nicomédes.

Odenátho, O'gyges, O'leno, Onomáorito, Ormeno, Oródes, Osíris.

Pácoro, Palamédes, os Palícos (deuses), Pándoro, Panthoo (ou Pantho), Panýasis, Pápias, Parmênides, Pasíteles, Pausânias, Páusias, Pélias, Pelópidas, Pélops ou Pé-

lope, Perdix ou Perdíce, Periclýmeno, Périphas ou Periphante, Phálaris, Phárnaces, Pherécrates, Pherecýcles, Phídias (23), Philetas, Philoctétes, Philodêmo, Philopêmen, Philóstrato, Philótas, Philóxeno, Phlégyas, Phocylides, Phênix ou Pheníce, Phraátes, Phrýnicho, Piríthoo, Pisístrato, Píttaco, Pixódaro, Plísthenes, Poliorcétes (Demetrio), Políte, Pólybo (differente de Polybio), Polycléto, Polocrates, Pólydamas ou Polydamante, Polygnóto, Polyoníces, Polyxeno, Polyzêlo, Póstumo, Prátinas, Praxíteles (24), Priápo (25), Próculo, Pródico, Protágoras, Protógones, Próxeno, Prúsias, Psammênito, Psammético, Ptolemeu (não Ptolomeu; cognomes—Sóter, salvador, Epíphanes, illustre, E'upator, de bom pae, Philométer, que ama a sua mãe, Philópator, que ama o pae, Evérgetes, bemfeitor, Aulétes, flautista), Pýlades, Pýramo, Pyrgóteles, Pýtheas.

Rhampsiníto, Rhiâno, Robígo (divindade).

Sardanapálo, Sátyro (26), Serápis (divindade), Simônides, Sísypho (27), Sosígenes, Sóstrato, Spártaco, Stasíno, os Stéropes, Steséchoro, Stesímbroto, Sthênelo, Stílicho, Súidas, Summâno, Surênas, Syênnesis, Symmacho, Syphaz ou Sypháce.

Tálao, Taxiles, os Télchínes, Telégono, Télemo, Télepho, Têmeno, Thâmyris ou Thâmyras, Teoclymeno, Theócrito, Theódoto, Theóphanes, Therâmenes, Thersítes, Thrásea, Thrasýmacho, Thucýdides, Thymétes, Tigrânes, Timágenes, Tiridátes, Tisâmeno, Tithôno, Tlépolemo, Trábea, Tríopas, Triptólemo, Tróilo, Túbero (ou Tuberão), Týndaro ou Týndares (ou Tyndáreo).

Válero, Várgula, Varíno, Vásaces, Vêiovis (divindade), Vercingétorix, Viridómaro ou Virdúmaro, Vológeses, Vonônes.

Xenágoras, Xenócrates, Xenóphanes.

Zenódoto, Zópyro.

Nomes femininos

Aérope, Agáve, Alcímede, Alcmêne, Amymône, Anadyómene (Venus), Anaxárete, Andrômacha, Andrômada, Antígone, Antíope, Anphrodíte, Arsínoe, A'rtemis.

Bácuide ou Baucis, as Bélides, Bellôna, Bélone, Béroe. Briséis ou Briseide.

Callírrhoe, Cânace, Cânace, Cassíope ou Cassiopéa, as Chárites, Chíone, Chrysêas, Clymene, Corônis ou Corônide, Creúsa, Cyane, Cybéle (28), Cymódoce, Cynosúra, Cyrêne, Cythére ou Cytheréa, Cythéris ou Cythéride.

Dânae, Dêiphobe, Dejaníra, Dércetis ou Décarto, Diône, Dríope.

Enône, E'rato, Erígone, Eriphyle, as Eumênides, Euphrósyne, Eurydice (29), Eurynome.

Glycera, ou Glycere, as Górgonas.

Harpályce, Hécale, Hécate, Hécuba ou Hécube (tambem Hécabe, no gregó *Hekábé*), Hermíone, Hesíone, as Hespérides, Hippólyte, Hypsípyle.

Ilíone, I'nachis ou Ináchide, I'ole.

Láchesis (30), Lálage, Laódice, Leucóthea ou Leucóthoe, Libitína, Lycóris.

Maríca, Mégare, Mélite, Melpômene, Mérope, Metaníra, Mnemósyne.

Nausíca ou Nausícaa, Neéra, Nêmesis, Néphele, Níobe, Nitócris, Nyctymene.

Ocyrrhoe, Olympias, O'mphale (31).

Pandóra, Pándrosos, Pânope ou Panopéa, Parysatis, Pasíphae, Pasíthea, Pelopéa, Penélope, Penthesiléa, Periméle, Perimélis ou Perimélide, Periméde, Perséphone Philoméla, Phílyra, Plêione, Pomôna, Prosérpina (32).

Rhódope, Rhodópis, Roxâna.

Saítis (Minerva), Sémele (33), Sóspita (Juno), Statíra, Stérope, Stímula, Stratoníce, Syrius ou Syringe.

Táygete, Terpsíchore, Theâno, Thymele, Thyône, Tisíphone, Tômyris.

Vacúna (divindade), Véleda ou Vêlleda (34), Viripláco (divindade).

Cidades

Abdéra, Ábila, Abýdo, Amíso, Ancôn ou Ancóna, Ancýra (35), Antícyras, Arabríga (36), Arbéla, Argíthea, Arímino, Arpíno, Arsamosáta, Artáxata, A'sine, A'stura, A'styra, Augustobríga, Avárico, Azâni, Azóro, Azóto.

Balbúra, Bámbyce, Bárcino (Barcelôna). Bedríaco, Béryto, Bésara, Bésaro, Betríaco, Bitúrico, Bílbilis, Brácara, Burdégala ou Burdígala (B rdeus), Buthróto.

Cabâra, Caiéta, Camarína, Canôpo, Capêna, Cáralis, Cassópe, Cátana ou Cátina, Cenína, Centóbrica, Céraso, Cesaréa, Cheronéa, Cibyra, Cíngulo, Cisthêne, Clazômenas, Cleônas, Comâna, Conímbrica, Coríolos, Córmasa, Corône, Coronéa, Cortôna, Cotyóra, Crémôna, Crotôna, Cypsela, Cyréschata, Cytóro, Cýzico.

Dânala, Dertôna, Dodôna, Drépano.

Eboráco, Ecbátana, Egína, Egíra, Elephântine, Elêutheras, E'mesa, Eníadas, Enóe, Enóphyta, E'pheso, E'phyra. Ferentíno, Fésulas (*Faesŭlæ*), Flaviobríga.

Gaugaméla, Gélduba, Génabo, Genéva ou Genáva, Gesoríaco, Gigôno, Gortýna.

Halésa, Hecatómpylos, Hellómeno, Helóro, Heracléa, Heraclêo, Híspale, Hyccara, Hýpata.

I'lipa, Imáchara, I'smaro, Iúlis.

Labíci, Lâmpsaco, Laodicéa, Libéthro, Lilibêo, Límyra, Londíno ou Londinio (Londres) (37), Lóryma, Lugdúno (38), Lycoréa.

Magdólo, Málaca, Mantinéa, Maronéa, Mêdama ou Medma, Mediolâno, Medobríga, Mégara, Melitêne, Menêno, Messâna, Methône, Metúlo, Milèto, Mitylêne, Mogoncíaco (Moguncia), Molycrío, Motúca, Mútina (Módena), Mycênas ou Mycêne, Myrína, Myrléa.

Nacráse, Nágido, Narbône ou Narbôna (ou Narbo), Náuryce ou Náuryco, Náucrates, Neápolis, Nêmea (39), Nemétaco, Neocesaréa, Neontíchos, Népete, Nicéa, Nísibis, Noviodúno.

Ocálea, O'celo, Octodùro, Octogésa, O'leno, Olisípo (ou Olisippo), Orchómeno, O'rico, Orôpo.

Págasa, Palmyra, Parthênope, Pasárgada, Pátale, Pátara, Pêdaso, Pellêne, Percóte, Pérgamo, Perperêna, Phalára, Phaléro, Pharsálo (Pharsalia era o territorio da cidade), Phasélis, Phocéa, Phylace, Pimpléa, Pínara, Pítane, Platéas, Priêne, Ptéleo, Putéoli, Pylêne.

Raphéa, Rotómago, Reáte, Romúlea, Rúscino.

Sábate, Salmône, Samarobríva, Samósata, Sarsína, Sásina, Sássula, Sátala, Satícula, Sátrico, Segobríga, Sentíno, Sestíno, Sétabis, Símyra, Singára, Sinópe, Sísapo, Sítace, Sódoma (40), Spolêto, Stabias, Stagíra, Stenicléro, Stratonicéa, Stymphálo, Suéssula, Sybaris, Syêne, Synnada.

Tácape, Támaso, Tanêto, Tarichêa, Taracíma, Tárraco, Táxila, Teâmo, Teáte, Tégea, Témesa, Téntyra, Terína, Thápsáco, Thelpúsa, Themíscyra, Thespias, Thessalonica (41), Thórico, Thyatíra, Thyrea, Tibérias, Torône, Trapézuns, Trébula, Trícala, Trivíco, Tyana.

Valaméris, Valentíno, Vallébana, Velítras, Venáfro, Verêto, Verodúno, Verôna, Verrúgo, Vérulas, Vettôna, Vindóbona (Vienna) 42).

Rios

Amphryso, Asináro, Asôpo, A'thesis, A'ufido, Bágrada, Caíco, Cáystro, Cephíso, Cocyto, Crêmera, Crimíso, Erídano, Esêpo, Euphrátes, Eurótas, Evêno, Fábaris ou Farfaro, Galéso, Graníco, Hályco, Hárpaso, Hímera, Iárdano, Illíberis, I'sara, Ismêno, Lígere, Mátrona, Neétho, O'aro, Pactólo, Pasitígres, Pínaro, Pyramo, Rhódano, Rhyndaco, Rúbico (ou Rubicôn), Rútuba, Sabrína, Ságaris, Sebétho, Selíno, ou Selinunto, Sellêis, Séquana, Sícoris, Síla-

ro, Símois ou Simoente, Symétho, Tâmesis ou Tâmesa, Tânagor (ou Tânagro), Tânais, Téaro, Timáro, Thýamis, Vayedrúsa, Váhalis, Vatrachítes, Víado.

Fontes

Arethúsa, Hippocrêne, Pégáside, Pirêne.

Lagos

Benáco, Fucíno, Lemâno, Lucríno, Mareótis ou Mareótide, Meótis ou Meótide, Pontínas (lagoas Pontinæ, Palūdes), Salapína (Palus), Sátura (id.), Sirbônis, Trasimêno, Vadimônis, Véneto, Verbâno.

Mares

Asphaltíte, Eurípo, Euxíno (Ponto), Propônidet.

Ilhas

Cárpatho, Cápreas, Cercína, Cimólo, Corcýra, Cossýsa, Cythéra, Egátes, Eubéa, Gýaro, Halonêso, as Hecatonnésos, I'thaca (43), Lêucade (ou Leucádia 44), Lípara, Mélita, Méroe, Mýcono, Néside (ou Nesis) Nisýros, Olíaro, Patalêne, Peparêtho, Pharmacúsa, Poroselêne, Próchyta, Proconnéso, Rhenéa, Sálamis ou Salamína, Scândila, Sciatho, Serípho, Sícino, as Sirenúsas, as Sýbetas, as Táphias, Ténedos ou Ténedo.

Montes

A'byla, os Cárpatos (45), Cáucaso, Cýbelo, Díndymo, Gargâno, Gárgara, Homole, I'maus, Ithôme, Mássico, Matíno, Mycale, Nebródes, Nérito, Niphátes, Paropamíso, Pátala, Puasílypo (ou Pausilíppo), Petríno, Phóloe, Rhó-

dope, Sípylo, Sólioma, Strôngyle, Táygeto ou Táygeta, Tétrica, Tifata, Tmólo, Vésulo, Vógeso.

Cabos

Arômata, Chelonátas, Córico, Cynossêma, Leucópetra, Myonnéso. Peloris ou Peloro, Pachyno, Tênaro.

Paizes ou regiões

Adiabêne, Cólchide (ou Colchis), Commagêne, Cyrrhéstice, E'lide (ou Elis), Epíro, Hesticótis, Paretacêne. Peloponnéso, Phócide (ou Phocis), Phthiótide (ou Phthiotis), Picêno, Sophêne, Súside (ou Susis ou Susiâna), Trachonítis, Táurica (Chersonéso).

Povos (46)

Achívos, allóbroges, ammonítas, ástures, atrébates, autrígones.

Bátavos (47), bellóvacos, bitúriges, búlgaros (48).

Cáletes, cântabros (ou cantabrios), cardúchos, carnútes, caucônes, cenomânos, chamávos, cháones, cícones, cômenas, curétes.

Dálmatos (49), dólopes, dulgibínos.

Edônes.

Gábalos, gálatos, gandáridas, gangáridas, garítes, garócelos, gelônos.

Halizônes, harúdes, hénetos, hemíochos, hérnicos, hérulos, hirpínos.

Iápydes, iáziges, icênos, ilergétes, ilvátes, indicé'as ou indigétes, insúbres, intêmelos, issédones.

Lápithas, latobrígas, léleges, lemovíces, leucósyros' libypheníces, língones.

Macrômes, masságetos (50), mattíacos, moabítas, morgétes, mórinos.

Namnétas, nasamônes, nêmetes, nitiobríges, nerithônes.

O'drysas, ólcades, ordovíces.

Parthínos, peónes, perrhébos, petrócoros, pheáces, pictones ou pictávos.

Ráuracos, rédones, rhoxolános, rutênos, rútulos.

Sântones, sármatos, saspíres, sáxones, scenítas, sedunos, sêmnones, sênones, séquanos, sidicínos, sílures, spartiátas, suenônes, suíones.

Tectósages, têncteros, têutones ou têutonos, theprósios, thyssãgetas, tibasos, tréviros, túrdulos, túrones ou túronos.

Usípetetes, vândalos, vangiônes, várdulos, varínos, vasátes, váscones, vellávos, vênedos, vênetos, vennônes, verágros, vettônes.

Notas do appendice

1.—Têm o accento na penultima syllaba todos os acabados em *demo* (*dēmos*, povo). No grego, estes compostos têm o accento na antepenultima, por ser a ultima breve.

2.—Todos os nomes terminados por *enes* (*enēs*, no grego) têm o accento na antepenultima syllaba:—*Demósthenes*. *Diógenes*, etc. No grego, o accento é na penultima.

3.—Quasi todos os nomes proprios em *ates* são accentuatuados na penultima syllaba. Exceptuão-se alguns, como *Antíphates*, *Eurýbates*, e todos os terminados em *crates*, que o são na antepenultima:—*Sócrates*, *Isócrates*, *Demócrates*, etc. (No grego, *Sokrátēs*, *Isokrátēs*, etc., compostos de *krátos*, força).

4. - Assim todos os destas terminação (compostos de *agorá*, praça; no grego, o accento é na penultima *Anaxagóras*, *Pythagóras*, etc.). Devemos conservar-lhes o *s* final, que têm no grego e no latim; só no verso se poderá supprimir. Os espanhoes conservão o; os francezes e os italianos, porém, supprimem o.

5.—Os nomes proprios desta terminação só têm o acconto na penultima, quando o *i* correspondo ao ditongo grego *ei*, como *Aristides, Euclides,* etc.

6.—Todos os nomes proprios, terminados pelo suffixo *das*, têm o accento na antepenultima:—*Leônidas, Pelópidas, Súidas,* etc.

7.—Assim todos os desta terminação.

8.—Idem.

9.—Idem.

10.—Idem.

11.—Idem.

12.—Idem. Vido o que dissomos sobre os dorivados com esse suffixo patronymico.

13.—Assim todos os da mesma terminação.

14.—Idem.

15.—Idem.

16.—Idem.

17.—Idem.

18.—Não *Edipo*:—no latim. *œdĭpus;* no grego, *Oidípous*, por ser longa a ultima syllaba.

19.—Assim todos os compostos de *stratós*, exercito: portanto, *Heróstrato, Pisístrato*, não *Herostráto*, *Pisistráto*, como dizem muitos. E esta é a accentuação desses nomes, tanto no latim como no grego.

20.—*Eschýlo,* como pronuncião muitos, é accentuação franceza. *Aischylos*, no grego; *Aeschўlus*, no latim.

21.—No latim, é duvidoso o accento; prefiro *Eschínes,* porque é conforme ao grego *Aischínēs*, e porque assim erão accentuados no latim outros nomes de igual terminação—*telchínes,* sacerdotes de Cybélo, *Acesínes*, rio.

22.—Idem.

23.—No grego, *Pheidías*; no latim, tambem alguns assim accentuavão.

24.—Não *Praxitéles*, como proferem muitos. O *x* com o som de *ks*. Todos os nomes desta terminação têm o accento na antepenultima syllaba:—*Aristóteles, Demósteles, Pasíteles, Pyrgóteles.*

25.—Muitos pronuncião *Príapo.* E' a accentuação grega—*Príapos*; mas no latim é *Priāpus.*

26.—O vulgo diz Satýro.

27.—Não Sisýpho.

> E Sisypho co' a penha
> eternamente a braços
>
> Castilho, *Georgias*, III.

Ora da mó vais, Sísypho, no alcance,
Ora a carregas, donde sempre tomba.

O mesmo, *Metamorphóses*, c. 4.°

28.—No latim, *Cybēle* ou *Cybĕle*, do gr. *Cybélē*.

29.—Nos nossos poetas, *Eurýdice* e *Euridíce*. (Gr. *Eurydíkē*, lat. *Eurydĭce*). E' incerto o accento, neste verso de Camões: —

o amante da donzella
Eurydico tocando a lyra de ouro.

C. 7.°, 29.

30. Este nome de uma das parcas é accentuado assim, no latim e no grego. Como nome de um medicamento homeopathico, é erroneamente proferido *lachésis*, até pelos medicos.

31.—Muitos pronuncião Omphále (lat, *Omphăle*, gr. *Omphálē*). E' duvidoso o accento, no seguinte verso de Camões, pois de qualquer modo está certa a medida: —

Quando em Omphale andava transformado.

C. 3.°, 144.

Mas no seguinte, de Quebedo, o accento não póde ser senão na penultima: —

nos abraços
Da bellissima Omphale se enredavam.

Aff. Afric., c 6.°, 55.

32.—Nos nossos poetas, *Prosérpina* e *Proserpína*. E' nome latino: no grego, *Persephone*.

33.—Gr. *Semélē*, lat. *Semĕle*. Camões e Castilho dizem Seméle: mas Costa e Silva escreve *Sémele*, nos *Argonautas*, liv. 4.°, nota 86.

34.—Não *Veléda* ou *Velléda*, como se usa goralmente.

35.—Hoje *A'ngora*, da Turquia asiatica, donde são os gatos desse nome.

36.—A terminação *briga* ou *briva* vem do celtico *brig*, ponte; allemão, *brücke*; inglez, *bridge*; flamengo, *brugge*. Donde os nomes das cidades — *Inspruck*, *Cambridge*, *Bruges*, etc.

37. - O nome inglez *London* é conforme á etymologia; na fórma franceza, que provaleceu no portuguez, o tambem no espanhol—*Londres*, e no italiano *Londra*, explica se o *s* (do britannico, *llyn, paúl*, e *dinas*, collina), mas não o *r*, introduzido por corruptela

38. - *Dunum* significava *cidade*. Havendo sido aquella cidade fundada pelo consul Lucius Muratius Plaucus, teve o nome de *Lucii dunum*, depois *Luc dunum*, *Lugdunum*, que assim se foi abreviando, em *Lugdun*, *Luun*, hoje *Lyon*. Assim tambem, de *Lugdūnum Clavatum*, depois *Laudunum*, *Laun*, hoje *Laon*, que se pronuncia *Lan;* e *Autun*, de *Augustodūnum*. Curiosos exemplos de abreviações, por effeito da lei linguistica do menor esforço, os nomes proprios da geographia são, entretanto, dos que mais resistem á acção corrosiva do tempo e da ignorancia popular.

39.—Esta è a accentuação latina; mas, comumente, dizem *o leão de Neméa*.

40. E' a accentuação latina; mas, em geral, pronunciam *Sodôma*.

> Na conjuncção celebrada
> Que Sodoma foi queimada.
>
> Gil Vicente, *Auto da Cananéa*, sc. 6ª.
>
> Testomunhas as ruas de Sodoma.
>
> Leitão, *Paraiso Perdido*, c. 2.º, v. 664.

E em Castilho, *Metamorphoses*, notas ao liv. 2.º, p. 278.

41. —Conforme a accentuação grega e latina. Vulgarmente, usa-se *Thessalônica*, como se fôsse nome derivado do latim; mas é um composto grego, *Thessalôn nikē*, victoria dos thessalios. Assim tambem *Cleonica*.

42. —O nome allemão *Wien* pronuncia-se como a primeira syllaba de *Vindôbona*, cidade dos *vindos*, *vendos* ou *vênedos*.

43.—O *Diccionario de rimas*, de Eugenio de Castilho, accentúa a penultima, *Itháca*, e assim pronuncião os espanhoes. Esta era a accentuação grega - *Itháke*; mas, no portuguez e no italiano, deveria empregar-se o accento latino *I'thaca*.

44. —Este era o nome da ilha (*Lucas, ădis*); o do promontorio, rochedo da mesma ilha, era *Leucātes* (gr. *leukás petra*, pedra branca). Camões accentuou *Leucáte*, no canto 2.º, 53.

45.—Não *Carpáthos*, como proferem muitos. *Cárpathos* ou *Cárpathus* era uma ilha do mar Egêo.

46.—A mór parto dos nomes gentilicos tem o accento na penultima syllaba, porque a tinhão longa no latim, os mais delles terminados em *ani*, *eni*, *ini*, *om*, *um*, *ori*, *eri*, *uri*, *ati*, *oti*, *uti*, *avi*, *evi*, *ivi*, *ates*, *ites*, *otes*. Mencionámos os proparoxytonos e alguns paroxytonos em que podia haver duvida.

47.—No latim, *Batāvi* o *Bātāvi*.

48.—Como este, *húngaros*, *zíngaros*.

49.—Em geral, pronuncião *croátas;* mas, por analogia, cumpria dizer *cróatos*, como *dálmatos*, *gálatos*, *sármatos*, *saurômatos*.

50.—Vulgarmente, *massagétas*.

O autor do livro

Encarregados pelo govêrno estadual, em 7 de junho de 1911, do trabalho de organização, cópia e revizão da obra A Lingua Portugueza (*dificuldades e dúvidas*), que Filipe Franco de Sá deixára manuscrita, lutámos com inúmeros obstaculos de vária natureza, pra cumprir o contrato assinado. A falta dos tipos especiais, indispensaveis á fatura do livro, demorou bastante o seu acabamento, apezar da incontestavel boa vontade do exm.º sr. dr. Luiz Domingues, governador que tornou efetiva a lei n. 569, de 4 de abril do ano acima referido, e dos constantes esforços que empregámos. Sem essa boa vontade, sería talvez impossivel conduzir ao termo a determinação do congresso. Justo é dizer que o exm.º sr. dr. Herculano Parga, atual chefe do poder ezecutivo, se empenhou muito, logo que assumiu o ezercicio do seu cargo, pela rápida concluzão dêste volume, que substancía o preito devido a uma das mais lejítimas glórias do Brazil.

Filipe Franco de Sá teve como projenitores o senador Joaquim Franco de Sá e D. Lucrecia Rosa da Costa Ferreira, filha de Antonio Pedro da Costa Ferreira, barão do Pindaré. Nasceu, a 2 de junho de 1841, no Rio de Janeiro,

pra onde embarcára o seu pai no dezempenho do mandato de deputado. Fez os seus rudimentos primarios em S. Luiz, concluindo o curso dos liceus no Coléjio Marinho, do Rio. Matriculou-se, em 1858, na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se aí, em 1864. Frequentou tambem a Faculdade de S. Paulo, interrompendo os trabalhos escolares, durante os dois anos que esteve na Europa.

Pra centro de estudo e observação, preferíra a Sorbonne, em Paris, fóco científico de primeira ordem. As tézes sociais, sobressaíndo as juridicas, contavam estrénuos e sabios cultores ali. Eram os temas então mais em voga.

Uma vez diplomado, regressou ao Maranhão. Nomearam-o promotor da capital e redàtor do *Publicador Maranhense*, orgão oficial. Como promotor, demonstrou uma sólida ilustração do *métier*, afirmando uma admiravel altanaría de carater. O aparecimento de cédulas falsas provocára a interferéncia da justiça. Suspeitava-se de alguns membros do alto comércio e do tezoureiro duma caza bancária. Mas, procedendo-se a minuciozas dilijéncias, avolumou-se uma corrente adversa á da primitiva repulsa. Compreendendo que o mistér da judicatura não é perseguir, mas punir, Filipe Franco de Sá não recorreu do despacho que despronunciou os denunciados.

Seguindo a trilha e as idéas dos seus maiores, Franco de Sá filiára-se no partído liberal. Haviam subido ao poder, em 16 de julho de 1868, os conservadores. Organizára o gabinete o visconde de Itaboraí, cabendo a pasta da justiça a José de Alencar. Embora demissiveis *ad nutum*, os funcionarios das promotorías, quando as serviam com lizura e competéncia, ezimiam-se ás derrubas trazidas pelas mudanças partidárias. Eram postos de confiança.

Fòra entregue a jestão da província ao dezembargador Manoel Cerqueira Pinto, vice-prezidente. Majistrado sem mácula, recuzou-se a contemporizar com as ezijéncias da politicáncia ferrenha, pois reconhecia que os interes-

ses da sociedade tinham no promotor uma atalaia inquebrantavel. Aportando aqui o dr. Ambrozio Leitão da Cunha, que morreu barão de Mamoré, moveu-se uma nova campanha contra Franco de Sá. Aquele estadista, que se informára do sucedido, negou-se a ezonerar o alvejado pelo ódio dos mediocres. Mas os seus inimigos perseveraram. Tomando por pretêsto o facto de não haver Franco de Sá recorrido da despronúncia dos acuzados, alcançaram do ministro Alencar, político estreme, que lhes satisfizesse o que dezejavam. Leitão da Cunha retorquiu que largaria a prezidéncia da provincia, se o entendessem. Mas que, em cazo nenhum, feriria os sentimentos de quem, por tantos titulos, se recomendava ao respeito colétivo. Posto a par dessa nobilissima resposta, Franco de Sá apressou-se a pedir a sua demissão, ato que muito o engrandeceu, perante os proprios adversarios. A atitude de José de Alencar, que a imprensa imparcial e a dos antagonistas analizaram duramente, rialçou sobremodo a bela figura do joven jurista.

Sob os auspícios de alguns amigos do seu pai, que obedeciam á orientação do senador Francisco José Furtado, Franco de Sá montou um escritorio de advocacía e dedicou-se á politica. Incumbindo-se de redijir o *Liberal*, granjeou de pronto uma pozição saliente, entre os lutadores maranhenses. Tornou-se, dentro de pouco, o árbitro supremo do seu partido, nos recontros locais. Espírito cultissimo, discreto e raciocinador, rezervavam-se-lhe altos destinos.

Tranzijindo com os liberais, o gabinete Caxias, de que o estraordinário Cotejipe era a alma, aprovou-se, em 1876, uma lei democrática, na qual se consagrava a reprezentação das minorias. Franco de Sá, candidato dos seus correlijionarïos, triunfou. Na câmara, ao lado de Martinho de Campos, Manoel de Souza Dantas, Afonso Celso (Ouro Preto), Leão Velozo e outros, defendeu, a golpes de ardor e perspicácia, a sua cauza. Confirmára, na estreia parla

mentar, improvizada á última hora, o renome que se criára no Maranhão. Foi, na sessão lejislativa de 1877, um dos 18 opozicionistas.

Reeleito em 1878, e continuando a evidenciar as suas qualidades mentais, destacou-se, como um dos *leaders* do ministério Sinimbú, nos debates da refórma eleitoral, em que tambem se aventára o revizionismo. Ficou memoravel o discurso que então pronunciou. Rializando-se aquela refórma, Franco de Sá foi reeleito deputado ás côrtes, ainda uma vez, e incluido na lista tríplice dos senadores, em primeiro lugar, pra preencher a vaga aberta pelo falecimento de Candido Mendes de Almeida, em 1881.

Martinho de Campos organizou gabinete, em 21 de janeiro de 1882, e distribuiu a pasta dos estranjeiros a Franco de Sá, indicado pelo soberano, conforme o declarou aquele, ao aprezentar se ao congresso. Ocupou, em seguida, uma cadeira senatorial. Na situação Lafayete, em 1884, competiu-lhe a jerência dos negocios da guerra. Era, ao tempo, prezidente da província do Rio de Janeiro. Intimo amigo de Souza Dantas, este entregou-lhe a pasta do império, ao constituir um novo gabinete, nesse mesmo ano. Caindo o ministério de José Antonio Saraiva, em 1883, aclamaram Franco de Sá *leader* liberal, na câmara alta, indijitando-o como um dos vindoiros chefes de govêrno. Ouro Preto elevou-o a membro do conselho de estado, a mais nobre das categorías conferidas, aos seus adeptos, pelo antigo rejime.

Quando titular das relaçõis esteriores, referendou a ratificação do convénio com a China, feito por Sinimbú, de que não advieram os rezultados que se esperavam, pra minorar a crize da lavoura. Verberou-se a valer a vinda dos colonos amarelos. Celebrou um tratado com a Bolívia, em que se lhe concedia tránzito do Mamoré ao Amazonas, e na linha férrea que se projetava ao longo das cataratas do Madeira, iniciativa que só se efetivou ha dois anos. Reclamou contra as violéncias que vitimaram cida-

dãos brazileiros no Uruguai. O chefe dessa república ofereceu suficientes garantias, tirou dum comando militar um seu irmão e fe-lo auzentar-se. Mas a providéncia de maior importáncia consistiu em reabrir as negociaçõis diplomáticas sôbre o território das Missõis, de muito esquecidas, e que os seus sucessores, após o 15 de novembro, conduziram a um desfêcho condigno. E' um dos troféus de Rio Branco.

Na pasta da guerra, timbrou em arredar as classes militares dos assuntos políticos. As medidas que então praticou, e as frazes que proferiu, depois, no senado, em áparte a um seu colega, envolveram-o na *questão militar*, de que se orijinaría, a breve trecho, a queda das instituiçõis monárquicas. Nos dois artigos, que inseriu no *Jornal do Comércio*, em maio de 1891, espôz o seu procedimento, justificando-o.

A ezisténcia do gabine e Dantas decorreu ajitadissima. O problema do elemento servil, ou, melhor, a campanha abolicionista, incendêra os animos. As tendéncias dos diversos grupos parlamentares baralharam-se, forçando a dissolver a câmara dos deputados, em 2 de setembro de 1884. Franco de Sá, que dirijia a pasta do interior, interessou-se bastante pela saúde pública e pelo ensino. Decretou outros estatutos prás faculdades de medicina e de direito. Melhorou imenso a Biblioteca Nacional, que mandou iluminar a luz elétrica, e autorizou uma valioza aquizição de volumes, pelo que deram o seu nome a uma das coleçõis, colocando-lhe o busto junto dos que lá ezistiam, como benemeritos do vasto estabelecimento. Utilizando os provados talentos do dr. Nuno de Andrade, inspétor da saúde do pôrto, prezervou o Brazil da colera-morbus, rezistindo com enerjia aos clamores que se levantaram, e ordenou-se construisse o lazarêto da ilha Grande.

Conquanto abatido pela fadiga dos encargos oficiais, pugnou contra os conservadores, assídua e encarniçadamente, na curul do senado. Mas precizava dum repouzo. E, ao empossar-se o gabinete Ouro Preto, seguiu prá Eu-

ropa, a que não voltára, depois de 1873. Veraneava em Nice, quando apearam a dinastía. Em Cannes, onde passou alguns mezes, avistou-se com Pedro II e a família banida. Regressando ao Brazil em 1890, retirou-se inteiramente da atividade política. Voltou á sua profissão de cauzídico, que abandonára ao entrar prá senatória. Recolheu-se, pouco após, a uma fazenda no estado do Rio. Ali, repartia os vagares pelas vitalizadoras fainas campezinas e o reconfortante convívio dos bons autores, entre os carinhos da espoza, a exma. sra. d. Eulalia Bulhões de Oliveira Belo Franco de Sá, em cujos braços espirou, a 8 de março de 1906.

Havia uma grande ánsia de aprender, na jéração dessa época. As ciéncias sociais colhiam as predileçõis da maioria. E delas uma das que mais se impuzeram foi a glótica. O incentivo do círculo em que se lhe enrijára o espirito inclinou-o ás pesquizas linguísticas. Depois, manuzeando os veros classicos quinhentistas e seiscèntistas, criou-lhes um entranhado amor, que despontára nos bancos da academia, segundo nos assegura um amigo e condiscipnlo de Franco de Sá, o ilustre dr. José Viana Vaz, a quem devemos muitos dos apuntos reunidos nestes leves traços.

Armou-se ao Maranhão a fama de paladino intratavel, nos mil nadas que se prendem aos infinitos escaninhos do idioma. Um humorista contou-nos até que, por vía da gramática, se faziam e desfaziam cazamentos aqui. Ezajerando, queria talvez esboçar a imajem do papel que a feroz atormentadora simbolizava nos lares de Atenas.

Como surjiu e se enraizou semelhante gósto, a ponto de o transformarem numa tradição? A resposta é dificil. Mas conjetura-se que promana do facto de se iniciarem em S. Luiz, antes de qualquer outro lugar brazíleo, as indagaçõis glotolójicas—e, num irreprimivel impulso, as consequentes polémicas. O grego e o latim imperavam despo-

ticos, sobretudo o último. Sotéro empunhava o báculo. Ríspido, não admitia discrepáncias. Ademais, estava nos habitos enviar os rapazes de fortuna a Coimbra,—«naquele tempo objeto das preocupaçõis e alvoroços da mocidade estudioza, onde todos os talentos iam buscar a consagração, e sem cujos pergaminhos a nenhum era dado aspirar ás honras e grandezas a que então podia chegar um natural do Brazil». (João Lisboa, *Obras completas,* II, pjs. 495). Com efeito, cursaram as aulas coimbrãs Odorico Mendes, o egréjio heleno latinista, Alexandre Teofilo de Carvalho Lial, Gonçalves Dias, Pedro Lial, etc. Hugo Lial, filho do preclaro autor do *Panteon Maranhense,* educar-se-ia ainda em Lisboa, assinalando a sua passajem na propaganda republicana. O contacto com o meio universitário e a nova prozódia, sentida em diversos anos de estadía na terra portugueza, promoveriam porventura o apêgo a tais trabalhos.

Dezenvolvendo-se numa ambiéncia assim, sería deveras estranhavel que Filipe Franco de Sá, militante do fôro, do jornalismo e da tribuna parlamentar, se desligasse do principal instrumento da vitória, nessas lides—a correção e a clareza da palavra, escrita ou falada. Mas, com o seu decidido pendor, ao invés de inúmeros egoístas, que se ilustram apenas em proveito pessoal, transmitiu as suas lucubraçõis a largas folhas de almaço, que puderam salvar-se do limbo.

Estamos certos de que todos quantos prezam a linguajem de Camões e Vieira agradecerão ao erudíto filólogo as canseiras em que se consumiu, pra dotar as letras com esta inestimavel, ensinativa obra,—magnífico ementário de quaze tudo que respeita á nossa gramaticolojia pretérita, vista através dos olhos doutos e perquiridores da convulsa atualidade.

FRAN PAXECO.

Bibliografia : (1)

NOTICIA BIOGRAFICA DE ANTONIO JOAQUIM FRANÇO DE SÁ. Vem no vol. de POESIAS do biografado. Maranhão, Imp. por Belarmino de Matos, 1867, in 8.º de XVI-145 pajs.

A REFÓRMA CONSTITUCIONAL. Discurso pronunciado na camara, a 20 de maio de 1879, pelo deputado Filipe Franco de Sá. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1879, in-8.º de 56 pajs.

DISCURSO pronunciado na câmara, na sessão de 30 de junho de 1879, pelo deputado Filipe Franco de Sá. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1879, in-8.º de 54 pjs.

A REFÓRMA DA CONSTITUIÇÃO. Estudo de história patria e direito constitucional, por F. Franco de Sá. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1880, in-8.º de 203 pj . (Neste volume, reproduzem-se os discursos anteriormente impressos em separado).

Redijiu a COALIÇÃO, bi-hebdomadário, saído das oficinas de Belarmino de Matos. Maranhão, 1866. Franco de Sá substituiu, na redação dêste jornal, os drs. Gentil Braga, Joaquim Serra e Tavares Belfort. A *Coalição* apareceu a 6 de fevereiro de 1862 e cessou de se publicar em 11 de março de 1866.

—O LIBERAL, bi-hebdomadario de grande formato. Maranhão. Saíu a 1 de setembro de 1868. Foi redijido. no comêço, pelos drs. Miguel Vieira Ferreira e A. Jansen Matos Pereira, e depois por Filipe Franco de Sá.

Na sessão de 21 de março de 1911, o deputado Luzo

---

(1) Notas fornecidas por Nogueira da Silva.

Torres leu e justificou, perante o congresso estadual, o projeto de lei n. 18, concebido nestes termos:

«E' o governo autorizado a mandar imprimir, á custa do estado, na Imprensa Oficial, a obra—«A lingua portugueza—», do saudozo dr. Filipe Franco de Sá, podendo despender até dois contos de réis, como gratificação a uma pessôa competente, que se encarregue da organização, cópia e revizão da mesma obra»

E' uma homenajem ao passado, sr. presidente. Mas não é uma impulsão regressiva do sentimentalismo, porque representa, ao mesmo tempo, um esfôrço em prol do presente.

Trata-se de um estudo historico-comparativo da nossa lingua, escrito pelo saudoso maranhense dr. Filippe Franco de Sá, estudo cujo original está em poder da familia.

Eu sabia que Franco de Sá fôra um politico de rara envergadura, nos prelios do parlamento, como na pasta de ministro.

Ignorava que fosse um filologo. O manuscrito a que me refiro é, porisso, uma revelação póstuma. E revelalação tanto mais valiosa e significativa quanto comprova uma grande erudição.

Não examinei essa obra integralmente. Mas o meu amigo sr. Fran Paxeco, cuja competencia, no assunto, é inegavel, garantiu-me que a obra de Franco de Sá tem um alto valor. Contém as relações da nossa lingua com o latim, o grego, o italiano, o espanhol, o francez e varios dialetos; cita os classicos portuguezes de todos os tempos, e compulsa o trabalho de alemães e inglezes que se ocuparam do portuguez. E' uma obra que não fará figura triste, diante dos trabalhos de Batista Caetano, Julio e João Ribeiro, Ramiz Galvão e outros.

Por essas razões, o que o projecto exprime é um ato de justiça e uma resurreição, por estar o manuscrito bastante estragado. Aprovando este projeto, teremos presta-

do uma justa homenajem ao mórto ilustre, em reforço ás tradições intelectuais da nossa terra, e um serviço á nossa lingua, tão maltratada pelos casmurros que vivem a tocar a busina da gramatiquice em todas as esquinas e, o que é peor, a escoicear os classicos

(*Muito bem! Muito bem!*)

A lei n. 569, de 4 de abril de 1911, autorizou o governo a mandar imprimir, á custa do estado, na Imprensa Oficial, o referido livro.

Eis os seus dizeres:

«O doutor Luiz Antonio Domingues da Silva, governador do Estado do Maranhão. Faço saber a todos os seus habitantes que o congresso decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. unico. E' o governo autorizado a mandar imprimir, á custa do estado, na Imprensa Oficial, a obra —*A lingua portugueza* – do saudozo maranhense dr. Filipe Franco de Sá, podendo despender até dois contos de réis (2:000$), como gratificação a uma pessôa competente, que se encarregue da organização, cópia e revizão da mesma obra.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e a execução da presente lei pertencerem, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O diretor da secretaría do governo a faça imprimir, publicar e correr.»

Palacio do governo do estado do Maranhão, 4 de abril de 1911, 23.º da Republica.

Luiz A. Domingues da Silva.

Publicada na secretaría do governo do estado do Maranhão, em 4 de abril de 1911. O diretor, Tomaz da Silva Maia.—Marino Roque da Fonseca Torres a fez».

Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

Mod. 105 - 63 - B

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

Tombo 09

Autor Sá, Filipe Franco de

Título A língua portuguêsa

Classificação 469
S111L

N.º do Leitor	Data

TOMBO: 09

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se êste livro não fôr devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000